8471

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Fundada, sob a angelica inspiração de CLOTILDE DE VAUX (n. MARIE),

POR

AUGUSTO COMTE

Primeiro Sumo-Pontifice da HUMANIDADE

Publicações ns. 4, 5, 6, 7, 9 (sahio sem n.), 10 (2ª edição de n. 5), e 11 (sahio sob n. 9) do anno 72-138--1926

Publicação n. 1 do anno 73-139 -- 1927

O Amor por principio, e a Ordem por base;

O Progresso por fim.

Viver ás claras. *Viver para outrem.* *Ordem e Progresso.*

SETIMO CENTENARIO SUBJECTIVO

DO GRANDE

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O ADMIRAVEL INSTITUIDOR DAS ORDENS MENDICANTES

QUE INAUGUROU NOBREMENTE O SECULO FINAL DA IDADE MÉDIA (O DECIMO TERCEIRO)
TENTANDO, EM VÃO, A UNICA REFORMA QUE O CATHOLICISMO COMPORTASSE,
SUBSTITUINDO UM CLERO NECESSARIAMENTE POBRE
AO SACERDOCIO DEPLORAVELMENTE ENRIQUECIDO,
(AUGUSTO COMTE — SYSTEMA DE POLITICA POSITIVA — TOMO III, PAG. 485)

3 DE OUTUBRO DE 1226 — 3 DE OUTUBRO DE 1926

PRIMEIRO CENTENARIO DO PASSO INAUGURAL

DE

AUGUSTO COMTE

PARA SYSTEMATISAR

A ALLIANÇA RELIGIOSA ENTRE OS CATHOLICOS E OS POZITIVISTAS

1826 -- 1926

E INAUGURAÇÃO

DO

MONUMENTO A BENJAMIN CONSTANT

FUNDADOR DA REPUBLICA BRASILEIRA,

27 DE CARLOS-MAGNO DE 69-135 (14 DE JULHO DE 1923) -- 27 DE CARLOS-MAGNO DE 72-138 (14 DE JULHO DE 1926)

GRAÇAS A ESSAS FELIZES COINCIDENCIAS CHRONOLOGICAS,
O FUNDADOR DA REPUBLICA BRASILEIRA CELEBRA SUBJECTIVAMENTE
PARA SEMPRE

O ETERNO PADROEIRO DO PROLETARIADO PASSIVO

(AUGUSTO COMTE, IBIDEM. TOMO IV, P. 153)

E

A ALLIANÇA RELIGIOSA ENTRE OS CATHOLICOS E OS POZITIVISTAS

POR

R. TEIXEIRA MENDES

APOSTOLO DA HUMANIDADE

TEMPLO DA HUMANIDADE

Séde central da Igreja Positivista do Brasil

(Fundada por Miguel Lemos, a 19 de Cezar de 93 (11 de Maio de 1881)

RIO DE JANEIRO

74, rua Benjamin Constant, 74

São-Paulo de 73/139 — Junho de 1927

14 (Pas. Trans.) (81) (62)
206.2 : 27 (02)
271 (02)

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Fundada, sob a angelica inspiração de CLOTILDE DE VAUX (n. MARIE),

POR

AUGUSTO COMTE

Primeiro Sumo-Pontifice da HUMANIDADE

Publicações ns. 4, 5, 6, 7, 9 (sahio sem n.), 10 (2ª edição de n. 5), e 11 (sahio sob n. 9) do anno 72-138--1926

Publicação n. 1 do anno 73-139 -- 1927

O Amor por principio, e a Ordem por base;

O Progresso por fim.

Viver ás claras. *Viver para outrem.* *Ordem e Progresso.*

SETIMO CENTENARIO SUBJECTIVO

DO GRANDE

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O ADMIRAVEL INSTITUIDOR DAS ORDENS MENDICANTES

QUE INAUGUROU NOBREMENTE O SECULO FINAL DA IDADE MÉDIA (O DECIMO TERCEIRO)
TENTANDO, EM VÃO, A UNICA REFORMA QUE O CATHOLICISMO COMPORTASSE,
SUBSTITUINDO UM CLERO NECESSARIAMENTE POBRE
AO SACERDOCIO DEPLORAVELMENTE ENRIQUECIDO,
(AUGUSTO COMTE – SYSTEMA DE POLITICA POSITIVA – TOMO III, PAG. 485)

3 DE OUTUBRO DE 1226 — 3 DE OUTUBRO DE 1926

PRIMEIRO CENTENARIO DO PASSO INAUGURAL

DE

AUGUSTO COMTE

PARA SYSTÉMATISAR

A ALLIANÇA RELIGIOSA ENTRE OS CATHOLICOS E OS POZITIVISTAS

1826 -- 1926

E INAUGURAÇÃO

DO

MONUMENTO A BENJAMIN CONSTANT

FUNDADOR DA REPUBLICA BRASILEIRA,

27 DE CARLOS-MAGNO DE 69-135 (14 DE JULHO DE 1923) -- 27 DE CARLOS-MAGNO DE 72-138 (14 DE JULHO DE 1926)

GRAÇAS A ESSAS FELIZES COINCIDENCIAS CHRONOLOGICAS,
O FUNDADOR DA REPUBLICA BRASILEIRA CELEBRA SUBJECTIVAMENTE
PARA SEMPRE

O ETERNO PADROEIRO DO PROLETARIADO PASSIVO

(AUGUSTO COMTE, IBIDEM. TOMO IV, P. 153)

E

A ALLIANÇA RELIGIOSA ENTRE OS CATHOLICOS E OS POZITIVISTAS

POR

R. TEIXEIRA MENDES

APOSTOLO DA HUMANIDADE

TEMPLO DA HUMANIDADE

Séde central da Igreja Positivista do Brasil

(Fundada por Miguel Lemos, a 19 de Cezar de 93 (11 de Maio de 1881)

RIO DE JANEIRO

74, rua Benjamin Constant, 74

São-Paulo de 73/139 — Junho de 1927

QUADRO SINÓPTICO DA TRANZIÇÃO ORGANICA, COMEÇADA EM 1855

SEGUNDO AUGUSTO COMTE

(SISTEMA DE POLITICA POZITIVA, tomo IV, Cap. 5º)

A Tranzição orgânica snoeden á *Tranzição revolucionária* começada no décimo quarto século.
A Revolução franceza inaugurou a GRANDE CRISE OCIDENTAL, *que constitui mais a estréia da regeneração final do que a conclusão da vida preparatória* — (APELO AOS CONSERVADORES, p. 117).

Primeiro periodo, no qual a tranzição orgânica permanece *espontânea* sob a ditadura monocrática e o acendente gradual da RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Primeira faze, na qual a tranzição orgânica permanece *espontânea*. Aceitação da *diviza politica e sientifica : masculina*, ORDEM E PROGRESSO inscrita nas bandeiras *atuais* das republicas ocidentais

- **Carater temporal:** Advento da ditadura republicana ainda alheia á RELIGIÃO DA HUMANIDADE, bazeando-se na *inteira separação dos dois poderes, espiritual e temporal*, mediante o escrupulozo respeito da liberdade teórica e da liberdade industrial, eliminando a politica legista e militarista. *Isso exige a supressão atual de todo orçamento teórico, tanto teológico, como universitário e academico*, isto é *metafizico e sientifico*, o governo limitando-se á *livre* manutenção da instrução primaria, reduzida á leitura, a escripta, o cálculo elementar, o canto, e o dezenho. Cumpre portanto abolir todos os *privilegios profissionais*, ligados aos titulos quaisquer, literarios e sientificos, incluzive os dos medicos, dos farmaceuticos, e dos enfermeiros ou enfermeiras, tanto religiózas como leigas.
- **Carater espiritual:** Livre acendente social, cada vés mais decizivo, do *Culto* da HUMANIDADE; quanto ao *culto público*, sobretudo *concréto*, segundo o *Calendário histórico*. Anuncio do *culto abstrato*, segundo as *tres Féstas* : da HUMANIDADE, no primeiro dia do ano ; da MULHÉR, segundo o tipo da VIRGEM-MÃI, a 15 de Agosto ; e a *Féstа universal* dos MORTOS, no último dia dos anos comuns. No último dia dos anos bissestos, *Féstа geral* das SANTAS MULHÉRES

Segunda faze, na qual a tranzição orgânica começa a tornar-se *sistemática*. Aceitação da *diviza moral e estética : feminina*, VIVER PARA OUTREM, inscrita na outra face das bandeiras *atuais*, das republicas ocidentais, anunciando a adezão feminina á politica republicana

- **Carater temporal:** Atitude regeneradora da ditadura republicana tornada francamente simpática á RELIGIÃO DA HUMANIDADE, mediante a constatação da aptidão orgânica déssa RELIGIÃO. Sustentação das *Escolas pozitivas*
- **Carater espiritual:** Advento do *Sacerdócio definitivo*, concentrado a principio, mesmo *subjetivamente, no seu* FUNDADOR, em virtude do acabamento da RELIGIÃO DA HUMANIDADE, inaugurando o acendente teórico, tanto moral como intelectual, déssa RELIGIÃO. — *Dezenvolvimento do culto público* mediante a FÉSTA DAS MACHINAS celebrada no fim do outono ; e livre acendente social do *dógma* da RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Segundo periodo, no qual a tranzição orgânica tórna-se *sistemática* sob o triunvirato pozitivista e a livre aceitação universal da RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Teroeira faze, na qual a tranzição orgânica tornada *sistemática* anunciará a terminação direta da revolução ocidental arvorando, desde o inicio, a bandeira *normal*, das MÁTRIAS.

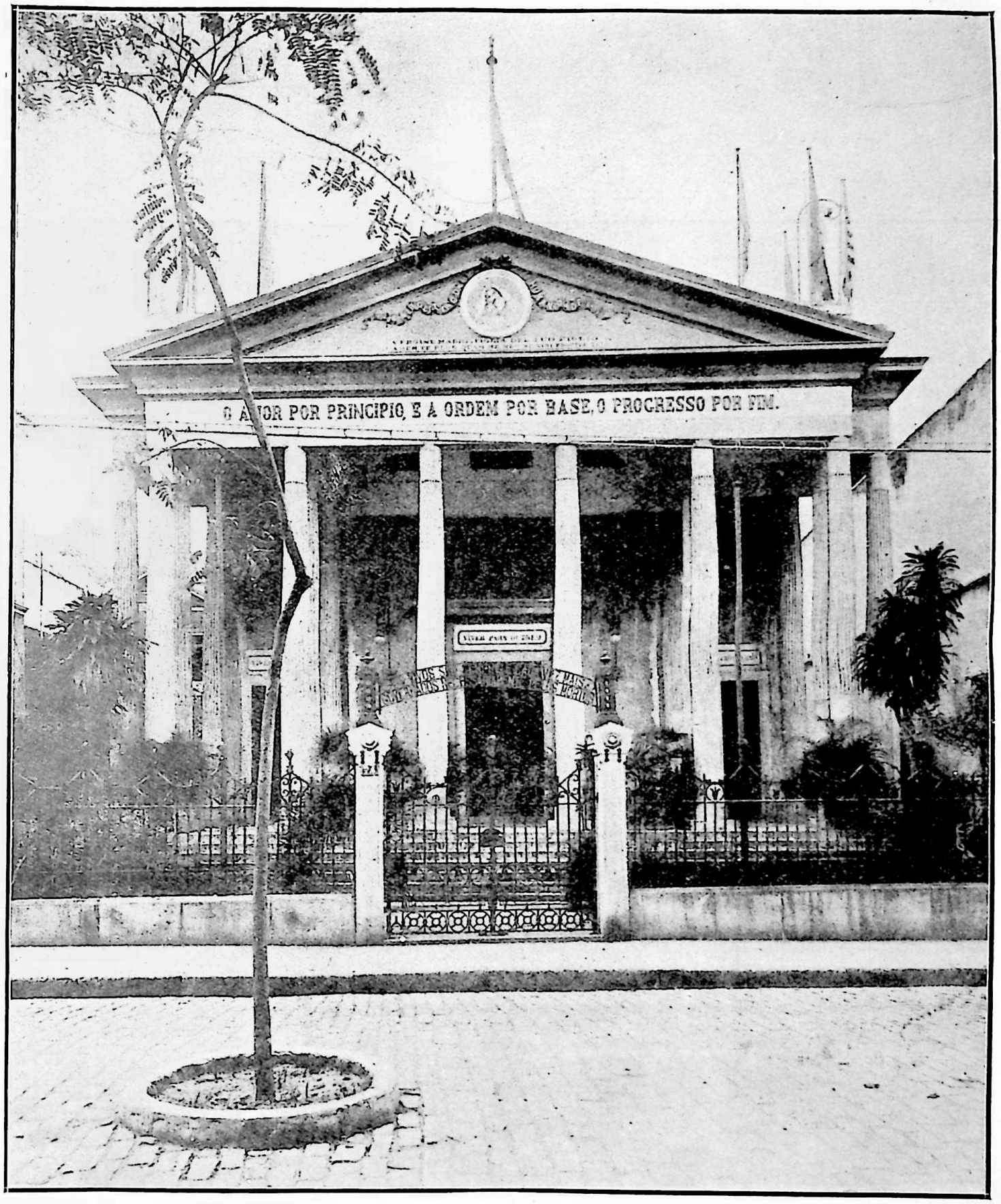
Ésса baudeira deriva da *bandeira* da HUMANIDADE ajuntando ao *fundo verde* uma simples órla, com as cores atuais da população correspondente.

Aceitação da *diviza prática*, VIVER ÁS CLARAS inscrita nas moédas

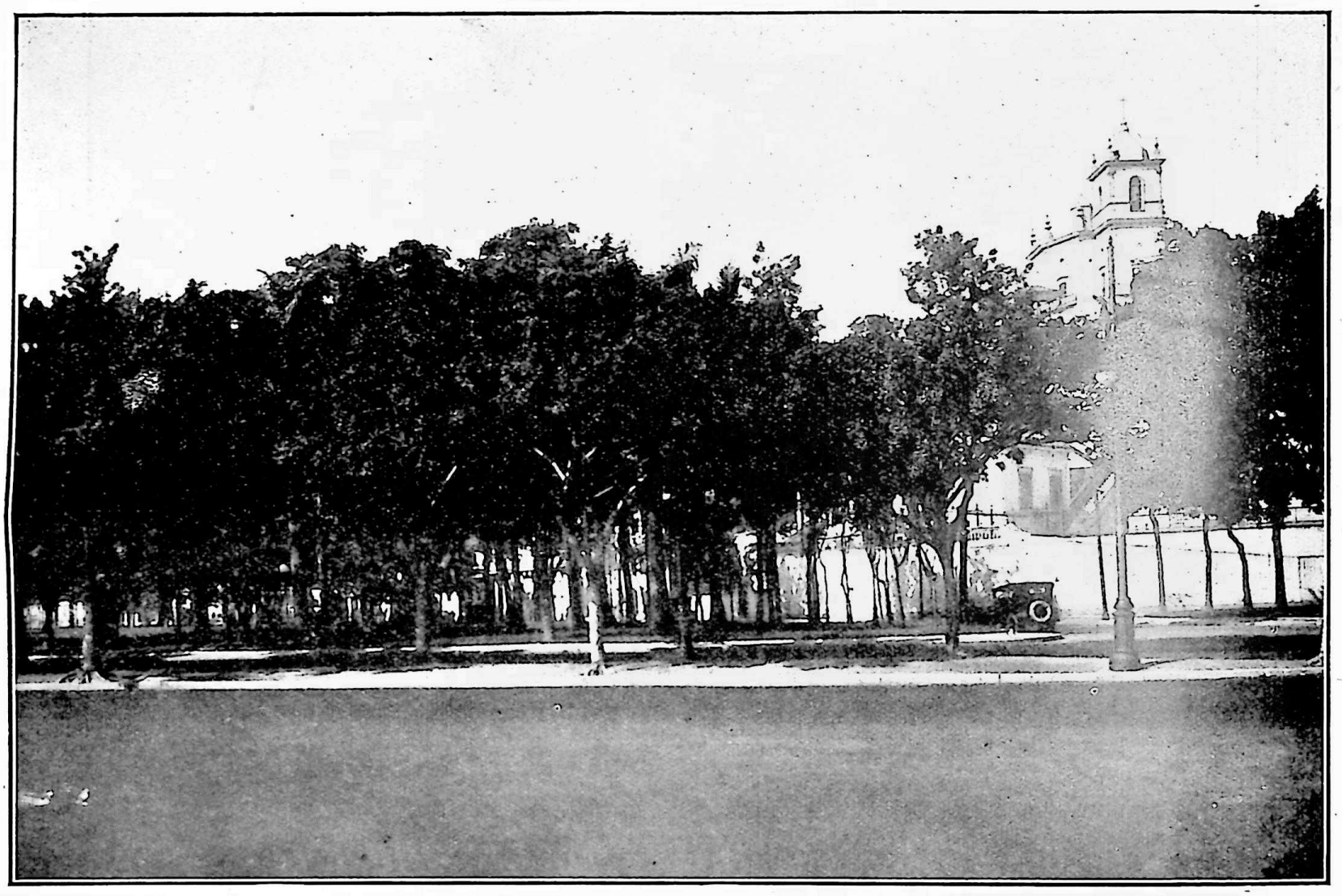
- **Carater temporal:** Triunvirato pozitivista suoedendo *pacificamente* á ditadura republicana.
- **Carater espiritual:** Advento do triunvirato pozitivista suoedendo á ditadura republicana, mediante a livre escolha do ditador, utilizando a instituição ministerial, esclarecido pelos conselhos do GRANDE SACERDOTE DA HUMANIDADE. Esse triunvirato prezidirá á instalação das *Patrias normais* ou *Mátrias*, rezultantes da *pacifica* decompozição dos *grandes Estados revolucionários* atuais. — Dezenvolvimento do *culto público*, introduzindo, com um ano de intervalo *tres Féstas* : primeiro da IMPRENSA, depois do CORREIO, enfim da POLICIA. Estensão popular do DÓGMA ; e livre acendente social do *Regimen* da RELIGIÃO DA HUMANIDADE — Acendente social politico da RELIGIÃO DA HUMANIDADE, segundo o *livre reconhecimento* universal do *regimen* pozitivista, isto é, pacifico-industrial.

CONCLUZÃO. Féstа própria para caraterizar a terminação geral da tranzição orgânica completando o *culto concreto* da HUMANIDADE pela solene instalação de seus melhores orgãos na *Igreja de* NOTRE-DAME DE PARIS, *o templo central da deuza das cruzadas*. (SISTEMA DE POLITICA POZITIVA, tomo IV, Cap. 5º p. 501).

Anéxo ao tomo segundo, primeira parte, do Esboço sobre a vida e óbra de CLOTILDE DE VAUX e AUGUSTO COMTE, p. 752
publicado por ocazião do primeiro Centenário do Nacimento de CLOTILDE (3 de Abril de 1815)
4 de Biohat de 62/128 (5 de Dezembro de 1916).

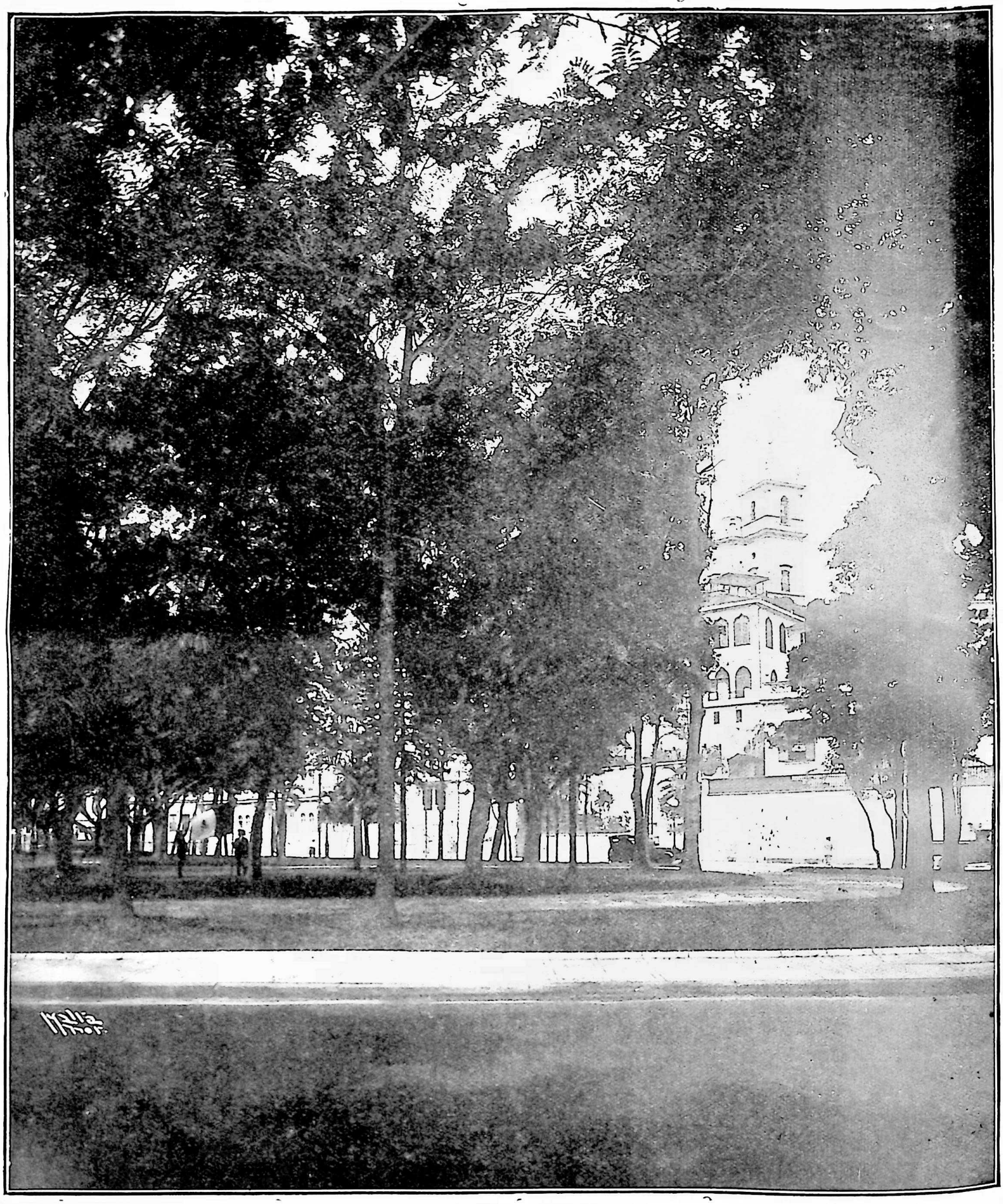


TEMPLO DA HUMANIDADE — RIO DE JANEIRO
A fachada depois da sua reconstrucção
O novo portico foi inaugurado no lunedia 12 de Archimedes de 66|132 (segunda-feira 5 de Abril de 1920) á noite;
por ocazião da celebração do septuagezimo-quarto anniversario da morte de CLOTILDE DE VAUX.
No timpano está a imagem da HUMANIDADE, personificada em CLOTILDE DE VAUX, segundo o voto de AUGUSTO COMTE,
Quadro de Raymundo Cella, segundo o esboço de Decio Villares. Phototypia de A. C. Costa Ribeiro.

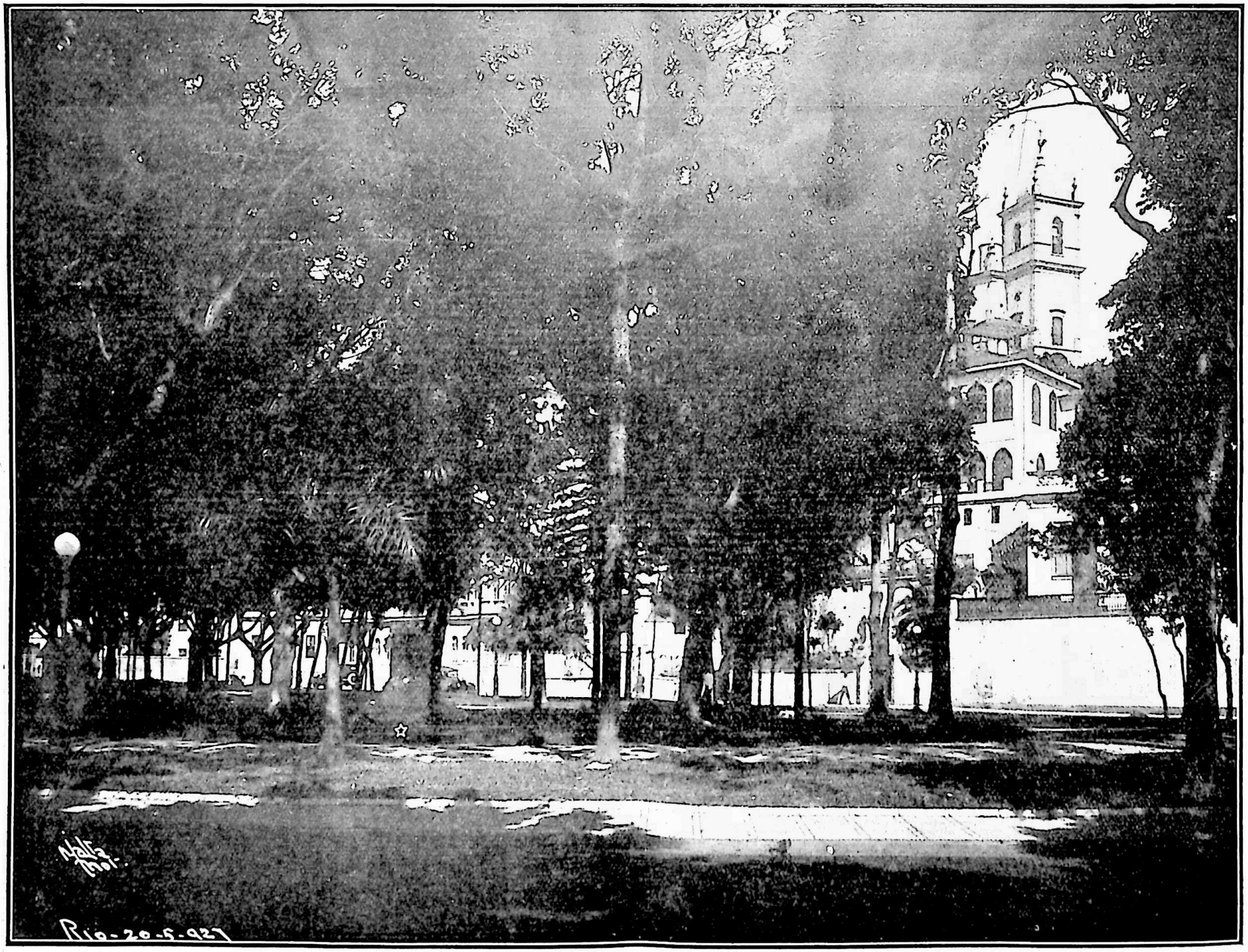


A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLORIA domina o local do monumento a São Francisco de Assis.
Paisagem do local onde vai ser erigido o monumento a São Francisco de Assis,
por iniciativa e encommenda de Amaro da Silveira a Eduardo de Sá.
Vista tirada da Avenida Beira-Mar — Praia da Gloria
Fotografia do Sr. Malta — Fotogravura da Oficina de Manoel Gaspar

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLORIA domina o local do monumento a São Francisco de Assis.
O local do monumento está assignalado pela Bandeira Pontificia catholica, dominada pela VIRGEM SIXTINA, de Raphael
Paisagem do local onde vai ser erigido o monumento a São Francisco de Assis,
por iniciativa e encommenda de Amaro da Silveira a Eduardo de Sá.
Vista tirada da Avenida Beira-Mar — Praia do Flamengo
Fotografia do Sr. Malta — Fotogravura da Officina de Manoel Gaspar



A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLORIA domina o local do monumento a São Francisco de Assis.
O local do monumento está assignalado pela Bandeira pontificia catholica, dominada pela VIRGEM SIXTINA, de Raphael
Paisagem do local onde vai ser erigido o monumento a São Francisco de Assis,
por iniciativa e encommenda de Amaro da Silveira a Eduardo de Sá.
Vista tirada da Avenida Beira-Mar — Praia do Flamengo — Mais proximo do *Campo do Russell.*
Fotografia do Sr. Malta — Fotogravura da Oficina de Manoel Gaspar



A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLORIA domina o local do monumento de SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Estado dos trabalhos no local, venerdia 28 de Cezar de 73/139 (sexta-feira 20 de Maio de 1927): já estão colocados o pedestal de granito; o banco, tambem de granito, á direita do monumento, e a baze do banco de granito, á esquerda do monumento.

Fotografia do Sr. Malta — Fotogravura da Oficina de Manoel Gaspar

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLORIA domina o local do monumento a SÃO FRANCISCO DE ASSIS

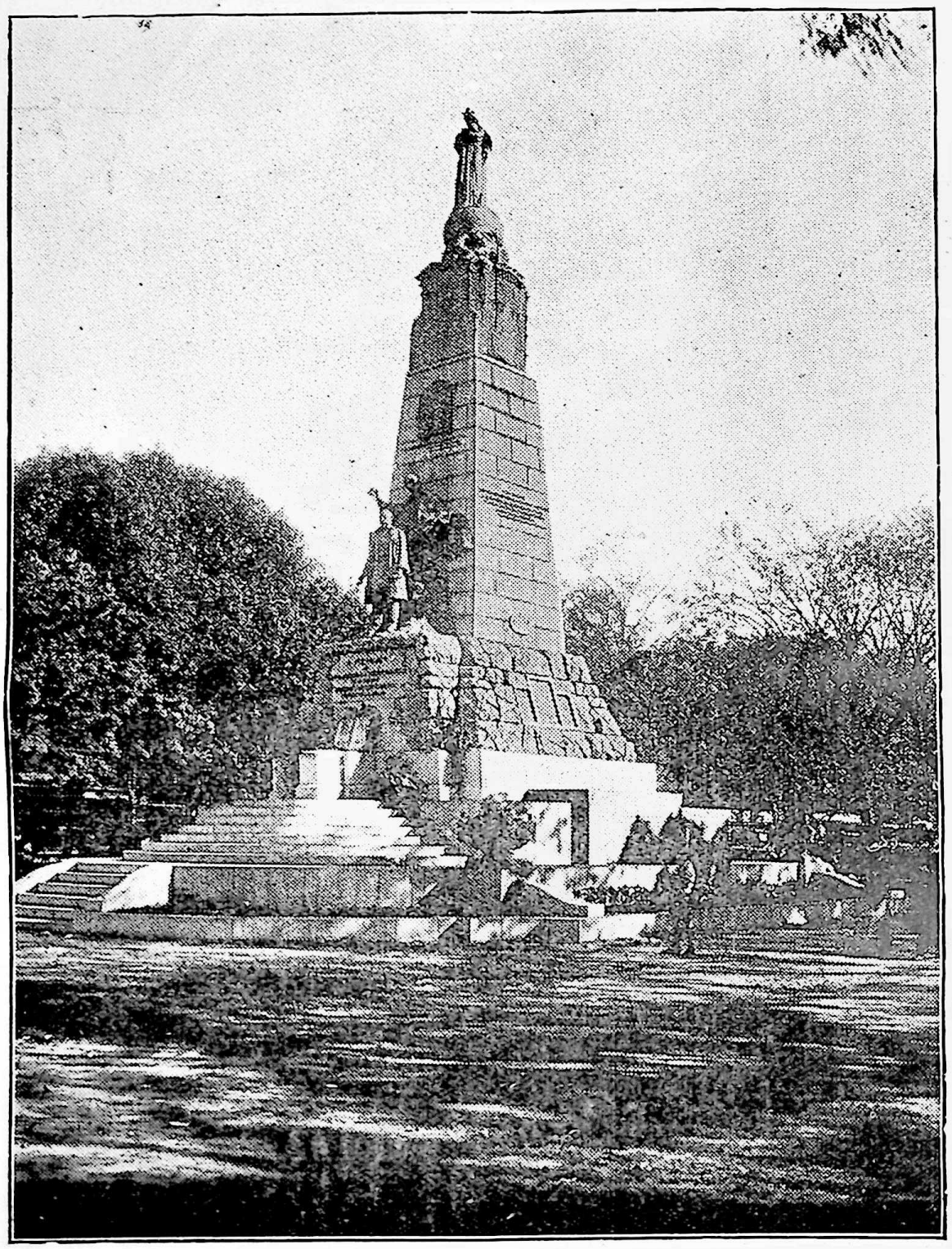
Estado dos trabalhos no local, venerd'a 7 de São-Paulo de 73/139 (sexta- feira 27 de Maio de 1927) sobre o pedestal de granito está a fotografia do grupo de SANTA CLARA em pé, extasiada, ao lado de SÃO FRANCISCO DE ASSIS de joelhos, comovido pela graça dos stigmas, entoando o CANTICO DO SOL; em barro, no estado em que se achava esse grupo, em execução por Eduardo de Sá, no TEMPLO DA HUMANIDADE, no Rio de Janeiro O banco de granito, á esquerda, estava se concluindo.

Fotografia do Sr. Malta. Fotogravura da Oficina de Manoel Gaspar.

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLORIA domina o local do mionumento de São Francisco de Assis.

Sobre o pedestal de granito está posta a fotografia do grupo de Santa Clara, extasiada, de pé, ao lado de São Francisco de Assis, de joelhos, comovido pela graça dos stigmas, entoando o Cantico do Sol; no estado em que se achava esse grupo, venerdia, 7 de São Paulo de 73/139 (sexta-feira 27 de Maio de 1927); em execução por Eduardo de Sá,, no Templo da Humanidade, Rio de Janeiro.

Fotografia do Sr. Malta — Fotogravura da Oficina de Manoel Gaspar



Monumento a Benjamin Constant Botelho de Magalhães
Fundador da Republica Brazileira
Começado a 27 de Carlos Magno de 69|123 (14 de Julho de 1923)
Inaugurado a 27 de Carlos Magno de 72|138 (14 de Julho de 1926)
Erigido na Cidade do Rio de Janeiro, Praça da Republica.
Offerecido por Amaro Correia da Silveira á Cidade do Rio de Janeiro.
VISTA LES-NORDESTE

MONUMENTO A BENJAMIN CONSTANT

Baixo-relevo commemorativo da sessão inicial de 9 de Dezembro de 1889, na qual Benjamin Constant leu o projecto
DE DECRETO DA SEPARAÇÃO DA IGREJA E DO ESTADO
proposto pelo cidadão Demetrio Ribeiro, primeiro Ministro da Agricultura do Governo Provisorio
Esse baixo relevo idealiza a evolução da Humanidade que conduzio á instituição da separação definitiva
entre o Poder temporal e a Autoridade espiritual
como fundamento do regimen republicano pacifico-industrial

L. Van Beëthoven - "A sonata Pathética" -

Paraphrase Vocal do "Adagio Cantabile"
composta por Alberto Sarti.

(Solistas) Versos de Dante Alighieri - (Paraiso)

Soprano

Contralto

Tenor

Baixo

(Coros)

Sopranos

Contraltos

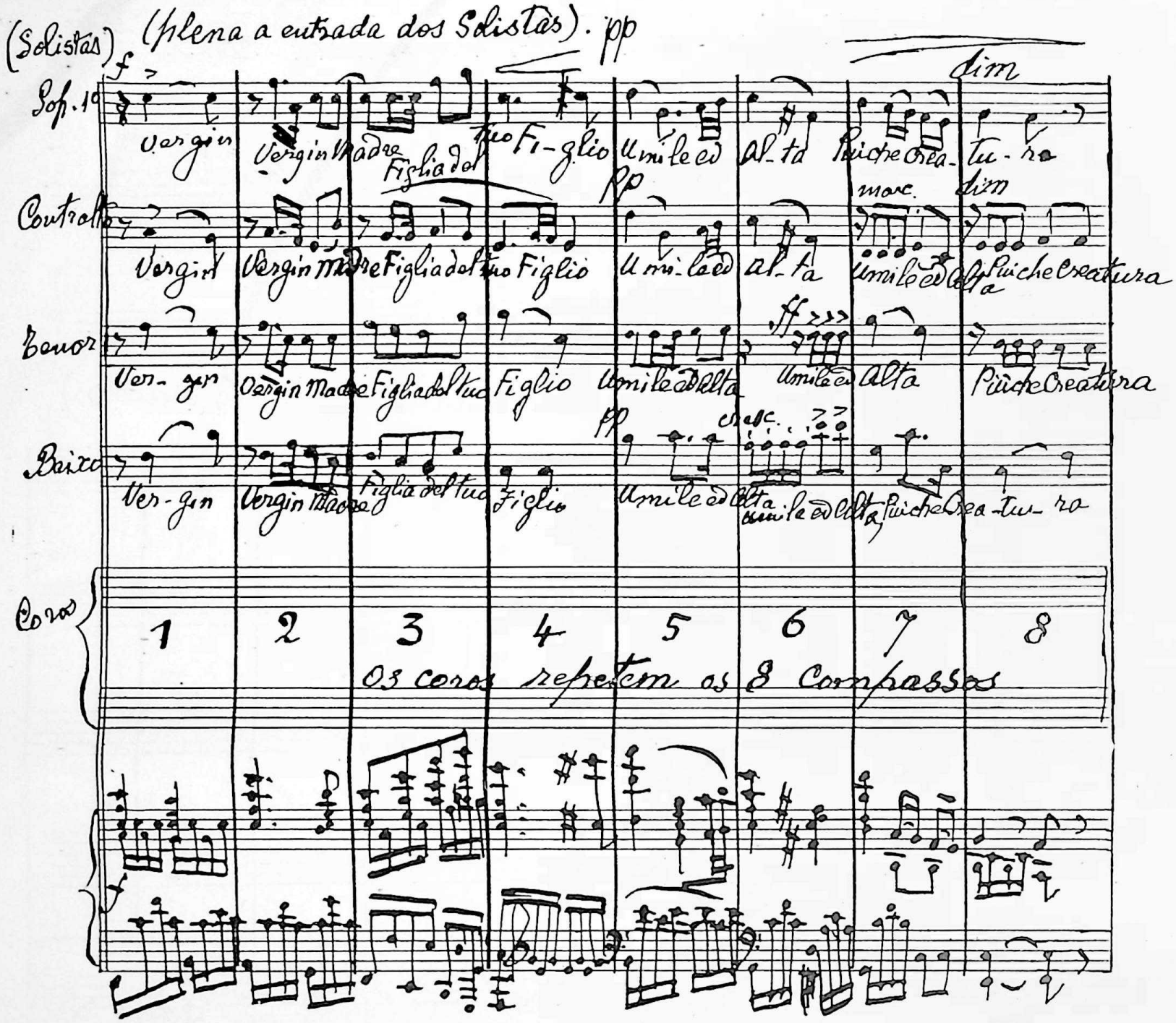
Vergin Madre Figlia del tuo Figlio

u-mi-le ed Alta Più che creatura

1 2 3 4 5 6 7 8

accompto de Pianoforte e quintetto de cordas

Cad libitum



(Solistas) (plena a entrada dos Solistas). pp

f

dim

Sop. 1º

Vergin Vergin Madre Figlia del tuo Fi-glio Umile ed Al-ta Piuche Crea-tu-ra

Contralto

pp

marc. dim

Vergin Vergin Madre Figlia del tuo Figlio Umi-le ed al-ta Umile ed Alta Piuche Creatura

Tenor

ff

Ver-gin Vergin Madre Figlia del tuo Figlio Umile ed Alta Umile ed Alta Piuche Creatura

Baixo

pp

cresc.

Ver-gin Vergin Madre Figlia del tuo Figlio Umile ed Alta Umile ed Alta Piuche Crea-tu-ra

Coros

1 2 3 4 5 6 7 8

Os coros repetem os 8 Compassos

f

Cresc molto

port.

f marcatissimo

Solistas

Ver - - - gin Ma - dre al - - - - ta Umile ed Alta, più che Crea -

(marcando)

Vergin Madre Figlia del tuo Fi - glio Ver - gin Madre u. mile ed Alta, più che Crea

Tenor

Vergin Madre Figlia del tuo Figlio Figlia del tuo Figlio, Del

Baixo

Vergin Madre Figlia del tuo Figlio Più che Crea -

Coros

Ver - gin Ma - dre

f marcatissimo

(Bem marcados os 2.os Sop.ni)

Vergin Madre Figlia del tuo Figlio Umile ed Alta, più che Crea - tura Più che crea

(divisi)

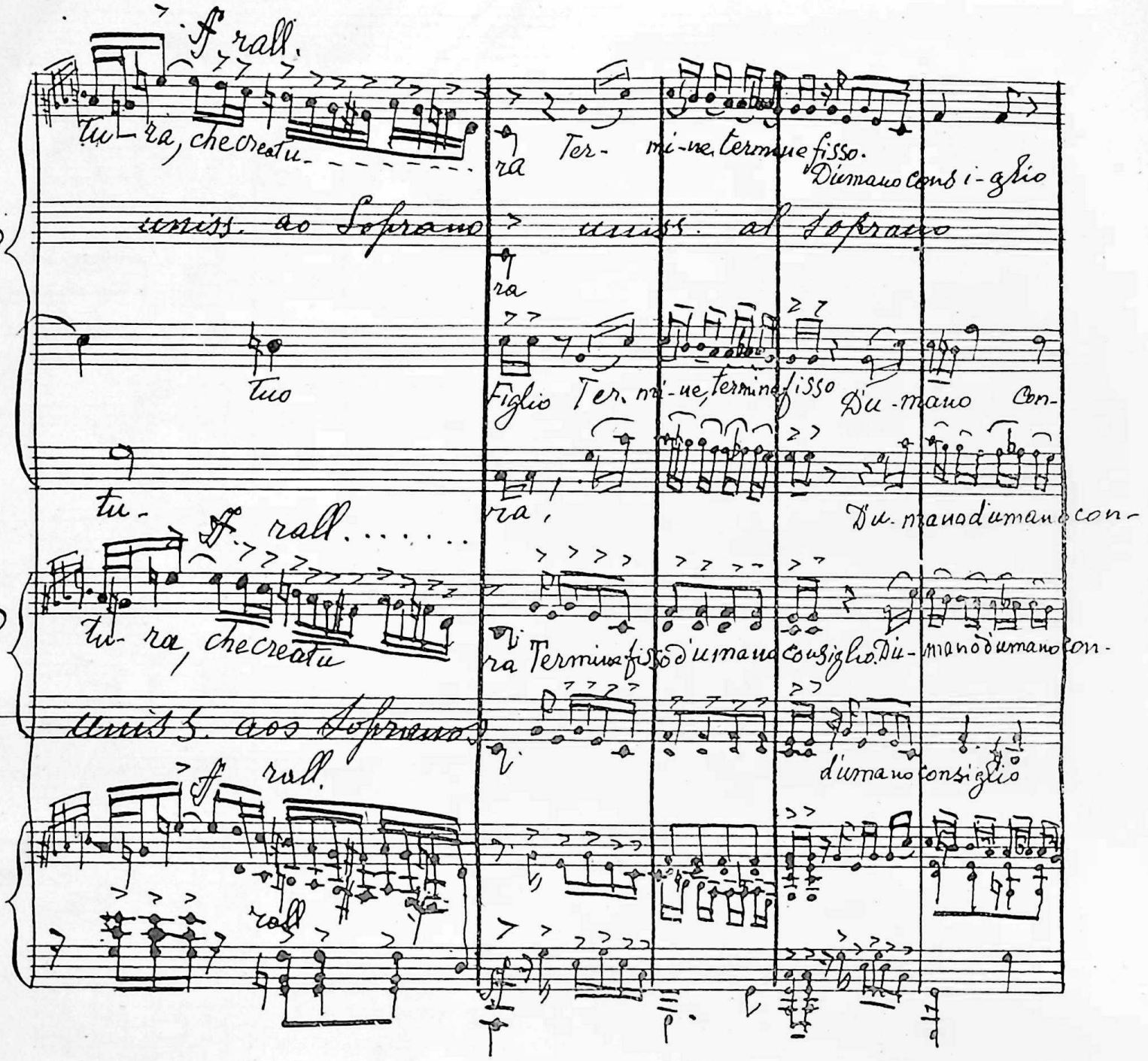
Vergin Madre Figlia del tuo Fi - glio Ver - gin Madre Figlia del tuo Figlio Più che crea -

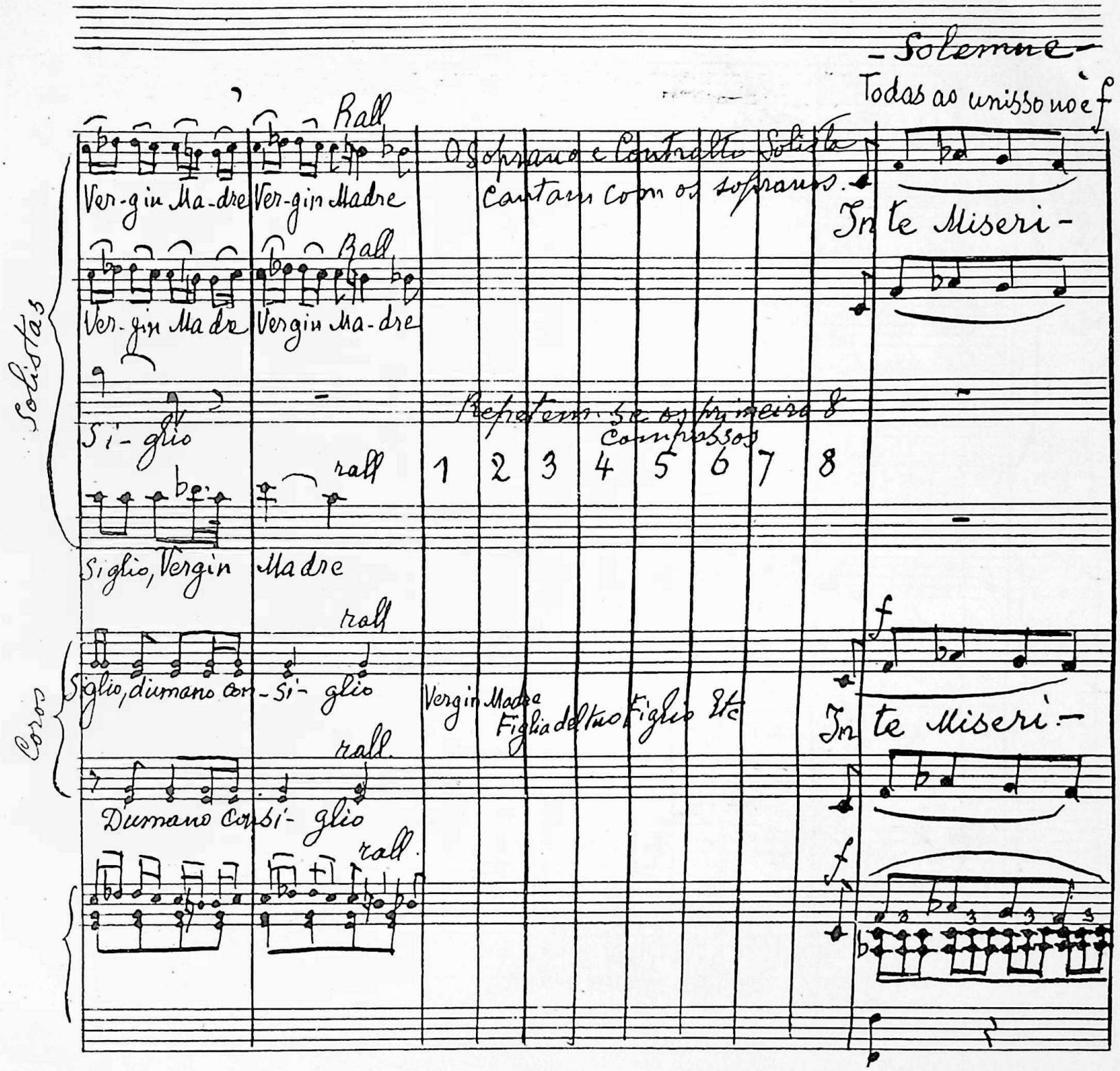
f marcatissimo

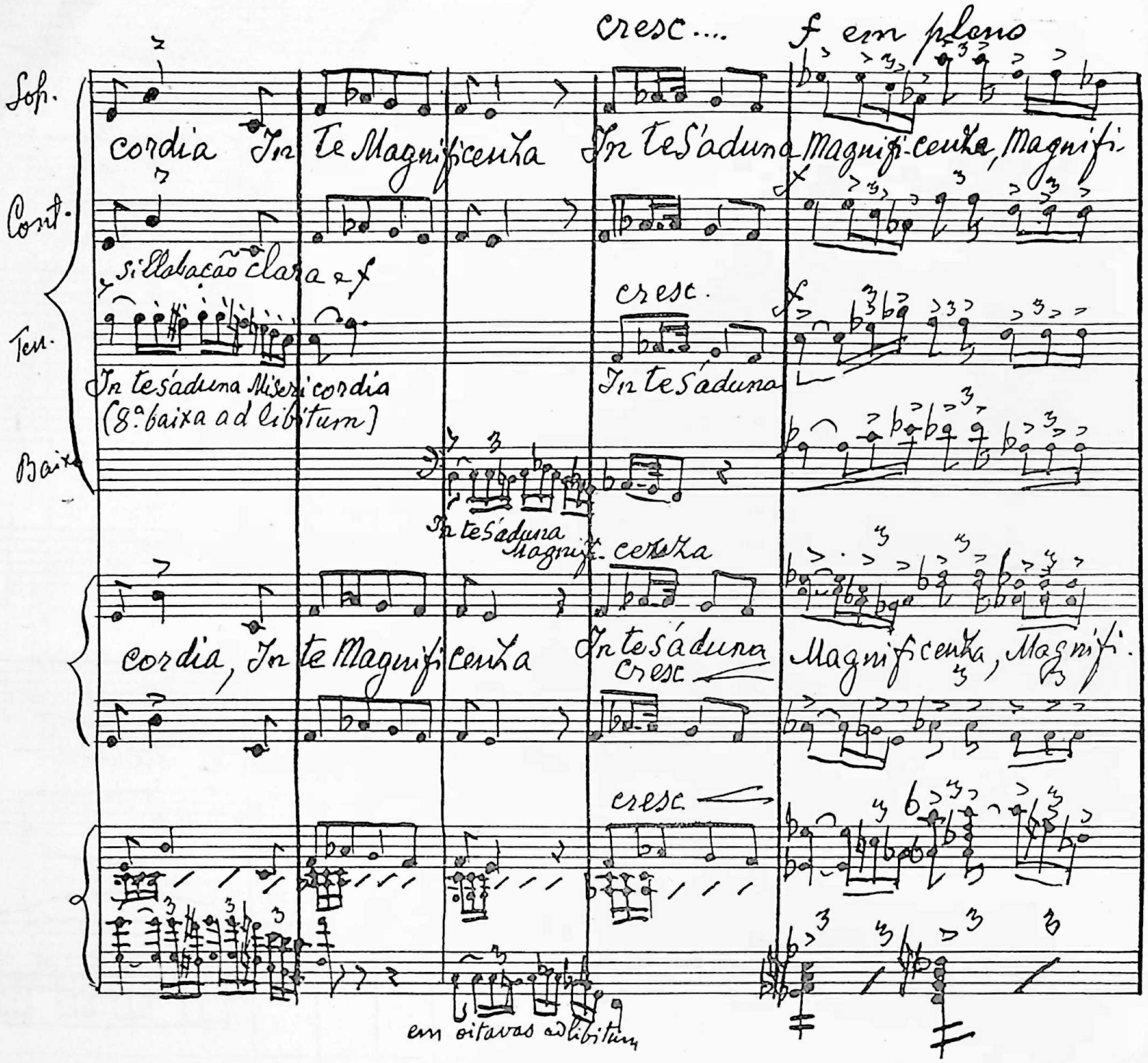
f Contralti

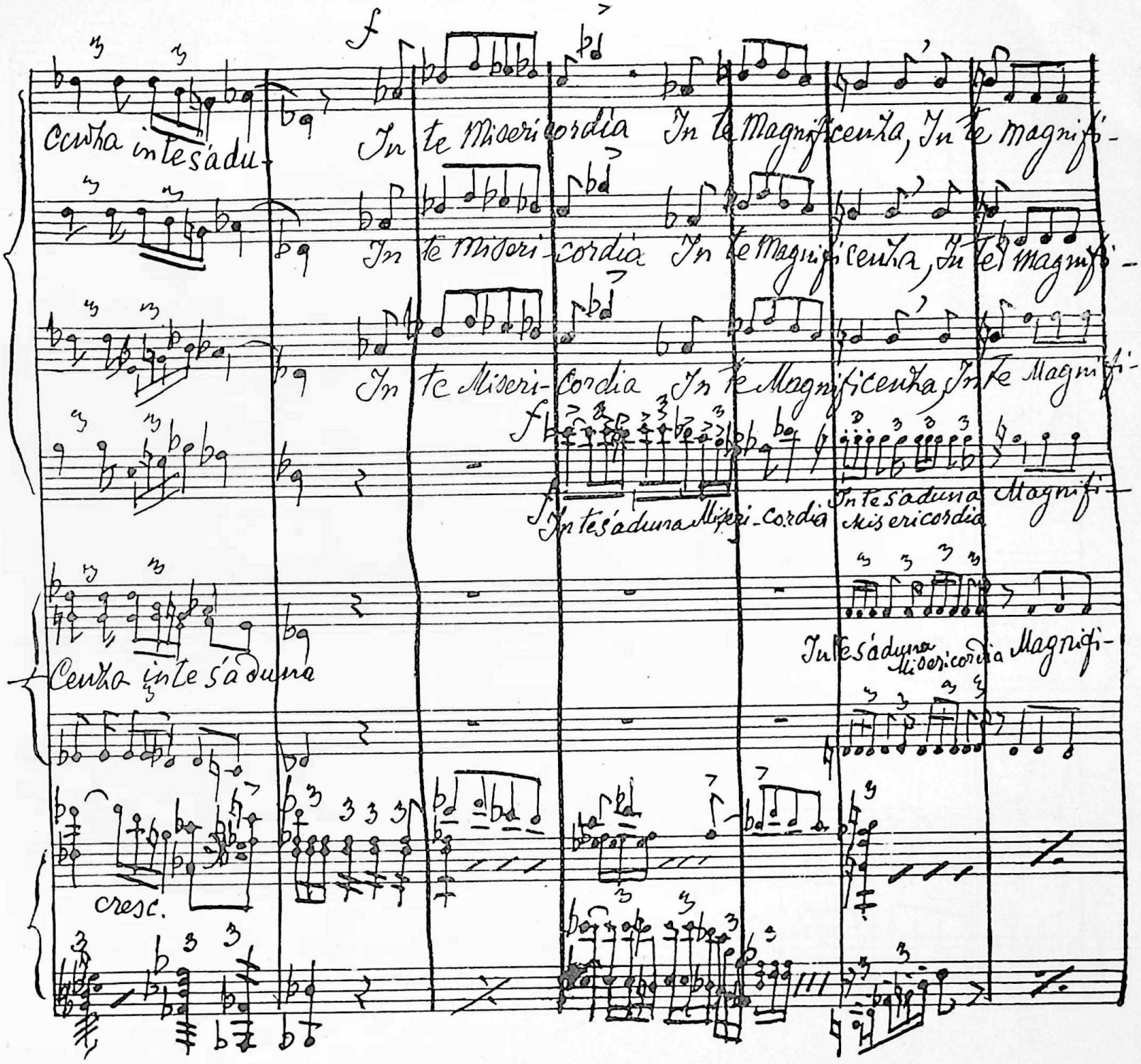
2i Soprani

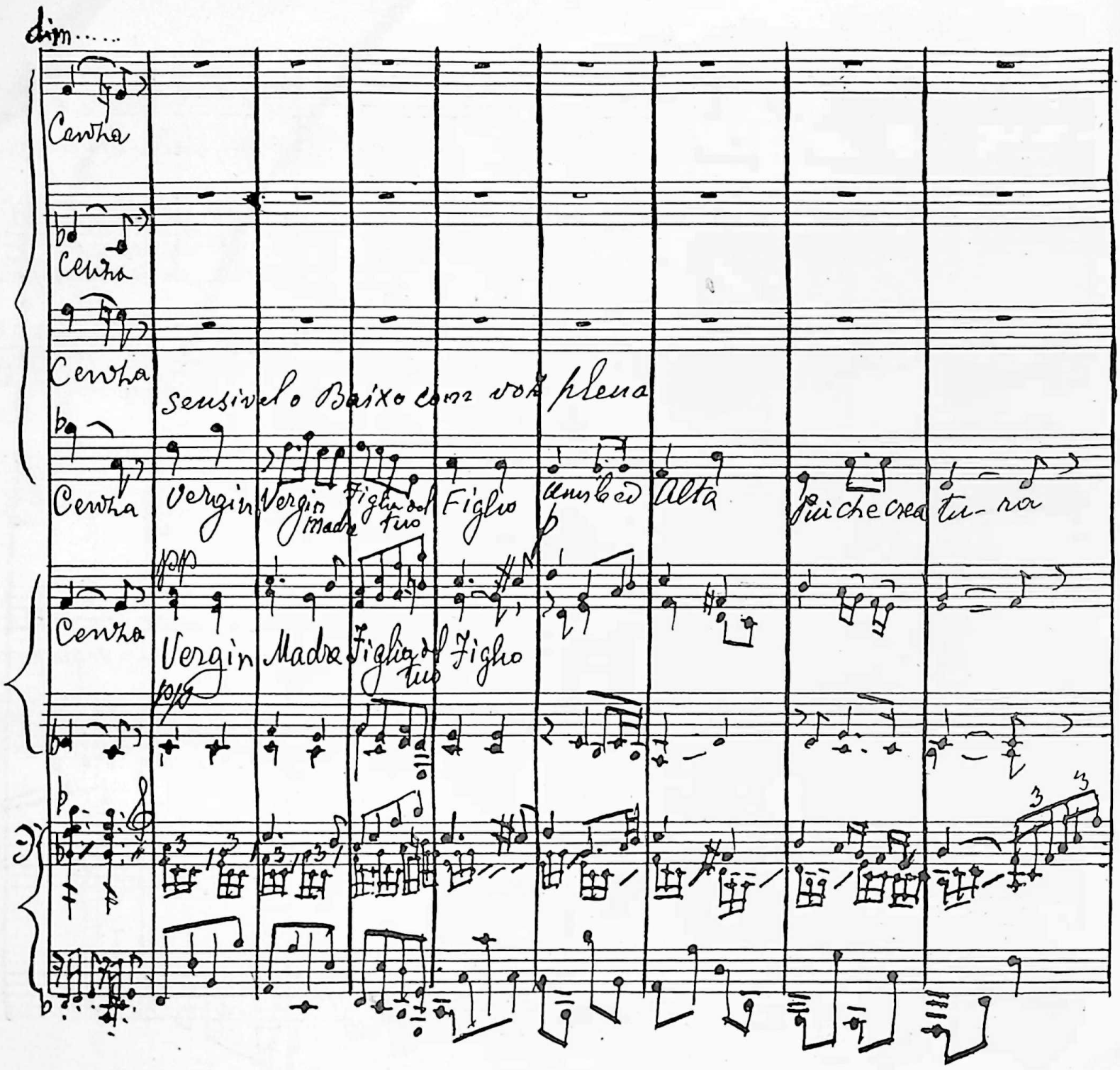
(Tenore)

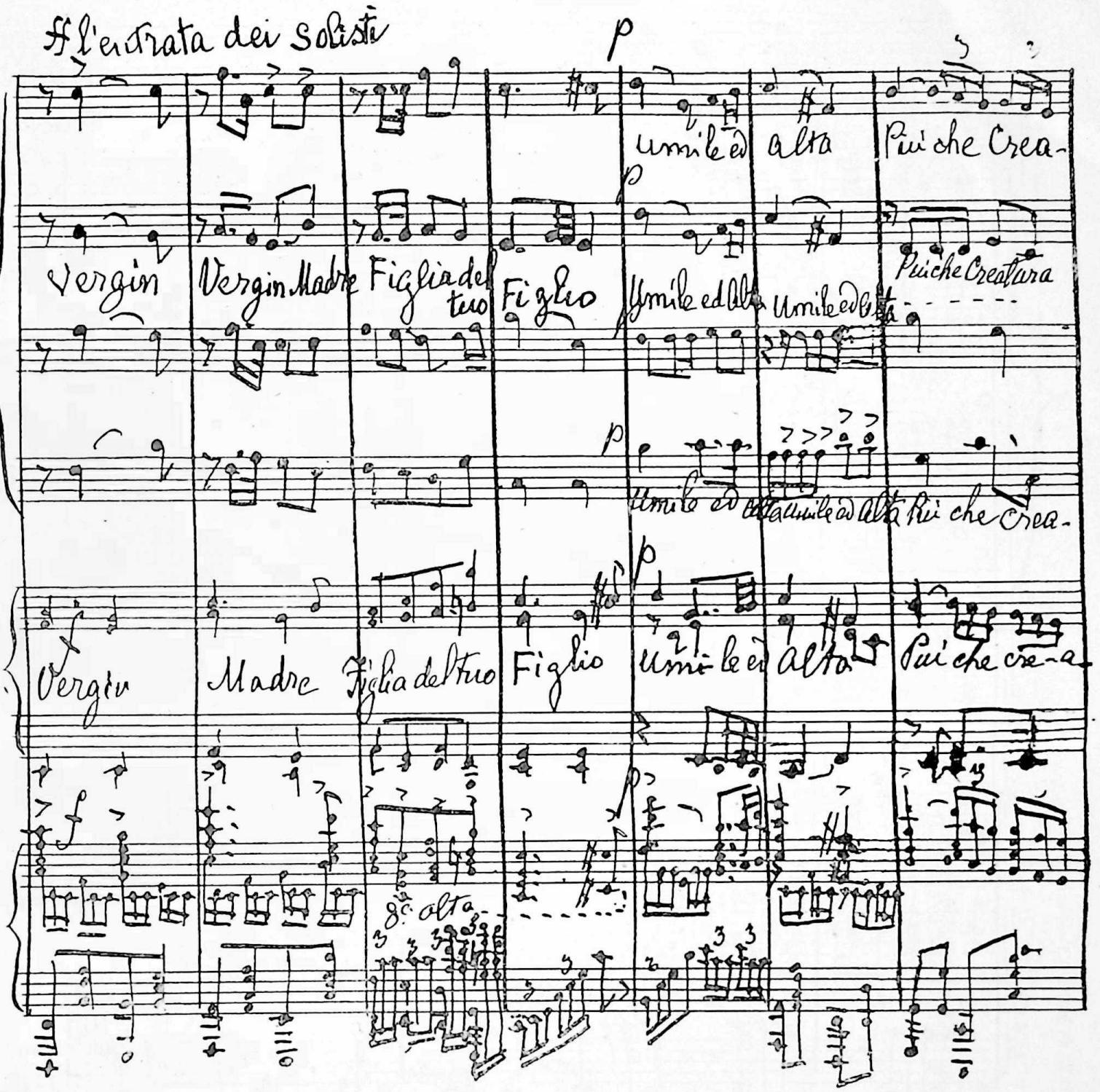

Solistas
Coros
ff rall.
tu-ra, che creatu-
ra Ter- mi-ne, termine fisso.
D'umano consi-glio
uniss. ao Soprano
uniss. al Soprano
tuo
Figlio Ter- mi-ne, termine fisso D'u-mano con-
tu-
ra,
D'u-mano d'umano con-
tu-ra, che creatu
ra Termine fisso d'umano consiglio. D'u-mano d'umano con-
uniss. aos Sopranos
d'umano consiglio
rall.

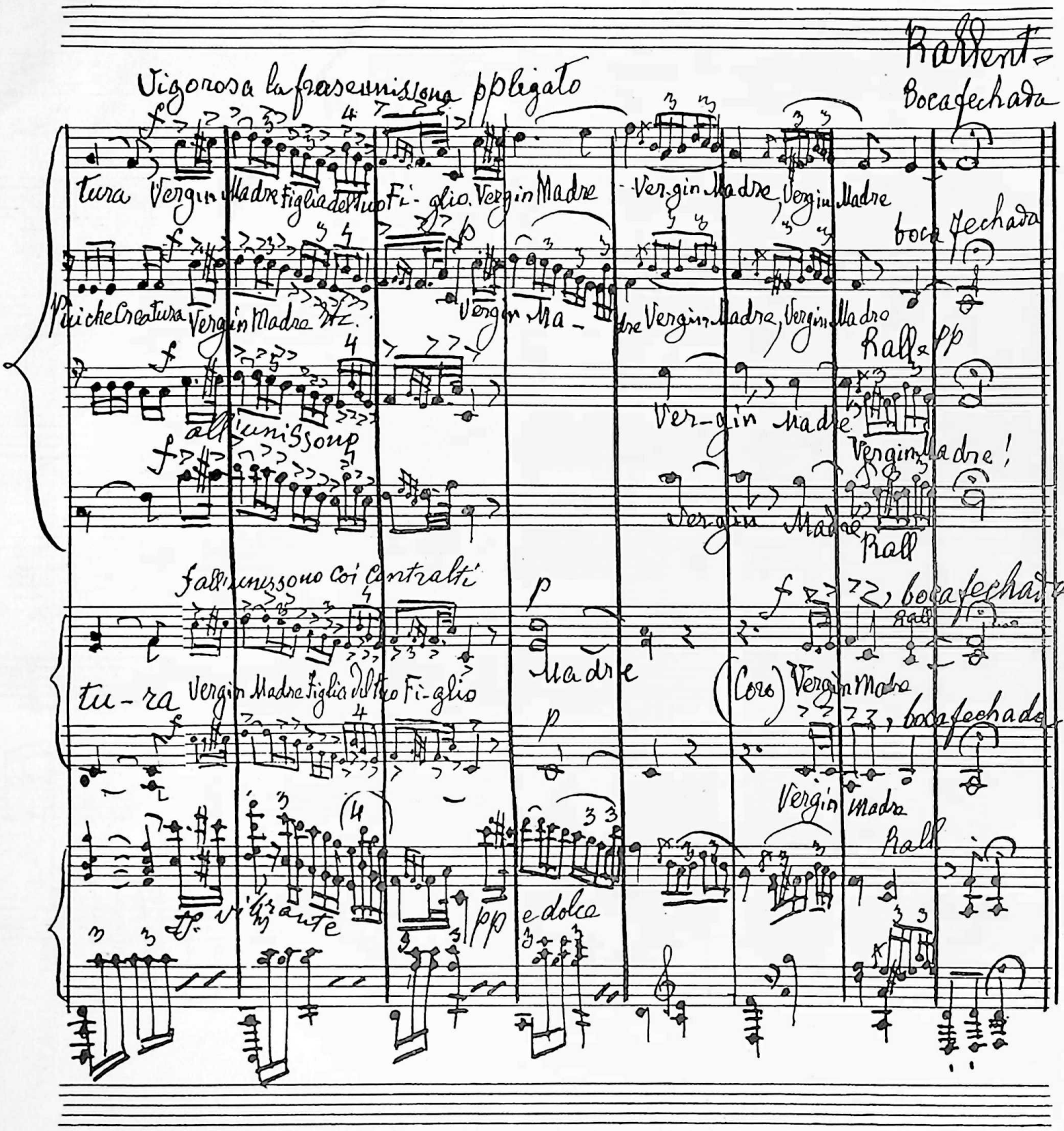

Solemne
Todas ao unisso no è f
Rall
Ver-gin Ma-dre Ver-gin Madre
O Soprano e Contralto Solista
Cantam com os sopranos.
In te Miseri-
Solistas
Ver-gin Ma-dre Vergin Ma-dre
Si-glio
Repetem-se os primeiro 8 compassos
1 2 3 4 5 6 7 8
rall
Siglio, Vergin Madre
Coros
Siglio, dumano con-si-glio
Vergin Madre Figlia del tuo Figlio Etc
In te Miseri-
Dumano Consi-glio


cresc.... f em plano
Sop.
Cont.
Ten.
Baixo
cordia In te Magnificentia
In te sáduna Magnifi-centia, Magnifi.
sillabação clara
cresc.
In te sáduna Misericordia
(8ª baixa ad libitum)
In te sáduna
In te sáduna Magnif. centia
cordia, In te Magnificentia
In te sáduna
Cresc
Magnificentia, Magnifi.
cresc.
em oitavas ad libitum


f
Cenha in te sá du
In te Misericordia In te Magnificenha, In te magnifi-
In te Misericordia In te Magnificenha, In te Magnifi-
In te Misericordia In te Magnificenha, In te Magnifi-
f
In te sá duna Misericordia
In te sá duna Misericordia Magnifi-
In te sá duna Misericordia Magnifi-
Cenha in te sá duna
cresc.


dim.....
Cenza
Cenza
Cenza
sensivel o Baixo com voz plena
Cenza
Vergin
Vergin Madre
Figlia del tuo
Figlio
Umile ed
Alta
Più che crea tu-ra
pp
Cenza
Vergin
Madre
Figlia del tuo
Figlio
pp


All'entrata dei Solisti
Solistas
Coro
Vergin
Vergin Madre
Figlia del tuo
Figlio
Umile ed alta
Più che Creatura
Più che Creatura
Umile ed alta
Più che Crea-
Più che cre-a
8va alta


Rallent.
Vigorosa la frase unissona pp legato
Boca fechada
tura Vergin Madre Figlia del tuo Fi-glio. Vergin Madre - Ver-gin Madre, Vergin Madre
boca fechada
Più che Creatura Vergin Madre Vergin Ma-dre Vergin Madre, Vergin Madre
Rall. e pp
all'unissono
Ver-gin Madre
Vergin Madre!
Vergin Madre
Rall
f all'unissono coi Contralti
boca fechada
Rall
tu-ra Vergin Madre Figlia del tuo Fi-glio
Madre
(Coro) Vergin Madre
boca fechada
Vergin Madre
Rall
vibrante
pp e dolce

COMMEMORAÇÃO

DO

SETIMO CENTENARIO SUBJECTIVO

DO

GRANDE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O CANTICO DO SOL

POR

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

ADAPTADO AO

STABAT MATER

A

DUAS VOZES

DE

GIOVANNI BATTISTA PERGOLESI

PELO

MAESTRO ALBERTO SARTI

PARA SER CANTADO NO

TEMPLO DA HUMANIDADE

NO

RIO DE JANEIRO

Jovedla 25 de Bichat de 72/138 — (Segunda-feira, 27 de Dezembro de 1926)

Adaptação do CANTICO DO SOL, DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, ao STABAT MATER, de J. B. PERGOLESI, (a)

Observação preliminar

"No declinio do decimo-terceiro seculo, o autor do *Stabat Mater dolorosa,* Jacopone de Todi, esse franciscano de genio que passou nas masmorras uma parte de sua vida, compoz inspirado pela lembrança do Greccio, um outro *Stabat,* o da alegria, *Stabat Mater speciosa.* Esse hymno de Maria, junto á mangedoura, não é menos bello que o de Maria ao pé da cruz. O sentimento é ahi mais intimo, e se explica apenas o seu esquecimento por um injusto capricho do destino:

Stabat Mater speciosa
Juxta fœnum gaudiosa,
Dum jacebat parvulus.

Quæ gaudebat et ridebat
Exsultabat cum videbat
Nati partum inclyti.

Fac me vere congaudere,
Jesulino cohærere
Donec ego vixero (1).

Lá estava a Mãe formoza,
Junto ao feno jubiloza,
Onde pouzava o menino.

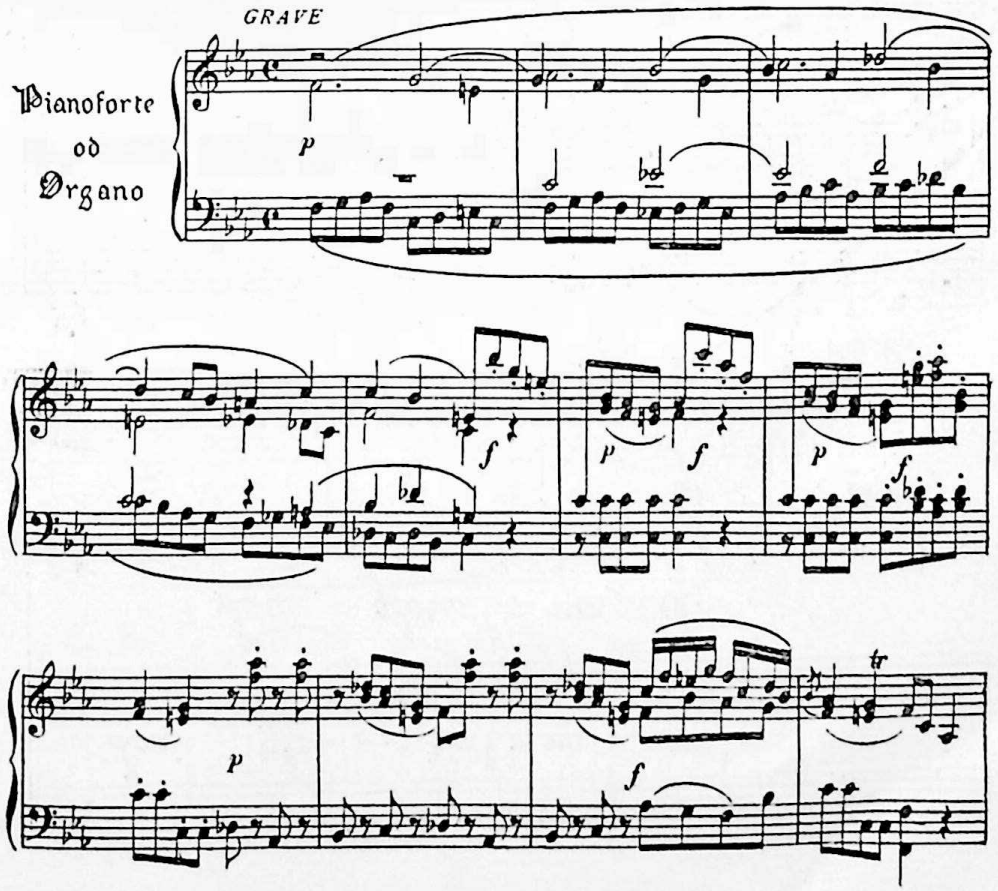
A qual se alegrava e ria
Exsultava quando via,
Ter nascido o filho inclyto.

Faze sim congratular-me,
A Jesuzinho ligar-me,
Emquanto eu vivo fôr.

(a) Pelo Maestro Alberto Sarti.

(1) Esse pequeno poema foi publicado integralmente por M. Ozanam no T. V de suas obras, p. 184.

Paul Sabatier, *Vie de Saint François d'Assise,* ps. 328 a 329.



SOPRANO

CONTRALTO

Al - - - - tis - si - - - - mu Om - - - - nipoten - -

Al - - - - tis - si - - - - mu Om - - - - ni - po - - - - - - -

- - - - - - - te Bon Signore Omnipoten - te

- - ten - - - - - - - - - te

Tu e so - - le lau - - de

Bon Signore Omnipotente Tu e so - - le lau - - de

sotto voce

La glo - - - - ria l'o - no - - - re

sotto voce

La gloria l'o - no - - re.

pp

f

Al - - - - - - tis - - - si - mu Signo - -

Al - - - - - - tis - - - si - mu Si - -

p

- - - - - re E nullo homoédi - - - gno te mento - -

- - gno - - - re E nullohomoédi - - gnué digno te men - - to -

--va---re Omnipotente Omnipotente bon Si-

--va---re Omnipotente Omnipotente bon Si-

--gno---re Omnipotente Bon

--gno---re Omnipotente Bon Si-

Signore Laude

--gno----re Laude

ALLEGRO

La---u----da-to sialofrate sole Pello e radi-

La---u---

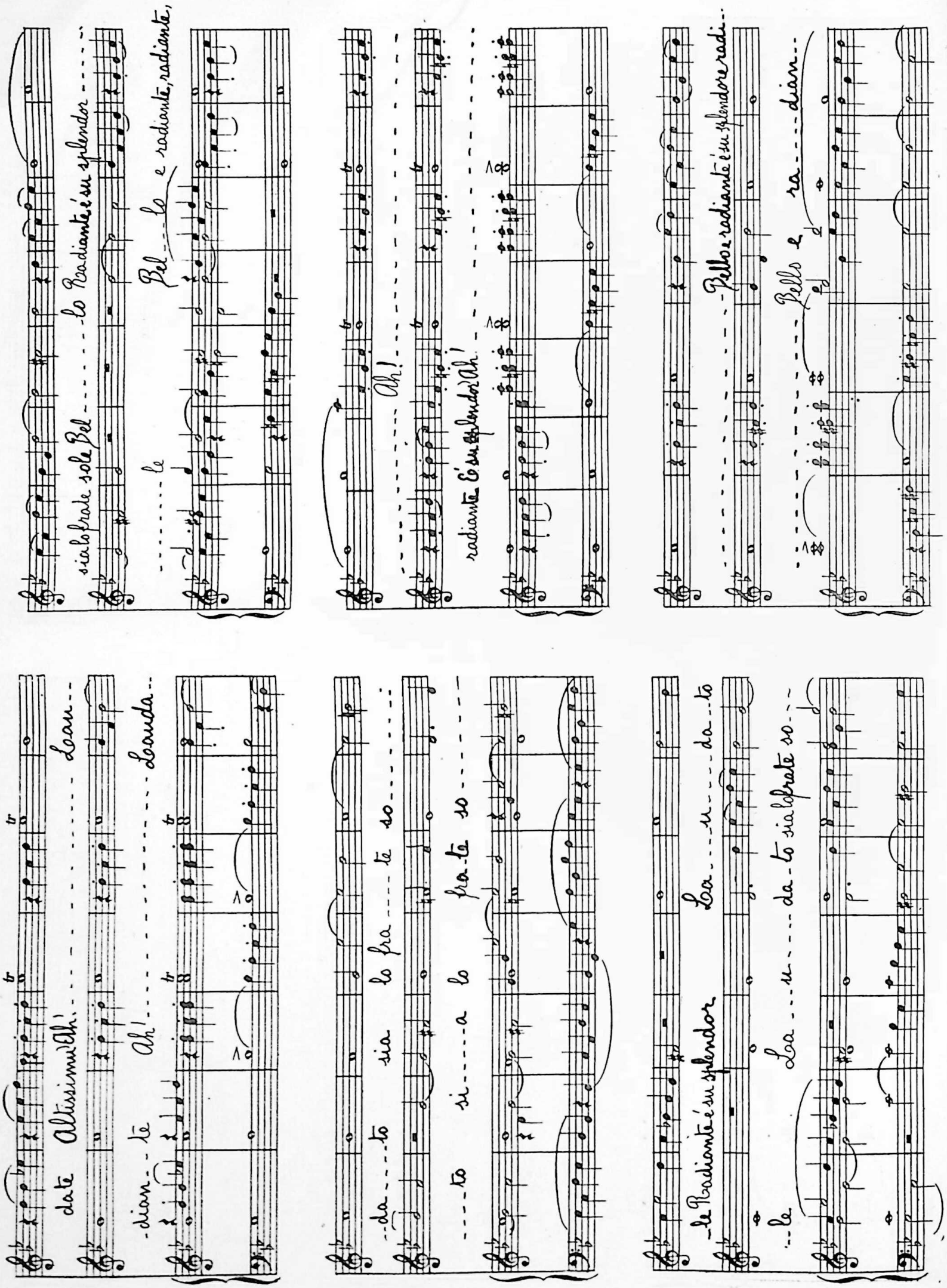
ALLEGRO

anto é su-o splen-do-re su--o splen-do---

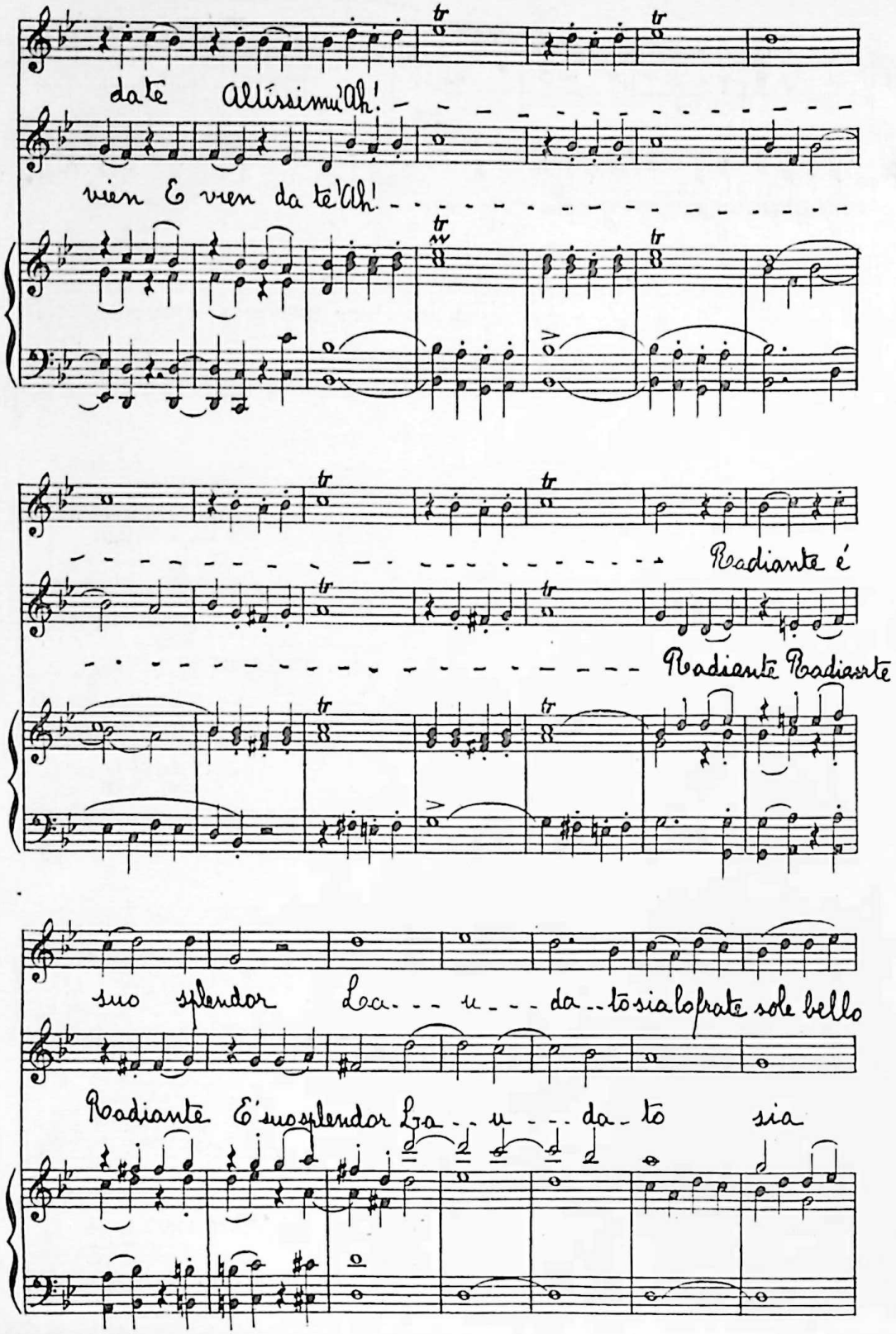
-da---to sialofrate sole Pello e radiante é su-o splen-

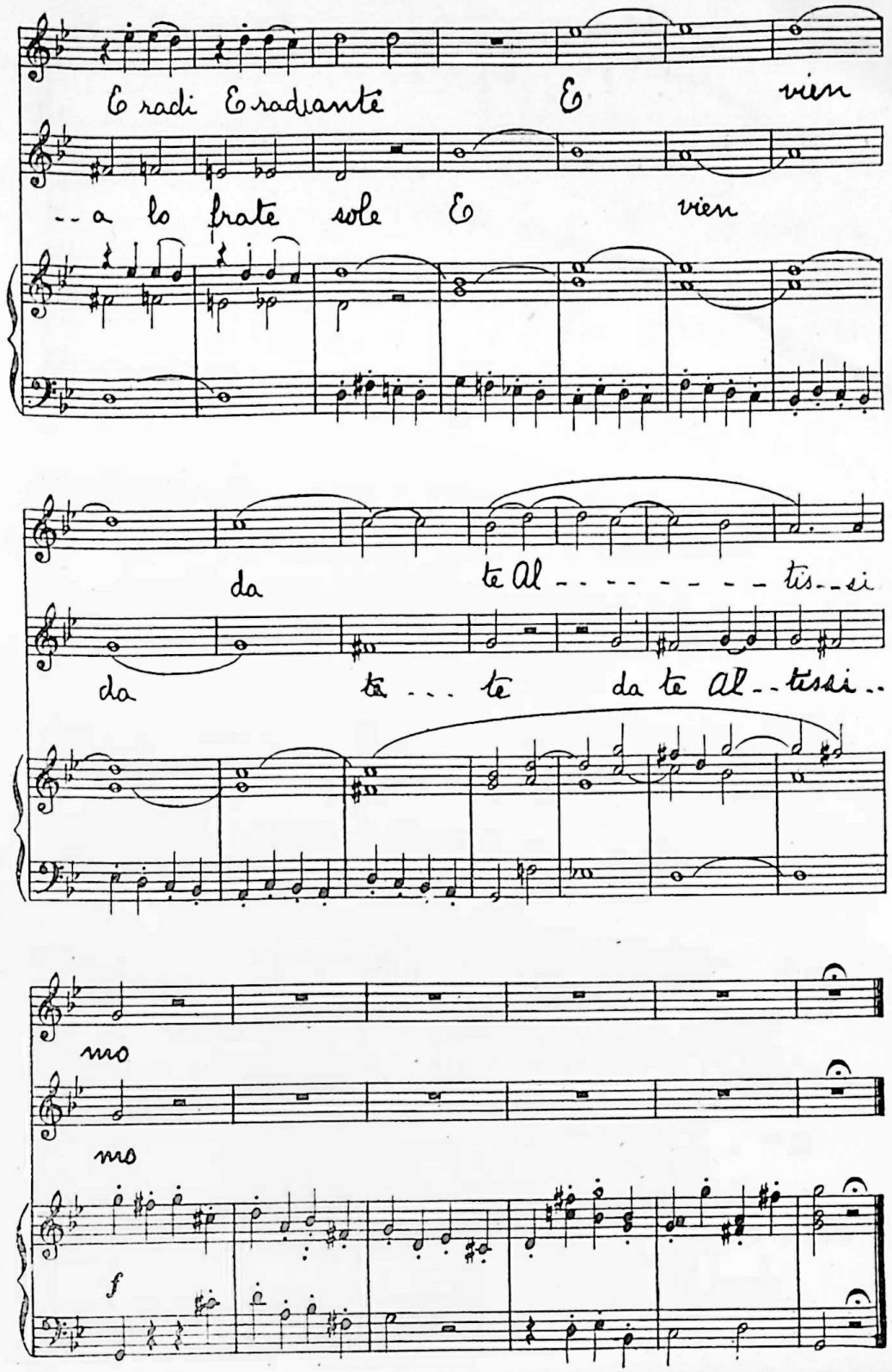
-re E vien da te Altissimu e vien date e vien

-do-re suo splendo----re Pello e ra---


date Altissimu Ah! Lau-
-dian-te Ah! Lauda-
-da-to sia lo fra-te so-
-to si-a lo fra-te so-
-le Radiante é su splendor La-u-da-to
-le La-u-da-to sia lo frate so-
sia lo frate sole Bel-lo Radiante é su splendor
Bel-lo e radiante, radiante,
-le
Ah!
radiante É su splendor Ah!
Bello e radiante é su splendore radi-
Bello e ra-dian-

antè é su splendos é su splendore Laudato
..dian te É su..o splen..dor Lau..u...
le Lo..... fra.....te
..dato..tō sia Lo fra.....te sol
sia lo frai so.....le Laudato Laudato
..da...to sia lo frate sole La....u..da..to La...
sole Lau...u....da..to sia lo frate so...
La...u...da..to sia lo frate sole so..
Laudato Laudato Laudato sia lo fra....te so...
..u....da....tō sia Laudato Laudato Laudato Lau..
le E vien E vien E vien
le belle e radiante E vien E vien e


date Altissimu! Ah!
vien E vien da te! Ah!
Radiante é
Radiante Radiante
suo splendor La - u - da - to sia lo frate sole bello
Radiante E' suo splendor La - u - da - to sia


E radi E radiante E vien
- a lo frate sole E vien
da te Al - tis - si
da te - te da te Al - tissi -
mo
mo
f

LARGHETTO
SOPRANO
Laudato sie Mio Signore Mio Signore
CONTRALTO
Laudato sie Mio Signore Mio Signore
LARGHETTO

Per suora luna e per le stelle chiare pretiose e bel-
Per suora luna e per le stelle chiare pretiose e bel--

--le Chia--re Pretiose e belle
--le Chia--re Pretiose e belle

Suora luna E le stelle mio Signore Tu le hai for.
Suora luna E le stelle mio Signore Tu le hai for-

--mate preziose e belle Chia--re preziose e belle Chia--re
--mate preziose e belle Chia--re preziose e belle Chia--re

preziose e belle
preziose e belle

LARGO

SOPRANO

Loa-udatosii mio Signore Per fra--te

LARGO

ven---tu Lauda----tō mio Signore

CONTRALTO

E per l'aere.

e per l'aere nu--bilo e se re----no Lau-

on---ne tempo

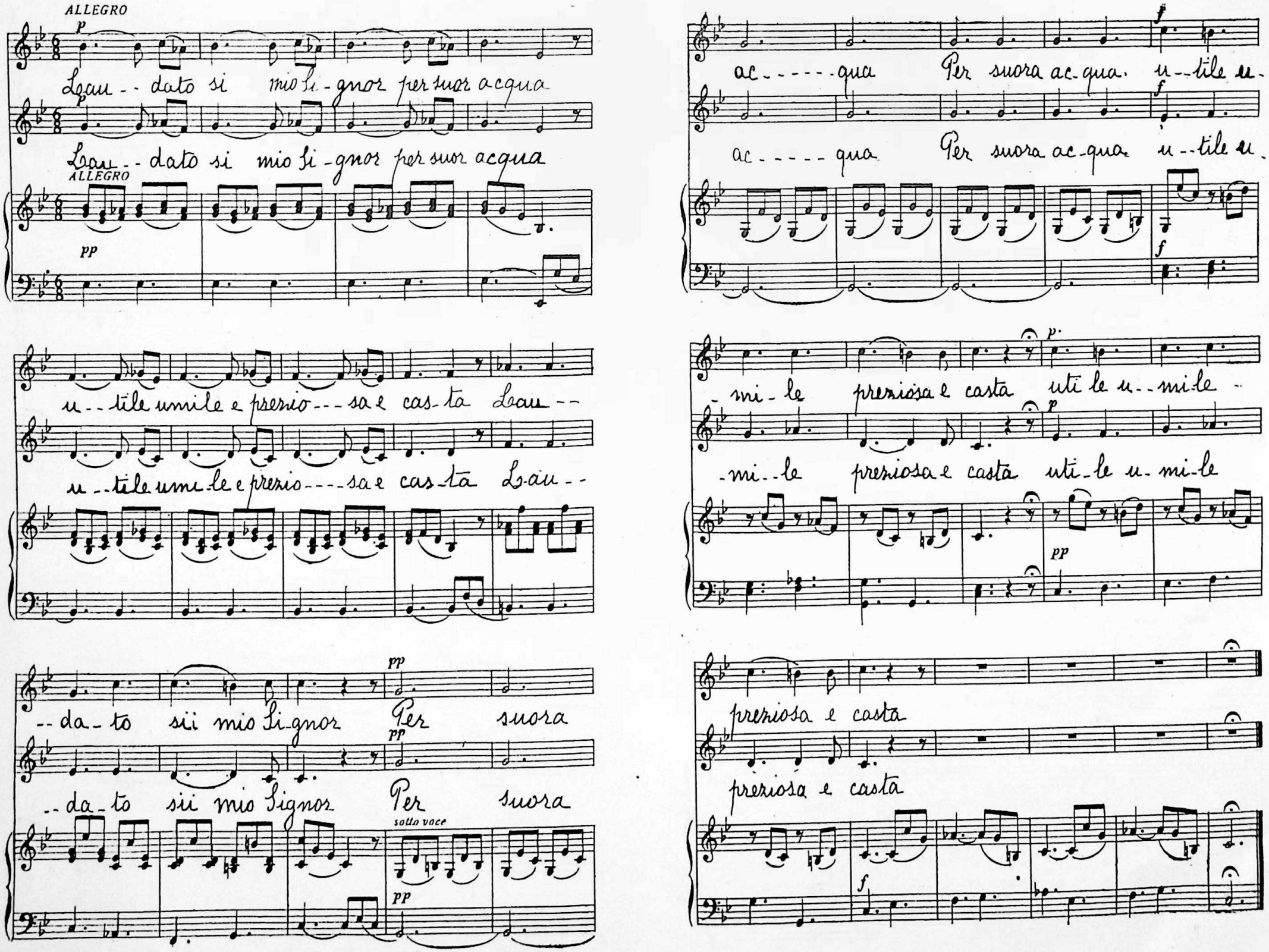
da-----tō mio Signore on---ne tempo

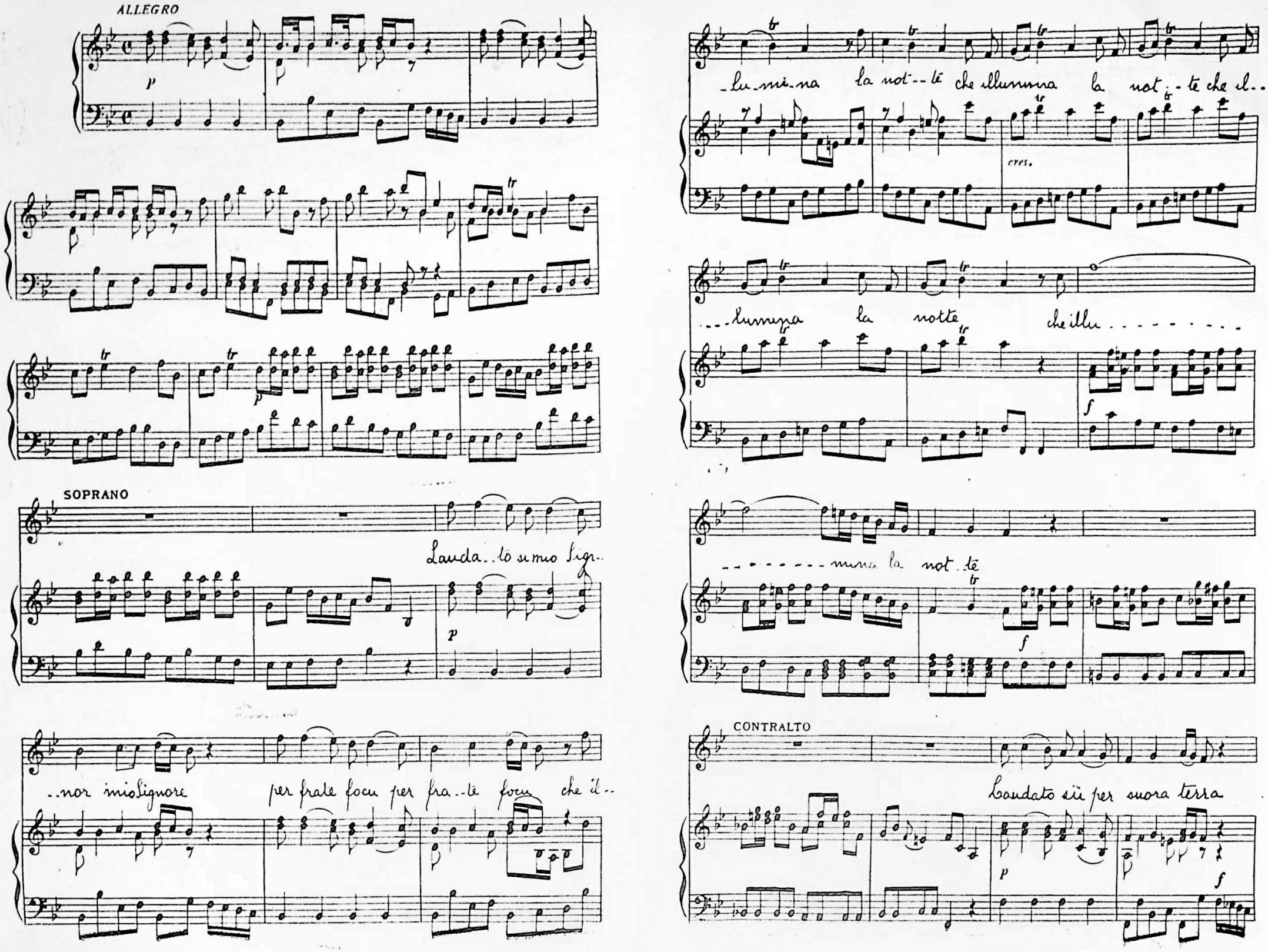
tu ci dai tu ci dai sustentamentoci

tu ci dai tu ci dai sustentamento

dai sustentamento Si----gnor

ci dai sustentamentō Si---gnor


ALLEGRO
Lau - - dato si mio Si - gnor per suor acqua
Lau - - dato si mio Si - gnor per suor acqua
ALLEGRO
u - - tile umile e prezio - - - sa e cas - ta Lau - -
u - - tile umi - le e prezio - - - - sa e cas - ta Lau - -
- - da - to sii mio Si - gnor Per suora
- - da - to sii mio Signor Per suora
sotto voce
ac - - - - - - qua Per suora ac - qua u - - tile u -
ac - - - - - qua Per suora ac - qua u - - tile u -
- mi - le preziosa e casta uti le u - - mi - le -
- mi - - le preziosa e casta uti - le u - mi - le
preziosa e casta
preziosa e casta


ALLEGRO
SOPRANO
Lauda..to si mio Sign..
..nor mio Signore per frate focu per fra..te focu che il..
..lu..mi..na la not..te che illumina la not..te che il..
cres.
...lumina la notte che illu.....
.....mina la not..te
CONTRALTO
Laudato sii per suora terra

SOP.

CON Laudato sii per suora terra Ne susten-ta

Ne susten-ta

p f

ne gover-na Ne sustenta

ne gover-na suora Ter - - - - - - - - - - - -

p f p cres. a poco a poco

Ne governa Ne sustenta ne governa

suo-ra Ter - - - - - - - - - - - - - - - - - - ra

suo - - ra ter - ra Ne sustenta ne governa

suo - - ra ter - - ra Ne sustenta ne governa

pp f

suo - - ra ter - - ra Ne sustenta ne governa

suo - - ra ter - - ra Ne sustenta ne governa

pp f f

ALL.o MODERATO

p m.d. cres. m.s. m.d. m.s.

m.d. sotto voce m.s.

CONTRALTO Solo

p Laudato

p

sii per quei che perdonam per lo tuo a more e sos--

tr

tr

--tengon infirmi--tate che per-donam por tuo a--

p

--more. e sos--tengon infirmitate e tri--

p

f p

--bu-la-zione et infirmi-ta----te e sos--

f p

--tengon infirmi--tate e tri-bulazio---ne

P cres.

et infirmi-tà - - - - - te

quei che perdonam per lo tuo a - - more per lo tuo a -

cres.

Be - a - - - - ti quei che vivranno vivramo in

- mo - - - - - re Bea - - ti quelle quei che perdonam

per lo tuo a - - more per lo tuo a - mo - - - - re

cres.

pace che sa - - randa te Altissimu

incoro - - ro - nati Bea - ti quelli

TEMPO GIUSTO

mf p

f f

SOPRANO Solo

p

Laudata sii Per suora nostra morte Di che null'

p p

uomo, null'ouno vivente null'uomo vivente può scappare Laudato sii Mio Si--

pp

--gnor

f

Guai quelli che vivranno nel

p p

peccato mortale Guai quelli che morranno In peccato mortale Beati quei che sta-

sf sf

-ran nella tua santissima volontate Ché la seconda morte non le farà

p p f p f p

male Beati quelli che morranno che morranno nella tua

p pp perdendosi f pp perdendosi

Santis-sima vo-lontá

f p

LARGO

sempre *p*

SOPRANO

CONTRALTO

p

La-u-da-te

p

La-u--

p

Mi Si--gnore La---u-da--te be--ne-

--da-te Mi Si--gno-re

..dicité La--u-da----

La--u-date e be--ne-dicité La--u-

----te Mi Signor La---u--

--da--te Mi Signor La--u--da----

p

..da--te Et be------ne--dicité La-u--

--te Et be----ne----dicité La---u--

da-te Mi Si---gnore Et ran---gratia----

--da-te Mi Si---gno--re

--te E ser--vi--------te-li Con grande

E ser-vi---te--li ser-vi---te-li

hu---mi--li---ta----to

Con grande hu--mili--ta----te

PRESTO ASSAI

A--men, a----------men,

A--

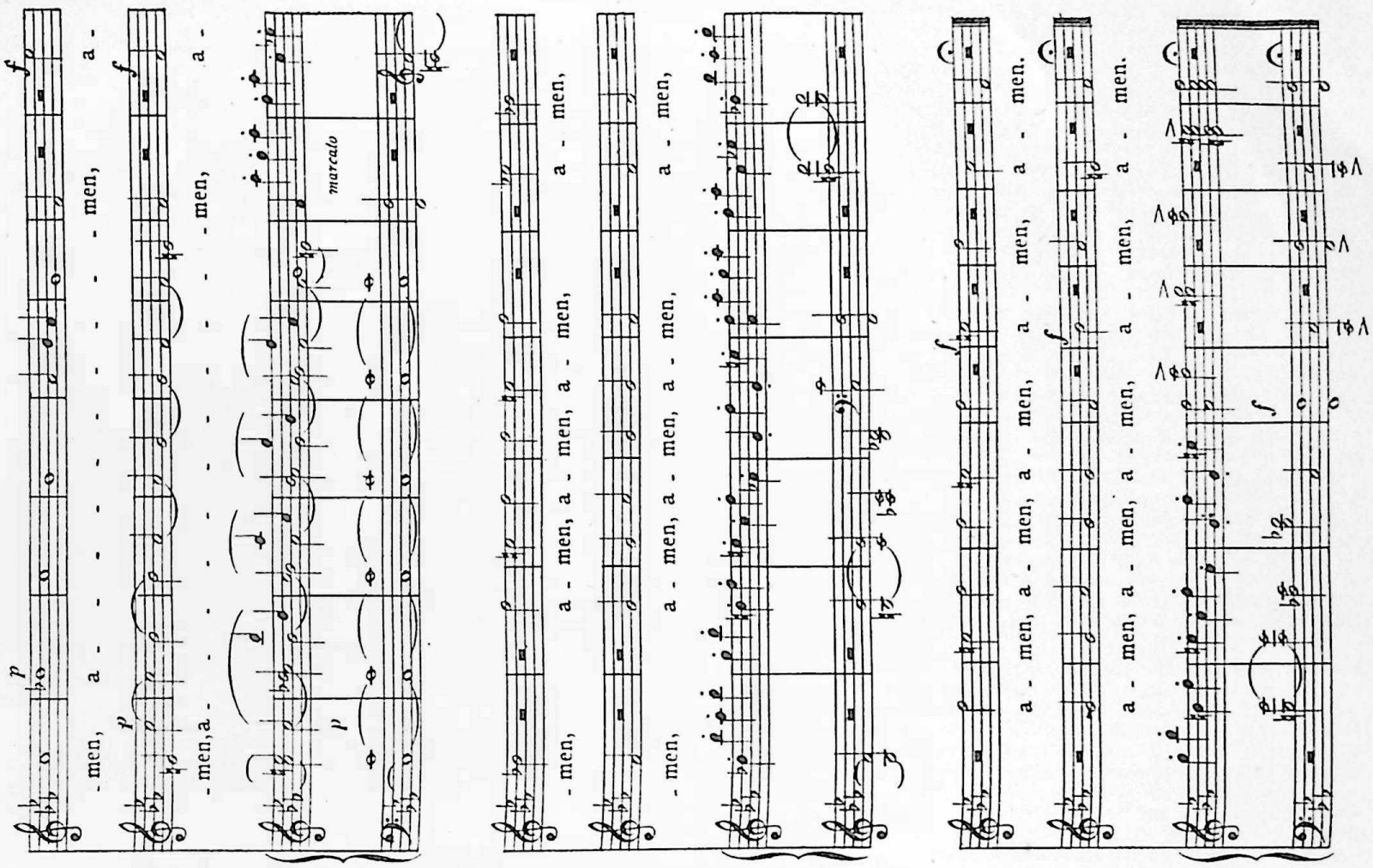
PRESTO ASSAI

a----------men, a----

-men, a------men, a men,a-------

-----------men, a-men, a-men, a-

-----men,a---men, a--


men, a - - - - - - - - men, a -
men, a - - - - - - - - men, a -
marcato
men, a - men, a - men, a - men, a - men,
men, a - men, a - men, a - men, a - men,
a - men, a - men, a - men, a - men, a - men.
a - men, a - men, a - men, a - men, a - men.

Religião da Humanidade

Fundada, sob a angelica inspiração de CLOTILDE DE VAUX (n. Marie)
por AUGUSTO COMTE
PRIMEIRO SUMO-PONTIFICE DA HUMANIDADE
Publicação n. 4 do anno 72|138 — 1926

O Amor por principio, e a Ordem por base;
o Progresso por fim.

Viver ás claras. Viver para outrem. Ordem e Progresso.

LIVRE EXERCICIO DA MENDICIDADE E A REGENERAÇÃO SOCIAL

MEDIANTE O PLENO RESPEITO A' DIGNIDADE DO PROLETARIADO, SEGUNDO O INEXCEDIVEL EXEMPLO DO GRANDE S. FRANCISCO DE ASSIS, O SUBLIME MENDIGO QUE, NO DIZER DE AUGUSTO COMTE, NOBREMENTE INAUGUROU O SECULO FINAL DA IDADE-MÉDIA (O DECIMO-TERCEIRO), TENTANDO EM VÃO A UNICA REFORMA QUE COMPORTASSE O CATHOLICISMO, SUBSTITUINDO UM CLERO NECESSARIAMENTE POBRE AO SACERDOCIO DEPLORAVELMENTE ENRIQUECIDO. (POL. POS., TOMO III, P. 485.)

Mais um esforço em pról da *Alliança Religiosa* entre os catholicos e os positivistas, afim de accelerar o termo da anarchia moderna, mediante o ascendente politico do Amor universal, segundo os ensinos de S. PAULO e as tradições do culto cavalheiresco da MULHER, systematizados pelo incomparavel SÃO BERNARDO, na adoração da VIRGEM-MÃE, *tornada a Dama commum dos corações desoccupados* (Pol. Pos., t. III, p. 486); culto entretido pelo ardor regenerador do grande S. FRANCISCO DE ASSIS.

A proposito do monstruoso crime de lesa-humanidade, *em que estão incorrendo orgãos actuaes* do Poder temporal, *violando o livre exercicio publico da mendicidade.*

> Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao positivismo, *com melhoramentos radicaes*, tudo o que o systema catholico da Idade Média pôde realizar, ou mesmo esboçar, de grande ou de terno. (*Testamento.* Correspondencia. Carta a CLOTILDE, de 5 de Agosto de 1845, pag. 296.)
>
> Aos olhos do sacerdocio da Humanidade todos os homens são, sobretudo hoje, positivistas espontaneos, em diversos gráos de evolução, que não carecem nunca senão de ser completados. (*Politica Positiva*, IV, pag. 377.)
>
> Os positivistas e os catholicos podem já concertar-se dignamente, afim de obrigar, em nome da razão e da moral, todos os que crêem em Deus a voltarem a ser catholicos, todos os que não crêm a se tornarem positivistas, o seculo da construcção não devendo comportar luta senão entre doutrinas verdadeiramente organicas, eliminando todos os puros criticos, como tão atrazados quanto perturbadores. (*Cartas a diversos*, I, 2ª parte ,pag. 261. Carta a A. Sabatier, de 8 de Shakespeare de 68 — 17 de Setembro de 1856.)
>
> A sã politica é filha da razão e da Moral.
> JOSÉ BONIFACIO, o Patriarcha da Independencia Potica do Povo Brasileiro, no seu projecto de *Abolição da escravidão.*

A incomparavel anarchia moderna que flagella os povos occidentaes, occasionando, mais uma vêz, que orgãos do Poder temporal brasileiro, incorram no monstruoso crime de lesa-humanidade, *violando o livre exercicio publico da mendicidade*, vimos, mais uma vez tambem, appellar para o sentimento do Amor universal das nossas classes dominantes, afim de que não se prosiga em tamanha crueldade, que nem siquer respeita a delicadeza e a dignidade da Mulher.

E' esta uma das questões nas quaes não se trata de argumentar, porém de sentir, conforme a observação de AUGUSTO COMTE.

O outro monstruoso crime occidental da escravidão africana — tão tardiamente e a tanto custo extinto no Brazil, — basta, sem duvida, para patentear até que ponto os instintos egoistas pódem suffocar os pendores altruistas e desvairar a razão, apezar dos inestimaveis antecedentes catholicos, mesmo no conjunto do sexo feminino, nas camadas dominantes. Porém esse crime, mesmo, basta tambem para evidenciar quanto urge cessar o novo crime gerado pelos mesmos pendores egoistas e que ameaça a geração presente e as futuras, dos mesmos infernaes remorsos que torturaram, por tanto tempo, o povo brazileiro e cuja fatal lembrança o torturará eternamente.

Pois que!... Quando no Occidente, e, podemos dizer, em toda a Terra, celebra-se o Setimo Centenario Subjectivo do *sublime Mendigo* que foi S. FRANCISCO DE ASSIS, existe um povo que se confessa catholico; um povo cujas camadas dominantes confessam-se catholicas; um povo que se proclama republicano; um povo no qual a Republica foi fundada por Benjamin Constant Botelho de Magalhães, apresentado pela Constituinte Republicana como um bello modelo de virtudes, aos futuros Presidentes dessa Republica; existe um povo em taes condições, no qual orgãos do Poder temporal ousam lembrar-se de violar o livre exercicio publico da mendicidade; ousam lembrar-se de desconhecer o alcance social e moral da mendicidade, a nobreza da mendicidade, a santidade da mendicidade, *quando ella é dignamente exercida*, como acontece a qualquer outra das fataes condições humanas!...

Existe um povo em que, nestas condições, ousam orgãos do Poder temporal ir mais longe do que lembrar-se de violar o livre exercicio publico da mendicidade; pois chegam a violar esse livre exercicio publico da mendicidade, e considerar isso um titulo de gloria para o preenchimento das suas funcções politicas, apezar dos exemplos dos maiores Santos catholicos, apezar da glorificação da mendicidade por DANTE, o maior dos poetas occidentaes; apezar da glorificação da mendicidade por WALTER SCOTT, o maior genio poetico do Decimo-Nono Seculo, no dizer de AUGUSTO COMTE; apezar da glorificação de AUGUSTO COMTE, o fundador da RELIGIÃO DA HUMANIDADE; Religião que Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Fundador da Republica Brasileira, proclamou, desde a mocidade, ser a sua Religião; na qual, depois da fundação da Republica elle declarou que esta não podia encontrar melhores luzes do que na Religião que se resume na fórmula: "O Amor por principio, e a Ordem por base; o Progresso por fim."

Pois, contemplando esse passado da HUMANIDADE, desde HOMERO, póde alguem hesitar em desconhecer que a violação do livre exercicio publico da mendicidade, cuja dignidade escapa, — como a de qualquer outra funcção proletaria, — á competencia judiciaria dos orgãos do Poder temporal, e está unicamente sujeita ao juizo da *opinião publica;* póde alguem desconhecer que a violação do livre exercicio publico da mendicidade acarretará a mesma condemnação da POSTERIDADE, que o monstruoso crime occidental da escravidão africana? ou por ventura maior condemnação, dada a situação actual da HUMANIDADE, e, especialmente, do povo brasileiro?

E orgãos do Poder temporal que assim procedem não hesitam em erigir o jogo em fonte de renda, instituindo loterias cujos bilhetes são ostentosamente offerecidos nas ruas publicas, promovendo a corrupção da massa popular.

Para corroborar essas considerações, vamos reproduzir o opusculo que Miguel Lemos publicou, a 8 de Carlos Magno de 100 (24 de Junho de 1888), — ainda sob o regimen imperial, e, logo após, á promulgação da Aurea Lei de 13 de Maio de 1888, que declarou extincta a escravidão no Brasil. Este opusculo tem o n. 57 nas publicações da Igreja Positivista do Brasil.

E nas emendas que a Igreja Positivista do Brasil propoz á Constituinte Republicana afim de serem introduzidas no *projecto de Constituição Federal* apresentado pelo *Governo Provisorio*, havia a seguinte (vide publicação n. 112 da referida Igreja):

"Art. 70 — Supprimam-se os ns. 1 e 2.

"Estas exclusões, além de odiosas, são illusorias; porque, nem os mendigos são os unicos cidadãos *dependentes*, e, nem os analphabetos são os unicos cidadãos *incompetentes* para exercerem a apreciação politica que a funcção eleitoral suppõe. Póde até acontecer que haja muitos mendigos e muitos analphabetos superiores em criterio moral e social a muitos capitalistas letrados."

N. 57

Apostolado Pozitivista do Brazil

O Amor por principio, e a Ordem por base;
O Progresso por fim.
Viver ás claras. Viver para outrem. Ordem e Progresso.

A repressão legal da occiosidade

Tous les partis actuels méritent ainsi d'être également qualifiés d'anarchiques et de rétrogrades, puisqu'ils s'accordent à demander aux lois les solutions réservées aux mœurs.

AUGUSTO COMTE.

Um Deputado, que é tambem membro do governo, acaba de apresentar ao Parlamento um projecto de lei destinado a *reprimir a ociosidade*, segundo a expressão consagrada.

Em um folheto que o *Centro Pozitivista* publicou nas vesperas de ser decretada a espladora lei de 13 de Maio do cor-

rente anno, * já tivemos occasião de préviamente manifestarnos contra similhante medida, que julgamos attentatoria da liberdade individual e eceder a esphera repressiva e preventiva que compete ao poder civil.

Referindo-nos aos boatos que circulavam então sobre certos regulamentos vexatorios que, dizia-se, haviam de acompanhar o decreto da abolição, e que tinham por fim evitar as más consequencias que a lei libertadora poderia trazer, escreviamos:

"Para conjurar esses males planeja-se então um regulamento que classifique a vagabundagem, ou antes, a *desoccupação,* como um delicto que ficará sob a alçada da autoridade civil. Por outro lado, o mesmo regulamento traçará regras de locação de serviços, dando garantias aos patrões contra a inconstancia dos proletarios. E para disfarçar a odiosidade da oppressão machinada, estatuir-se-hão clausulas destinadas a proteger os trabalhadores contra a prepotencia de seus patrões.

"Para desvanecer este tecido de sophismas importa reconhecer, em primeiro lugar, que a vagabundagem, a recusa ao trabalho, não é um vicio peculiar ás classes pobres. A contemplação da sociedade demonstra não só que o maior numero de vagabundos é fornecido pela burguezia, mas ainda que são esses os vagabundos mais prejudiciaes. Porquanto os vadios que ella fornece dispõem de um capital que falta aos outros, e esses recursos os collocam em estado de lesar a sociedade por modos inaccessiveis aos proletarios. São esses vadios que promovem a instituição das sinecuras burocraticas e pedantocraticas; são elles que fazem medrar a lepra dos diplomas; são elles que tornam necessarios os grandes ordenados distribuidos aos filhotes dos maioraes politicos; são elles que desenvolvem e alimentam a prostituição, publica e clandestina, com todo o seu cortejo de miserias; são elles, finalmente, que arrastam muitas vezes á vagabundagem as classes destituidas de fortuna, pelo pessoal inutil e superfluo de que se cercam. São esses vagabundos, esses refratarios a todo trabalho util, que fazem transbordar as nossas academias, que enchem os lugares mais frequentados de nossas cidades, que se transformam em jornalistas, em poetastros, em tribunos, fornecendo assim os fermentos mais activos da agitação putrida, cujas ondas fetidas nos ameaçam em torno, rugindo, e cujos salpicos deleterios só a muito custo podemos evitar. ** Gente que nada sabe e sobre tudo falla, cerebros viciados incapazes de uma applicação seria; gente que sob o falso brilho de 'entejoulas litterarias procura dissimular a nullidade propria. São esses desoccupados que, sob declamações sediças em favor da liberdade individual, da originalidade e da autonomia da propria razão, apenas occultam o desejo de gozarem o mais que puderem, e sob o aspecto intellectual, apenas reivindicam a liberdade de escrever e dizer toleimas, dispensando-se de toda condição de estudo e competencia.

"Entretanto, o vagabundo pobre apenas priva a sociedade de seu concurso pratico, e apenas consome as migalhas que a compaixão lhe atira.

"E tambem não se diga que a vagabundagem das classes pobres é que fornece ao crime o maior contigente. E' outro engano manifesto. As estatisticas em França, por exemplo, demonstram que os maiores criminosos sahem da classe media. E, por outro lado, quando se contempla a vergonhosa especulação que hoje lavra em toda a burguezia, a febre da agiotagem, a fraude systematizada na industria e no commercio, a propria influencia politica, servindo sobretudo para conseguir privilegios e arranjar negociatas escandalosas, tendentes ao enriquecimento rapido sem trabalho, defraudando o Estado e os particulares: quando se attende a tudo isto, repetimos, quem ousará dizer que são os vagabundos pobres que fornecem a grande massa dos malfeitores que saqueiam diariamente a sociedade?

"Portanto, si fosse licito ao poder judicial punir a vagabundagem, essa punição deveria exercer-se de preferencia sobre a vadiação burgueza. Ora, podemos affirmar, sem receio de sermos contestados, que jámais passou pela mente dos promotores da organização do trabalho livre libertar a sociedade dessa praga que hoje infesta o Occidente. O unico vagabundo para elles é o pobre sem trabalho ou o mendigo, cuja dignidade, a grosseria contemporanea não comprehende, mas que o Positivismo consagra systematizando a inspiração catholica e sanccionando as antecipações poeticas a este respeito. (2).

"Em taes condições, perguntamos: "Onde a tão decantada igualdade perante a lei? Onde o respeito tão apregoado pelo principio da utilidade publica? Não é evidente que se trata apenas de opprimir os fracos para garantir melhor a prepotencia e os gozos dos ricos?

"Mas não param aqui os perigos da medida projectada. Uma vez definida a vagabundagem como um delicto ao alcance do poder civil, o proletario fica exposto a este dilemma fatal: ou sujeita-se a trabalhar sob as condições onerosas que o patrão lhe quizer impor, ou será passivel do crime de vagabundagem. Objectar-se-ha que a lei póde prevenir o abuso, fixando um salario minimo. Mas semelhante objecção é ainda um sophisma: quem determinará esse minimo, isto é, quem fará a lei, senão os proprios ex-senhores ou seus delegados? Quem a executará, senão elles? E desde então, onde a liberdade de profissões garantida pela Constituição? Não é claro que tal organização do trabalho é apenas uma escravidão de nova especie, que vai colher em suas malhas os que amanhã forem livres?

"Tudo isto faz ver que se trata de um phenomeno fóra da alçada do poder civil e só accessivel á intervenção da opinião publica."

A nota que correspondia á chamada acima (2) era a seguinte:

"Veja-se sobretudo no bello romance de W. Scott, *O Antiquario,* o typo admiravel do mendigo Ochiltree. E já que fallamos em mendigos, seja-nos licito aproveitar o ensejo para, especificando as considerações que acima fazemos, declarar que do mesmo modo julgamos iniqua e fóra das attribuições do poder civil a prohibição da mendicidade, como já se tem conseguido estabelecer em varias cidades da Europa e da America. Os intuitos que movem a burguezia são obvios para quem vae ao fundo das coisas; o que ella quer é libertar-se do espectaculo desagradavel da miseria alheia, afastar as importunações dos pobres e desobrigar-se, ao mesmo tempo, por meio de asylos e outros estabelecimentos chamados pios, dos deveres que a opinião publica nunca cessou de exigir dos ricos em relação á pobresa, e que o movimento occidental vae tornando cada vez mais urgentes. Ninguem tem o direito, seja governo ou particular, de prohibir que um homem appelle para o altruismo de seu semelhante mais favorecido, de viva vóz, na rua, como e quando quizer uma vez que não empregue nenhum genero de violencia. Façam em boa hora asylos para os infelizes sem meios, mas com estas duas condições: 1ª, que só vá para lá quem muito bem quizer aproveitar-se dos soccorros publicos, deixando-se a cada qual a liberdade de preferir a beneficencia particular; 2ª, que fiquemos convencidos de que, comquanto uteis, taes estabelecimentos e outras instituições congeneres são méros *paliativos,* não resolvem o problema, tendo até o inconveniente de dissimularem a verdadeira solução, que só póde residir na organização social da riqueza, tal como o Positivismo a planejou de accordo com as bases lançadas pelo Passado. A primeira destas condições depende do poder civil; a segunda, porém, só será preenchida á medida que penetrarem no Publico as ideias de Augusto Comte, ou, por outra, os ensinamentos da verdadeira sciencia social por elle fundada."

Nada temos hoje a mudar no que ahi fica transcripto.

Apenas accrescentaremos as seguintes observações:

No projecto apresentado equipara-se o exercicio de *profissão deshonesta* ao delicto de ociosidade.

O que é que se entende por profissão deshonesta?

Seria curioso assistirmos a uma discussão desta especie. Certamente que haviam de surgir definições originaes e imprevistas, sobretudo se nós tambem fossemos chamados a dar o nosso voto.

Demais, todos sabemos que maior mal faz á sociedade o *exercicio deshonesto* das funcções honestas do que uma ou outra industria illicita.

Mas como se póde armar o governo civil com semelhante poder? Já tivemos uma inquisição ecclesiastica; prepara-se agora uma inquisição burgueza, em que o crime de heresia consistirá em ser *ocioso sem rendas,* porque aquelle que as tiver, esse poderá impunemente ser vagabundo e infestar a sociedade.

Mas o que mais ha de maravilhar as almas simples, que ainda ignoram que as mesmas palavras podem ter significação muito diversa, é saberem que o autor de semelhante projecto é um cidadão cujos sentimentos piedosos seus amigos levam a proclamar todos os dias e que faz praça de sua devoção muito especial por S. Francisco de Assis, o mendigo sublime, cuja vida foi a demonstração eloquente deste facto: que se póde ser muito util á sociedade vivendo de esmolas e sem concorrer directamente para a producção industrial com a minima parcella.

Pois S. Ex. (dirão elles), catholico como se diz, e piedoso, como o proclamam, não vio que ia assim fazer cahir a mão de ferro do governo sobre os fracos, os desgraçados, os miseraveis; pois, S. Ex. não se lembra siquer que em uma sociedade anarchizada, como a nossa, entregue ás intrigas eleitoraes e aos desmandos de uma plutrocacia sem entranhas, nenhum homem honesto tem seguro o seu pão de amanhã, e, quando o perde, muitas vezes passam os dias, as semanas, os mezes, e até os annos, sem que elle possa achar trabalho com que acuda á sua fome e á de sua familia!

---

* *A liberdade espiritual e a organização do trabalho,* 1888.

** Um homem de espirito já disse em França, que "uma carta de cacharel é uma letra de cambio sacada contra o Estado, e que este ha de pagar mediante um emprego ou uma revolução".

A ociosidade resulta de um conjunto muito complexo de causas sociaes e moraes, que a acção do poder civil é impotente para remover, e que ella só consegue aggravar, fornecendo aos poderosos novos meios de opprimir e explorar os fracos. Males desta natureza, não comportam senão um tratamento intellectual e moral, que se resume na reforma do systema de educação. Ora, semelhante reforma constitui uma difficil operação philosophica, cujos resultados só poderão vigorar á medida que forem livremente acceitos pela opinião publica, sem nenhuma imposição por parte do poder civil.

Não confundamos, pois, o dominio das leis com o da philosophia e o da religião. "Cumpre não fazer pelas leis," dizia Montesquieu, "o que deve ser feito pelos costumes". Do contrario teremos plantado a mais detestavel de todas as tirannias.

Pelo *Apostolado Positivista do Brasil*:

MIGUEL LEMOS, Director.
(Rua de Santa Isabel n. 6.)
N. em Nitherohy a 25 de Novembro de 1854.

Rio, 8 de Carlos Magno de 100 (24 de Junho de 1888).

Terminaremos publicando as palavras que proferimos, no mercuridia 27 de Carlos Magno de 72/138 (quarta-feira, 14 de Julho de 1926), por occasião da solemne inauguração do monumento erigido, na Praça da Republica, por iniciativa e civica generosidade do cidadão Amaro Corrêa da Silveira, que o offereceu á cidade do Rio de Janeiro.

A' MEMORIA
DE
D. MARIA JOAQUINA DA COSTA BOTELHO DE MAGALHÃES
E DE SEU ETERNO ESPOSO
BENJAMIN CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES
FUNDADOR DA REPUBLICA BRASILEIRA

Esta effusão foi lida, após o hymno civico, cantado junto ao glorioso PAR, pelas alumnas da Escola Benjamin Constant, e que encerrou a solemnidade.

Vide nas publicações ns. 5 e 10 (segunda edição de n. 5) do anno 72/138 — 1926, reproduzidas em seguida, p. 25.

Algumas apreciações de AUGUSTO COMTE
sobre
SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Vide nas publicações ns. 5 e 10 (segunda edição de n. 5) do anno 72/138 — 1926, reproduzidas em seguida, p. 23.

Vide o elogio de S. FRANCISCO DE ASSIS por DANTE. — *Divina Comedia, Paraiso,* Canto XI vs. 43 a 117.

O baixo-relevo que, no monumento a Benjamin Constant, celebra o *estabelecimento da Separação da Igreja e do Estado,* glorifica S. FRANCISCO DE ASSIS pelo seu esforço regenerador, em pról do eterno ascendente do *Amor universal.*

R. TEIXEIRA MENDES,
Apostolo da Humanidade.
N. em Caxias (Maranhão) a 5 de Janeiro de 1855; empiricamente surgido da propaganda inaugurada em fins de 1878, por Miguel Lemos, quando este se achava em Pariz.

Rio, 15 de Shakespeare de 72/138 (24 de Setembro de 1926.)

Sahido na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de sabado, 25 de Setembro de 1926.

Religião da Humanidade

fundada, sob a angelica inspiração de CLOTILDE DE VAUX (n. MARIE),
por
AUGUSTO COMTE
primeiro Sumo-Pontifice da Humanidade
synthetizando, na UTOPIA POSITIVA DA VIRGEM-MÃE
resumo do *Systema de Politica Positiva,*
o Culto cavalheiresco da MULHER;
tal qual, sob o angelico prestigio de BEATRIZ PORTINARI,
DANTE ALIGHIERI
resumira, na adoração do MYSTERIO CATHOLICO DA VIRGEM-MÃE,
A Divina Comedia;
annunciando e presidindo á elaboração revolucionaria
da Regeneração humana
durante os cinco seculos que separam e reunem, ao mesmo tempo,
as duas principaes construcções modernas.

BEATRIZ e CLOTILDE, a vós graças infindas
Que unistes DANTE a COMTE em vossas almas lindas!

(Publicações 5 e 10 (2ª edição da publicação n. 5)
do anno 72/138 — 1926
Primeiro Centenario do passo inaugural de AUGUSTO COMTE
para systematizar
A ALLIANÇA RELIGIOSA ENTRE OS CATHOLICOS E OS POSITIVISTAS
Setimo Centenario Subjectivo do grande S. FRANCISCO DE ASSIS
Inauguração do monumento a Benjamin Constant,
Fundador da Republica Brasileira

O Amor por principio, e a Ordem por base;
o Progresso por fim.
Viver as claras. *Viver para outrem.* *Ordem e Progresso.*

O Setimo Centenario Subjectivo do grande São Francisco de Assis

MONUMENTO A BENJAMIN CONSTANT
FUNDADOR DA REPUBLICA BRASILEIRA
FACE MERIDIONAL
Baixo-relevo commemorativo
da
Separação da Igreja e do Estado

Sessão do Governo Provisorio, a 9 de Dezembro de 1889
inicial desse decreto.

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno,* sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).

Este baixo-relevo commemora o *estabelecimento da Separação da Igreja e do Estado,* mediante a celebração da Sessão do Governo Provisorio, — *a 9 de Dezembro de* 1889, — na qual foi iniciado esse decreto, conforme lembrou, — na sessão da Camara dos Deputados, a 13 de Janeiro de 1892. — o deputado Demetrio Nunes Ribeiro· primeiro Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Governo Provisorio:

. . . . .

"Chegando ao Rio a 5 de Dezembro, tomou a direcção da pasta a 7 e a 9, *na primeira conferencia ministerial a que assistio,* apresentou o projecto de separação da Igreja do Estado. (2).

"O original deve estar com o Sr. Lauro Sodré, que o quiz guardar, como consta de carta, honrosa para o orador, que seu digno patricio então lhe dirigiu.

Apresentando o projecto, sua leitura, a pedido do orador, foi feita por Benjamin Constant, que a precedeu da declaração de que faria sua a proposição do orador.

---

(2) Projecto de decreto (*) — O governo provisorio dos Estados Unidos do Brasil, considerando que a politica republicana baseia se na mais completa liberdade espiritual:

que os privilegios concedidos pelo poder civil aos adeptos de qualquer doutrina só têm servido para difficultar o natural advento das opiniões legitimas, que precedem a regeneração dos costumes;

que as doutrinas destinadas a prevalecer não carecem de apoio temporal, como a historia o demonstra;

que nas reformas politicas deve ser respeitada a situação dos funccionarios;

Decreta:

Art. 1º Fica estabelecida a plena liberdade de cultos e abolida a união legal da Igreja com o Estado.

Art. 2º Ficam mantidos aos actuaes funccionarios catholicos os seus respectivos subsidios.

Art. 3º Os templos que pertencerem ao Estado serão deixados ao livre exercicio do culto catholico· emquanto forem assim utilizados. Em caso de abandono pelos sacerdotes catholicos, o Estado os cederá para os exercicios cultuaes de qualquer igreja, sem privilegio religioso.

(*) A copia authentica deste projecto acha-se na Secretaria da Camara dos Deputados.

No baixo-relevo, a imagem de Benjamin Constant lendo o projecto do Decreto está dominada pela symbolização da *evolução da* HUMANIDADE que conduziu a instituir o *regimen definitivo pacifico-industrial,* mediante a *Separação do Poder*

temporal e da Autoridade espiritual, para garantir o ascendente politico do AMOR UNIVERSAL.

Afim de realçar semelhante desfecho, prepondera, no baixo-relevo, o quadro da evolução occidental, cujos grandes typos, — em torno de São Paulo e Carlos Magno, — ligam Beatriz Portinari e Dante Alighieri a Clotilde de Vaux e Augusto Comte. O emblema geometrico do *movimento da* Terra e o symbolo phrenologico da *inatcidade dos* pendores altruistas, encerram os cinco seculos que reunem e separam, ao mesmo tempo a Divina Comedia e o System de Politica Positiva, caracterizando *a transição moderna e a inauguração do* regimen final.

No centro, ao alto, do baixo-relevo, Dante, ajoelhado em extase, contempla o PASSADO, resumido em Beatriz, condensando o desfecho da phase catholico-feudal, que se acha symbolizada pela VIRGEM SIXTINA, de Raphael. Encarnado em uma Pomba, o Espirito Santo saúda a VIRGEM-MÃI e completa a divina trindade, peculiar ao Monotheismo occidental. São Bernardo então o cantico *que termina o mais bello dos poemas*. (*Cathecismo positivista*. Traducção e notas de Miguel Lemos, p. 353).

Vergine madre, figlia del tuo Figlio,
Umile ed alta piu che creatura
Termine fisso d'eterno consiglio,
Tu sè colei chè l'umana natura
Nobilitasti si, che il suo Fattore
Non disdegnó di farsi sua fattura.
Nel ventre tuo si raccese l'amore,
Per lo cui caldo nell'eterna pace
Cosi è germinato questo fiore.
Qui se'a noi meridiana face
Di caritate, e giuso, intra i mortali,
Sei di speranza fontana vivace.
Donna, sei tanto grande, e tanto vali,
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.

(Dante — *Paradiso*. Canto XXXIII)

(*Esboço de traducção*)

Oh! Virgem madre, filha de teu Filho,
Humilde e alta qual não ha creatura
Termino fixo d'eternal consilho.
Tu és só quem humana esta natura
Enobreceste tal que o Factor seu
Não desdenhou mais ser sua feitura.
Em teu ventre o amor chama acendeu
Por cujo ardor, aqui, na eterna paz
Assim o germen desta flor nasceu
E meridiana luz sempre nos dás
De caridade, e lá, no mortal valle,
E's da esperança só fonte vivaz.
Quem, Senhora, é tão grande e tanto vale!
Si alguem quer graça e não a ti recorre,
Quer sem aza, o desejo ao Céo se ale.
A tua benegnidade não socorre
A quem te implora só, com anciedade.
Liberalmente á suplica precorre
Em ti misericordia, em ti piedade
Em ti magnificencia, em ti concorre
Tudo que em creatura ha de bondade.

Mahomet e Moysés, acompanhando São Bernardo, indicam o congraçamento dos tres Monotheismos, — catholico, islamico, e judaico, — na celebração da Judia excepcional, *tornada a Dama commum dos corações não occupados*. (*Systema de Politica Positiva*, III, p. 486). Budha, ao lado de Moysés, recorda a filiação do *Monotheismo ao Polytheismo theocratico*. Confucio, ao lado da Pomba, lembra a necessaria precedencia inaugural do Fetichismo e a incorporação final deste ao Positivismo; ao mesmo tempo que a Pomba annuncia a associação dos animaes domesticos á HUMANIDADE, segundo os versos de Dante e Milton:

Come l'augello, intra l'amate fronde,
Posato al nido de'suoi dolci nati,
La notte, che le cose ci nasconde,
Che, per veder gli aspetti disiati,
E per trovar lo cibo onde gli pasca,
In che i gravi labor gli son aggrati,
Previene il tempo in sull'aperta frasca,
E con ardente affetto il sole aspetta,
Fisso guardando, pur che l'alba nasca;

Dante — *Paradiso*. Canto XXIII, vs. 1 a 9.

(*Esboço de traducção*)

Como a avesinha, entre a amada fronde,
Junta, no ninho, aos filhos adorados,
A' noite, que as cousas nos esconde,
Que, para os rostos ver-lhes desejados,
E achar-lhes o manjar que os satisfaça,
No que, labores crús lhe são prezados,
Previne o tempo sobre a rama lassa,
E com ardente affecto o sol aguarda,
Fixa espreitando, té que a alva nasça....

E tu me instrui, Espirito que prezas,
Recto sentir de um coração sem mácula,
Num grão subido e mais que os Templos todos
Esparsos pela Terra; instrui que sabes.
Sempre exististe. *Qual suave pomba,*
Tuas azas potentes espandias
Incubando do abysmo a immensidade,
No momento primeiro, e o fecundavas
Ao terno influxo do divino seio.

Milton — *Paraiso Perdido*. Canto I...

Por traz de Beatriz, Heloiza patenteia, atravez do *Monotheismo catholico-feudal*, o desprendimento dos motivos sobrenaturaes nas supremas aspirações do Amor. No seu extaze, *o coração de* Dante, mais *emancipado do que o seu espirito*, attribui talvez a Beatriz a oração que São Bernardo endereça á VIRGEM-MÃI (Augusto Comte, Testamento, p. 178).

O olhar radiante de Beatriz, enaltecendo o seu venturoso sorriso, desvenda a Dante, a bemaventurança da POSTERIDADE, que ella, commovida, contempla, eternizando na Utopia positiva da VIRGEM-MÃE, a reintegração do culto cavalheiresco da MULHER. Os vultos de São Paulo e Carlos-Magno resumem o regimen catholico-feudal, inaugurando, graças ao ascendente politico do AMOR UNIVERSAL, *a plena separação dos dous Poderes, temporal e espiritual*, — até então confundidos pelos regimens anteriores.

Dante, acompanhado por Virgilio, reverencia Homero, Eschilo, Thales, Pithagoras, Aristojeles, Hippocrates, Archimedes, Hipparco que circumdam São Paulo; e Themistocles, Alexandre, Scipião, e Cezar, que precedem. Carlos Magno. Por diante de Themistocles, — *que recorda a victoria de* Salamina, libertando a evolução greco-romana das perturbações theocraticas (*Politica Positiva*, IV, p. 144), — acha-se, junto a Carlos Magno, D. Juan d'Austria, lembrando a victoria de Lepanto, *ultima gloria do instincto guerreiro, e digno complemento de* Salamina. Quando a religião positiva houver congraçado os descendentes respectivos dos mussulmanos e dos catholicos, os primeiros sentirão melhor do que os segundos o preço de uma jornada que, marcando o fim do seu surto militar, inaugurou sua vida industrial. (Augusto Comte — *Politica Pozitiva*, t. IV, ps. 145 a 146).

São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão unem suas supplicas ás de São Bernardo, para que a VIRGEM-MÃE ampare o Sacerdocio Catholico, personificado em Hildebrando (Gregorio VII). Proseguindo o esforço de São Paulo, Santo-Thomaz d'Aquino procura, em Aristoteles, o arrimo supremo do Monotheismo Occidental. Rogerio Bacon pressente, no surto philosophico da sciencia pozitiva, a satisfação das aspirações de São Francisco de Assis e de São Domingos de Gusmão, para a regeneração definitiva do sacerdocio catholico. Não podendo impedir a revolução moderna, Thomaz de Kempis une-se a Dante, para salvar a cultura moral, mediante a *Imitação do Fundador ideal* do Catholicismo, poema que Corneille embellezou, São Francisco Xavier, sustentando o enthusiastico Santo-Ignacio de Loyola, e Santa Thereza de Jesus, trazem um novo esforço para restaurar a unidade occidental quebrada pelo protestantismo.

Com esse auxilio, Dante continúa a presidir ao surto poetico do Occidente, graças á adoração crescente da MULHER, que protege e vulgariza a elaboração theorica e o desenvolvimento industrial, accumulando, — durante cinco seculos, — os materiaes indispensaveis ao cumprimento dos votos universaes.

A tomada da Bastilha, a 14 de Julho de 1789, assignala então o irrevogavel termo do regimen theologico-militar, e inaugura tempestuosamente o regimen pacifico-industrial, patenteando a necessidade inilludivel de construir a RELIGIÃO DA HUMANIDADE, como preliminar indispensavel ao advento do Sacerdocio positivo, — herdeiro do Sacerdocio Catholico.

Essa evolução final está representada estheticamente pelos emblemas respectivos do Movimento da Terra e da Inateidade dos Pendores altruistas, que a resumem. Entre ambos esses symbolos, acham-se as imagens dos principaes orgãos da Humanidades, formando o sequito de Beatriz e Dante.

Assim, logo após Dante, está Gutemberg, representando o conjuncto da Industria moderna, como destinada finalmente á cultura da natureza humana. Depois vem Shakespeare, promo-

vendo· pelo DRAMA, a vulgarização da evolução theorica condensada em FRANCISCO BACON e DESCARTES, representando a PHILOSOPHIA MODERNA. Por baixo de SHAKESPEARE, está RAPHAEL, personificando o conjuncto das artes plasticas. Dominado por FRANCISCO BACON, está COPERNICO. Junto a COPERNICO fica MOZART; e junto a MOZART, por baixo de DESCARTES, está MOLIÈRE. Por baixo de RAPHAEL, vê-se GALILEU; e, diante de GALLILEU, acham-se LAVOISIER e BERTHOLET. A' esquerda de GALLILEU, está KEPLER, sob COPERNICO; seguem-se HUYGHENS, LEIBNITZ, e NEWTON. Por baixo de KEPLER está FONTENELLE, ligando o decimo-septimo seculo ao decimo-oitavo.

A' esquerda de FONTENELLE, estão HUME e HOBBES; e, á direita, ARIOSTO, MILTON, e CROMWELL. Por baixo de ARIOSTO, veêm-se CAMÕES, TASSO, DIDEROT, e FREDERICO II DA PRUSSIA, "o melhor modelo da POLITICA MODERNA, por ter realizado o voto de HOBBES, *conciliando o poder com a liberdade*. (*Systema de Politica Positiva*, Tomo III· p. 583). A' direita de CAMÕES, estão CERVANTES, VAUVENARGUES, o unico entre os pensadores do decimo-oitavo seculo *que fallou dignamente do coração* (Dedicatoria do *Systema de Politica Pozitiva*, Tomo I, p. III); e DANTON que patenteou *a verdadeira moralidade*, no seu abnegado voto: *Pereça a minha memoria contanto que a Patria se salve!* (*Systema de Politica Pozitiva*, tom. IV, p. 50). Por baixo de CORNEILLE, acham-se SOFIA GERMAIN e MADAME DE STAEL, que fica, assim, ao lado de SANTA THEREZA. MADAME DE STAEL, "caracterizou o privilegio do sentimento, constituir tanto a verdadeira felicidade como a harmonia normal, por esta admiravel sentença, principal titulo da sua immortalidade: *Não ha nada real no mundo senão amar.*" (*Systema de Politica Pozitiva*, Tomo IV, p. 49). Abaixo de SOFIA GERMAIN, está ELISA MERCŒUR, que, *aos dezesete annos de idade*, reconheceu a *immortalidade subjectiva*, no celebre verso: *O olvido é que é o nada; a gloria é a outra vida*. Abaixo de CAMÕES e TASSO, está CALDERON cuja energica reprovação da inconstancia affectiva, AUGUSTO COMTE realçou na *Dedicatoria* do *Systema de Politica Positiva*, Tomo I, p. XVIII.

Es hombre vil, es infame,
El que, solamente atento
A lo bruto del deseo,
Viendo perdido lo mas,
Se contenta com lo menos.

(CALDERON, *No siempre lo peor es cierto* — Jornada I)

Abaixo de CALDERON está PETRARCA, a quem nosso MESTRE se refere, no Prefacio do *Catecismo Pozitivista*, dizendo que não póde assaz caracterizar o ascendente angelico de CLOTILDE DE VAUX. sinão combinando dous admiraveis versos respectivamente destinados a BEATRIZ e LAURA:

Quella ché imparadisa la mia mente
DANTE.
Ogni basso pensier dal cor m'avulse.
PETRARCA.

AUGUSTO COMTE — *Catecismo Pozitivista*, Prefacio, Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed. p. 19.

A' esquerda de PETRARCA, acham-se CONDORCET, Pai espiritual de AUGUSTO COMTE; LAGRANGE, CABANIS e CLAIRAUT. Abaixo de CONDORCET, estão GEORGES LEROY, BICHAT, personificando a *sciencia moderna*, e LAMARCK; e á direita SANTA CLOTILDE, a admiravel esposa do fundador da monarchia franceza (*Systema de Politica Pozitiva*, Tomo III, p. 468.) Abaixo de LAMARCK vêm GALL, BROUSSAIS, FOURIER, e BLAINVILLE. Abaixo de FOURIER. está WALTER SCOTT, por diante do Busto frenologico.

Dominada por SANTA THEREZA, ROSALIA BOYER, patrocina AUGUSTO COMTE. Graças a essa herança e maternal solicitude, AUGUSTO COMTE conseguio descobrir as *leis da evolução historica*, fundando a *Dynamica social* que completou a *Statica social* creada por ARISTOTELES, e assegurou a instituição da *Sociologia*. Dahi resultou a concepção inicial da POLITICA POSITIVA, mediante a *separação dos dous Poderes, espiritual e temporal*, conduzindo á fundação da *Philosophia Positiva*. O baixo-relevo representa AUGUSTO COMTE contemplando arroubado CLOTILDE DE VAUX, cujo exemplo, — *mais efficaz que as melhores demonstrações philosophicas* (Testamento, *Correspondencia*, p. 514) — revelou-lhe a supremacia moral da MULHER, e desenvolvendo os germens que elle herdara de ROSALIA BOYER, foi só que permittio-lhe elevar-se da *Philosophia Positiva*, á RELIGIÃO DA HUMANIDADE, e construir a *Synthese Subjectiva*.

Entre CLOTILDE e ROSALIA, está SOFIA BLIAUX· a incomparavel Proletaria que CLOTILDE erigira em digna Irmã, e cujo valor moral esse apreço revelou a AUGUSTO COMTE. "Após sete annos de provas diarias, AUGUSTO COMTE proclamou-a sua filha adoptiva, perante um numeroso auditorio de ambos os sexos, na ceremonia religiosa de jovedia (quinta-feira) 18 de Julho de 1850, relativa ao segundo casamento positivista (o do Dr. Segond com Mlle. Léonie de Lanneau)" (*Testamento*, p. 12).

Junto a SOFIA BLIAUX, acha-se SANTA GENOVEVA, "a humilde virgem ante a qual soube inclinar-se um energico invasor" (*Systema de Politica Positiva*, tomo III, p. 468), tornada assim a eterna PADROEIRA de PARIZ. Entre SANTA GENOVEVA e SANTA CLOTILDE, está JOANNA D'ARC "a incomparavel heroina que se devotou tão preciosamente á independencia franceza, annunciando já a superioridade final da mulher proletaria". (*Systema de Politica Positiva*, tomo III, p. 538).

Ao lado de AUGUSTO COMTE, por diante, está DANIEL ENCONTRE, o Mestre de Mathematica de AUGUSTO COMTE, cuja capacidade encyclopedica despertou o genio philosophico de AUGUSTO COMTE, e a quem AUGUSTO COMTE dedicou o primeiro Tomo da *Synthese Subjectiva*. Junto a DANTE, ENCONTRE, *está* TERNAUX, o nobre chefe industrial que apreciou, desde o inicio de AUGUSTO COMTE, o alcance regenerador dos trabalhos de nosso MESTRE, e a quem AUGUSTO COMTE tencionava dedicar o *Tratado de Industria Positiva*. Por baixo de DANIEL ENCONTRE está JOSEPH DE MAISTRE· cuja apreciação social do Catholicismo e da situação revolucionaria contribuio para a obra de AUGUSTO COMTE, e previo o advento de tal obra. Por diante de JOSEPH DE MAISTRE, acha-se KANT, que percebeu a natureza *subjectiva da Synthese final*.

A contemplação desse baixo-relevo evidencia a exactidão dos considerandos que fundamentam o *projecto de Decreto da Separação da Igreja e do Estado*, proposto pelo cidadão Demetrio Nunes Ribeiro, e apresentado por Benjamin Constant, na sessão do Governo Provisorio, a 9 de Dezembro de 1889, declarando preliminarmente que o fazia seu. O discurso acima citado do deputado Demetrio Nunes Ribeiro, em 13 de Janeiro de 1892, narra como esse projecto foi substituido pelo que foi proposto pelo Dr. Ruy Barbosa e approvado na sessão do Governo Provisorio, quasi um mez depois, a 7 de Janeiro de 1890.

Observação — As imagens de HIPPARCO, GEORGES-LEROY e TERNAUX, são symbolicas, por não terem sido achados seus retratos ou idealizações historicas.

ELOGIO DE S. FRANCISCO DE ASSIS
que
DANTE ALIGHIERI
idealiza ter ouvido o dominicano, *Doutor angelico*,
SANTO THOMAZ DE AQUINO,
então ainda não canonizado (1) bem como o franciscano
SÃO BOAVENTURA DE BAGNAREGIO, (2)
entoar
na esphera celeste do SOL.

DANTE — *Paradiso* — Canto decimo, vs. 91 a 99

Tu vuoi saper di quai piante s'inflora
Questa ghirlanda, che intorno vagheggia
La bella donna ch'al ciel t'avvalora.
Io fui degli agni della santa greggia,
Che Domenico mena per camino,
U'ben s'impingua se non si vaneggia.
Questi, che m'è a destra più viccino,
Frate e maestro fummi, ed esso Alberto
Fu di Colonia, ed io Thomas d'Aquino.

.....

DANTE — *Paradiso* — *Canto* decimo-primo, vs. 28 a 123.

La provvidenza, che governa il mondo
Con quel consiglio nel quale ogni aspetto
Creato è vinto pria che vada al fondo,
Perocchè andasse ver lo suo diletto
La sposa di colui, che ad alte grida
Disposò lei col sangue benedetto,
In sè sicura ed anco a lui più fida,
Duo Principi ordinò in suo favore,
Che quinci e quindi le fosser per guida.
L'un fu tutto serafico in ardore,
L'altro per sapienzia in terra fue
Di cherubica luce uno splendore.
Dell'un dirò, perocchè d'ambedue
Si dice l'un pregiando, qual ch'uom prende,
Perché ad un fine fur l'opere sue.

Traducção de Xavier Pinheiro (J. P.)

DANTE — *Paraizo*. Canto decimo, vs. 91 a 99

Saber desejas como a c'roa enflora,
Que cinge, contemplando-a a pulcra Dama,
Que para o céu te guia protectora.
Um anho fui da santa grei que chama
De Domingos a voz pelo caminho,
Onde prospéra só quem mal não trama.
Thomaz de Aquino sou, me está vizinho,
A destra, de Colonia o grande Alberto,
A quem de alumno e irmão devo o carinho.

.....

DANTE — *Paraizo*. Canto decimo primo, vs. 28 a 123.

A Providencia, que governa o mundo
Com tão sabio conselho, que, torvada
Sente a vista quem quer sondar-lhe o fundo,
Por ser ao seu dilecto encaminhada
Casta Espoza d'aquelle, que alto grito,
Despozando-a, soltou na Cruz Sagrada,
Com animo mais forte e á fé restricto,
Dois Principes, lhe deu, que, em seu desvelo,
O caminho mostrassem-lhe bemdicto.
Um Serafico foi no ardor do zelo,
Outro ostentou, por seu saber na terra,
De cherubica luz esplendor bello.
De um só te falarei; pois n'um se encerra
O que de outro aos louvores mais se extende;
Quem dér aos dois o mesmo fim não erra

A vocação de S. Francisco de Assis
FRANCISCO DE ASSIS CONVALESCENTE DA GRAVE MOLESTIA que o estimula a pensar na sua regeneração,
AMPARADO POR SUA MÃE, Dona PICA.

Quando as suas visinhas contavão-lhe os desatinos de Francisco, ella respondia, sem impressionar-se: "Que pensais pois? Espero bem, si Deus quizer, que elle se tornará um bom christão."

Vida de S. Francisco de Assis, por Paul Sabatier, ps. 8 e 9.

E' da mulher que provem o homem — AUGUSTO COMTE
Quadro de Eduardo de Sá — Photogravura da officina de Manoel Gaspar.

---

(1) SANTO THOMAZ DE AQUINO foi canonizado em 1323, sob o pontificado de João XXII.
(2) S. BOAVENTURA DE BAGNAREGIO foi canonizado em 1482, sob o pontificado de Sixto IV.

Intra Tupino, e l'acqua che discende
Del colle eletto dal beato Ubaldo,
Fertile costa d'alto monte pende,
Onde Perugia sente freddo e caldo
Da porta Sole, e diretro le piange
Per greve giogo Nocera con Gualdo.
Di quella costa, là dov'ella frange
Più sua rattezza, nacque al mondo um sole
Come fa questo talvolta di Gange.
Però chi desso loco fa parole
Non dica Ascesi, che direbbe corto,
Ma oriente, se proprio dir vuole.
Non era ancor molto lontan dall'orto
Ch'è cominciò a far sentir la terra
Della sua gran virtute alcun conforto;

15. "Entre Tupino e o rio, que descende
Do outeiro, que escolhera Santo Ubaldo,
Fertil encosta de alto monte pende,
16. "D'alli baixa a Perugia o frio e o caldo
Pela porta do *sol;* atraz padece
Em duro jugo Nocera com Gualdo.
17. "Onde o declive menos agro desce
Nasceu ao mundo um sol tão luminoso,
Como o que ao Gange ás vezes esclarece.
18. "D'esse logar quem falle portentoso
Não diga Assiz, que pouco declarára:
Chame Oriente o berço glorioso".
19. "Do nascente este sol pouco distára,
Quando o conforto a receber a terra
Já das virtudes suas começára.

FRANCISCO DE ASSIS CONFRATERNIZANDO COM OS LEPROSOS

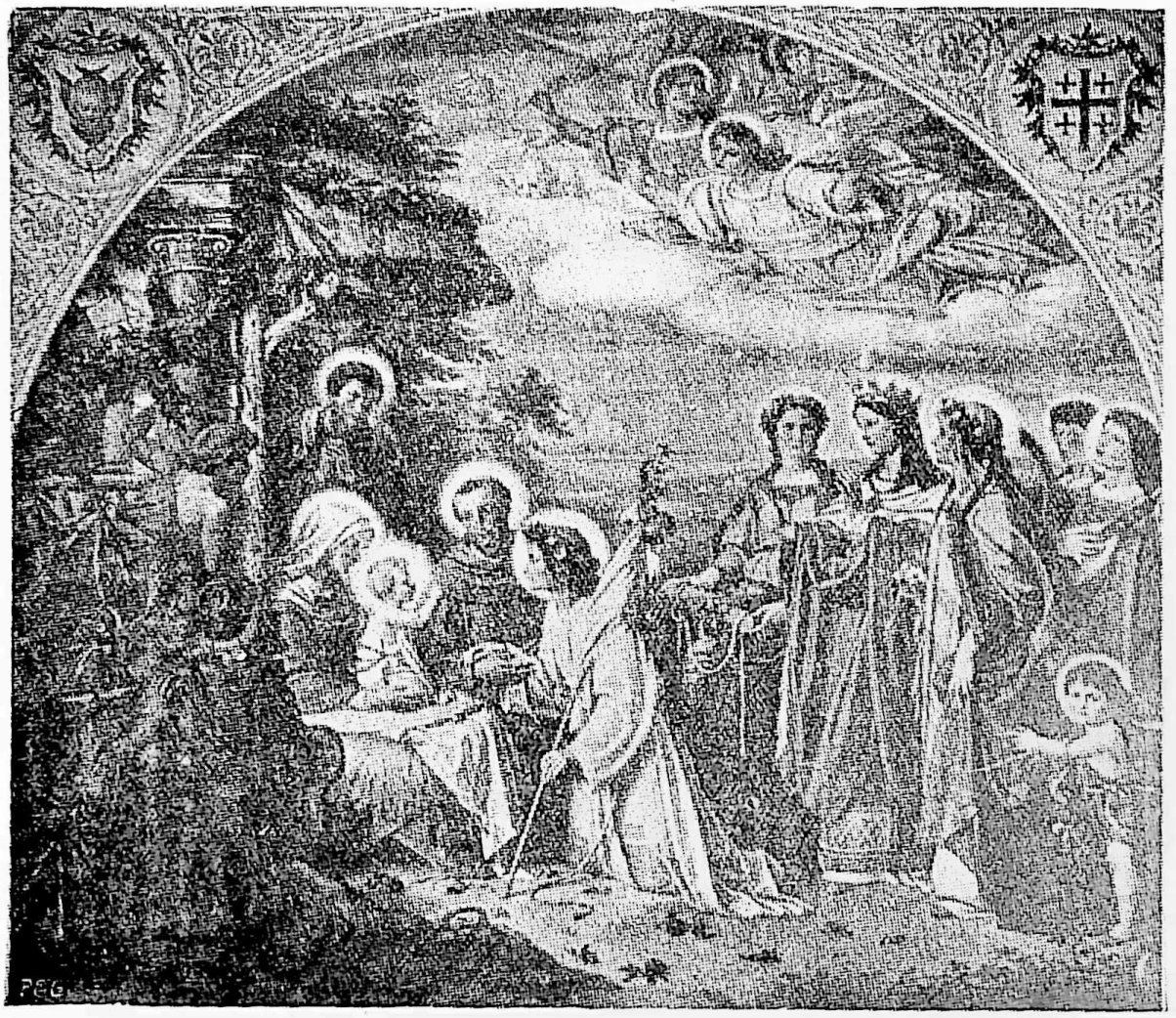
"Eis de que maneira Deus me deu, a mim irmão Francisco. começar a fazer penitencia: quando eu vivia no peccado, era-me muito penoso vêr leprosos; porém o proprio Deus conduziu-me ao meio delles, e ahi fiquei um pouco de tempo. Quando os deixei, o que me tinha parecido amargo tornou-se-me doce e facil".

Testamento de S. FRANCISCO DE ASSIS — Traducção do original por Paulo Sabatier. Vida de S. Francisco de Assis, p. 389.

Quadro de Eduardo de Sá — Photogravura da officina de Manoel Gaspar.

Chè per tal donna giovinetto in guerra
Del padre corse, a cui, com'alla morte.
La porta del piacer nessun disserra.
Ed innanzi alla sua spiritai corte,
Et coram patre le si fece unito;
Poscia di di in di l'amò più forte.
Questa, privata del primo marito,
Mille e cent'anni e più dispetta e scura
Fino a costui si stette senza invito;
Nè valse udir che la trovò sicura
Con Amiclate, al suon della sua voce,
Colui ch'a tutto il mondo fè paura;
Nè valse esser costante, ne feroce,
Si che, dove Maria rimase giuso,
Ella con Cristo salse in sulla croce.
Ma perch'io non proceda troppo chiuso
Francesco e Povertà per questi amanti
Prendi oramai nel mio parlar diffuso.
La lor concordia e i lor lieti sembianti,
Amore e maraviglia e dolce sguardo
Faceano esser cagion de pensier santi;

20. "Contra seu pai[16] adolescente em guerra
Entrou por dama, a quem bem como á morte,
Ninguem a porta com prazer descerra.
21. "Então da Igreja a recebeu na côrte,
E *coram patre,* por esposa amada
E amor votou-lhe cada vez mais forte.
22. "Vivera ella viuva e despezada
Seculos onze e mais, e de outro amante,
Senão deste, não fôra requestada.
23. "Em vão se disse que no lar, constante,
de Amyclas a encontrou esse guerreiro.
De quem tremera o mundo titubante
24. "Em vão fiel, de coração inteiro,
Quando Maria ao pé da Cruz ficára,
Com Christo ella subira-se ao madeiro.
25. "Para fazer minha linguagem clara,
Em summa, o nome sabe dos amantes:
Com Pobreza Francisco se casara.
26. "Dos dous santa união, ledos semblantes,
Seu terno olhar e affecto milagroso
Dão a todos lições edificantes.



A REGENERAÇÃO DE FRANCISCO DE ASSIS
Commans H. — OS ESPONSAES DE FRANCISCO DE ASSIS COM A POBREZA COLLEGIO DE SANT'ANTONIO EM ROMA
Reproduzido da "ICONOGRAFIA FRANCESCANA" de P. Vittorino Facchinetti O. F. M., p. 108, Milão, 1924.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *perante o pai que o desherda, renuncia á todos os bens, até ás vestes; o bispo o cobre.*
Fresco de Giotto em São Francisco em Assis. (Fot. Alinari).
(Reproduzido da *"Illustrazione Italiana"* — 1925-1926 — p. 43). San Francesco d'Assis — Nel VII Centenario della morte.

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926). Fotogravuras da officina Manoel Gaspar

SANTA CLARA

Fresco de Giotto na Capella Bardi de Santa Clara em Florença (*Fot. Alinari*).

Reproduzido da *Illustrazione Italiana*, — 1925 — 1926; p. 10
SAN FRANCESCO D'ASSISI — NEL VII CENTENARIO DELLA MORTE

Fotogravura da officina de Manoel Gaspar

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926), formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).

Tanto que a venerabile Bernardo
Si scalzò prima, e dietro a tanta pace
Corse, e correndo gli parv'esser tardo.
O ignota richezza, o ben verace!
Scalzasi Egidio, scalzasi Silvestro,
Dietro allo sposo; si la sposa piace.

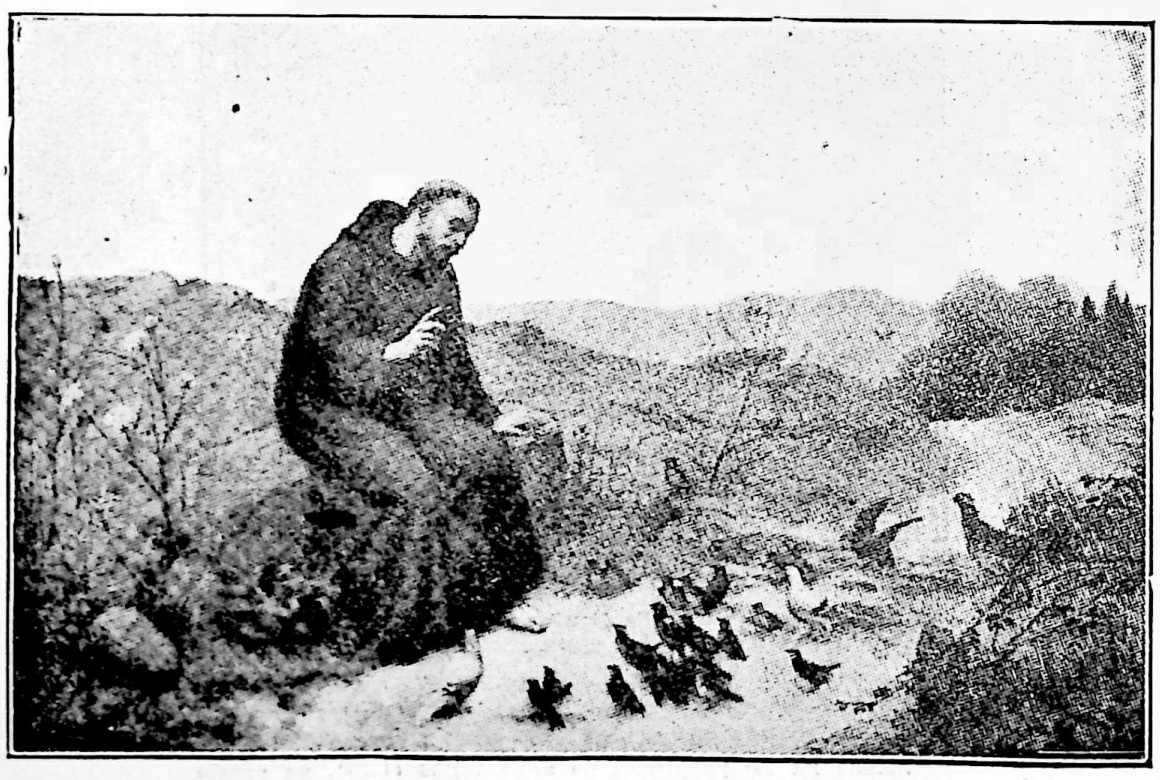
82

27. "Aquella paz anhela cubiçoso
Veneravel Bernardo que primeiro,
Descalço corre e crê ser vagaroso.
28. "Riqueza innota! O' Bem só verdadeiro!
Descalço vai Egidio, vai Sylvestre,
Porque amam-a, do esposo no carreiro.

Pinturicchio — A Virgem, São Francisco de Assis, e Santa Clara.
Roma, Igreja de São Cosimato.

(Reproduzida da "*Iconographia Francescana*" de P. Vittorino Facchinetti, O. F. M., p. 70 — Milão — 1924

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).



E. Azambre — São Francisco de Assis pregando aos passaros

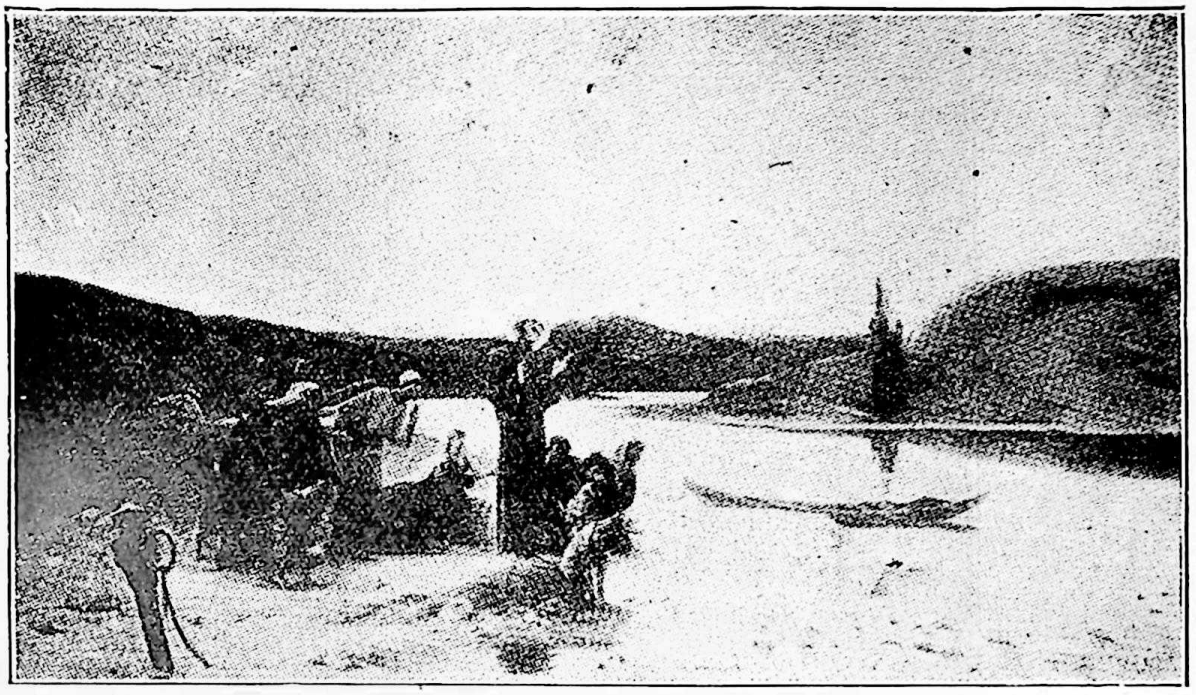
(Reproduzida da "*Iconografia Francescana*", de P. Vittorino Facchinetti, O. F. M. p. 114 — Milano — 1924

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).

Fotogravuras da officina de Manoel Gaspar.

Indi sen va quei padre e quel maestro
Con la sua donna e conquella famiglia
Che già legava l'umile capestro;

29. "D'alli se parte aquelle pai e mestre
Com terna esposa e com familia santa
Que de corda o burel cinge campestre.



Luc-Olivier Merson — São Francisco de Assis prega aos peixes— Museu de Nantes — (Fot. Modernes)
(Reproduzida da "*Iconografia Francescana*", de P. Vittorino Facchinetti, O. F. M. p. 117 — Milano — 1924

Nè gli gravò viltà di cuor le ciglia,
Per esser fi' di Pietro Bernardone,
Nè per parer dispetto a maraviglia.
Ma regalmente sua dura intenzione
Ad Innocenzio aperse e da lui ebbe
Primo sigillo a sua religione.
Poi che la gente poverella crebbe
Dietro a costui, la cui mirabil vita.
Meglio in gloria del ciel si canterebbe.

88

91

94

30. "Não baixa os olhos, nem se torna e espanta
Por filho ser de Bernardone obscuro,
Nem por soffrer desdem em copia tanta.

31. "Mas affeuto mostrou o intento duro
A Innocencio, de quem primeiro obteve
Assenso ao regimento austero e puro.

32. "E quando a pobre grei progresso teve,
Após aquelle, a cuja heroica vida.
Melhor no ceu louvor de anjos se deve,

Joseph Aubert — São Francisco prega ao Irmão Lobo
Reproduzido da "*Iconografia Francescana*", de P. Vittorino Facchinetti, O. F. M. p. 113 — Milano — 1924

Sahidas na 10ª publicação do anno 72/138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926). Photogravuras da officina de Manoel Gaspar

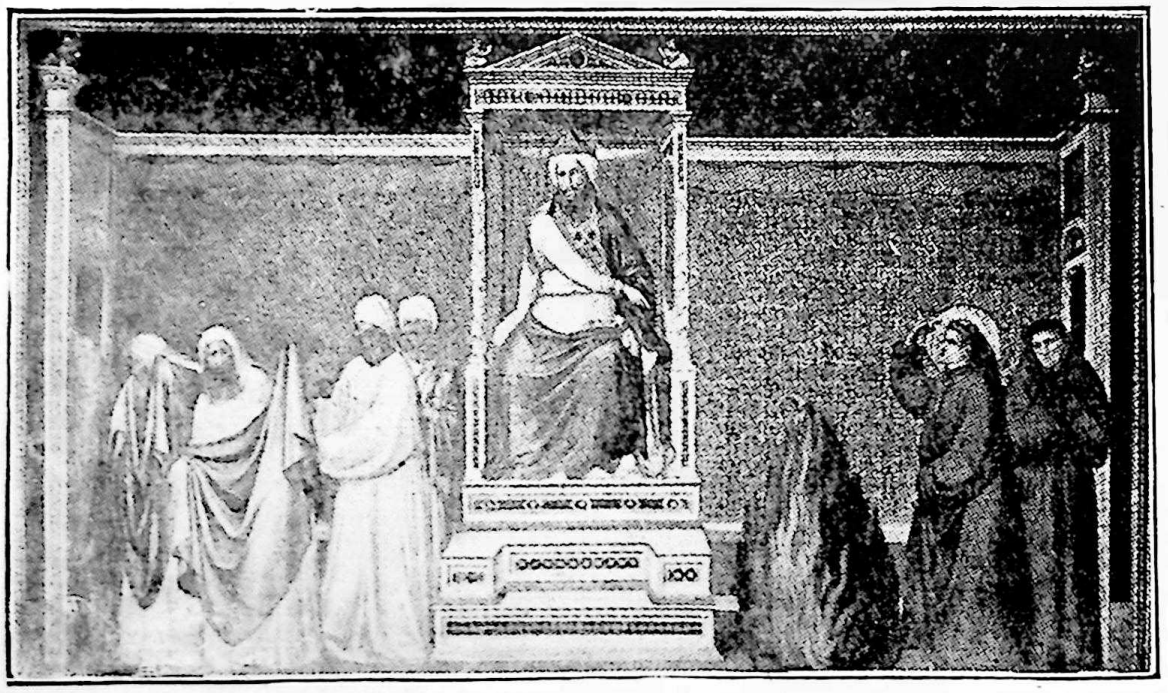
Di seconda corona redimita
Fu per Onorio dall' eterno spiro
La santa voglia d'esto archimandrita:

33. "Foi a c'rôa segunda concedida
Por Honorio, que o Santo Espirito alenta
D'aquelle, archimandrita a santa lida.

Encontro de São Francisco de Assis com São Domingos de Gusmão.
Detalhe de um fresco de Benozzo Gozzoli em São Francisco de Montefalco. (*Fot. Alinari*).
San Francesco d'Assisi — Nel VII Centenario della morte (Reproduzida da "*Illustrazione Italiana*" — 1925-1926, p. 17).
Fotogravura da officina Manoel Gaspar

E poi che, per la sete del martiro,
Nella presenza del Soldan superba
Predicò Cristo e gli altri che il seguiro,

34. "Em breve a sêde do martyrio o tenta,
E do soldão soberbo na presença
Christo annuncia e a lei que o representa.



São Francisco de Assis *perante o Sultão do Egypto* — Fresco de Giotto na Capella Bardi em Santa Cruz de Florença
San Francesco d'Assisi — Nel VII Centenario della morte (Reproduzido da "*Illustrazione Italiana*" — 1925-1926, p. 8)
Fotogravura da officina Manoel Gaspar

Sahidas na 10ª publicação doanno 72/138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda* edição da publicação *n.* 5 *do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).

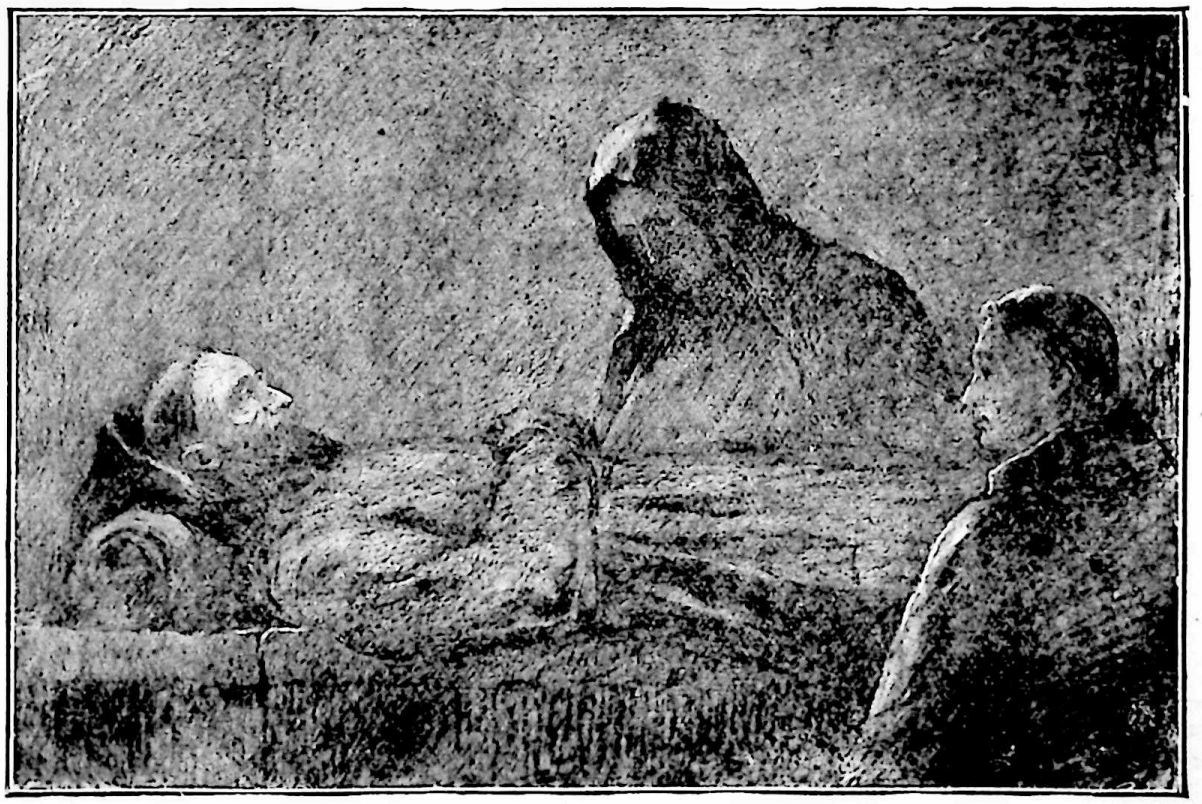
E per trovare a conversione acerba
Troppo la gente, per non stare indarno,
Reddissi al frutto dell'italica erba.
Nel crudo sasso, intra Tevere ed Arno,
Da Cristo prese l'ultimo sigillo,
Che le sue membra du'anni portarno.

35. "Vendo rebelde o povo á nova crença,
Por não ficar seu zelo sem proveito
Da Italia volta para a messe extensa.
36. "Na dura penha, que se interpõe ao leito
Do Tibre e do Arno, o derradeiro sello
Christo lhe poz: dois annos dura o effeito.

Giotto — São Francisco de Assis recebe os stigmatas — *Florença*. R. Galleria Antica e Moderna. (Fot. Alinari).
Reproduzido da "*Iconografia Francescana*", de P. Vittorino Facchinetti, O. F. M. p. 47 — Milano — 1924

Quando a colui ch'a tanto ben sortillo,
Piacque di trarlo suso alla mercede,
Ch'ei meritò nel suo farsi pusillo.

37. "Quando a Deus, que a bem tanto quiz movel-o.
O premio prouve dar-lhe merecido,
Na humildade christan por seu desvello,



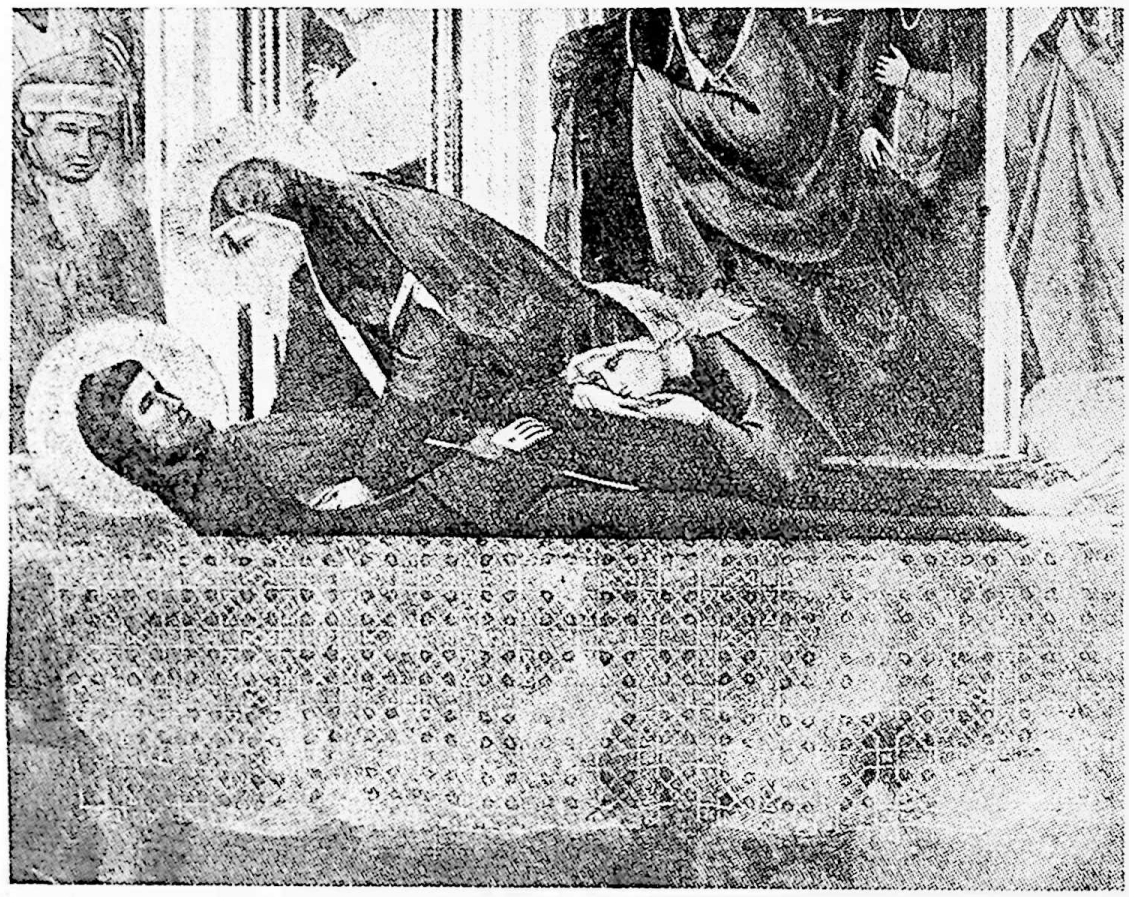
A despedida da *irmão* Jacquelina de Settesoli
Quadro de Eduardo de Sá — Fotogravuras da officina de Manoel Gaspar

Sahidas na 10ª publicação do anno 72/138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926), formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).

Ai frati suoi, si com'a giuste crede, 112
Raccomandó la sua donna piú cara,
E comandò che l'amassero a fede;
E del suo grembo l'anima preclara
Muover si volle, tornando al sua regno,
Ed al suo corpo non volle altra bara.
Pensa oramai qual fu colui, che degno
Collega fu a mantener la barca
Di Pietro in alto mar per dritto segno!
E questi fu il nostro patriarca;
Per che qual segue lui, com'ei comanda,
Discerner puoi che buona merce carca.

38. "Essa esposa, que amára estremecido
Aos irmãos confiou por justa herança,
Para affecto lhe terem sempre fido.
39. "Do seio da pobreza então se lança,
Tornando ao reino seu, a alma preclara:
Nesse jazigo o corpo seu descança.
Pensa, pois, o que foi quem Deus julgara
Di'no após elle, de reger a barca
De Pedro, no alto mar encaminhara,
Coube a tarefa ao nosso patriarca;
Quem, fiel, aos preceitos lhe obedece,
Sabes, thesouros arrecada na arca

.....



A despedida de Sª. Clara de S. Francisco de Assis morto
Quadro de Giotto, reproduzido da *"Illustrazione Italiana"*, 1925- 1926
San Francesco d'Assisi — Nel VII Centenario della morte
Photogravura da officina de Manoel Gaspar.

Dante — *Paradiso*. Canto trentesimo-secondo, vs. 28 a 36.

E come quinci il glorioso scanno
Della Donna del cielo, e gli altri scanni
Di sotto lui cotanta cerna fanno,
Cosi di contra quel del gran Giovanni
Che sempre santo il diserto e il martiro
Sofferse, e poi l'inferno da due anni;
E sotto lui cosi cerner sortiro
Francesco, Benedetto, e Agostino,
E gli altri sin quaggiù di giro in giro

Dante — *Paraizo*, Canto trigesimo segundo, vs. 28 a 36

Como de um lado a divizão se ostenta,
Da Virgem pelo throno demarcada
E pelos mais, que a vista reprezenta,
Assim do opposto a séde destinada
Ao que no ermo e martirio sempre ha sido
Santo, e em dois annos da infernal estada,
Logar, que, tem, por conta, ha precedido
Aos de Francisco, de Agostinho, Bento
E outros, de um degrau cada um descido.

Incorporação do Fetichismo ao Pozitivismo
annunciada espontaneamente pelo seguinte cantico
de S. Francisco de Assis

Á fraternidade universal
CANTICO DO SOL

TEXTE[1]

INCIPIUNT LAUDES CREATURARUM
QUAS FECIT BEATUS FRANCISCUS AD LAUDEM ET HONOREM DEI
CUM ESSET INFIRMUS AD SANCTUM DAMIANUM

Altissimu, omnipotente, bon signore,
tue so le laude la gloria e l'onore et onne benedictione
Ad te solo, altissimo, se konfano
et nullu homo ene dignu te mentovare.

Esboço de traducção

TEXTO[2]

COMEÇAM OS LOUVORES DAS CREATURAS
QUE FEZ O BEM-AVENTURADO FRANCISCO PARA LOUVOR E HONRA DE DEUS
QUANDO ESTAVA EM SÃO-DAMIÃO

Altissimo, omnipotente, bom senhor,
teus são o louvor, a gloria e a honra e toda benção.
A ti só, altissimo, são devidos
e nenhum homem é digno de te nomear.

(1) D'après le manuscrit 338 d'Assise f° 33 a V. p. XXXVIII. Il a été déjà publié d'après ce manucrit par le P. Panfilo da Ma-

2 Segundo o manuscripto 388 de Assis f° 33ª v., p. XXVIII. Elle já foi publicado segundo esse manuscripto pelo P. Panfilo.

Laudato sie, mi signore, cum tucte le tue creature
spetialmente messor lo frate sole,
lo quale jorna, et illumini per lui;
E ellu é bellu e radiante cum grande splendore;
de te, altissimo, porta significatione.
Laudato si, mi signore, per sora luna e le stelle
in celu l'ài formate clarite et pretiose et belle.
Laudato si, mi signore, per frate vento
et per aere et nubilo et sereno et onne tempo,
per le quale a le tue creature dai sustentamento.
Laudato si, mi signore, per sor acqua,
La quale é multo utile et humile et preciosa, et casta.
Laudato si mi signore, per frate focu,
per lo quale enallumini la nocte,
ed ello è bello et jucundo et robustoso et forte.
Laudato si, mi signore, per sora nostra matre terra
la quale ne sustenta et governa
et produce diversi fruci con coloriti flori et herba.
Laudate et benedicete mi signore et rengratiate
et serviteli cum grande humilitate.

(*Ibidem*, pags. 349 a 350).

Louvado sejas meu senhor, com todas as tuas creaturas
especialmente monsenhor o irmão sol,
o qual dá o dia, e illumina por elle;
E elle é bello e radiante com grande esplendor;
de ti, altissimo, traz significação.
Louvado sejas, meu senhor, pela irmã lua e as estrellas
no céo as formaste claras e preciozas e bellas.
Louvado sejas, meu senhor, pelo irmão vento
e pelo ar e nuvens e sereno e em todo o tempo,
pelos quaes ás tuas creaturas dás sustento.
Louvado sejas, meu senhor, pela irmã agua,
a qual é muito util e humilde e preciosa e casta.
Louvado sejas, meu senhor, pelo irmão fogo,
pelo qual illuminas a noite.
e elle é bello e jocundo e robusto e forte.
Louvado sejas, meu senhor, pea irmã nossa mãe terra
a qual nos sustenta e governa
e produz diversos fructos com coloridas flôres e herva
Louvai e berdizei o meu senhor e dai-lhe graças
e o servi com grande humildade.

S. Francisco de Assis, em extase, institue o Cantico do Sol
Quadro de Eduardo de Sá — Photogravura da officina de Manoel Gaspar.
Outomno de 1924 — Outomno de 1925

.....

"Um dia, elle (S. Francisco de Assis) se tinha sentado á mesa do mosteiro depois de uma longa conversa com Clara. Tinha se começado apenas a comer, quando de repente elle parece arroubado em extase.

Laudato sia lo signore! exclamou elle voltando a si. Elle acabava de compor o Cantico do Sol.

(Vida de S. Francisco de Assis, por Paul Sabatier; 36ª edição, pag. 348.)

S. Francisco de Assis — 1182 a 3 de Outubro de 1226.

As duas ultimas estrophes do Cantico do Sol

Penultima estrophe — Graças pelos que perdoam

...O bispo de Assis, o irritavel Guido, sempre em guerra com alguem, estava dessa vez em luta com o podestá da cidade; não era preciso mais para lançar uma profunda perturbação na vida de uma pequena cidade. Guido tinha excommungado o podestá, e este tinha feito proclamar a prohibição de vender ou comprar cousa alguma aos ecclesiasticos nem fazer com elles contracto algum.

.....

A guerra em Assis era o desmoronamento definitivo do sonho de São Francisco de Assis, a voz dos acontecimentos bradava-lhe brutalmente: "Perdeste a tua vida!"

Esta lia do calice foi-lhe poupada graças a uma inspiração onde resplende de novo a fantasia do seu caracter. Ao Cantico do Sol elle ajuntou uma nova estrofe:

---

gliano: *Storia compendiosa di San Francesco.* Rome 2 vol. in-18, 1874-1876. Les Conformités 202 b 2-203 a 1 en donnent une leçon qui ne s'écarte de celle-ci que par des variantes insignifiantes. Le savant philologue Monaci en a établi un texte critique fort remarquable, dans sa *Crestomazia italiana dei primi secoli.* Citta di Castello, fascicule I, 1889, in-8, ps. 29-31. Ce travail tout à fait scrupuleux me dispense d'indiquer plus au long les manuscrits ou les éditions.

---

de Mogliano: *Storia compendiosa di San-Francesco.* Roma 2 vo-. in-18, 1874 — 18776. As conformidades 202 b 2-203 a 1 dão uma lição que não se afasta desta senão por variantes insignificantes. O scientista philologo Monaci estabeleceu um texto critico muito notavel, na sua *Crestomazia italiana dei primi secoli.* Città di Castello fascicule I, 1889, in-8°, pags. 29-31. Esse trabalho inteiramente escrupuloso me dispensa de indicar mais ao longo os manuscriptos ou edições. (*Nota de Paulo Sabatier*).

Laudato si, mi signore, per quilli ke perdonano per lo tuo amore
et sostengc infirmitate et tribulatione.
beati quilli ke sosterrano in pace,
ka da te, altissimo, sirano incoronati.
São Francisco de Assis — *Cantico do Sól*.

Louvado sejas, meu senhor, por aquelles que perdôam pelo teu amor
e sustentam enfermidade e tribulação;
felizes aquelles que perseverarem em paz,
pois por ti, altissimo, serão coroados.

Depois, chamando um irmão, encarregou-o de pedir ao governador que viesse ao largo do adro fronteiro ao bispado com todos os notaveis que se pudessem reunir. Esse magistrado, ao qual a legenda dá um bello papel em todo esse negocio, conformou-se logo com o desejo do Santo.

Quando elle chegou e que o bispo sahiu do seu palacio, dous irmãos adiantaram-se e disseram: "Irmão Francisco fez em louvor de Deus um cantico que elle pede-vos que escuteis piedosamente", e se puzeram logo a cantar o hymno de irmão Sol com a sua nova estrophe.

O governador escutou de pé na attitude mais recolhida, chorando calorosamente, porque amava muito o bemaventurado Francisco.

A penultima estrophe do Cantico do Sol — Graças pelos que perdoam
Quadro de Eduardo de Sá — Photogravura da officina de Manoel Gaspar

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção inedi-torial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).

Quando acabaram o cantico: "Sabei em verdade,, disse-lhes, que quero perdoar ao Senhor Bispo, que quero e devo considerar como meu Senhor, pois que, mesmo que tivessem assassinado meu irmão, eu estaria prompto a perdoar o assassino." Depois destas palavras, lançou-se aos pés do bispo e disse-lhe: "Eis-me prompto para tudo que quizerdes por amor de nosso Senhor Jesus Christo e do seu servo Francisco".

Então o bispo tomando-lhe a mão levantou-se e disse-lhe: "Com a minha qualidade, conviria que eu fosse humilde, porém, pois que sou naturalmente demasiado prompto á colera, é preciso que me perdôes."

Essa reconciliação inesperada foi logo considerada como miraculoza e augmentou ainda o culto dos Assissiatas pelo seu concidadão.

(*Vida de* São Francisco de Assis, por Paul Sabatier — Trigesima sexta edição, ps. 377 a 379).

A ultima estrophe do Cantico do Sol — Graças pela morte corporea.

.....

Nos dias seguintes, com grande espanto dos que o cercavam, elle (São Francisco de Assis) teve de novo uma melhora: ninguem podia comprehender a resistencia que oppunha á morte aquelle corpo havia tanto tempo alquebrado pelo soffrimento.

Elle mesmo retomava, alguma esperança. Um medico de Arezzo que elle conhecia muito, tendo vindo visital-o; "Bom amigo, disse-lhe elle, quanto pensas que tenho ainda de viver?"

"— Meu pai, respondeu o seu interlocutor para tranquillizal-o, tudo isso passará, si aprover a Deus".

"— Não sou um cuco (1), replicou Francisco sorrindo e empregando uma expressão popular, para ter medo da morte. Pela graça do Esirito Santo, estou tão intimamente unido a Deus que estou igualmente contente de viver ou de morrer".

"— Neste caso, meu pai, no ponto de vista medico, teu mal é incuravel, e não creio que possas ir muito mais longe que os primeiros dias do outomno".

(1) *Non sum cuculus*, en italien cuculo — Nota de Paul Sabatier. (Vida de São Francisco de Assis, por Paul Sabatier. Trigesima sexta edição, ps. 380 a 381).

A essas palavras, o pobre doente estendeu as mãos como para chamar Deus e exclamou com indizivel expressão de alegria: "Irmã Morte, sejas bemvinda!"

Depois poz-se a cantar e mandou chamar os irmãos Angelo e Leão.

Quando chegaram, tiveram de entoar, apezar da emoção de ambos, o *Cantico do Sol*. Estavam na doxologia final quando Francisco detendo-os improvizou a saudação á morte:

Laudato si ,mi signore, per sora nostra morte corporale
de la quale nullo homo vivente po skappare,
guai a quilli ke morrano ne le peccata mortali;
beati quili ke se trovarà ne le tue sanctissime voluntati
ka la morte secunda nol farrà male.

Louvado sejas, meu senhor, pela irmã nosa morte corporea
da qual nenhum homem vivente póde escapar;
desgraça aos que morrem em peccado mortal;
felizes os que se acharem em tua santissima vontade,
pois a morte segunda não lhes fará mal.

Ultima estrophe — Estrophe de graças pela Morte corporea
Quadro de Eduardo de Sá — Photogravura da officina de Manoel Gaspar

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).

O TESTAMENTO DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).

Traduzido do livro VIE DE S. FRANÇOIS D'ASSISE, por Paul Sabatier — ps. 389 a 393 — Trigesima sexta edição —

"TESTAMENTO (Traducção literal (1)"

Eis de que maneira Deus deu-me, a mim irmão Francisco, começar a fazer penitencia; quando eu vivia no peccado, era-me muito penoso vêr leprosos; porém Deus mesmo conduziu-me ao meio delles, e ahi fiquei um pouco de tempo (2). Quando os deixei, o que me tinha parecido amargo tornou-se-me doce e facil.

Pouco tempo depois, deixei o mundo, e Deus deu-me uma tal fé nas suas igrejas que eu me ajoelhava com simplicidade e dizia: "Nós vos adoramos, Senhor Jesus Christo, aqui e em todas as vossas igrejas que estão por todo mundo, e vos abençoamos porque, pela vossa santa cruz, resgataste o mundo".

Demais, o Senhor deu-me e dá-me uma tão grande fé nos padres que vivem segundo a fórma da santa Igreja romana, por causa do caracter sacerdotal delles, que mesmo se elles me perseguissem, quero recorrer a elles. E quando mesmo tivesse toda a sabedoria de Salomão, quando eu achar pobres padres seculares, não quero pregar nas suas parochias senão com o seu assentimento. Quero respeital-os, elles como todos os outros, amal-os e honral-os como meus senhores. Não quero considerar seus peccados, pois nelles vejo o Filho de Deus, e elles são meus senhores. Faço isso porque nada vejo, nada percebo aqui em baixo corporalmente do altissimo Filho de Deus, senão o seu santissimo corpo e o seu sangue que elles recebem e que só elles distribuem aos outros. Quero honrar e venerar acima de tudo esses santissimos mistéres, e guardal-os preciosamente. Em toda parte em que eu achar os nomes sagrados de Jesus ou suas palavras em lugares indecentes, quero tiral-os dahi, e peço que os tirem, para colocal-os em algum lugar honesto. Devemos honrar e venerar todos os theologos e os que prégão a santissima palavra de Deus, como nos dispensando o espirito e a vida.

Quando o Senhor deu-me irmãos, ninguem mostrava-me o que eu devia fazer, porém o Altissimo mesmo revelou-me que eu devia viver segundo o modelo do santo Evangelho. Fiz escrever uma curta e simples formula, e o senhor papa me a confirmou.

Os que se apresentavam para abraçar esse genero de vida distribuiam aos pobres tudo que podiam ter. Contentavam-se com uma tunica remendada por dentro e por fóra com a corda e as bragas, e nada mais queriamos.

Os clerigos diziam o officio como os outros clerigos, e os leigos: *Pater noster*.

Gostavamos de ficar nas igrejas pobres e abandonadas, e eramos ignorantes e submissos a todos. Eu trabalhava com as minhas mãos e quero continuar, e quero tambem que todos os outros irmãos trabalhem em algum officio honoravel. Que os que o não teem, aprendam um não com o fim de receber o preço do seu trabalho, porém para o bom exemplo e para evitar a ociosidade. E quando se não nos dá o preço do trabalho, recorramos á mesa do Senhor pedindo esmola de porta em porta. O Senhor, me revelou a saudação que devemos fazer: "*Deus vos dê a paz*".

Que os Irmãos tenham grande cuidado de não receber as Igrejas, as habitações, e tudo o que se constroe para elles senão si tudo fôr como convem, á santa pobresa de que fizemos voto na Regra, e que elles não recebam a hospitalidade sinão como extrangeiros e viajantes.

Interdigo absolutamente, por obediencia, a todos os irmãos, seja qual fôr o lugar em que se acharem, de pedirem bulla alguma a côrte de Roma, quer directamente, quer indirectamente, sob pretexto de Igreja, de convento, ou sob pretexto de predicas, nem mesmo para sua protecção pessoal. Se não forem recebidos em alguma parte, que vão alhures para fazer penitencia com a benção de Deus.

Quero obedecer ao ministro geral desta fraternidade, e ao guarda que lhe aprouver dar-me. Quero pôr-me inteiramente entre suas mãos, não ir á parte alguma e nada fazer contra a sua vontade, pois que elle é meu senhor.

Comquanto eu seja simples e doente quero todavia, sempre ter um clerigo que me faça o officio, como está dito na Regra; que todos os outros irmãos sejam tambem obrigados a obedecer aos seus guardas e fazer o officio segundo a Regra. Si viesse a haver alguns que não fizessem o officio segundo a Regra e que quizessem fazer qualquer outra mudança, ou si não fossem ca-

(1) Explicação de Paul Sabatier — R. T. M.

(2) *Feci moram cum illis*, Man. 338. A maioria dos textos impressos dão *misericordiam* que apresenta um sentido menos satisfactorio. Cf. Miscelanea t. III (1388) d. 70; 1 Cel. 172 1 Soc. 11 — Nota de Paul Sabatier.

tholicos, que todos os irmãos, em toda parte onde se acharem, sejam obrigados por obediencia a apresental-os ao custodio mais visinho.

Que os custodios sejam obrigados por obediencia a pol-os em bôa guarda como um homem que está em ferros noite e dia de modo que não possa escapar-lhe ás mãos, até que o entreguem pessoalmente nas mãos do ministro. E que o ministro seja obrigado por obediencia a envial-o por irmãos que o guardarão noite e dia como prisioneiro, até que elles o tenhão entregue ao senhor bispo de Ostia que é o senhor, o protector e o corretor de toda a Fraternidade (1).

E que os irmãos não digam: isto é uma nova Regra; porque isto é uma lembrança, um aviso, uma exhortação, é o meu testamento, que eu pequeno irmão Francisco, faço para vós, meus irmãos abençoados, afim de que observemos mais catholicamente a Regra que promettemos ao Senhor guardar.

Que o ministro geral, todos os outros ministros e os custodios sejam obrigados por obediencia a não ajuntar nada nem tirar nada a estas palavras. Que tenham sempre este escripto comsigo, ao lado da Regra, e que em todos os capitulos que se reunirem, lendo a Regra, leiam-se tambem estas palavras.

Interdigo absolutamente por obediencia a todos os irmãos, clerigos ou leigos, introduzirem glosas na Regra, ou neste testamento, sob pretexto de o explicar. Porém pois que o Senhor deu-me dizer e escrever a Regra e estas palavras de uma maneira clara e simples, comprendei-as do mesmo modo, de uma maneira clara e simples, sem commentario, e ponde-as em pratica até o fim.

E que quem quer que tiver observado essas cousas seja cheio no céo das bençãos do Pai celeste, e na terra dos do seu Filho bem-amado e do Espirito-Santo consolador com a assistencia de todas as virtudes celestes e de todos os santos.

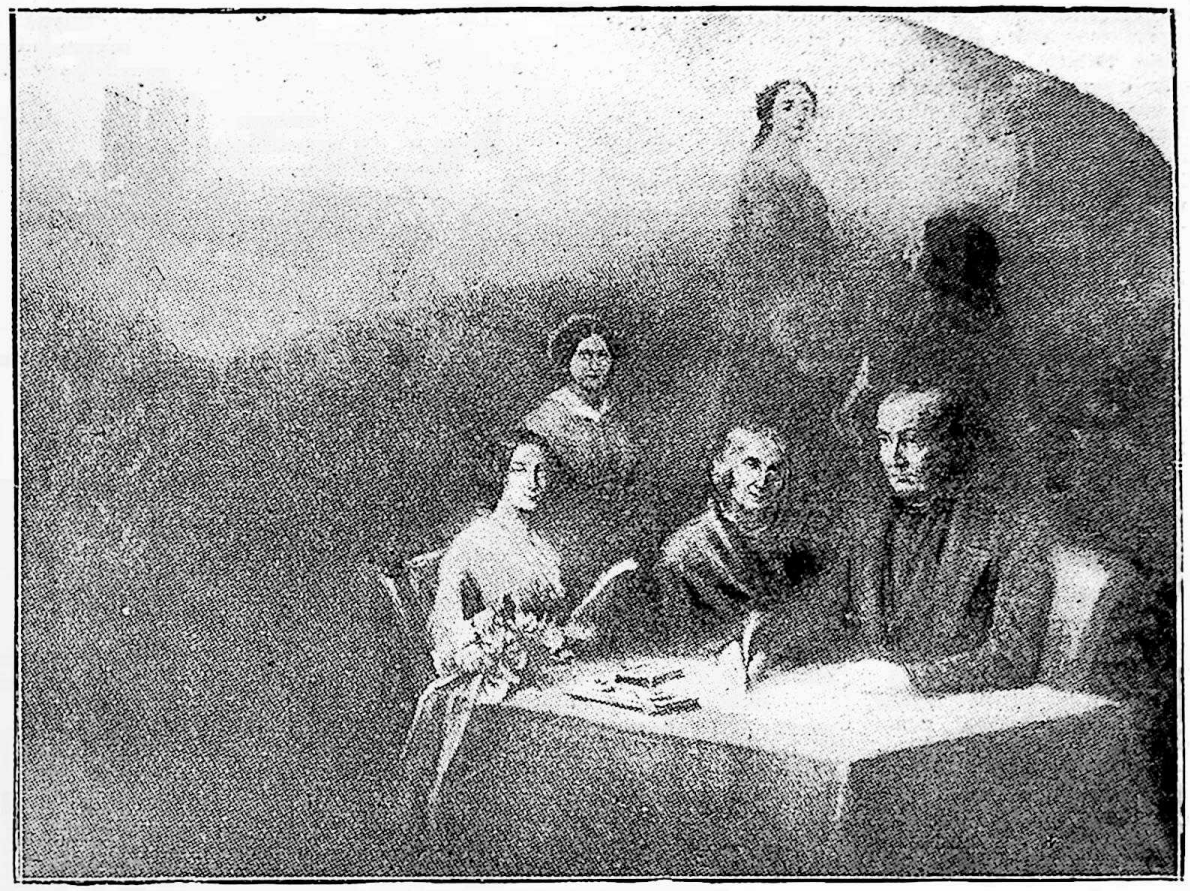
E eu pequeno irmão Francisco, vosso servo, vos confirmo tanto quanto posso essa santissima benção. Amen.

(1) Vê-se que não se trata aqui senão da herezia. Os irmãos que estivessem contaminados deviam ser entregues á Igreja. Nota de Paul Sabatier.

A Glorificação de São Francisco de Assis

Quadro de Eduardo de Sá — Photogravura da officina de Manoel Gaspar

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).



A FESTA INAUGURAL DA REDEMPÇÃO

BEATRIZ e CLOTILDE! A vós graças infindas!
Que unistes DANTE a COMTE em vossas almas lindas!

Quadro de Decio Villares — Photogravura da officina de Manuel Gaspar

Algumas apreciações de AUGUSTO COMTE
sobre
SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao positivismo *com melhoramentos radicaes*, tudo o que o systema catholico da Idade Media pôde realizar, ou mesmo esboçar, de grande ou de terno. (*Testamento*. Correspondencia Carta a CLOTILDE, de 5 de Agosto de 1845, pag. 236.)

Aos olhos do sacerdocio da Humanidade todos os homens são, sobretudo hoje, positivistas espontaneos, em diversos gráos de evolução, que não carecem nunca senão de ser completados. (*Politica Positiva* IV, pagina 377).

Os positivistas e os catholicos pódem já concertar-se dignamente, afim de obrigar, em nome da razão e da moral, todos os que crêm em Deus a voltarem a ser catholicos, todos os que não crêm a se tornarem positivistas, o seculo da construcção não devendo comportar luta senão entre doutrinas verdadeiramente organicas, eliminando todos os puros criticos, como tão atrazados quanto perturbadores. (*Cartas a diversos*, I, 2ª parte, pag. 261, Carta a A. Sabatier, de 8 de Shakespeare de 68 — 17 de Setembro de 1856).

... Desde o duodecimo seculo, a Virgem obtem, sobretudo, na Hespanha e na Italia, um ascendente crescente, contra o qual o sacerdocio muitas vezes reclamou, em vão, e que elle foi forçado a sanccionar, para conservar a sua propria popularidade. Ora essa suave creação esthetica não póde attrahir uma adoração directa e privilegiada sem alterar radicalmente o culto onde surgio. Ella é apropriada a servir de intermediario entre o regimen moral dos nossos antepassados e o dos nossos decendentes, transformando-se pouco a pouco em personificação da Humanidade. Porém essa feliz transição não poderia emanar do sacerdocio official, mesmo italiano ou hespanhol. Ella achará mais puros orgãos na inetrvenção feminina que deve propagar o positivismo entre os nossos irmãos do Sul.

(AUGUSTO COMTE — SYSTEMA DA POLITICA POSITIVA — Tomo I, *Discurso preliminar sobre conjunto do Positivismo;* Conclusão geral, pags. 355 a 356. (Citação desta edição).

...No decimo-segundo seculo, o incomparavel S. BERNARDO veiu fornecer, a todos os respeitos, *o melhor typo do Catholicismo Completo*, sobretudo na sua digna victoria sobre um perigoso sophista (Abelardo), honrado com um amor immerecido (HELOISA). O seculo final (da Idade-Média, o decimo-terceiro) foi nobremente inaugurado pelo grande S. Francisco (d'Assis); que tentou em vão a *unica reforma* que comportasse o catholicismo, substituindo um clero necessariamente pobre ao sacerdocio deploravelmente enriquecido.

Para apreciar completamente essa digna regeneração, cujo mallogro espontaneo manifestou a fatalidade que arruinou em breve o systema catholico, cumpre encarar a sua reação sobre o culto, e mesmo o dogma. Embora directamente limitada ao regimen, ella se ligou, desde a origem, á tendencia do seculo dos cruzadas (décimo-segundo) para a preponderancia da Virgem, que, a partir do duplo surto da influencia feminina e dos costumes cavalheirescos, representava melhor que Deus o unico objecto final dos votos occidentaes, a Humanidade. S. Bernardo tinha profundamente sanccionado essa aspiração decisiva, esforçando-se por systematizal-a, mediante uma criteriosa depuração do caracter mystico que compromettia a sua efficacia social (1). No decimo terceiro seculo, uma tentativa mais radical, preparada pelo piedoso utopista que Dante installou no seu paraiso como dotado de espirito prophetico (2) realizou-se sob o digno predecessor de S. Boaventura no governo dos franciscanos (3). Seu livro hoje menosprezado, porém então orgão das melhores aspirações, esforçou-se por fazer nobremente prevalecer a terceira pessoa da trindade, para inaugurar o reinado do coração, afastando uma lei provisoria que representava o ascendente do espirito.

Essa suave creação da Virgem, unico resultado verdadeiramente poetico do catholicismo, tornou-se um producto collectivo do genio occidental, como se reconhece comparando-o com o typo bysantino, apezar da identidade de suas fontes dogmaticas. A sua elaboração gradualmente preparada desde o inicio da transição affectiva (quinto seculo da era catholica), pertence sobretudo á terceira phase (seculos undecimo, decimo

---

(1) Veja-se a *Carta de S. Bernardo aos Conegos de Lyon*, refutando a crença da *Immaculada Conceição de Maria Santissima*, e opinando que se appellasse para a Igreja Romana, a cuja decisão declara, de entemão, submetter-se.

(2)... e lucemi, da lato.
Il Calavrese abate Giovacchino,
Di spirito profetico dotato.
DANTE, *Paradiso*, Canto XII, vs. 139, a 141.

(3) João de Parma.

segundo e decimo terceiro), sob o impulso da cavallaria, que teve de procurar no céo a *dama commum dos corações desoccupados*. Fazendo habitualmente prevalecer tal adoração, tendia-se a reparar o vicio fundamental resultante da omnipotencia do motor supremo (Deus), assim substituido por uma influencia directamente impotente e puramente mediatriz (a Virgem), que não devia livremente desenvolver senão o amor. Esta santa idealização do typo feminino tornou-se mais apta do que a natureza divina para preparar a concepção final da Humanidade, conquanto ella não podesse representar assaz a intelligencia e sobretudo a actividade, que devem ceder ao sentimento a personificação do Grão-Ser. Por isso, apezar do mallogro necessario da reforma do decimo terceiro seculo, esse culto, precursor espontaneo da sociolatria, cresceu sempre, através da anarchia moderna, entre os Occidentaes que mantiveram melhor a continuidade moral e social. — AUGUSTO COMTE — *Systema de Politica Positiva*, t. III, pags. 485 a 486.

No *Calendario Historico* positivista, S. FRANCISCO DE ASSIS acha-se glorificado, no sabbado da terceira semana, do setimo mez, consagrado á commemoração da civilização feudal, representada por CARLOS MAGNO, o fundador da Republica Occidental. Essa semana é presidida pelo Papa Innocencio III.

E, no *Calendario Abstracto*, S. FRANCISCO DE ASSIS é celebrado no decimo terceiro e ultimo mez, votado ao Proletariado. A festa de S. FRANCISCO DE ASSIS é no jovedia (quinta-feira) da ultima semana, consagrada á commemoração social da mendicidade. A este proposito, diz AUGUSTO COMTE:

"... Deve-se mesmo considerar essa celebração como esboçada já pela admiravel idealização que domina uma das numerosas obras primas do principal genio poetico peculiar ao seculo excepcional (decimo nono seculo, — Walter Scott; allusão ao typo de Ochiltree no seu romance *O Antiquario*).

"Além desse annuncio espontaneo, *tanto mais decisivo quanto surgio através do egoismo industrial e protestante*, o passado fornece, a tal respeito, um typo directo e collectivo, *pela eminente instituição das ordens mendicantes*. O seu admiravel fundador (S. FRANCISCO DE ASSIS) deve, pois, ser especialmente glorificado no jovedia (quinta-feira) que precede a *celebração abstracta do proletariado passivo* (os mendigos), dos quaes se tornará o eterno padroeiro, caracterizando *sob o modo peculiar ao decimo terceiro seculo, a acção social de tal complemento*. Historicamente considerada, essa festa permitte, aliás, apreciar dignamente a *unica tentativa plenamente honoravel*, embora necessariamente insufficiente, para impedir a irrevogavel decadencia do catholicismo.

AUGUSTO COMTE — *Systema de Politica Positiva*, tomo IV, p. 153, — Os parentheses e griphos são desta traducção.

Sobre os estigmatas de S. FRANCISCO DE ASSIS

... As vossas recentes questões indicam uma confusão especial, na qual influencias exteriores essencialmente chimericas tornam-se a fonte de phenomenos incontestaveis, conquanto por vezes exagerados e mal apreciados, devido á reacção continua do cerebro sobre o corpo. Eu estou, por exemplo, tão disposto como os Italianos a acreditar nos estigmatas excepcionaes que precederam a morte do incomparavel reformador do XIII seculo (S. FRANCISCO DE ASSIS), mas vendo nisso um simples resultado dessa reacção em um organismo eminentemente impressionavel, sem impulso algum misterioso do exterior. Sob esses aspectos, como sob os precedentes, aconselho-vos que espereis os esclarecimentos e desenvolvimentos naturalmente peculiares ao segundo volume da SYNTHESE SUBJECTIVA, que será construido no anno proximo, para apparecer em Outubro de 1858. (AUGUSTO COMTE. Cartas a Alfredo Sabatier. Carta de 6 de Carlos Magno de 69 — 23 de Junho de 1857) — *Revista Occidental* de 9 de Carlos Magno de 98 — 1º de Julho de 1886). (O parenthesis é desta traducção).

O baixo-relevo que, no monumento a Benjamin Constant, celebra o *estabelecimento da Separação da Igreja e do Estado*, glorifica S. FRANCISCO DE ASSIS pelo seu esforço regenerador, em pról do eterno ascendente do *Amor universal*.

Terminaremos publicando a seguinte representação que dirigimos hoje ao Congresso Nacional. Haviamos, para isso, recorrido ao Dr. Domingos Mascarenhas, Deputado Federal pelo Estado do Rio Grande do Sul,que teve a civica bondade de attender ao nosso appello, e ia levar a referida representação á Camara de que faz parte. Esse proposito não pôde, porém, ser realizado; porque a falta de comparecimento de Deputados impedio que houvesse sessão hoje.

Cidadãos Membros do Congresso Nacional.

No exercicio de uma faculdade inherente ao regimen republicano e expressamente reconhecida pela Constituição Federal, venho dirigir-vos o presente appello para que seja decretado dia de festa nacional, este anno, a proxima segunda-feira, 4 de Outubro de 1926, em que, de accôrdo com as suas inestimaveis tradições catholicas, o povo brasileiro celebra o setimo centenario subjectivo do grande S. Francisco de Assis.

Este appello é motivado por se terem pronunciado contra, considerando inconstitucional o projecto neste sentido, varios membros da Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados.

Para dissipar semelhante objecção, consenti que vos recordemos as seguintes reflexões:

O regimen republicano foi legalmente inaugurado no Brasil a 15 de Novembro de 1889. A Constituição Federal de 24 de Fevereiro de 1891 apenas redigio as disposições legislativas habituaes, prescriptas pelo regimen republicano já anteriormente estabelecido. No art. 78 da Constituição Federal está explicitamente reconhecida essa subordinação das disposições constitucionaes ao regimen republicano.

Ora, o regimen republicano foi inaugurado pela Crise Occidental vulgarmente denominada *Revolução Franceza*, com a tomada da Bastilha a 14 de Julho de 1789.

E, segundo se vê do *projecto inicial*, apresentado ao Governo Provisorio pelo cidadão Demetrio Ribeiro, Ministro da Agricultura, por intermedio de Benjamin Constant, na sessão de 9 de Dezembro de 1889, para o decreto da *separação da Igreja e do Estado* no Brasil; projecto que Benjamin Constant declarou fazer seu; tal separação baseou-se nos seguintes considerandos:

"O Governo provisorio dos Estados Unidos do Brasil considerando que a politica republicana baseia-se na mais completa liberdade espiritual;

"Que os privilegios concedidos pelo poder civil aos adeptos de qualquer doutrina só têm servido para difficultar o natural advento das opiniões legitimas, que precedem a regeneração dos costumes;

"que as doutrinas destinadas a prevalecer não carecem do apoio temporal, como a historia o demonstra;

"que nas reformas politicas deve ser respeitada a situação dos funccionarios;

Decreta:

.. .. ..

Esses considerandos demonstram que a separação da Igreja do Estado foi decretada para estabelecer a completa separação politica entre o Poder temporal e o Poder espiritual, mediante a garantia da mais completa liberdade espiritual.

Foi isso que definio o art. 72 nos paragraphos 3º, 28º e 29º da Constituição Federal.

Porém, essa separação entre o Poder temporal e o Poder espiritual não veda ao Poder temporal o reconhecimento dos serviços sociaes prestados quaesquer que sejam as opiniões politicas e religiosas dos orgãos de taes serviços. Pelo contrario, o Governo Provisorio, no decreto n. 155 B, de 14 de Janeiro de 1890, que instituiu as *festas nacionaes* da Republica, baseou-se nos seguintes considerandos:

"que o regimen republicano baseia-se no profundo sentimento da fraternidade universal; que esse sentimento não se póde desenvolver convenientemente sem um systema de festas publicas destinadas a commemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações humanas; que cada patria deve instituir taes festas segundo os laços especiaes que prendem os seus destinos aos destinos de todos os povos;

"Decreta:

"São considerados dias de festa nacional:

"1º de Janeiro, consagrado á commemoração da fraternidade universal;

. .....

"2 de Novembro, consagrado á commemoração geral dos mortos.

.. .."

Como se vê, nosso decreto ,a festa dos Mortos é mantida no dia 2 de Novembro, segundo as tradições catholicas, especialmente do povo brasileiro.

Resumindo o regimen republicano na realização da fraternidade universal esses antecedentes demonstram que o regimen republicano se propõe a estabelecer a *incorporação do Proletariado na sociedade moderna*.

Portanto, invocando o regimen republicano, não é licito desconhecer que não existe infracção alguma da Constituição Federal, em decretar-se dia de festa nacional no Brasil o dia da glorificação do setimo centenario do sublime Mendigo voluntario que consagrou-se com o seu exemplo e a sua predica á dignificação do Proletariado, escolhendo a mais humilde das situações, de maneira a patentear que a funcção social e moral do Proletariado, persiste mesmo quando cessa a sua missão industrial.

E o facto de haver o Governo Provisorio escolhido o dia 2 de Novembro para data da festa geral dos Mortos, segundo as tradições occidentaes e especialmente do povo brasileiro, basta para mostrar que não ha infracção alguma em escolher para glorificação de S. Francisco de Assis o dia consagrado pelas tradições catholicas dos occidentaes e especialmente do povo brasileiro.

E, se a allegação das crenças catholicas de S. Francisco de Assis e a sua filiação ao sacerdocio catholico, — que elle procurou regenerar, — pudesse servir para desconhecer os seus serviços

sociaes e moraes, e para recuzar-lhe uma glorificação por parte do poder civil brasileiro; então não seria possivel ao poder civil brasileiro glorificar sequer os martyres da independencia politica do povo brasileiro, como por exemplo, Tiradentes, porque elles foram catholicos. Respeitando justamente a liberdade espiritual de todos é que o poder civil tem o dever de glorificar os serviços sociaes e moraes dos diversos orgãos de taes serviços, quaesquer que sejam as suas crenças religiosas.

Quanto aos obstaculos que a invocação dos regimentos parlamentares podem oppor á *decretação immediata* da festa nacional do setimo centenario de S. Francisco de Assis no dia 4 de Outubro proximo (1926); taes obstaculos acham-se explicitamente revogados pelo art. 78 da Constituição Federal, que reconhece a supremacia do regimen republicano sobre as disposições legislativas quaesquer.

Saude e fraternidade.

R. Teixeira Mendes,
Apostolo da Humanidade.

Rio, 2 de Outubro de 1926.

Rio, 23 de Shakespeare de 72|138 (2 de Outubro de 1926).

R. Teixeira Mendes
Apostolo da Humanidade

N. em Caxias (Maranhão), a 5 de Janeiro de 1855; empiricamente surgido da propaganda inaugurada em fins de 1878, por Miguel Lemos, quando este se achava em Pariz.

Fim da publicação n. 5 do anno 72|138 (1926).

Sahida na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo 3 de Outubro de 1926.

O que se segue sahiu na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno*, sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro de 1926.

Terminaremos publicando as palavras que proferimos, no mercuridia 27 de Carlos Magno de 72|138 (quarta-feira, 14 de Julho de 1926), por occasião da solemne inauguração do monumento erigido, na Praça da Republica por iniciativa e civica generosidade do cidadão Amaro Corrêa da Silveira, que o offereceu á cidade do Rio de Janeiro.

A' MEMORIA
DE
D. MARIA JOAQUINA DA COSTA BOTELHO DE MAGALHÃES
E DE SEU ETERNO ESPOSO
BENJAMIN CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES
FUNDADOR DA REPUBLICA BRAZILEIRA

Esta effusão foi lida, após o hymno civico, cantado junto ao glorioso Par, pelas alumnas da Escola Benjamin Constant, e que encerrou a solemnidade.

Veneradas Senhoras e Irmans na Humanidade,
Caros Cidadãos e Irmãos na Humanidade.

Em nome da Familia, da Patria, e da Humanidade.
O Amor por principio, e a Ordem por base;
o Progresso por fim.
Viver ás claras. *Viver para outrem.* *Ordem e Progresso.*

Consenti que vos falle um velho apostolo da Religião da Humanidade, fundada, sob a angelica inspiração de Clotilde de Vaux, por Augusto Comte, tornado assim o Primeiro Sumo-Pontifice da HUMANIDADE; um velho republicano a quem a benevola FATALIDADE, embora cega, proporcionou a inestimavel ventura de ter a alma formada pela Religião catholico-feudal, sob o enthusiastico Amor universal pregado por S. Paulo e a fervorosa adoração da VIRGEM-MÃE, inspirados pelo ardente culto do incomparavel S. Bernardo, *o melhor typo do catholicismo completo*, segundo Augusto Comte (Pol. Pos., t. III, p. 485), entretidos por Thomaz de Kempis durante a revolução moderna desde o Decimo-Quinto Seculo; de procurar identificar-se, desde a alvorada da adolescencia, com as angustias patrioticas de Tiradentes; de acudir pressuroso aos appellos enthusiasticos de Benjamin Constant para a obra inaugural de Augusto Comte, e de testemunhar o culto cavalheiresco que Benjamin Constant votava á sua egregia Esposa; que teve, em fim, a suprema felicidade de escutar a evangelização de Miguel Lemos, fundador da Igreja Positivista do Brazil; a quem coube a inegualavel satisfação de acompanhar nas delirantes congratulações da fraternidade brazileira, mediante a explação do immenso crime occidental da escravidão africana; e que logrou ouvir, ao seu lado, as inolvidaveis effusões emocionantes de Benjamin Constant, quando este recebeu o Apostolado Positivista, no Quartel General, tres dias após a pacifica revolução que fundou a Republica no povo brazileiro; concedei, supplico-vos um momento de fraternal attenção a este velho que já vos fala quasi do fundo da sepultura, onde o aguarda a generosa Esposa que lhe patenteou, modestamente, as incomparaveis sublimidades do coração feminino, de Noiva, de Esposa, de Mãe, de Irman, e de Filha.

Conforme acabais de ouvir do cidadão a cujo civismo devemos a erecção deste monumento, graças aos exemplos de ardor social pelo estabelecimento da civilização pacifico-industrial que herdou de seu pai, prematuramente arrebatado, e que tivera a ventura de experimentar a influencia da propaganda positivista em seu inicio: — conforme acabais de ouvir, dizemos:

"O monumento a Benjamin Constant é apenas uma tentativa civica para commemorar fielmente os seus sentimentos, as suas convicções, e os seus feitos; afim de que a vulgarização do conhecimento, — autobiographico, sempre que fôr possivel, — da vida que o Fundador da Republica depoz no altar da Patria auxilie a realização dos seus votos humanitarios, civicos e domesticos. Porque acreditamos que, de facto com tão edificante vida, Benjamin Constant Botelho de Magalhães *levantou monumento mais perenne que o bronze.*"

O monumento a Benjamin Constant não podia, pois, limitar-se a reproduzir estheticamente a sua imagem. Era indispensavel que elle evocasse os esforços seculares da HUMANIDADE para implantar sobre a Terra o ascendente do Amor universal inspirando a Poesia e a Sciencia positiva, afim de dirigir a actividade pacifico--industrial, em uma palavra, a Religião definitiva. De sorte que esse monumento tinha de tornar-se um symbolo sagrado dos esforços individuaes e collectivos da HUMANIDADE. Felizes aquelles cujas imagens tornam-se assim os vasos que guardam esses sublimes resultados da evolução da HUMANIDADE.

Ora, foi a civilisação catholico-feudal que realizou, ainda sob a influencia do Theologismo, os passos capitaes indispensaveis ao predominio do Amor universal, esboçando sob todos os aspectos o programma do regimen definitivo, resumido no culto cavalheiresco da MULHER. A benevola FATALIDADE, embora cega, não permittio, porém, que esse programma fosse cumprido sob o Theologismo, apezar dos esforços das melhores almas. S. Francisco de Assis personifica justamente a mais gloriosa dessas tentativas, revelando, para sempre, que a *pobreza voluntaria* constitue a inilludivel condição para garantir a independencia mutua do Sacerdocio e do Poder temporal, bem como o preenchimento da missão social do Proletariado.

O monumento a Benjamin Constant constitue portanto um monumento elevado a esses esforços. Elle lembra constantemente estes ensinos de Augusto Comte:

"... A minha religião, *ulteriormente destinada a todos*, torna-se hoje a de quem quer que não póde mais ter outra; o que constitue um caso frequentissimo, e sobretudo muitissimo importante, pois que concerne á maioria dos chefes occidentaes e principalmente francezes, embora o nosso seculo os condemne á hypocrisia, emquanto elles permanecem scepticos ou negativistas.

... Nós não differimos dos catholicos senão em que a nossa unidade se refere á Humanidade, ao passo que a delles liga-se a Deus" *Carta a seu* Pai, de 26 de Moysés de 69 — 26 de Janeiro de 1857, pags. 377 a 378.)

"Referindo tudo á Humanidade, a unidade torna-se mais completa e mais estavel do que se esforçando por tudo ligar a Deus". (*Testamento*, Orações, pag. 90). (*Appello aos Conservadores*. Traducção e notas de Miguel Lemos, pag. 114.)

"O melhor resumo pratico de todo o programma moderno consistirá breve neste principio incontestavel: *O homem deve sustentar a mulher*, afim de que ella possa preencher convenientemente seu santo destino social. Espero que este catheismo fará apreciar a intima connexidade que existe entre essa condição e o conjunto do grande renovamento, considerado sob todos os seus aspectos: moral, mental, e mesmo material." (Augusto Comte — *Catheeismo positivista*, prefacio — Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed. pags. 28 e 29.)

"Além dos seus serviços immediatos, essa admiravel transição (catholico-feudal, do começo do quinto seculo aos fins do decimo terceiro seculo) fez irrevogavelmente surgir todos os germens essenciaes do regimen final (isto é, o regimen republicano pacifico-industrial). Ella esboçou mesmo, sob cada grande aspecto a verdadeira ordem humana, ao mesmo tempo temporal e espiritual, tanto quanto o permittiam então a doutrina e a situação. *Por isso ao positivismo só resta agora retomar o conjunto do programma da idade média, para realizal-o dignamente, mediante uma fé melhor (a fé altruista), combinada com uma actividade mais favoravel, (a actividade pacifico-industrial em vez da actividade militar-defensiva).* (Augusto Comte. *Catheeismo positivista*. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª edição, pags. 427 a 428).

O monumento a Benjamin Constant é, portanto, um symbolo sagrado que recorda todos esses esforços seculares da HUMANIDADE para conseguir emfim o predominio do Amor. Elle evoca, pois, no seu conjunto e nos seus detalhes, as condi-

ções do verdadeiro regimen republicano, para cuja realização votou Benjamin Constant os seus esforços cavalheirescos.

Foi assim que na sua nona *Circular annual* sobre a propaganda positivista, Miguel Lemos observa, apreciando a fundação da Republica Brazileira, que "a revolução brazileira de 1889 *foi a melhor das commemorações do centenario da Revolução Franceza*" (p. 19).

Agora acontece que este monumento é inaugurado no Setimo Centenario Subjectivo de S. Francisco de Assis. Essa ligação chronologica veiu, pois, fazer este monumento, d'oravante, evocar continuamente entre todos os passos da HUMANIDADE para a implantação do Amor sobre a Terra, os esforços regeneradores que se resumem em S. Francisco de Assis. Elle constitue, pois, espontaneamente, a melhor glorificação do sublime mendigo que revelou, sob o Theologismo, a condição fundamental do regimen definitivo, isto é, da Republica pacifico-industrial, reintegrando o culto cavalheiresco da MULHER que a Idade-Média symbolizou na adoração da Judia excepcional, tornada a *Dama commum dos corações desoccupados;* e que a Religião da HUMANIDADE resumiu na Utopia positiva da VIRGEM-MÃE; culto de que Benjamin Constant legou o mais edificante exemplo, conforme o recorda este monumento, ao primeiro relance, como depois da mais escrupulosa inspecção.

Feliz o Par egregio cuja glorificação se resume assim. Venturosa a Republica que póde apresentar a todos os seus filhos tão sublime modelo de virtudes!

(Sahido na secção Ineditorial do "Jornal do Commercio", sabbado, 25 de Setembro de 1926.)

A representação acima não tendo, sido transmittida ao Congresso Nacional, no sabbado, 2 de Outubro p. p. (1926), redigimos segunda representação, ponderando que persistia a opportunidade de ser decretado, — no corrente anno 1926, — um dia de festa nacional, em commemoração do Setimo Centenario de São Francisco de Assis.

Accedendo com a mesma civica benevolencia ao novo appello que lhe dirigimos o nosso velho amigo Dr. Domingos Mascarenhas levou ao conhecimento do Congresso Nacional, em discurso na sessão da Camara dos Deputados, na segunda-feira 4 de Outubro p. p. (1926), ambas as representações.

Discurso do Dr. Domingos Mascarenhas na sessão da Camara dos Deputados, segunda-feira, 4 de Outubro de 1926 (*)

O SR. DOMINGOS MASCARENHAS (para explicação pessoal) — Sr. Presidente, fui sabbado, procurado em minha residencia pelo eminente brasileiro, Sr. Raymundo Teixeira Mendes, digno apostolo da Religião da Humanidade, cidadão sobejamente conhecido no paiz e no extrangeiro pelas suas virtudes civicas e pelo seu notavel saber, republicano que tem colaborado de modo efficiente na organização da Republica. Solicitou-me S. Ex. á leitura á Camara de uma representação a esta Casa do Congresso Nacional sobre o 7º centenario de S. Francisco de Assis.

Pede o illustre brasileiro, no seu importante documento, a approvação do projecto de lei que decreta feriado o dia 4 d Outubro, data que assignala o setimo centenario daquelle santo, de cujos extraordinarios serviços, de cujo valor theorico e pratico se tem dito bastante para dar apenas pallida idéa dos grandes resultados da sua magna obra.

Nesta Casa do Congresso já foi formulado, pelo nobre collega, Sr. Plinio Marques, projecto com o mesmo objectivo da representação que vou ler, isto é, tornar feriado o dia 4 de Outubro. Havendo na Commissão de Justiça, á qual foi enviado o projecto, illustre membro da bancada do Rio Grande do Sul, o seu brilhante *leader* e meu querido amigo Sr. Getulio Vargas, não quiz eu proceder á leitura desse memorial sem delle dar conhecimento a S. Ex. Com o seu espirito liberal, entendeu o digno collega que materia de tal relevancia podia ser novamente tratada, e deu a sua approvação e solidariedade á referida leitura.

O Sr. Getulio Vargas — Perfeitamente.

O SR. DOMINGOS MASCARENHAS — São estes os termos da representação:

(Segue-se a representação acima transcripta)

Hoje, recebi, Sr. Presidente, do mesmo cidadão, o seguinte officio:

"Capital Federal, lunedia 25 de Shakespeare de 72/138 segunda-feira, 4 de Outubro de 1926.

Cidadãos membros do Congresso Nacional — Passa hoje (4 de Outubro de 1926) *o dia* em que a gratidão occidental, especialmente do povo brasileiro, celebra enthusiasticamente o setimo centenario subjectivo do incomparavel S. Francisco de Assim. Porém ainda estão decorrendo a *semana*, o *mez* e o *anno* que recordam tão edificante acontecimento. Portanto, persiste a *opportunidade* dos orgãos do poder temporal nos povos occidentaes, e especialmente nos povos republicanos, como o povo brasileiro, manifestarem solemnemente a communhão de sentimentos que identificam esses orgãos com as aspirações dos respectivos povos pela dignificação do proletariado, a que se consagrou S. Francisco de Assis, segundo os mais nobres e sabios recursos da sua época.

Nestas condições, mantemos o appello que em tal sentido, vos dirigimos sabbado ultimo, 2 de Outubro corrente (1926), e que não vos foi apresentado, porque a falta de comparecimento de Deputados em numero sufficiente impedio a sessão desse dia. Apenas, em vez de designar o dia de hoje (4 de Outubro de 1926), para esse testemunho de civico reconhecimento pelos impereciveis serviços sociaes, tanto moraes, como politicos, de S. Francisco de Assis, a fatalidade das circumstancias aconselha que seja urgentemente declarado, para isso, de festa nacional, um dos dias mais proximos daquelle em que for publicado o decreto que de vós espera anciosamente o povo Brasileiro.

Consenti que vos ponderemos que, tratando-se da glorificação de um homem que só contribuio para o estabelecimento do regimen pacifico, devem as salvas serem substituidas por festejos nos jardins e praças publicas.

Saude e fraternidade. *R. Teixeira Mendes*. N. em Caxias. Estado do Maranhão) a 5 de Janeiro de 1855. Apostolo da Humanidade, empiricamente surgido da propaganda inaugurada em fins de 1878, por Miguel Lemos, quando este estava em Pariz. Residente á rua Benjamin Constant n. 120".

Sr. Presidente, deixei hoje sobre a mesa tal representação, na hora do expediente, visto não se ter offerecido opportunidade para lel-a naquella occasião.

O illustre collega que se achava inscripto não poude, por motivos varios, ceder-me a palavra. Por isso, reservei-me para proferir estas considerações a titulo de explicação pessoal, como acabo de fazel-o.

Terminando, Sr. Presidente, dirijo daqui um pedido á digna Commissão de Justça no sentido de reconsiderar o seu voto e attender ao magnanimo appello formulado pelo illustre republicano, um dos que, como ha pouco accentuei, mais tem collaborado na realização, na feitura da nossa Republica. (*Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado.*)

(Reproduzido do *Diario Official — Diario do Congresso Nacional* — de sabbado 9 de Outubro de 1926, pgs. 3870 a 3872)

Publicação n. 9, de 1926, sahida sem numeração, sob o titulo:

O Setimo Centenario Subjectivo do Grande S. Francisco de Assis, na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de quarta-feira, 22 de Dezembro de 1926.

Attendendo mais uma vez, benevolamente, á civica solicitação que lhe dirigimos, por intermedio do nosso confrade Amaro Corrêa da Silveira, o Dr. Domingos Mascarenhas acedeu encaminhar a seguinte representação.

O facto de restarem *apenas dez dias do anno corrente* não póde ser objecção para impedir um decreto de similhante alcance moral e politico. Afim de dissipar qualquer duvida neste sentido, basta recordar que a incomparavel lei de 13 de Maio de 1888 que declarou extincta a escravidão no Brasil, *foi decretada em seis dias*. Com effeito, o projecto do Governo foi apresentado á Camara dos Deputados na terça-feira, 8 de Maio de 1888. Nesse mesmo dia, foi formulado o parecer da commissão approvando o projecto, que a 10 de Maio era approvado em terceira discussão e remettido immediatamente ao Senado. Emfim, no domingo, 13 de Maio de 1888 era approvado em terceira discussão pelo Senado, e assignado *cerca* das tres horas da tarde do mesmo domingo, pela benemerita Princeza D. Isabel.

Capital Federal, martedia 19 de Bichat de 72|138 (21 de Dezembro, 1926).

Cidadãos Membros do Congresso Nacional.

Faltando apenas onze dias para acabar-se o anno corrente (1926), assignalado pelo Setimo Centenario Subjectivo do grande São Francisco de Assis, vimos dirigir-vos este appello, para que seja declarado de festa nacional, em commemoração do referido Setimo Centenario, um dos mencionados dias.

Para fundamentar tal decretação, juntamos as paginas 13 e 14 da secção ineditorial do "Jornal do Commercio" de domingo 3 de Outubro ultimo (1926), nas quaes acham-se reunidas as apreciações de Dante e de Augusto Comte, acerca do incomparavel Reformador do decimo terceiro seculo, que tornou-se, para sempre, o inexcedivel exemplo, — não só dos orgãos da autoridade espiritual, como da missão social do proletariado, — annunciando as illudiveis condições do regimen republicano pacifico-industrial. Reunimos a essas paginas, as relativas ao baixo-relevo sobre a separa-

---

(*) Reproduzido por ter sido publicado com incorrecções — Nota do Diario do Congresso Nacional.

ção da Igreja e do Estado, do monumento a Benjamin Constant, na publicação sobre São Francisco de Assis, que se acha no prelo; e as do "Diario Official — Diario do Congresso Nacional", 3870 a 3872, de sabbado, 9 de Outubro ultimo (1926), contendo o discurso do Dr. Domingos Mascarenhas, por occasião de transmittir-vos, na sessão de segunda-feira, 4 de Outubro ultimo (1926), as representações que, no mesmo sentido, vos endereçámos.

Saude e Fraternidade.

R. TEIXEIRA MENDES.

N. em Caxias (Estado do Maranhão), a 5 de Janeiro de 1855. Apostolo da Humanidade, empiricamente surgido da propaganda inaugurada, em fins de 1878, por Miguel Lemos, quando este se achava em Pariz. Residencia á rua Benjamin Constant, n. 120.

Rio, 19 de Bichat de 72/138 (21 de Dezembro de 1926).

R. TEIXEIRA MENDES.

Sahido na sessão ineditorial do *Jornal do Commercio* de quarta-feira 22 de Dezembro de 1926.

PARECER DA COMMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA DA CAMARA DOS DEPUTADOS

Acreditamos que é recebido, com a mais profunda gratidão humanitaria, civica e pessoal, por todos quantos aspiram pelo ascendente politico da fraternidade universal, o seguinte parecer:

N. 710 — 1926

Considera de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis

(Justiça, 153, de 1926)

A' Commissão foi presente uma representação do Sr. Dr. Raymundo Teixeira Mendes, no sentido de uma homenagem nacional a S. Francisco de Assis, em commemoração do 7º centenario da sua morte.

Considerando justo o appello contido nessa representação — a Commissão propõe o seguinte projecto de lei:

O Congresso Nacional decreta:

Artigo unico. — E' considerado de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis.

Sala das Commissões, 23 de Dezembro de 1926. — *Afranio de Mello Franco*, Presidente. — *Francisco Valladares*, Relator. — *João Elysio*. — *Manoel Villaboim*. — *Annibal B. Toledo*. — *Raul Machado*. — *Meira Junior*. — *João Santos*. — *Horacio Magalhães*.

Reproduzido do *Diario Official, — Diario do Congresso Nacional* de sabbado 25 de Dezembro de 1926, pag. 7.042.

Monumento ao grande S. Francisco de Assis

"Tendo offerecido á cidade do Rio de Janeiro um monumento a São Francisco de Assis, conforme se póde verificar pelos termos do requerimento que abaixo transcrevemos, e, tendo sido o offerecimento aceito pelo Sr. Prefeito da mesma cidade, como se vê tambem pelo respectivo despacho em seguida publicado, informamos ao publico que a pedra fundamental deste monumento será lançada na proxima segunda-feira, 27 de Dezembro corrente, ás 16 horas, no Campo do Russell.

Fazemos votos para que todos os cidadãos que puderem, concorram com sua presença, afim de que essa solemnidade se revista, tanto quanto possivel, dum brilho correspondnte aos grandes serviços sociaes prestados por esse vulto immortal.

Passamos a reproduzir o requerimento.

Illmo. Sr. Prefeito do Districto Federal.

Passando-se este anno, o 7º centenario da morte do egregio servidor da Humanidade, São Francisco de Assis, que pelo seu sublime exemplo e generoso esforço, procurou elevar e dignificar as mais humildes funcções proletarias, o que, em verdade, constitue o programma republicano, cujo immediato objectivo visa a incorporação do proletariado á sociedade moderna.

E, considerando que esse grande santo, guiado pelo seu magnanimo coração, sentio, de facto em toda a sua pureza, que no fundo era no predominio cada vez maior da fraternidade universal que residia a solução do problema humano, o que tambem constitue a base do sentimento e dos principios verdadeiramente republicanos.

E, attendendo, por fim, a que, guiada por uma nobre e sabia doutrina, á Republica Brasileira coube a imperecivel gloria de proclamar justamente, desde a manhã de 15 de Novembro de 1889, o reconhecimento de taes verdades, segundo o cavalheiresco exemplo do seu Fundador Benjamin Constant Botelho de Magalhães;

O cidadão abaixo assignado offerece á cidade do Rio de Janeiro, no nome de um grupo de brasileiros e patriotas, a estatua do egregio São Francisco de Assis, como padrão das generosas e elevadas aspirações republicanas e como um merecido preito aos grandes serviços sociaes prestados pelo Catholicismo.

E, na esperança de ser attendido, solicita permissão para erigil-a no Campo do Russell, sob as arvores e no primeiro triangulo de relva que fica ao lado do Jardim da Gloria, a contar do centro daquelle campo.

Nestes termos, espera deferimento. — Saude e Fraternidade. Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1926. — *Amaro da Silveira*".

A este requerimento foi dado em 17 de Dezembro corrente, pelo Sr. Prefeito do Districto Federal, o seguinte despacho: "Aceito. Providencie a Directoria de Jardins".

Eis o que julgamos do nosso dever trazer publicamente ao conhecimento de todos a quem possa o assumpto interessar". — Rio de Janeiro, 21 de Bichat de 138 (23 de Dezembro de 1926). — *Amaro da Silveira*.

Sahido na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro de 1926.

Religião da Humanidade

fundada, sob a angelica inspiração de CLOTILDE DE VAUX (n. MARIE),
por
AUGUSTO COMTE,
primeiro Sumo-Pontifice da HUMANIDADE;
synthetizando na UTOPIA DA VIRGEM-MÃE
resumo do *Systema de Politica Positiva*,
o Culto cavalheiresco da MULHER;
tal qual, sob o angelico prestigio de BEATRIZ PORTINARI
DANTE ALIGHIERI
resumi-a, na adoração do MYSTERIO CATHOLICO DA VIRGEM-MÃE,
A Divina Comedia;
annunciando e presidindo á elaboração revolucionaria
da Regeneração humana,
durante os cinco seculos que separam e reunem, ao mesmo tempo, as duas principaes construcções modernas.

BEATRIZ e CLOTILDE, a vós graças infindas
Uue unistes DANTE a COMTE em vossas almas lindas!

Publicação n. 6 do anno 72/138-7926.

O Amor por principio, e a Ordem por base;
o Progresso por fim.
Viver ás claras. Viver para outrem. Ordem e Progresso.

Primeiro Centenario do passo inaugural de AUGUSTO COMTE
para systematizar
A alliança religiosa entre os catholicos e os positivistas.

A ALLIANÇA RELIGIOSA E A REGENERAÇÃO HUMANA

Mais um esforço para tornar systematica, isto é, *voluntaria* da parte doh catholicos a liga espontanea que a evolução da HUMANIDADE estabeleceu sempre, e cada vez mais, entre os catholicos e os positivistas.

Por occasião da benevola resposta do Dr. A. Felicio dos Santos, em 5 de Setembro pp. (1926), á carta *expressa* que lhe endereçamos a 21 de Gutenberg de 72|138 (2 de Setembro de 1926) a proposito da apreciação sobre a guerra do Paraguay. Vide essas cartas no artigo que publicámos na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo 19 de Setembro pp. (1926), p. 11, col 5.

... Si Beatriz tornou-se para Dante a personificação da sabedoria, tu (CLOTILDE) deves me representar ainda melhor o Ente Supremo (a HUMANIDADE) do qual fazes dignamente parte...

.....

O proximo surto da sociolatria determinará naturalmente uma approximação sagrada entre todas as mulheres pessoalmente dignas de uma adoração publica. Então a tua vida subjectiva se unirá especialmente á de Beatriz, em virtude da analogia real dos officios e das homenagens, demasiado conformes por des-

graça! a das fatalidades objectivas. A minha crescente admiração quotidiana pelo maior dos poetas (DANTE) não seria assim senão um secreto presentimento de uma justa semelhança de consagração entre os nossos anjos respectivos. A incomparavel composição que terminou realmente o estado teologico (A DIVINA COMEDIA), será afinal approximada da que funda o estado positivo (O SYSTEMA DE POLITICA POSITIVA), quando os cinco seculos que nos separam tiverem sido convenientemente apreciados. Porém, esta ligação intellectual deve ser hoje antecipada pela união moral dos dous anjos (BEATRIZ PORTINARI e CLOTILDE DE VAUX), que presidiram ás duas principaes construcções modernas (*A Divina Comedia* e o *Systema de Politica Positiva*). A doce connexidade de ambas se me tornou já por tal modo familiar que incorporei plenamente ao teu culto o bello hymno que o meu incomparavel precursor (DANTE) dirigia á suave deusa (a VIRGEM MARIA) dos occidentaes, terminando a sua sublime epopéa. Talvez o seu coração, ainda mais emancipado do que o seu espirito, ousava applical-o secretamente á sua Beatriz, Se um dos meus mais eminentes discipulos conseguir, como espero, completar esse canto sagrado adaptando-lhe uma digna musica, elle tornar-se-ha em breve um feliz ornamento do culto positivista, tanto privado como publico, pois que póde igualmente convir á Mulher e á Humanidade.

... Eu não seria um digno pontifice da Humanidade se não estivesse profundamente convencido da minha inferiorjdade moral para comtigo...

AUGUSTO COMTE — Testamento. Setima SANTA CLOTILDE, 10 de S. Paulo de 63 — Venerdia (sexta-feira), 30 de Maio de 1851, pags. 176 a 178.

Conforme promettemos no artigo saido na secção inedictorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 19 de Setembro pp. (1926), vamos apresentar as ponderações que, segundo os ensinos de Augusto Comte, nos suggere a benevola resposta do Dr. A. Felicio dos Santos em 5 de Setembro pp. (1926), á nossa carta *expressa*, de 21 de Gutenberg de 72|138 (2 de Setembro de 1926). Nessas ponderações seguiremos a ordem das considerações do Dr. A. Felicio dos Santos, na sua resposta. Começaremos, pois, solicitando a bondosa attenção do Dr. A. Felicio dos Santos e das pessoas que teem a inestimavel felicidade de se filiarem ao Catholicismo para a observação inicial do Dr. Felicio dos Santos:

"Deixemos de lado as nossas divergencias sobre a *concepção da Dictadura Republicana* e sobre os originaes conceitos historicos e philosophicos que presidiram á organização do Calendario Positivista. Suppondes que eu não conheço *exactamente* as obras de Augusto Comte: conheço-as tanto quanto basta para, segundo o meu criterio, avaliar aquella estupenda mentalidade, genial talento que se revela até na sua erronea concepção religiosa antimaterialista, mas atheista".

Quanto á referencia á concepção positivista da *Dictadura Republicana*, basta notar, especialmente aos catholicos, que foi sob o fiel e escrupuloso respeito a essa concepção que os positivistas contribuiram para a Republica Brasileira ter a gloria de libertar o Sacerdocio catholico do jugo regalista que o Imperio herdára do Reino luso-americano, e que pesava sob o mesmo Sacerdocio desde o decimo quarto seculo da era catholica. Em vez desse jugo, a Republica Brasileira inaugurou a definitiva e completa *separação entre o Poder temporal e a Autoridade espiritual*, abolindo todo o absolutismo qualquer, como consta dos Art. 78, Art. 72, § 1º e § 29, da Constituição Federal de 24 de Fevereiro de 1891.

Se varios orgãos dos chamados poderes executivo, legislativo, e judiciario, têem continuado, na Republica os sentimentos, as opiniões, e os habitos herdados dos seus antecedentes imperiaes· taes desgraças não podem, com justiça, ser imputadas ao regimen republicano, inaugurado sob o prestigio regenerador de Benjamin Cnostant, a 15 de Novembro de 1889, e coordenado legislativamente pela Constituição de 24 de Fevereiro de 1891. Essas desgraças provêm sobretudo de não escutarem os presidentes da Republica o appello dos membros da Constituinte Republicana, apresentando-lhes Benjamin Constant como modelo. Porém, apezar de sua gravidade, os erros, e mesmo os crimes politicos, das camadas dominantes da Republica Brasileira não se comparam com os das camadas dominantes do Imperio. E a evolução do povo brasileiro patenteia, cada vez mais evidentemente, a verdade do axioma: "O homem se agita e a Humanidade o conduz".

Pois bem, desde o advento da Republica, não faltam testemunhos de pessoas confessando-se catholicas, affirmando que os que se inspiravam no Positivismo contribuiram decisivamente para libertar o Sacerdocio catholico do jugo secular do regalismo; jugo que fôra ao ponto de expulsar a Companhia Ignaciana de Portugal e seus dominios, e de, sob o Imperio brasileiro, condemnar á prisão com trabalhos os bispos D. Vital de Oliveira e D. Macedo Costa, por questões maçonicas.

Recordaremos a este proposito o seguinte trecho da *decima circular annual* de Miguel Lemos, relativa ao anno 1890, sahida em Abril de 1892, ps. 16 a 17:

"Podemos dizer, sem receio de contestação, e até com o testemunho insuspeito dos nossos adversarios (1), que é sobretudo á influencia directa ou indirecta do Apostolado Positivista, que a Igreja catholica livrou-se dos odios materialistas e methaphysicos conquistando entre nós uma independencia e autonomia que não desfruta em nenhum outro paiz do mundo, sem exceptuar a republica anglo-americana".

Eis a nota (1) desse trecho:

"(1). V. um artigo do *Brasil*, folha monarchista e clerical (n. 27 de Novembro de 1890), elogiando as nossas emendas subscriptas por varios membros do Congresso (sem declarar, porém, a origem dellas), e um discurso do Deputado Zama,,, pronunciado na sessão de 29 de Janeiro de 1891, em que elle proclama ter verificado nos seus ""collegas positivistas" o mais decidido empenho em favor de tudo quanto podesse garantir a liberdade da Igreja Catholica."

Reproduzimos em seguida esses topicos:

Extracto do jornal "O Brazil" de quinta-feira 27 de Novembro de 1890, p. 1, col. 4-6:

".....

Contrastando com o apoucamento das idéas do venerando exliberal (Conselheiro José Antonio Saraiva) foram, muito em boa hora apresentadas outras emendas pelos Srs. Deputados Demetrio Ribeiro, Annibal Falcão, Antão de Faria, e Alcindo Guanabara, aos quaes todos aqui sinceramente applaudimos pelo espirito de bem comprehendida liberdade que os parece animar.

Os illustres Deputados, com maxima largueza e elevação de vistas, propuzeram alterações que, se completamente não nos satisfazem como doutrina, todavia asseguram ao Catholicismo aquella independencia que logicamente se deduz da separação da Igreja do Estado.

Annaes da Constituinte Republicana. Sessão de 29 de Janeiro de 1891. P. 621. Discurso do Deputado Zama.

.....

"Ia-me passando tratar do § 3º do art. 71 (declaração dos direitos). Este paragrapho determina que todos os individuos e confissões religiosas podem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, — *observados os limites postos pelas leis de mão morta, e guardadas as leis criminaes*.

"Esta questão tem sido aqui tão brilhantemente discutida por outros, que mais competencia teem, do que eu, que poderia dispensar-me de adduzir considerações sobre ella. E antes de proseguir, agradecerei aos illustres sectarios das escolas positivista e comtista, que aqui teem assento, o auxilio leal, sincero, e valioso, que elles teem prestando a nós outros que temos defendido os direitos dos catholicos.

"Esses moços, por honra delles, o digo, desde que acceitam um principio, acceitam resolutos todas as consequecias que delle decorrem (*Apoiados*).

"Recebam elles por meu intermedio os agradecimentos dos catholicos. (*Muito bem.*)"

Recordaremos, emfim, que a folha "O Jornal" desta cidade, em seu numero de quinta-feira, 8 de Outubro de 1925, publicava, em um artigo, o seguinte testemunho do Dr. A. Felicio dos Santos.

... .

"Talvez porque o episcopado esperava que o Congresso Constituinte resolvesse melhor a questão das relações entre os dous poderes, e não havendo tempo para uma organização fundamentalmente catholica para disputar a eleição dos Deputados, julgou-se haver prudencia em não provocar o Governo. Este já começara, aliás, a perseguir os padres que faziam o casamento religioso sem se importarem com o casamento civil. Tal perseguição se fazia sem sciencia do Presidente da Republica, como demonstrei nos casos de que se queixou o Bispo de Diamantina.

A liberdade da igreja

Como se sabe, graças aos votos dos positivistas, puderam os Deputados catholicos fazer passar na Constituinte a liberdade da igreja, que passou, por 6 votos apenas.

Essa victoria contra o maçonismo pombalesco fez conceberem-se illusorias esperanças de obterem-se as reivindicações catholicas sem luta partidaria.

"Somos todos catholicos: para que nos separarmos formando um partido?"

Assim dizia-se, sem attender que o atheismo do Estado ia corrompendo a geração actual, e o ensino exclusivamente leigo preparava a nova geração para um materialismo ingovernavel".

A série de publicações da Igreja Positivista do Brasil prova as intervenções incessantes da mesma Igreja para evitar todos os extravios regalistas dos Presidentes da Republica Brasileira. Limitar-nos-hemos a lembrar a este respeito, as tentativas contra os bens das *ordens religiosas*, e a prohibição de entrarem no Brasil os Jesuitas expulsos de Portugal, por occasião da proclamação da Republica, pelos nossos irmãos europeus.

Quanto á instituição do *Calendario Positivista Historico*, limitar-nos-emos a lembrar que esse Calendario não se compõe, como o *Calendario Catholico*, unicamente de Santos. O Calendario Positivista Historico constitue o resumo da historia da Humanidade, com o fim de restaurar o sentimento da veneração pelo Passado, sentimento cada vez mais alterado desde o advento do Monotheismo occidental. Por isso, Augusto Comte inscreveu no Calendario Positivista Historico, os principaes orgãos da Humanidade, segundo os serviços por elles prestados, em todos os tempos e em todos os logares, quando o alcance social, — moral, mental, e pratico, — de taes serviços sobreleva assaz as imperfeições desses typos. De sorte que todos os typos inscriptos no Calendario Historico são merecedores da gratidão e da veneração da Posteridade. Porém, nem todos são Santos, isto é, nem todos são typos de imitação. Por isso, tambem, todos esses typos não podem ser escolhidos para *prenome* das crianças positivistas, no Sacramento sociolatrico da *Apresentação*, que consagra o nascimento de cada novo rebento da Humanidade. Esse Sacramento corresponde ao *Baptismo*, que o Catholicismo herdou dos antecedentes fetichico-theologicos e aperfeiçoou. (Vide AUGUSTO COMTE. Cartas a Henry Edger, de 11 de Dante de 67 — 26 de Julho de 1855 — Ed. Jorge Lagarrigne, p. 21).

Consideremos emfim o mais deploravel dos enganos contidos na precedente observação do Dr. A. Felicio dos Santos, attribuindo ao Positivismo o qualificativo de *atheista*. Para dissipar semelhante engano, basta lembrar os seguintes trechos de Augusto Comte. Como preliminar, recordaremos, mais uma vez, algumas manifestações de Clotilde de Vaux e de Augusto Comte, caracterizando a attitude dos Fundadores da Religião da Humanidade em relação ao Catholicismo.

A — EFUSÃO DE CLOTILDE DE VAUX SOBRE O CATHOLICISMO.

Lembrança precioza da minha mocidade, companheiro e guia das horas santas que soaram para mim, evoca sempre ao meu coração as ceremonias grandes e suaves da Capella do Convento!... (Inscripção de CLOTILDE DE VAUX, em 1837, na *Journée du Chrétien*, seu livro usual na *Casa da Legião de Honra*, na rua Barbette; exemplar que CLOTILDE deu a AUGUSTO COMTE, no domingo 29 de Março de 1846, sete dias antes della expirar).

B — ALGUMAS APRECIAÇÕES DE AUGUSTO COMTE SOBRE O CATHOLICISMO.

Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao positivismo, *com melhoramentos radicaes*, tudo o que o systema catholico da Idade Média pôde realizar, ou mesmo esboçar, de grande ou de terno. (*Testamento*, Correspondencia, Carta a CLOTILDE, de 5 de Agosto de 1845.)

Além dos seus serviços immediatos, essa admiravel tranzição (catholico-feudal, do começo do quinto seculo aos fins do decimo terceiro seculo) fez irrevogavelmente surgir todos os germens essenciaes do regimen final. Ella esboçou mesmo, sob cada grande aspecto, a verdadeira ordem humana, ao mesmo tempo temporal e espiritual, tanto quanto o permittiam então a doutrina e a situação. *Por isso ao positivismo só resta agora retomar o conjunto do programma da idade média, para realizal-o dignamente, mediante uma fé melhor, combinada com uma actividade mais favoravel.* Porém a influencia feudal, que não tem hoje defensores especiaes, é injustamente sacrificada, nestas apreciações historicas, á participação catholica, unica estudada pela escola retrograda. Um exame aprofundado mostra entretanto a reacção cavalheiresca até nas modificações demasiado menosprezadas que então experimenta a ultima fé provisoria. *Depois de ter admiravlemente esboçado o culto da Mulher, preludio necessario da Religião da Humanidade*, o sentimento feudal determinou realmente, no seculo das cruzadas (o decimo segundo seculo), a alteração que soffreu o monotheismo occidental, *quando a Virgem tendeu a tomar o lugar de Deus*. — (CATHECISMO POSITIVISTA. Traducção e notas de Miguel Lemos — 3ª edição, ps. 427 a 428. Os griphos e parentheses são desta transcripção).

Apreciação de AUGUSTO COMTE, *sobre o alcance moral, social e intellectual, dos seus antecedentes catholicos.*

No seu *Testamento*, nosso MESTRE diz:

"...Felicitei-me sempre de ter nascido no catholicismo fóra do qual a minha missão teria difficilmente surgido, em consequencia dos perigos, intellectuaes e moraes, peculiares á educação protestante ou deista. Porém, *desde a idade de treze annos*, desprendi-me espontaneamente de todas as crenças sobrenaturaes, sem exceptuar as mais fundamentaes e as mais universaes, donde os occidentaes tiraram todos os dogmas catholicos (a crença em Deus e na immortalidade objectiva da alma.) Sejam quaes tenham sido, a principio, para mim, os inconvenientes de uma emancipação tão precoce, persisto convencido que ella foi indispensavel á minha destinação, pois que eu não podia verdadeiramente systematizar o culto da Humanidade senão depois de ter inteiramente eliminado Deus. Todavia, após ter soffrido o estado sceptico mais completamente do que nenhum dos meus contemporaneos, achei-me, desde a idade de vinte quatro annos, irrevogavelmente libertado delle, pela minha descoberta das leis sociologicas, que me impelio directamente a reconstruir a espiritualidade. *Desde o anno 1825, os meus escriptos testemunham um respeito crescente pelo catholicismo, precursor immediato e necessario da religião que deve sobretudo consolidar e desenvolver a construcção esboçada no decimo-segundo seculo.* A medida que eu elaborava a dogmatização positiva, ia me tornando mais incapaz de voltar ás crenças sobrenaturaes; porém tambem ia venerando mais uma theologia por muito tempo organica, e ia despresando mais profundamente uma metaphysica sempre dissolvente." (AUGUSTO COMTE, *Testamento*, p. 9. Os griphos e parentheses são desta traducção).

E, na carta de 26 de Moysés de 69 (26 de Janeiro de 1857), AUGUSTO COMTE lembrava a seu PAI:

"Sabeis que desde a idade de quatorze annos eu tinha cessado naturalmente de crer em Deus..."

"... A minha religião, *ulteriormente destinada a todos*, torna-se hoje a de quem quer que não póde mais ter outra; o que constitue um caso frequentissimo, e sobretudo multissimo importante,, pois que concerne á maioria dos chefes occidentaes e principalmente francezes, embora o nosso seculo os condemne á hypocrisia, emquanto elles permanecem scepticos ou negativistas.

"Nós não differimos dos catholicos senão em que a nossa unidade se refere á Humanidade, ao passo que a delles liga-se a Deus. (*Carta a seu* PAI, de 26 de Moysés de 69 — 26 de Janeiro de 1857).

Referindo tudo á Humanidade, a unidade torna-se mais completa e mais estavel do que se esforçando por tudo ligar a Deus (*Testamento*, Orações, pag. 90). Appello aos conservadores. Traducção e notas de Miguel Lemos, p. 114.

"Sê virtuozo a virtude faz achar consolação no meio dos maiores males". Dizia ROZALIA BOYER, ao seu filho AUGUSTO COMTE, em carta de 18 de Março de 1818".

"Minha nobre e terna mãi que perdi ha quatorze annos (morta a 3 de Março de 1837, em Montpellier), foi realmente a primeira fonte de todas as minhas qualidades essenciaes, não sómente de coração, mas tambem de caracter e mesmo de espirito... Ora, o culto da minha santa companheira (CLOTILDE DE VAUX) *foi só que reanimou o da minha digna Mãi*. (AUGUSTO COMTE. *Systema de Politica Positiva*. Tomo I, Prefacio, p. 12. — Os gryphos e parentesis são desta traducção).

"...Tu (CLOTILDE) já sabes que os germens moraes cuja evolução tardia te devi, me vinham de uma terna e ardente mãi que te teria plenamente apreciado." (AUGUSTO COMTE. *Testamento*. Quinta confissão, p. 138. — Os parenthesis são desta traducção).

"Por mais remota que seja, infelizmente para mim, a imponente recordação do perfeito catholicismo que dominou minha nobre e terna mãe, ella (essa recordação) me impulsará sempre a fazer prevalecer, *melhor do que na minha mocidade*, a cultura continua do sentimento sobre a da intelligencia, e mesmo sobre a da actividade." (AUGUSTO COMTE. *Catecismo positivista*. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª edição, p. 20. O grypho e o parenteses são desta transcripção).

Aos olhos do sacerdocio da Humanidade, todos os homens são, sobretudo hoje, positivistas espontaneos em diversos gráos de evolução, que não carecem nunca senão de ser completados. (*Politica Positiva*, IV, pag. 377).

Considerando o advento do Catholicismo, elles (seus leitores) podem todos sentir que os meus contemporaneos serão sobretudo julgados, individual e collectivamente, segundo a sua conducta para com o positivismo. (8ª *cicular annual*, ed. Jorge Lagarrigue, pag. 102).

Resumo actual da Religião da Humanidade: — A UTOPIA DA VIRGEM-MÃI, destinada a proporcionar ao Positivismo um resumo synthetico equivalente ao que a instituição da EUCHARISTIA forneceu ao Catholicismo. (POLITICA POSITIVA, IV, pag. 279.)

Se tal problema jámais fôr resolvido, a sua *efficacia moral e mental*, será sempre tão completa quanto o foi, em relação ao *progresso material*, o sonho da transmutação dos metaes. Mas, suppondo obtida a solução, a imperfeição da ordem humana conduzirá em breve a substituir-lhe outra pesquiza, não menos apta a concentrar o nosso aperfeiçoamento. (POL. POS. IV, pag. 279.)

Instituindo o culto abstracto da Mulher pela festa publica da Virgem-Mãi (a 15 de Agosto), a sociolatria conciliará os tres monoteismos, mostrando aos corações christãos o fundador do Islamismo, escolhendo a Judia excepcional para principal typo do sexo cujo digno culto esboçou (POL. POS. IV, pag. 411.)

Uma comparação directa permitte apreciar a affinidade fundamental que devia erigir o culto occidental da Virgem-Mãi em preambulo espontaneo da adoração universal da Humanidade. Pois que o Grão-Ser (a Humanidade) realiza a utopia feminina fecundando-se sem assistencia alguma extranha á sua propria constituição. Eis como o Positivismo realiza a utopia medieval representando todos os membros da grande familia como provindo de uma mãi sem esposo. Ao mesmo tempo, a utopia feminina incorpora-se á religião positiva para os corações capazes de cultivar a sua efficacia subjectiva sem esperar a sua realização objectiva (POL. POS. IV, pag. 412 a 413.)

Conciliante de facto, inflexivel em principio. (*Synthese Subjectiva*. Prefacio, pag. XIII).

Para completar as leis, são necessarias vontades. (*Ibidem*, Introducção, pag. 25).

No IV tomo do *Systema de Politica Positica* nosso MESTRE condensa assim a evolução scientifica que o precedera "*A inatacidade dos pendores benevolos e o movimento da Terra constituem os principaes resultados da sciencia moderna*, como pondo as duas bases essenciaes, uma subjectiva, a outra objectiva *da verdadeira relatividade*. Ambas, depois de ter preparado o positivismo, aguardavam o seu advento para reagir convenientemente sobre o conjunto da existencia humana. Entrevistas, cada uma á sua maneira, desde os nossos primeiros passos, essas duas noções não podiam assáz surgir antes do esgotamento do monotheismo.

.....

(*Systema de Politica Positiva*, t. IV, pgs. 20 a 21. Os gryphos são desta traducção).

No seguinte trecho, nosso MESTRE observa que a admissão do movimento da Terra resulta, e resultou, do ascendente dos pendores sociaes. Isto é, mostra que a sciencia moderna resumio-se no reconhecimento da *innatcidade dos pendores benevolos*:

"Espontaneamente indefinida, esta sciencia (a Astronomia), não póde ser circumscripta senão a destinando a conhecer o planeta humano e os astros correspondentes; *restricção que suppõe o movimento terrestre*. Porém, em virtude de tal connexidade, esse movimento importa por tal fórma á *philosophia relativa* que, *na maturidade da razão humana, a sua existencia não exige demonstração alguma*. Foi assim que esse principio realmente prevaleceu, pois que a sua admissão, precedendo ás suas provas decisivas, realizou-se quando o advento do estado positivo tornou opportuna a transformação preparada desde o inicio do surto theorico." (*Ibidem*, pags. 211 a 212.)

Eis, agora, os trechos de AUGUSTO COMTE, patenteando que não cabe ao Positivismo a minima responsibilidade no *atheismo*:

...A sã philosophia afasta radicalmente, é verdade, todas as questões necessariamente insoluveis: porém, motivando a sua rejeição, ella evita negar cousa alguma a respeito de taes questões, o que seria contradictorio a *esse desuso systematico*, pelo qual só devem extinguir-se as opiniões verdadeiramente indiscutiveis. Mais imparcial e mais tolerante em relação a cada uma dellas, visto a sua commum indifferença, do que o podem ser os partidarios oppostos de taes opiniões, ella (a sã philosophia) se empenha em apreciar historicamente a influencia respectiva destas, as condições da duração e os motivos da decadencia das mesmas, sem pronunciar jámais negação alguma absoluta, mesmo quando trata-se das doutrinas as mais antipathicas ao estado presente da razão humana nas populações de élite. E' assim que ella rende escrupulosa justiça, não sómente aos diversos systemas de monotheismo, differentes daquelle que expira hoje entre nós, mas tambem ás crenças polytheicas, ou mesmo fetichicas, referindo-as sempre ás phases correspondentes da evolução fundamental. Sob o aspecto dogmatico, ella professa aliás que as concepções quaesquer de nossa imaginação, quando a natureza de taes concepções as torna necessariamente inaccessiveis a toda observação, não são desde então mais susceptiveis de negação do que de affirmação verdadeiramente decisivas. *Ninguem*, sem duvida, *jámais demonstrou logicamente a não existencia* de Appollo, de Minerva, etc. nem a das fadas orientaes ou das diversas creações poeticas; *o que nullamente impedio o espirito humano de abandonar irrevogavelmente os dogmas antigos, quando elles emfim cessaram de convir ao conjunto da sua situação*.

AUGUSTO COMTE — *Tratado philosophico de Astronomia popular; Discurso preliminar sobre o espirito positivo*, p. 42 a 43.

Havendo assaz caracterizado o espirito geral do positivismo, devo agora juntar, a esse respeito, algumas explicações complementares, destinadas a prevenir ou a rectificar graves equivocos, demasiado frequentes e demasiado perigosos para que eu os possa menosprezar, sem, todavia, occupar-me dos ataques de má-fé.

A inteira emancipação theologica devendo constituir hoje uma indispensavel preparação ao estado plenamente positivo, essa condição prévia arrasta muitas vezes observadores superficiaes a confundirem sinceramente esse regimen final com uma situação puramente negativa, que apresentava mesmo, no ultimo seculo (o decimo oitavo), um caracter verdadeiramente progressista, porém que d'oravante degenera, naquelles em que ella torna-se viciosamente permanente, em obstaculo essencial a toda verdadeira organização social e mesmo mental. *Embora eu tenha, ha muito repellido formalmente toda solidariedade, quer dogmatica, quer historica, entre o verdadeiro positivismo e o que se chama atheismo*, devo aqui indicar ainda, *sobre essa falsa apreciação*, alguns esclarecimentos summarios, porém directos.

Mesmo sob o aspecto intellectual, *o atheismo não constitue senão uma emancipação insufficientissima*, pois que elle tende a prolongar indefinidamente o estado methaphysico proseguindo incessantemente novas soluções dos problemas theologicos, em lugar de afastar como radicalmente vãs todas as pesquizas inaccessiveis. O verdadeiro espirito positivo consiste sobretudo em substituir sempre o estudo das *leis* invariaveis dos phenomenos ao de suas *causas* propriamente ditas, primeiras ou finaes, em uma palavra — a determinação do *como* á do *porque*. Elle *é portanto incompativel com as orgulhosas theorias de um tenebroso atheismo* sobre a formação do universo, a origem dos animaes, etc. Na sua apreciação geral dos nossos diversos estados especulativos, o positivismo não hesita em considerar essas chimeras doutoraes como *muito inferiores, mesmo em racionalidade*, ás inspirações espontaneas da humanidade. Pois que o principio theologico, consistindo em tudo explicar por *vontades*, não póde ser plenamente afastado sinão quando, tendo reconhecido inaccessivel toda pesquisa das *causas* limitamo-nos a conhecer as *leis*. Emquanto se persiste em resolver as questões que caracterizaram a nossa infancia, é-se muito mal fundado em rejeitar o modo ingenuo que applicou a isso a nossa imaginação, e que é o unico que convem, com effeito, a sua natureza. Essas crenças espontaneas *não podiam radicalmente extinguir-se senão á medida que a humanidade, melhor esclarecida sobre os seus meios e as suas necessidades, mudava* irrevogavelmente a direcção geral das suas pesquizas continuas. *Quando se quer penetrar o mysterio inaccessivel da producção essencial dos phenomenos, não se póde suppor nada de mais satisfactorio do que attribuil-os a vontades interiores ou exteriores*, pois que se os assimilam assim aos effeitos diarios das affeições que nos animam. Só o orgulho metaphysico ou scientifico póde persuadir aos atheus, antigos ou modernos, que as suas vagas hypothe-ses sobre tal assumpto são verdadeiramente superiores a essa assimilação directa, que devia exclusivamente satisfazer nossa intelligencia até que se houvesse reconhecido a inanidade radical e a inteira inutilidade de toda pesquisa absoluta. *Embora a ordem natural seja, a todos os respeitos, imperfeitissima, a sua producção se conciliaria muito melhor com a supposição de uma vontade intelligente do que com a de um cégo mecanismo*. (O gripho é desta traducção). Os atheus persistentes pódem portanto ser considerados *como os mais inconsequentes dos theologistas*, pois que elles proseguem as mesmas questões rejeitando *o unico methodo* que se adapta a ellas. Tambem o puro atheismo é, mesmo hoje, demasiado excepcional. O mais das vezes qualifica-se assim um estado de panteismo, que não é, no fundo, sinão uma retrogradação doutoral a um fetichismo vago e abstracto, donde pódem renascer, sob novas fórmas, todas as phases theologicas, quando o conjunto da situação moderna cessa de conter o livre surto das aberrações metaphysicas. Tal regimen indica aliás, nos que o adoptam como definitivo, uma apreciação muito exagerada ou mesmo viciosa, das necessidades intellectuaes, e um sentimento por demais imperfeito das necessidades moraes ou sociaes. Elle combina-se o mais das vezes com as perigosas utopias do orgulho especulativo quanto ao pretenso reinado do espirito. Na moral propriamente dita, elle proporciona uma sorte de consagração dogmatica aos ignobeis sophismas da metaphysica moderna sob a dominação absoluta do egoismo. Em politica, elle tende directamente a tornar inde-

finida a situação revolucionaria, pelo odio cégo que inspira para com o conjunto do passado, do qual impede toda explicação verdadeiramente positiva, adequada a desvendar o porvir humano. *O atheismo não póde pois dispor hoje á verdadeira positividade* senão aquelles nos quaes elle constitue sómente uma situação muito passageira, a ultima e menos duravel de todas as phases metaphysicas. Como a propagação actual do espirito scientifico facilita muito essa extrema transição, os que chegam á idade madura *sem a haver expontaneamente acabado*, annunciam assim uma sorte de *impotencia mental*, muitas vezes ligada *á insufficiencia moral, e pouco conciliavel com o positivismo*. As affinidades puramente negativas sendo sempre fracas ou precarias, a verdadeira philosophia moderna não póde contentar-se mais com a inadmissão do monotheismo do que com a do polytheismo ou do fetichismo, que ninguem julgaria sufficientes para motivar approximações sympathicas. Semelhante preparação não tinha, no fundo, importancia senão para aquelles que tiveram de tomar a iniciativa na tendencia directa da humanidade para uma renovação radical. Ella já cessou de ser verdadeiramente indispensavel, pois que a caducidade do regimen antigo não deixa mais duvida alguma essencial sobre a urgencia da regeneração. A persistencia anarchica, *caracterizada sobretudo pelo atheismo*, constitue doravante uma disposição mais desfavoravel ao espirito organico, que já deveria prevalecer, do que o pode ser um sincero prolongamento dos antigos habitos. Pois que esse ultimo obstaculo não impede mais a verdadeira posição directa da questão fundamental, e mesmo tende muito a provocal-a, obrigando a philosophia nova a não combater as crenças atrazadas sinão mediante a sua aptidão geral a satisfazer melhor todas as precisões moraes e sociaes. Em lugar dessa salutar emulação, *o positivismo não poderá receber senão uma esteril reacção da opposição espontanea que apresenta-lhe hoje o atheismo* em tantos metaphysicos e scientistas, cujas disposições anti-theologicas só acabam por entravar, visto uma repugnancia absoluta, a regeneração que prepararam, a certos respeitos, no seculo precedente (o decimo oitavo). *Longe de contar com o apoio dos atheus actuaes, o positivismo deve, pois, achar nelles adversarios naturaes*, embora a pouca consistencia das opiniões delles permitta, aliás, reconduzir facilmente aquelles cujos erros não são essencialmente devidos ao orgulho.

AUGUSTO COMTE. *Discurso preliminar do systema de Politica Positiva*, sahido primeiro, em Julho de 1848. Publicado depois no Primeiro tomo do *Systema de Politica Positiva*, pgs. 46 a 49.

A theoria subjectiva de Deus nos permitte *de tudo conciliar sem concessão*, mostrando que as crenças theologicas foram instituições espontaneas da Humanidade, para crear-se, na sua infancia, guias imaginarios, que a especie preponderante (a Humanidade) não podia achar na ordem real. Nossos precursores immediatos, os encyclopedistas do ultimo seculo (seculo decimo oitavo), retidos, pela metaphysica, *no ponto de vista puramente individual, e desde então incapazes de sentimentos historicos*, tinham viciosamente attribuido essas crenças a legisladores incredulos, que as teriam forjado para dominar. Póde-se entretanto passar desse falso systema á apreciação normal substituindo a especie ao individuo, de maneira a representar o supposto creador, como uma verdadeira creatura, não do homem, porém da Humanidade, *cujas instituições têem a potencia de submetter a razão pessoal com tanto imperio como as leis exteriores do Destino universal*. Assim, os positivistas honram, segundo os tempos e os lugures, primeiro os deuses, depois o seu unico herdeiro, a titulo de creações provisorias do Grão-Ser (a Humanidade). Em relação ao ultimo estado do Catholicismo, elles devem especialmente glorificar a Virgem como o precursor mystico da Humanidade. Seu culto será facilmente transformado de maneira a trazer as almas catholicas, sobretudo femininas, á adoração positivista. E' sobretudo dirigindo essa transformação que os jesuitas, regenerados em ignacianos, poderão ajudar-nos a organizar o Occidente, comtanto que elles reconheçam a *superioridade normal da Religião fundada na existencia natural dos pendores benevolos*, que o Cathalicismo foi forçado a negar para fazer plenamente prevalecer o Egoismo divino.

AUGUSTO COMTE — Carta a John Metcalf, de jovedia, 3 de Aristoteles de 68 (28 de Fevereiro de 1856), p. 76 a 77.

...Afinal emancipado da medicina, como o tinha sido successivamente da theologia, da metaphysica, e mesmo da sciencia, instituo, a meus riscos, e segundo minha missão fundamental, um typo decisivo dos costumes normaes, guardando *de cada uma dessas quatro tutellas provisorias*, o que ella tem de verdadeiramente incorporavel ao positivismo. Quando a educação encyclopedica houver por toda parte espalhado as sãs noções geraes sobre a natureza humana, todo doente sufficientemente esclarecido tornar-se-ha o seu melhor medico, si a sua razão permanecer plenamente intacta; no caso actual, a maior perturbação corporal não suscitou-me jámais a menor dôr de cabeça. Até que o sacerdocio tenha irrevogavelmente absorvido a medicina, os doutores de profissão não serão consultados senão quanto ás *informações especiaes* concernentes aos symptomas e aos meios, sem jámais dirigirem o conjunto do tratamento que elles não pódem nullamente apanhar.

AUGUSTO COMTE — *Correspondencia inedita*, Segunda serie. Carta a Hadery do martedia, 6 de Gutemberg 69 (terça-feira 18 de Agosto de 1857) pgs. 394 a 395.

No jovedia (quinta-feira) 16 de Setembro proximo passado (1926), á noute, encontrámos, em nossa casa, enviado pelo Dr. A. Felicio dos Santos, o opusculo, sob o titulo: *"O Dogma da Immaculado Conceição de Maria Santissima; pelo Padre José Gonçalves d'Aguiar, bacharel formado na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra. Lisboa. Typographia Universal*, 1880".

Antes de receber este opusculo, já conheciamos a carta de São Bernardo, escripta no anno de 1140, aos Conegos de Lyon, cuja traducção em portuguez reproduzimos na meditação sobre "O Anno sem Par", sahida em Dezembro de 1900. Depois, essa carta foi reeditada na publicação n. 215 do Apostolado Positivista do Brasil, que sahio em Abril de 1903, sob o titulo "O Culto Catholico". Reflexões positivistas sobre o culto catholico, considerado como o herdeiro das religiões anteriores pela adoração do Redemptor; e precursor immediato da Religião da Humanidade, pela adoração da Virgem-Mãe.

Em seguida, essa carta tem sido recordada em outras publicações da Igreja Positivista do Brasil.

Na conversa com o Dr. A. Felicio dos Santos, a 7 de Setembro proximo passado (1926), á noite, tivemos ensejo de referirmo-nos a essa carta de S. Bernardo, e ás reflexões que a sua conclusão suggere.

Depois de apresentar as considerações contrarias á instituição da *Festa da Immaculada Conceição*, São Bernardo termina a referida carta, com as seguintes reflexões de um admiravel *relativismo*, inspirado pelo Amor, conforme o exemplo de São Paulo:

"Pois que as cousas são assim, que razão ha pois para festejar a concepção? Que meio, digo, ha ou de sustentar que essa concepção é santa, quando não vem do Espirito-Santo, para não dizer que ella deriva do peccado, ou de celebrar-lhe a festa, quando ella nada tem de santa? A Virgem gloriosa dispensa de bom grado essa honra que parece ou honrar o peccado, ou revestil-a de uma santidade mentirosa. *Nada poderá agradar-lhe nessa novidade emprehendida contra o rito da Igreja, e que é mãe da temeridade, irmã da superstição, filha da leviandade*. Mas se julgassem de outra fórma, *seria preciso consultar primeiro a autoridade da Sé apostolica* e não seguir com tanta precipitação e irreflexão a *simplicidade de alguns ignorantes*. Eu já havia constatado esse erro em algumas pessoas, e dissimulava, *poupando uma devoção que vinha da simplicidade do coração e do Amor da Virgem*. Mas, achando a *superstição* entre os sabios e em uma Igreja nobre e celebre da qual sou especialmente filho, não sei si teria podido calar-me sem irrogar-vos, mesmo a vós todos, uma grave offensa. *Entretanto o que disse seja dito sem prejuizo de uma opinião mais sabia*. SOBRETUDO EU RESERVO TODO ESSE NEGOCIO, *como os que são da mesma natureza*, AO EXAME E Á AUTORIDADE DA IGREJA ROMANA. *Si penso de modo diverso della*, ESTOU PROMPTO A REFORMAR O MEU SENTIMENTO SOBRE O DELLA. (OBRAS DE S. BERNARDO, traduzidas por Armando Ravelet, sob o patrocinio de Monsenhor Bispo de Versailles, precedida da Historia de S. Bernardo e do seu seculo por P. Theodoro Ratisbenne. Tomo I, pag. 455 a 458 — 1870 — Os griphos e versaletes são desta traducção).

A' vista desta carta, cremos que não se póde deixar de deplorar profundamente o opusculo acima citado, do Padre José Gonçalves d'Aguiar.

Porque, segundo os ensinos de Augusto Comte desde que se acceita, conforme proclamou S. Paulo, a supremacia do Amor (*agape*) sobre a fé e a esperança, os supremos interesses da Humanidade prescrevem aos catholicos o dever de seguirem, nesta questão, o exemplo de S. Bernardo, um dos maiores Santos, a quem Dante celebra, no mais bello dos poemas, como tendo a gloria de entoar o supremo hymno á Virgem-Mãe de Deus.

De facto, a supremacia social do Amor é incompativel com a fomentação das discordias nas familias, nas patrias, e nas igrejas, bem como nas relações mutuas das familias, das patrias, e das igrejas, entre si. Em todos os casos, a supremacia do Amor patenteia que a Paz altruista é o supremo interesse social. Por isso a supremacia do Amor acabou por instituir o recurso ao *arbitramento obrigatorio*, ou mesmo á *sorte*, para decidir os conflictos politicos quaesquer, tanto civis como internacionaes: só admittindo o emprego de meios militares quando o exige a *defeza material da ordem social* violada por *aggressão militar, interna ou externa, realizada*.

Inspirando-se no conjunto do Passado catholico e especialmente nos ensinos de S. Paulo, a supremacia do Amor conduziu S. Bernardo a reconhecer a necessidade de submetter a instituição da Festa da Immaculada Conceição de Maria Santissima "primeiro á autoridade da Sé apostolica;" "de reservar todo esse negocio, como os que são da mesma natureza, ao exame e á autoridade da Igreja Romana." Isto é, S. Bernardo submetteu a sua razão individual á autoridade da Igreja Romana; e declarou-se "prompto a reformar o seu sentimento sobre o da Igreja Romana."

Similhante conducta corresponde ao recurso do *arbitramento* ou mesmo da *sorte*, nas contendas domesticas, civicas, e internacionaes, em relação ás quaes a razão e os sentimentos dos contendores não conseguem que elles cheguem a accôrdo.

O estado a que já tiver attingido o *espirito positivo*, — em virtude da evolução espontanea da Humanidade, — de antemão garante que as possiveis perturbações, sociaes e moraes, por ventura resultantes, na peor hypothese, de uma decisão pontificia, aggravando o mysticismo da fé theologica, são incomparavelmente menores do que os males sociaes e moraes provenientes das dissenções religiosas.

Embora o procedimento recommendado por S. Bernardo não houvesse sido explicitamente motivado por essa *consideração positiva*, é ella que demonstra, na *realidade*, a sabedoria da sua conducta, bem como a *racionalidade relativa* dos catholicos que acceitam o Dogma da Immaculada Conceição, depois que esse dogma foi proclamado por Pio IX, a 8 de Dezembro de 1854, apezar da opinião em contrario de S. Bernardo, resumindo a dos seus mais eminentes predecessores, e seguida por eminentes successores seus.

Para patentear a exactidão do que precede, basta lembrar que, quando foi proclamado por Pio IX, o Dogma da Immaculada Conceição, a 8 de Dezembro de 1854, já Augusto Comte havia construido sob o angelico prestigio de Clotilde de Vaux a Religião da Humanidade, e se tornado assim o Primeiro Sumo-Pontifice da Humanidade.

De facto, em Agosto desse anno de 1854, apparecera o IV Tomo do *Systema de Politica Positiva*, no qual foi instituida a Utopia Positiva da Virgem-Mãe, como resumo actual da Religião da Humanidade. De sorte que perturbar, desde então, a concordia catholica, oppondo a esse dogma as opiniões do proprio S. Bernardo e dos seus mais egregios predecessores, seguidos por eminentissimos successores, só pode ser em prejuizo da harmonia social e moral, em uma palavra, em prejuizo da harmonia religiosa da Humanidade. Pois que, si S. Bernardo procurou preservar de todo desvio mystico o culto da Virgem-Mãe, invocando, para isso, a razão e a situação do Catholicismo, no seu tempo; foi o mesmo S. Bernardo quem declarou, segundo a sua piedade, a sua razão, e a situação do Catholicismo nessa época, que "reservava todo esse negocio, como os que são da mesma natureza, ao exame e á autoridade da Igreja Romana;" e se confessou "prompto a reformar o seu sentimento sobre o desta".

Proclamado, portanto, pela Igreja Romana, tendo por orgão Pio IX, o Dogma da Immaculada Conceição de Maria Santissima, cumpre aos catholicos acceitarem esse dogma segundo a opinião do proprio S. Bernardo. E, afim de que essa acceitação em nada prejudique á veneração votada a S. Bernardo e a todos os Santos e Santas, cuja piedade pela Virgem Maria Santisssima, cuja razão e cuja fé levaram a recusar similhante dogma, cumpre, mais uma vez, invocar a effusão de S. Paulo, realçada pelo embellezamento poetico de Dante:

"Oh! profundidade das riquezas, da sabedoria, e da sciencia de Deus! Quão incomprehensiveis são os seus juizos e quão inescrutaveis os seus caminhos! Porque quem conheceu a mente do Senhor, ou quem foi o seu conselheiro."

São Paulo, *Epistola aos Romanos*. Cap. XI, vs. 32 a 34.

Appreciação equivalente se encontra na Divina Comedia, *Paraiso, Canto* XIX, vs. 67 a 90.

Assim, — emquanto se crê em Deus, como os catholicos, — as opiniões dos maiores Santos contrarias ao Dogma da Immaculada Conceição, só servirão para maior resplendor do culto da Virgem-Mãe de Deus, patenteando que a apreciação dessa divinal gloria excede a capacidade da razão, da fé, e mesmo da piedade dos seus mais exaltados enthusiastas e dos seus mais santos adoradores. De sorte que tal dogma só foi revelado por uma nova graça quando Deus assim o quiz nos seus inescrutaveis designios. O Dogma da Immaculada Conceição em nada offusca o brilho do santo cortejo dos seeus mais preclaros e sabios adoradores, pois que as opiniões delles contra esse dogma fornecem apenas mais uma prova de quanto é mesquinha a intelligencia humana, mesmo nos mais espantosos genios, arróubados pelos mais portentosos corações. Esse culto da Immaculada Conceição, só póde, pois, contribuir, *nos seus sinceros adeptos de hoje*, para desvanecer, — como o exige a regeneração social, — as pretenções da supremacia do espirito sobre o coração.

Os positivistas podem suppôr que S. Bernardo e os Santos catholicos que não acceitaram a crença na Immaculada Conceição de Maria Santissima, quando essa crença era deixada á livre apreciação da piedade, da fé, e da razão dos catholicos; os positivistas podem suppôr, dizemos, que S. Bernardo e seus mais santos predecessores e successores, em taes condições, seriam positivistas, quando foi declarado o Dogma da Immaculada Conceição. Ou que, si S. Bernardo vivesse então, e fosse catholico, o seu prestigio teria impedido a proclamação do Dogma da Immaculada Conceição .

Abstraindo, porém, de qualquer conjectura, e acceitando o irrevogavel Passado, os supremos interesses da Humanidade mostram que cumpre que os catholicos, — em vez de desconhecerem a *realidade da evolução historica* sobre a crença da Immaculada Conceição, — vulgarizem tal *realidade*. Pois que o desconhecimento dessa realidade é impossivel, não só aos que não são catholicos, como aos catholicos.

E o tentar semelhante desconhecimento, só póde ser prejudicial ao ascendente social do Amor, tanto entre os catholicos, como entre os que não são catholicos.

Com effeito, pretender entre os catholicos desconhecer a realidade da evolução historica sobre o Dogma da Immaculada Conceição redunda em crear um antagonismo entre o culto da Virgem-Mãe e a veneração por S. Bernardo, bem como por seus maiores predecessores e successores. De sorte que os que são catholicos são assim induzidos a pensar que as opiniões de São Bernardo e de seus mais egregios predecessores e successores, sobre a Immaculada Conceição, fornecem argumentos contra a fé catholica e contra a autoridade da Santa Sé.

E, entre os que não são catholicos, a pretenção de catholicos desconhecerem a realidade historica sobre o Dogma da Immaculada Conceição, é invocada como um motivo de entreter animosidades para com o Sacerdocio catholico e os catholicos instruidos, assim tornados suspeitos de procurarem manter o seu ascendente religioso mediante a illusão e a ignorancia da generalidade dos crentes, abuzando, sobretudo, da confiança do sexo feminino.

Ora, semelhante attitude é evidentemente em prejuizo do ascendente do Amor nas relações humanas, — domesticas, civicas, e religiosas, — e, ao mesmo tempo, nociva ás disposições mentaes adequadas á livre acceitação universal da fé altruista, sem a qual não será restabelecida a harmonia religiosa no Occidente, e, portanto, estendida á Terra inteira.

Ao passo que, a *realidade historica* a tal respeito constitue, — para quem professa a crença catholica em Deus, — mais um estimulo a emancipar-se do orgulho intellectual, e robustecer a subordinação do espirito ao coração, por um lado. E, por outro lado, a *realidade historica* mostra a necessidade de subordinar incessantemente a personalidade á sociabilidade, conforme o exemplo de S. Bernardo, graças ao culto da Virgem-Mãe.

Cremos que as reflexões precedentes bastam para evidenciar que o escrupuloso respeito á *realidade* da evolução historica, quanto á crença da Immaculada Conceição, — da mesma sorte que em relação ás questões quaesquer, — é indispensavel ao conseguimento da harmonia religiosa pela qual aspiram, desde épocas immemoriaes, todos os povos da Terra. Felizmente, é para essa harmonia que a Humanidade vai espontaneamente fazendo convergir todos os seus diversos nucleos, finalmente em contacto cada vez mais intimo. E o advento da Religião da Humanidade realizou-se a tempo de garantir, para sempre, a efficacia regeneradora do culto da Virgem-Mãe, permittindo que as tendencias mysticas inherentes á crença na Immaculada Conceição fossem dogmaticamente consagradas quando a situação historica tornara possivel a observancia systematica da maxima:

Conciliante de facto, inflexivel em principio,

que São Bernardo presentira, "poupando uma devoção que vinha da simplicidade do coração e do Amor da Virgem", sem que soffressem os supremos interesses da Humanidade.

As reflexões precedentes parecem-nos bastantes para dissipar tambem o lamentavel engano final do Dr. A. Felicio dos Santos:

"Só a comparação da politica immoral da Republica materialista e athea que a substituio, me faz ter saudades da monarchia honesta e patriotica do Imperador e esquecer os erros passados".

A Republica Brasileira não é, nem *materialista* nem *athéa*. A Republica Brasileira, constatando a immensa anarchia religiosa em que se acha a sociedade moderna, *desistio de aggravar* semelhante anarchia, continuando o *regalismo* que o Imperio Brasileiro herdára da Realeza luso-americana. E, afim de contribuir tanto quanto está ao seu alcance para o termo dessa anarchia religiosa, a Republica Brasileira proclamou, como resumo de suas *aspirações* politicas e sociaes, a divisa *Ordem e Progresso*, inscrevendo-a na sua bandeira, segundo os ensinos sociologicos de Augusto Comte, graças ao prestigio regenerador de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, fundador da mesma Republica.

E catholicos brasileiros acceitam essa divisa com a mesma coherencia com que acceitam outras verdades positivas, embora não instituidas por catholicos.

De conformidade com esse ideal, a Republica Brasileira libertou do absolutismo regalista o Sacerdocio catholico e o povo brasileiro, estabelecendo a completa separação entre o Poder temporal e a Autoridade espiritual, garantindo a plena liberdade das crenças catholicas, como a plena liberdade das crenças quaesquer. E, afim de patentear que o attingimento de tal aspiração só seria conseguido mediante a supremacia politica do Amor universal, a Republica Brasileira proclamou o Amor universal como o principio fundamental do regimen republicano, instituindo para cultura directa do Amor universal, o systema das *Festas Nacionaes*.

Ao passo que o Imperio Brasileiro reduzia as commemorações civicas a glorificações *nacionalistas e dynasticas*, entravando pelo regalismo a influencia regeneradora do Catholicismo, e a liberdade espiritual dos que não eram catholicos.

Obedecendo ao impulso regenerador que fundou a Republica Brasileira, a Constituinte Republicana reconheceu, explicitamente, no Art. 78 da Constituição Federal, esse predominio do regimen republicano fundado a 15 de Novembro de 1889, sobre a Constituição Federal de 24 de Fevereiro de 1891. E, na sessão de 25 de Fevereiro de 1891, votou unanimemente, sem debate, a moção apresentando Benjamin Constant como modelo aos futuros presidentes.

A Monarchia Brasileira não tem sómente a responsabilidade da guerra do Paraguay, e da luta episcopo-maçonica, conforme reconhece o Dr. A. Felicio dos Santos.

Ora, nenhuma das calamidades que tem atravessado a Republica Brasileira se compara a esses dous crimes devidos ás paixões nacionalistas e regalistas.

A Monarchia Brasileira impoz á Republica do Uruguay, em nome da *Santissima e Indivisivel Trindade*, um tratado em 1851, pelo qual essa Republica Irmã se compromettia a devolver ao Imperio os escravos que se refugiassem na mesma Republica.

Pelo contrario, além da libertação do Sacerdocio catholico, a Republica Brasileira aboliu o serviço militar obrigatorio, estabelecendo que os claros do exercito seriam preenchidos mediante o voluntariado; instituio o arbitramento obrigatorio para a solução das questões internacionaes; emfim, inaugurou com o Barão do Rio Branco a verdadeira diplomacia republicana mediante o tratado da Lagôa Mirim.

Unica entre as nações do Continente Colombiano, a Monarchia Brasileira reconheceu Maximiliano como imperador do Mexico.

A Monarchia manteve e aggravou o crime occidental da escravidão africana, apezar dos esforços abolicionistas de José Bonifacio, o velho Patriarcha da Independencia. E só reconheceu *extinta* a escravidão africana no Brasil, duas gerações depois de José Bonifacio, e cerca de quatro annos depois que o Ceará, o Amazonas, e varios districtos do Rio Grande do Sul, tinham patenteado que só uma fracção insignificante das classes dominantes tentava manter tal escravidão. Ainda mais, a Monarchia só declarou *extinta* a escravidão africana, depois que os mais prestigiosos chefes militares appellaram que se não empregasse o exercito na captura dos escravos que abandonavam as fazendas dos seus senhores.

Nessas condições, como qualificar de *honesta e patriotica a monarchia do Imperador e esquecer os erros passados?* Como *ter saudades* de tal monarchia?

Todos os graves erros e crimes politicos de que tem continuado a ser victima o povo brasileiro, durante a Republica, têm provindo da violação do regimen republicano inaugurado a 15 de Novembro de 1889. Taes erros e crimes não se teriam dado se uma morte prematura não tivesse arrebatado Benjamin Constant, um anno depois do gesto cavalheiresco que fundou a Republica. Da mesma sorte que os graves erros e crimes politicos do Imperio teriam sido evitados, se Pedro I tivesse conservado á testa do Governo o sabio Patriarcha que o investira da gloria de proclamar a Independencia politica do povo brasileiro.

Essa recordação do passado parece-nos sufficiente para demonstrar que o Positivismo nenhuma solidariedade tem com o atheismo e as demais concepções revolucionarias que assignalaram o termo da missão social do Theologismo e precederam ao advento da Religião da Humanidade. O que fica incontestavel é que hoje só resta a alternativa formulada por Augusto Comte:

Os positivistas e os catholicos podem já concertar-se dignamente, afim de obrigar, em nome da razão e da moral, todos os que crêm em Deus a voltarem a ser catholicos, todos os que não crêm a se tornarem positivistas, o seculo da construcção não devendo comportar luta senão entre doutrinas verdadeiramente organicas, eliminando todos os puros criticos como tão atrazados quanto perturbadores. (*Cartas a diversos*, I, 2ª parte, pag. 261. Carta a A. Sabatier, de 8 de Shakespeare de 68 — 17 de Setembro de 1856).

E' chegado o momento de realizar o voto que eu formulava em 1841, em uma nota da minha *Philosophia positiva* (tomo V, pag. 327), de concentrar as discussões philosophicas e sociaes entre os catholicos e os positivistas, afastando de commum accôrdo, todos os metaphysicos ou negativistas (protestantes, deistas e septicos), como radicalmente incapazes de cooperar na construcção que deve distinguir o decimo nono seculo do decimo oitavo. Cumpre agora urgir todos os que creem em Deus a voltar ao catholicismo, em nome da razão e da moral; ao passo que, ao mesmo titulo, todos os que não creem nelle a tornar-se positivistas...

AUGUSTO COMTE — Cartas a Henry Edger e a John Metcalf. Edição Jorge Lagarrigue. Carta de lunedia 7 Gutemberg 68 (segunda-feira 18 de Agosto de 1856), a John Metcalf, pag. 81.

Eis a nota da *Philosophia Positiva* (tomo V, pag. 327), a que se refere AUGUSTO COMTE:

"Nasci no catholicismo: porém a minha philosophia está por certo assás caracterizada d'oravante para que alguem possa attribuir a tal accidente a minha predilecção systematica pelo aperfeiçoamento geral que o organismo social recebeu, na idade-média, sob o ascendente politico da philosophia catholica. A dizer a verdade, haveria, creio, importantes vantagens em concentrar hoje as discussões sociaes entre o espirito catholico e o espirito positivo, os unicos que possam agora lutar com fruto, como tendendo ambos a estabelecer, sobre bases differentes, uma verdadeira organização, eliminando, de commum accôrdo, a metaphysica protestante, cuja intervenção não serve mais senão para gerar estereis e interminaveis controversias, radicalmente contrarias a toda sã concepção politica. Porém a universal infiltração, mesmo entre os melhores espiritos actuaes, dessa vã e versatil philosophia, e tambem a maneira demasiado estreita pela qual o catholicismo é agora comprehendido pelos seus mais eminentes partidarios, apenas me permittem esperar tal melhoramento real, quando mesmo a escola positiva até aqui essencialmente reduzida a mim só, estivesse já, em politica, sufficientemente formada."

AUGUSTO COMTE — *Systema de Philosophia Positiva*, publicada sob o nome de *Curso de Philosophia Positiva*, Tomo V, paginas 326 a 327. Tomo sahido em 1841.

O apelo que criteriozamente notastes na minha ultima circular (1), ao conjuncto dos theologistas sinceros achar-se-á especialmente dezenvolvido pelo meu opusculo excepcional (2). Constituirei ahi *a aliança religiosa* que ligará, sob o pozitivismo, primeiro os catolicos, depois os muzulmanos, emfim os protestantes que aspiram á reconstrucção do poder espiritual; e mesmo os deistas e panteistas, si os ha, nos quaes o principio da separação das duas potencias (espiritual e temporal) haja prevalecido sobre as tendencias revolucionarias. Tendo agora acabado a geração da produção, o pozitivismo começa a de instalação, que o meu proximo opusculo (3) abrirá, espero, em dispozições verdadeiramente conciliantes, apropriadas para congraçar as almas selectas de todos os partidos em torno do nucleo regenerador, que, como o sentistes judiciozamente, não constitui um partido, por isso mesmo que abraça o conjuncto da solução.

AUGUSTO COMTE — *Cartas a diversos*, publicadas pelos seus testamenteiros. — Tomo I. — Primeira parte. — Cartas a G. Audiffrent; carta de lunedia 1º de Homero de 67 (segunda-feira 29 de Janeiro de 1855), p. 238.

A sabia rezerva do clero catholico formará como o sentistes perfeitamente um contraste crecente com as animozidades protestantes ou deistas. Tendemos assim para a realização do voto que emeti em 1839, em uma nota do tomo IV da *Filozofia Positiva* (4), sobre o acordo do positivismo e do catholicismo para afastar de toda discussão o protestantismo, como incapaz de rezultado algum. No fundo, o triumfo da Humanidade sobre Deus reduz-se agora a fazer irrevogavelmente prevalecer a *nós* sobre o *eu*. Por mais pessoal que seja a doutrina teologica, a sabedoria

(1) *Sesta Circular annual* dirigida a cada cooperador do livre subsidio espontaneamente instituido para o sacerdocio da HUMANIDADE. Paris, lunedia 15 de Moizés de 67 (segunda-feira 15 de Janeiro de 1855).

(2) *Apelo aos Conservadores* — Traduzido e anotado por Miguel Lemos. Publicação n. 194 da Igreja Pozitivista do Brazil.

(3) *Apelo aos Conservadores*

(4) Cremos que ha engano nesta referencia da alludida nota ao *tomo IV da Philosophia Positiva*, sahido em 1839; e que a mencionada nota foi transcripta acima, nesta columna, traduzida do *tomo V da Philosophia Positiva*, sahida em 1841, paginas 326 a 327, conforme nosso MESTRE recorda, na carta a John Metcalf, de lunedia 7 de Gutemberg de 68 (segunda-feira, 18 de Agosto de 1856). Indicaremos adiante o objecto das notas do *tomo IV da Philosophia Positiva*, sahido em 1839.

sacerdotal tornou-a empiricamente social. Porém a metaphysica não póde nunca ser sinão individual, de maneira a suscitar dispozições tão retrogradas como anarchicas, negando toda divizão dos dois poderes (temporal e espiritual), para tender para a pedantocracia sonhada pelos sofistas gregos. Eis pois os nossos verdadeiros inimigos, ao passo que o clero catolico verá em breve em nós herdeiros, e mesmo defensores contra a opressão que o ameaça, si as tres partes do orçamento teorico (teologica, metafizica, e sientifica) não forem suprimidas simultaneamente. Eis porque conto recrutar um centezimo dos padres francezes, ao passo que não espero converter um milezimo dos nosssos pedantes.

Ibidem. — Carta de venerdia 19 de Homero de 67 (sexta-feira 16 de Fevereiro de 1855), a G. Audiffrent, p. 242. Os parentezes são desta tradução.

Tudo quanto precede evidencia que a liga religiosa que Augusto Comte propõe aos catholicos tornarem *voluntaria*, como já o é por parte dos positivistas, existe, de facto, espontaneamente, graças ao ascendente inilludivel da Humanidade sobre todos os seus filhos.

Desde o inicio philosophico de Augusto Comte, a effectividade dessa liga se patenteou, conforme observa Augusto Comte no seguinte trecho do IV Tomo do *Systema de Politica Positiva*:

"Emfim, o quinto opusculo (*Considerações sobre o Poder espiritual*) expoz, de uma maneira decisiva, em Março de 1826, no mesmo periodico (*OProductor*), a divisão, philosophica e social, das duas potencias elementares.

"A minha tendencia contínua a fundar um novo sacerdocio tornou-se desde então assaz pronunciada para attrahir-me, ao mesmo tempo os reproches da escola revolucionaria, sob pretexto de theocracia, e as felicitações da escola retrograda, em nome da ordem. O contraste das duas apreciações que esse trabalho inspirava a dous escriptores acreditados (Benjamin Constant e Lamennais) indicava já a attitude normal do partido que eu instituia em relação áquelles dos quaes elles eram os chefes respectivos. Essa opposição poude ser especialmente verificada em um mesmo espirito, quando o eloquente defensor do catholicismo tornou-se cegamente hostil á doutrina positiva, á medida que elle degenerava em declamador revolucionario. (*Appendice geral*, pags. III a IV.)

Augusto Comte dá, a esse respeito, a seguinte informação na carta de jovedia 8 de Archimedes de 69 (quinta-feira 2 de Abril de 1857), a seu discipulo Alfredo Sabatier:

"Trinta e um annos me separam das memoraveis conferencias que seguiram-se ao opusculo decizivo, no qual eu havia publicamente consagrado minha vida á fundação occidental do verdadeiro poder espiritual. Então o verdadeiro chefe do partido catholico (o padre La Mennais) provocou tres livres entrevistas, nas quaes, como dignos adversarios, sem nenhuma vã esperança de conversão mutua fomos espontaneamente conduzidos ao esbeço da grande liga religiosa, agora em sua plena maturidade..." (Augusto Comte — *Cartas a diversos*, publicadas por seus testamenteiros, Tomo I, Segunda Parte, pg. 308).

Note-se que, por uma feliz coincidencia o anno 1826, no qual, Augusto Comte trouxe, aos esforços regeneradores do Sacerdocio Catholico, o apoio do Positivismo nascente, era o do sexto-centenario subjectivo do grande S. Francisco de Assis, o incomparavel reformador do decimo-terceiro seculo.

Os documentos concernentes ás relações entre Augusto Comte e Lamennais, acham-se reunidos na publicação da Igreja Positivista do Brasil, sob o titulo: Clotilde de Vaux (n. Marie) et Auguste Comte, Tomo II (Segunda parte), n. 388 B, sahido a 5 de Moisés de 64|130 (5 de Janeiro de 1918).

Chegado ao termo da sua carreira, Augusto Comte tomou a iniciativa de tornar *voluntaria* por parte dos catholicos, a liga religiosa, propondo-a ao Geral da Companhia de Jesus, em Roma. Foi encarregado dessa missão em proi da regeneração humana, Alfredo Sabatier. Infelizmente, o Geral dos Jesuitas não correspondeu aos votos altruistas do nosso Mestre.

Depois da calamitosa morte de Augusto Comte, a evolução da Humanidade vae tornando cada vez mais evidente a convergencia espontanea dos esforços religiosos dos catholicos e dos positivistas. De sorte que, sejam quaes forem as decepções do presente, os verdadeiros positivistas sentem-se amparados incessantemente, pela Humanidade, e antevêm, como cada vez mais proximo, o dia em que os catholicos acceitarão voluntariamente a alliança em que o Destino benevolo, embora cego, cada dia mais os empenha.

Sobre a *alliança religiosa*, veja-se o *Appello aos Conservadores*, traducção e notas de Miguel Lemos, pas. 113 a 121.

Concluindo a *Imitação*, Thomaz de Kempis formulou a sentença:

"Toda razão e toda investigação natural deve seguir a fé, e não precedel-a nem infringil-a." (Livro IV, cap. XVIII).

Augusto Comte tomou essa sentença para epigraphe da *Synthese Subjectiva*, traduzindo-a no seguinte axioma:

O homem deve, cada vez mais, subordinar-se á Humanidade.

Augusto Comte já havia assignalado a origem desse axioma, transformando a maxima catholica:

"O homem se agita e Deus o conduz."

no principio positivista:

"O homem se agita e a Humanidade o conduz."

R. Teixeira Mendes,
Apostolo da Humanidade.
N. em Caxias (Maranhão) a 5 de Janeiro de 1855; empiricamente surgido da propaganda inaugurada em fins de 1878, por Miguel Lemos, quando este se achava em Pariz.

Rio, 1º de Descartes de 72/138 (8 de Outubro de 1926).

Sahido na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 10 de Outubro de 1926.

Religião da Humanidade

fundada, sob a angelica inspiração de Clotilde de Vaux (n. Marie).
por
Augusto Comte,
primeiro Sumo-Pontifice da Humanidade;
synthetizando, na Ujopia positiva da VIRGEM-MÃE
resumo do *Systema de Politica Positiva*,
o Culto cavalheiresco da Mulher;
tal qual sob o angelico prestigio de Beatriz Portinari.
Dante Alighieri
resumira, na adoração do mysterio catholico da VIRGEM-MÃE
A Divina Comedia;
annunciando e presidindo á elaboração revolucionaria
da Regeneração humana,
durante os cinco seculos que separam e reunem, ao mesmo tempo,
as duas principaes construcções modernas.

Beatriz e Clotilde, a vós graças infindas
Que unistes Dante a Comte em vossas almas lindas!

Publicação n. 7 do anno 72/138-1926.

Primeiro Centenario do passo inaugural de Augusto Comte
para systematisar
A ALLIANÇA RELIGIOSA ENTRE OS CATHOLICOS E OS POSITIVISTAS
Setimo Centenario Subjectivo do grande S. Francisco de Assis
Inauguração do monumento a Benjamin Constant,
Fundador da Republica Brasileira

O Amor por principio, e a Ordem por base;
o Progresso por fim.
Viver ás claras. *Viver para outrem.* *Ordem e Progresso.*

EM MEMORIA
DE
MADAME GASTON DELARCHE
(NASCIDA LOUISE BIGUES)

Guardiã da Casa da rua Payenne n. 5, em Pariz, em cujo terceiro andar, Clotilde de Vaux (n. Marie) passou os ultimos annos e falleceu no domingo, 5 de Abril de 1846.

Confusamente apreciada pelo instincto occidental a precisão de reconstruir a ordem espiritual deveu *espontaneamente* dirigir as principaes meditações dos dous legisladores (Descartes e Leibnitz) da sciencia fundamental (a Mathematica, para a qual Augusto Comte restaurou o nome medieval de Logica) Uma irresistivel solicitude lhes fez dignamente sentir que a organização final devia philosophicamente emanar do espirito mathematico convenientemente systematizado mediante uma sufficiente generalização. *Melhor juiz do que elles mesmos dos seus impulsos dominantes, a Posteridade* póde doravante apreciar a marcha de ambos, referindo-a á theoria historica que caracteriza o positivismo. *Um fadario involuntariamente supportado differe pouco, quanto aos resultados, de um designio systematicamente proseguido, cuja supposição convenientemente applicada, faz melhor conceber o encadeamento dos progressos.* Os melhores typos da razão moderna (Descartes e Leibnitz) devem aliás ter pessoalmente sentido a tendencia geral do movimento occidental antes que ella se tornasse normalmente apreciavel.

Augusto Comte — *Synthese subjectiva*, tomo I e unico escripto; Cap. VI. Geometria integral, pags. 512 a 513. Novembro de 1856. (Os gryphos e parentheses são desta transcripção).

Em relação ao sentimento, não ha acções indifferentes — Augusto Comte, Politica Positiva, Tomo I, Introducção, p. 243.

Vergine madre, figlia del tuo Figlio
Dante. Paraiso — canto XXXIII.

Amem te plus quam me, nec me nisi propter te.
Thomaz de Kempis — Imitação L. III, cap. V.

EM MEMORIA
DE
MADAME GASTON DELARCHE
(NASCIDA LOUISE BIGUES)

ENSINOS FUNDAMENTAES DA RELIGIÃO DA HUMANIDADE

a) RESUMO DA SABEDORIA FEMININA

I EFFUSÃO DE CLOTILDE SOBRE O CATHOLICISMO

Lembrança preciosa da minha mocidade, companheiro e guia das horas santas que soaram para mim, evoca sempre a meu coração as ceremonias grandes e suaves da Capella do Convento!... (Inscripção de CLOTILDE DE VAUX, em 1837, na *Journée du Chrétien*, seu livro usual na rua Barbette).

CLOTILDE deu esse exemplar a AUGUSTO COMTE, no domingo 29 de Março de 1846, oito dias antes della expirar.

AUGUSTO COMTE — *Testamento*, p. 18; e *Orações*, p. 93.

II AS SETE MAXIMAS DE CLOTILDE DE VAUX

Extrahidas do conjunto dos seus escriptos por AUGUSTO COMTE

E' indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem.

Que prazeres podem exceder aos da dedicação?

Comprehendi, melhor, do que ninguem, a fraqueza da nossa natureza, quando não é dirigida para um alvo elevado, que seja inacessivel ás paixões.

A nossa especie, mais que as outras carece de deveres para fazer sentimentos.

Não ha na vida nada irrevogavel senão a morte.

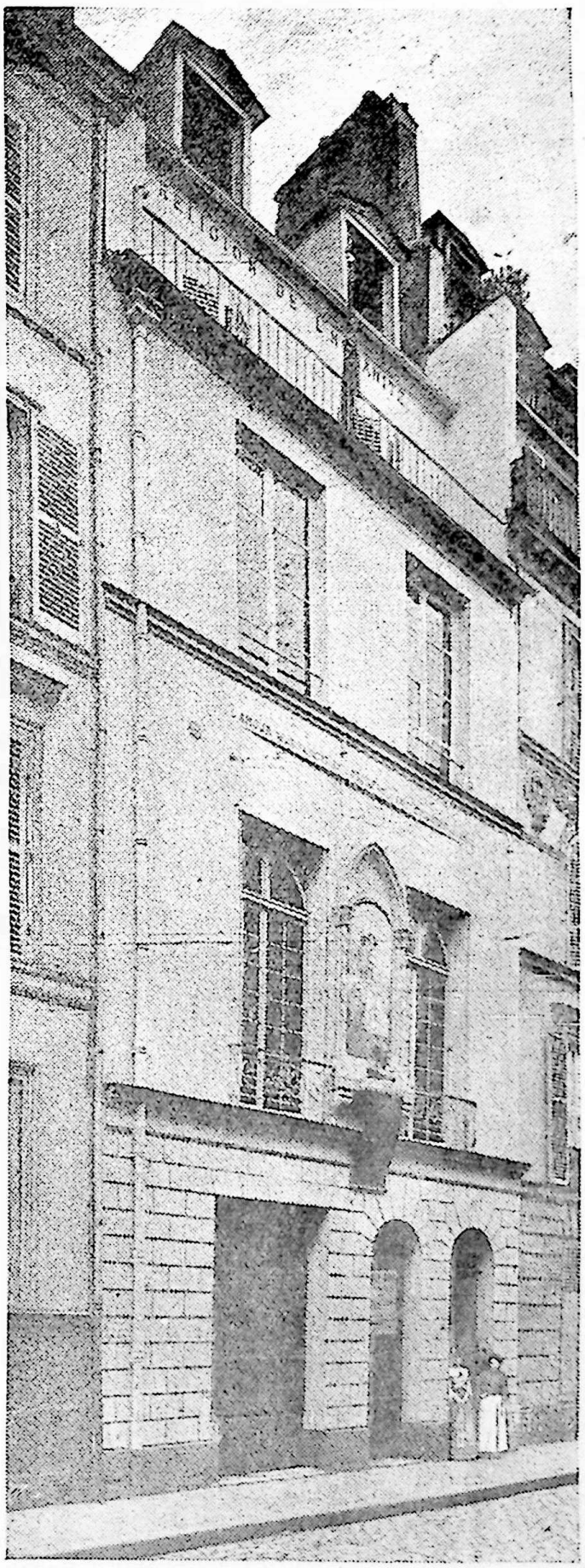
Todos nós temos ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade.

Os máos carecem muitas vezes mais de piedade do que os bons.

Fostes desconhecida, mas eu vos farei appreciar... Não, jamais nenhuma outra... (Minha effusão verbal de 2 de Abril, diante da sua familia, depois da sua extrema-unção).

(*Testamento*. Orações quotidianas. Oração da manhan. pg. 88).

Os philosophos devem arrostar as espadas sem as trazer — Palavras de SOFIA BLIAUX, em Junho de 1848. — (*Vida de* AUGUSTO COMTE, pelo Dr. Robinet, 3ª edição, p. 291).



PARIS — RUA PAYENNE — Caza nº 5 — III Arrondissement. No 3º andar, passou os ultimos annos e falleceu, Domingo 5 de Abril de 1846, CLOTILDE DE VAUX (n. MARIE), ANGELICA INSPIRADORA DA RELIGIÃO DA HUMANIDIADE, fundada por AUGUSTO COMTE.

O CATHOLICISMO E A REGENERAÇÃO HUMANA

O ideal catholico da existencia humana segundo os maiores santos desde S. Paulo, e os maiores pensadores catholicos

Preliminares

Resumo da evolução que preparou a Religião da Humanidade

A

a) *Resumo da sabedoria fetichocratica.*

Revelado aos occidentaes pelos missionarios jesuitas.

Fan-Tch'eu perguntou (a CONFUCIO) o que era a humanidade (virtude). Tzeu (CONFUCIO) respondeu: amar os homens. Elle (Fan-Tch'eu) perguntou o que era a sciencia. Tzeu (CONFUCIO) respondeu: Conhecer os homens. (Lun-Iu., Dialogos). Cap. XII, n. 22).

Tzeu Koung perguntou (a CONFUCIO): existe uma palavra que se deva applicar toda a vida? Tzeu (CONFUCIO) respondeu: Não é *chu?* (que significa *amar a outrem como a si mesmo*). O que não se deseja para si proprio, não causar a outrem. (*Ibidem*, Cap. XV, n. 23).

Ling-Koung (principe) de Ouei interrogou Koung-Tzeu (CONFUCIO) sobre (a maneira de) dispor os exercitos. Koung-Tzeu (CONFUCIO) respondeu dizendo: Quanto aos ritos sobre (dispor) os supportes e os vasos de madeira (para o culto dos antepassados), eu os aprendi; sobre os corpos de quinhentos soldados (sobre a arte militar), eu não o estudei ainda. No dia seguinte (CONFUCIO) partio (*Ibidem* Cap. XV, n. I).

B

Ensinos dos pensadores greco-romanos, cujos escriptos os sacerdocios catholico e islamico salvaram durante os seculos da profunda anarchia que devastou o Mundo greco-romano bem como os povos circumvizinhos, na tranzição da ANTIGUIDADE para a IDADE MEDIA. Depois do predominio do Catholicismo, esses escriptos continuaram até hoje, a ser vulgarizados pelo Sacerdocio catholico, que, para o estudo do latim e do grego, os preferiram sempre ás obras de autores catholicos existentes nesses idiomas.

a) *Resumo da sabedoria theocratica*

Conhece-te a ti mesmo afim de melhorar-te.

b) APRECIAÇÃO POSITIVA DA SITUAÇÃO OCCIDENTAL

Apreciação positiva da evolução occidental.

I. PREDECESSORES GRECO-ROMANOS

Ah! que a dissenção pereça entre os deuses! e entre os homens, pereça a colera que perturba o mais sabio e que, mais doce que o mel liquido se incha como a fumaça, no peito dos homens.

HOMERO — Illiada, canto XVIII. Nono seculo antes do Catholicismo.

Não se póde amar a medicina sem amar os homens.

HIPPOCRATES — Obras — Nascido cerca de 470 annos antes do Catholicismo.

A arte é longa; a vida é curta; a occasião fugaz; a experiencia falaz; o juizo difficil. Não sómente o medico deve fazer o que é preciso, porém o doente tambem; e tambem os que o servem e todos os que o cercam.

HIPPOCRATES — Aphorismos — Livro I. Aph. 1°.

No organismo, tudo concorre, tudo consente, tudo conspira.

HIPPOCRATES — Rezumindo a sabedoria theocratica.

A principal força da mulher consiste em superar a difficuldade de obedecer.

ARISTOTELES, — Citado por AUGUSTO COMTE. *Cathecismo positivista*. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed. p. 349 — 384 a 322 antes do Catholicismo.

Um amigo é uma alma habitando em dous corpos.

ARISTOTELES — Citado por Diogenes Laercio, na *Biographia dos Philosophos*.

Quero que elles tambem dediquem uma estatua de minha mãe a Ceres, em Neméa, ou em qualquer outro lugar que julgarem conveniente. E onde me enterrarem, ahi desejo que colloquem tambem os ossos de Pythias (esposa de Aristoteles), trasladando-os do lugar em que agora jazem, conforme ella mesma recommendou.

ARISTOTELES — Ibidem. Testamento.

A alguem que se jactava de ser de uma grande cidade, ARISTOTELES disse: "Não se deve attender a isso; porém, si se é digno de uma grande patria". Diogenes Laercio — *Biographia dos Philosophos*.

Principio da cooperação — O caracter essencial de toda organização collectiva (isto é, de toda sociedade) consiste na separação dos officios e a combinação dos esforços.

ARISTOTELES, — Citado por AUGUSTO COMTE. *Systema de Politica Positiva*, II, p. 281

Proclamação da fraternidade universal.

Sou homem e nada humano reputo alheio a mim.
TERENCIO — 192 a 158 antes do Catholicismo.

Antecedentes do culto cavalheiresco da MULHER

Jungir-lh'a-hei em casamento estavel
E como propria lh'a darei para sempre.
VIRGILIO — *Eneida*. Liv. I, v. 73, IV, v. 127

Mas, antes para mim se rasgue a terra,
Ou me despenhe o omnipotente Padre,
Com o raio seu, ás sombras, sombras pallidas
Do Erebo e da noite ás profundezas,
Qu'eu Pudor! te viole ou a fé te quebre.
Aquelle que primeiro a si jungio-me
Os meus amores carregou comsigo;
Comsigo os tenha e no sepulchro os guarde.
Ibidem — IV, vs. 24 a 29. — 70 a 19 antes do Catholicismo.

Apreciação poetica dos destinos sociaes dos Gregos e Romanos

Hão de outros, sim, mais mollemente os bronzes
Respirantes fundir, sacar do marmore,
Vultos vivos; orar melhor nas causas;
Descrever com seu radio o Céo rotundo,
O orto e sidéreo curso; tu, romano,
Cuida o mundo em reger; terás por artes,
A paz e a lei dictar, e os povos todos
Poupar submissos, debellar soberbos.
Ibidem. LVI, vs. 881 a 888 da traducção de Odorico Mendes.

Apreciação puramente humana do valor moral.

Ao varão justo e tenaz em seu proposito
Nem dos povos ardor mandando crimes,
Nem crú semblante de minaz tyranno,
Nem Auster, louco flagelando o Hadria,
Nem mão immensa do tonante Jove,
Jámais, na mente solida, sacode.
Se espedaçado desabasse o Orbe
Impavido feril-o-hiam as ruinas.
HORACIO — *Odes*, Liv. III, ide 3° — 65 a 8 antes do Catholicismo.

Considera o summo crime preferir a vida á honra; e por causa da vida, perder as razões de viver.

JUVENAL — fim do primeiro seculo da éra catholica.

Advento do Catholicismo. Seculos I. II. III.
em meio da profunda anarchia religiosa
que dilacerou o Mundo Greco-Romano
e as populações circumvizinhas theocraticas,
quer polytheistas, quer monotheistas judaicas.

APOSTOLADO DE SÃO PAULO

Instituição do Monotheismo romano para corresponder ás aspirações regeneradoras desse nucleo, mediante a supremacia do AMOR (AGAPE) no conjunto das relações humanas. Dahi resultaram:

a substituição do *merito* á *hereditariedade theocratica*, como base das funcções sociaes;

a separação entre o Poder temporal ou governo, e o Poder espiritual ou sacerdocio;

a consagração da plena tolerancia religiosa;

a dignificação de todas as posições sociaes, substituindo a *plena liberdade individual* ao *absolutismo*, em todas as relações humanas, de modo a assegurar:

a emancipação domestica da MULHER, mediante o aperfeiçoamento da monogamia greco-romana, já fundando o casamento na exclusiva iniciativa dos conjuges; já garantindo a *indissolubilidade* até a morte de um dos conjuges e *supprimindo o divorcio;* já extendendo a plena tolerancia religiosa até a união conjugal, mediante a consagração da monogamia indissoluvel nos *casamentos mistos* livremente contrahidos entre crentes de religiões quaesquer;

a dignificação do patrio poder e da obediencia filial; da autoridade masculina e do respeito feminino entre os esposos; da

dominação dos senhores e da submissão dos escravos, conduzindo á final *abolição da escravidão*.

Salvação dos resultados estheticos, philosophicos, scientificos e industriaes que precederam ao Monotheismo romano, e que contribuiram, *sob o aspecto negativo*, para patentear a inanidade social e moral das crenças fetichicas e polytheistas; e, *sob o aspecto* positivo, systematizaram as aspirações regeneradoras, synthetizadas pelo Monotheismo romano. De facto, o que nesses resultados e nessas aspirações regeneradoras é invocado, *hoje*, como contrario a qualquer Theologismo, era então julgado, pelos maiores genios, como apenas incompativel com o Fetichismo, o Polytheismo, e o Monotheismo judaico.

A supremacia do AMOR *(agape) sobre a fé e a esperança.*
Proclamada por SÃO PAULO

29. Não ha judeu nem grego; não ha escravo nem livre; não ha macho nem femea; porque todos vós sois um em Jesus Christo.

S. PAULO. Epistola aos Galatas, Cap. III, anno 51 ou 52 da era Catholica.

1. Se eu fallar as linguas dos homens e dos anjos e *não tiver amor* (*agape*), sou como o metal que sôa ou como o cymbalo que tine.

2. E se eu tiver o dom da prophecia, e conhecer todos os mysterios, e quanto se póde saber: e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montanhas, *e não tiver amor*, não sou nada.

3. E se eu distribuir todos os meus bens no sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, *se todavia não tiver amor*, nada disso me aproveita.

....

8. *O amor jámais ha de acabar;* ou deixem de ter lugar as prophecias ou cessem as linguas, ou seja abolida a sciencia.

....

11. Quando eu era menino, fallava como menino, pensava como menino, discorria como menino. Mas, depois que cheguei a ser homem feito, dei de mãos ás cousas que são de menino.

....

13. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, e o amor, essas tres virtudes; *porém a maior dellas é o amor*. (S. PAULO. *Primeira epistola aos Corynthios*, Cap. XIII.) — 57 éra Catholica.

ADVENTO DO RELATIVISMO MORAL
INSPIRADO POR ESSA SUPREMACIA SOCIAL DO AMOR

Aptidão desse relativismo para garantir a persistencia da harmonia conjugal, apezar das divergencias da fé.

SÃO PAULO, *Primeira epistola aos Corynthios*. Cap. VII, vs. 6 a 16.

Instituição da harmonia entre os sexos, graças a esse relativismo, explicando a dignificação da Mulher, apezar da supremacia social attribuida ao homem.

SÃO PAULO — *Ibidem*. Cap. XI, vs. 7 a 16.

Invocação da Mulher, no typo de Mãe, como modelo supremo do Amor, graças a esse relativismo; e exhortação á simplicidade e á submissão como indispensaveis ao cabal preenchimento da missão social da Mulher.

S. PAULO — *Primeira epistola aos Tessalonicenses*. Cap II, vs. 5 a 8 e *Primeira epistola a Thimoteo*, Cap. II, vs. 8 a 15.

Generalização da tolerancia religiosa
graças a esse relativismo inspirado pelo AMOR

SÃO PAULO — *Primeira epistola aos Corynthios*. Cap VIII. vs. 1 a 13.

CONCEPÇÃO DA HUMANIDADE
em virtude desse predominio do AMOR

3. Pela graça que me foi dada, digo, pois, a cada um de vós, que não se presuma mais do que deve ter consciencia de si, porém que tenha consciencia de si para ser modesto, cada um segundo Deus lhe repartio a medida da fé.

4. Porque, assim como em um corpo temos muitos membros, porém todos os membros não têm a mesma funcção;

5. Assim tambem, sendo nós muitos, somos um só corpo em Christo, e cada um membro uns dos outros.

SÃO PAULO — *Epistola aos Romanos*. Cap. XII, vs. 3 a 5,

Incorporação dos animaes sociaveis á Humanidade

Annunciada pelo culto catholico do cordeiro, da pomba, do gallo e dos outros animaes domesticos

SÃO LUCAS — *Evangelho*, cap. II, v. 7; cap. III, vs. 21 e 22; cap. XXII, vs. 33 a 34 e 55 a 62.

E essa edificante consagração do AMOR, — patenteada na predileção pelos animaes domesticos, sobretudo os mais pacificos, *sobre os animaes guerreiros*, — foi mantida pelas grandes almas protestantes, conforme o attesta a invocação de MILTON, no *Paraiso perdido*, Canto I. Esta invocação applica-se á HUMANIDADE, substituindo, ao *absolutismo* theologico o *relativismo* positivo.

E tu me instrui, Espirito que prezas,
Recto sentir de um coração sem macula,
Num grão subido e mais que os Templos todos
Esparsos pela Terra; instrui que sabes.
Sempre exististe. *Qual suave pomba,*
Tuas azas potentes espandias
Incubando do abysmo a immensidade,
No momento primeiro, e o fecundavas
Ao terno influxo do divino seio.

Continuação desses ensinos
pelos mais egregios successores de SÃO PAULO

In necessariis, unitas; in dubiis, libertas; in omnibus charitas.

Nas couzas necessarias, a unidade; nas duvidosas, a liberdade; em todas, a caridade.

SANTO AGOSTINHO — 354 a 430 da era Catholica.

O verdadeiro amor está plenamente satisfeito de si mesmo.

SÃO BERNARDO — Tratado do Amor de Deus, cap. VII — 1.091 a 1.153 da era Catholica.

E', pois, verdade que o homem ama-se primeiramente por si mesmo, porque sendo carnal, elle nada póde saborear além de si mesmo...

e eu não sei se é possivel a alguem nesta vida chegar até ao quarto grão (do Amor), no qual o homem não se ama mais nada senão por Deus.

Ibidem, cap. XV.

Eis de que maneira Deus deu-me, a mim irmão Francisco, começar a fazer penitencia; quando eu vivia no peccado, erame muito penoso vêr leprosos; porém Deus mesmo conduziume ao meio delles, e ahi fiquei um pouco de tempo (2). Quando os deixei, o que me tinha parecido amargo tornou-se-me doce e facil.

Testamento de S. Francisco de Assis. Traducção do original, por Paul Sabatier. Vida de S. FRANCISCO DE ASSIS, pag. 389.

CANTICO DO SOL

Outomno de 1224 — Outomno de 1225

....

"Um dia, elle (S. FRANCISCO DE ASSIS) se tinha sentado á mesa do mosteiro depois de uma longa conversa com Clara. Tinha se começado apenas a comer, quando de repente elle parece arroubado em extase.

Laudato sia lo signore! exclamou elle voltando a si. Elle acabava de compor o Cantico do Sol.

(Vida de S. Francisco de Assis, por Paul Sabatier; 36ª edição, pag. 348.)

S. FRANCISCO DE ASSIS — 1182 a 3 de Outubro de 1226.

TEXTO [2]

COMEÇAM OS LOUVORES DAS CREATURAS
QUE FEZ O BEM-AVENTURADO FRANCISCO PARA LOUVOR E HONRA DE DEUS
QUANDO ESTAVA EM SÃO-DAMIÃO

Altissimo, omnipotente, bom senhor,
teus são o louvor a gloria e a honra e toda benção.
A ti só, altissimo, são devidos
e nenhum homem é digno de te nomear.
Louvado sejas meu senhor, com todas as tuas creaturas
especialmente monsenhor o irmão sol,
o qual dá o dia, e illumina por elle;
E elle é bello e radiante com grande esplendor;
de ti, altissimo, traz significação.
Louvado sejas, meu senhor, pela irmã lua e as estrellas
no céo as formaste claras e preciozas e bellas.

---

(2) *Feci moram cum illis*. Man. 338. A maioria dos textos impressos dão *misericordiam* que apresenta um sentido menos satisfactorio. Cf. Miscelanea t. III (1888) p. 70; 1 Cel. 17; 3 Soc. 11 — Nota de Paul Sabatier.

2 Segundo o manuscripto 388 de Assis fª 33ª v., p. XXVIII. Elle já foi publicado segundo esse manuscripto pelo P. Panfillo de Mogliano: *Storia compendiosa di San-Francesco*. Roma, 2 vo.-in- 18, 1874 — 1876. As conformidades 202 *b* 2-203 a 1 dão uma lição que não se afasta desta senão por variantes insignificantes. O scientista philologo Monaci estabeleceu um texto critico muito notavel, na sua *Crestomazia italiana dei primi secoli*. Città di Castello fascicule I, 1889, in 8º, pags. 29-31. Esse trabalho inteiramente escrupuloso me dispensa de indicar mais ao longe os manuscriptos ou edições. (*Nota de Paulo Sabatier*).

Louvado sejas, meu senhor, pelo irmão vento
e pelo ar e nuvens e sereno e em todo o tempo,
pelos quaes ás tuas creaturas dás sustento.
Louvado sejas, meu senhor, pela irmã agua,
a qual é muito util e humilde e preciosa e casta.
Louvado sejas, meu senhor, pelo irmão fogo,
pelo qual illuminas a noite,
e elle é bello e jocundo e robusto e forte.
Louvado sejas, meu senhor, pela irmã nossa mãe terra
a qual nos sustenta e governa
e produz diversos fructos com coloridas flores e herva.
Louvado sejas, meu senhor, por aquelles que perdôam pelo teu amor
e sustentam enfermidade e tribulação;
felizes aquelles que perseverarem em paz,
pois por ti, altissimo, serão coroados.
Louvado sejas, meu senhor, pela irmã nossa morte corporea
da qual nenhum homem vivente póde escapar;
desgraça aos que morrem em peccado mortal;
felizes os que se acharem em tua santissima vontade,
pois a morte segunda não lhes fará mal.
Louvai e bemdizei o meu senhor e dai-lhe graças
e o servi com grande humildade.

INCORPORAÇÃO DOS ANIMAES Á HUMANIDADE

Annunciada pela fraternidade de S. FRANCISCO DE ASSIS *para com os animaes*

(Vide o elogio de S. FRANCISCO DE ASSIS, por DANTE, — *Divina Comedia* —Paraizo — Canto XI).

Desprendimento das preoccupações egoistas de recompensas ou castigos como necessarias á virtude; graças á sabedoria feminina, inspirando o emperismo cavalheiresco.

...O amor de Deus animava todas as suas acções e elle louvava muito o dito de uma mulher que fôra achada na Terra Santa, tendo um facho aceso em uma das mãos, e um vaso cheio d'agua na outra; a qual sendo interrogada sobre o que ella queria fazer com isso, respondeu que queria pôr fogo no Paraizo e apagar o fogo do inferno, afim de que, dizia ella, de ora avante os homens sirvam a Deus sómente pelo amor.

BOSSUET — Resumo da Historia de França, Luiz IX (São Luiz).

SÃO LUIZ — 1.215 a 1.270 da era Catholica.

3. TRANZIÇÃO REVOLUCIONARIA MODERNA *XIV a XVIII seculos.*

A. Faze espontanea (XIV e XV seculos)

Annuncio da revolução moderna por DANTE

Tu, para não teres sorpreza,
Pensa que não ha na terra quem governe;
Eis porque se extravia a familia humana.

(DANTE, *Paraizo*, Canto XXVII — 1265 a 1321 era catholica.)

Annuncio por DANTE, *da substituição final do* EU *pelo* NÓS, *e da concepção positiva da vida subjectiva, mediante a substituição do ponto de vista social ao ponto de vista individual. Impenetrabilidade das questões sobrenaturaes á razão individual.*
(Vide DANTE — Divina Comedia — Paraizo, Canto XIX).

Annuncio da regeneração humana, graças á angelica influencia da Mulher, proclamada através do mysterio da VIRGEM-MÃI *sob o prestigio de* BEATRIZ PORTINARI, *illuminando o genio cavalheiresco de* DANTE ALIGHIERI.

Vide na publicação n. 10 do anno 1926), (2ª edição da publicação n. 5, do anno 1926), descripção do baixo-relevo que, — no monumento a Benjamin Constant, fundador da Republica Brasileira, — commemora a *Separação da Igreja do Estado*, p. 8, a invocação:

Vergine madre figlio del tuo Figlio

Proseguimento da expansão redemptora do AMOR UNIVERSAL, *graças á angelica influencia da* MULHER, *manifestada pelo surto do impulso poetico de* DANTE, *presidindo á elaboração dispersiva da philosophia, da sciencia, e da industria; e amparando o Sacerdocio catholico, durante a revolução moderna que as aberrações militaristas e metaphysicas agravam até hoje.*

O amanza del primo amante, o diva,
.....
Non é l'affezion mia tanto profonda
Che basti a render vol grazia per grazia.
DANTE — *Divina Comedia*, Paraizo, Canto IV, vs. 118, 121, 122.

Quella che imparadisa la mia mente.
DANTE — *Divina Comedia* — Paraizo, Canto XXVIII, v. 3.

(Esboço de traducção)

Oh! amor do primo amante, oh! diva
.....
Não é minha affeição assaz profunda
Que baste a vos render graça por graça.

Ah! quem emparadiza a minha mente.

Ogni basso pensier dal cor m'avulse.
PETRARCA — *Sonetos* — 1304 a 1374 da era catholica.

(Esboço de traducção)

Nenhum baixo pensar n'alma consente.

Amem te plus quam me, nec me nisi propter te,
Ame-te a ti mais do que a mim, e não me ame a mim senão por ti.
(THOMAZ A KEMPIS — Imitatio, Liv. III, Ch. V. — 1380 a 1471 éra catholica.)
Magna res est amor; magnum omnino bonum.
Grande cousa é o amor, maior de todos os bens.
(*Ibidem.*)

B. Revoluço systematica (XVI a XVIII seculos.)

a. (*Explosão protestante* (XVI seculo a 1685, revogação do edito de Nantes.)

Urgencia, cada vez mais sentida, do encerramento da revolução moderna, mediante o ascendente do AMOR UNIVERSAL, *assistido pela fé demonstravel, dirigindo a actividade pacifica.*

La fede, unqua non deve esser corrota,
O data a un solo, o data insieme a mille,
.....
Senza giurare, o segno altro piú espresso,
Basta una volta, che s'abbia promesso.
ARIOSTO — *Orlando furioso*, Canto XXI, 2
ARIOSTO, 1474 a 1533 da éra catholica.

Esboço de traducção

A fé não deve nunca ser rompida,
Ou dada á um só, ou juntamente a mil,
.....
Sem se jurar, ou qualquer outra prova,
Toda promessa uma vez feita, é nova.

Surto desse esforço altruista cada vez mais desprendido de preoccupações egoistas, através da revolução moderna.

No me mueve, mi Dios, para quererte
El cielo que me tienes prometido.
Ni me mueve el inferno tan temido
Para dejar por eso de ofenderte.

Tu me mueves, mi Dios; mueveme el verte
Clavado en esa Cruz y escarnecido;
Mueveme el ver tu cuerpo tan herido;
Mueveme el ver tus afrentas y tu muerte,

Mueveme, en fin, tu amor, y en tal manera
Que, aunque no hubiera cielo yo te amara,
Y, aunque no hubiera infierno te temera.

No me tienes que dar por que te quiera
Porque, aunque lo que espero no esperara,
Lo mismo que te quiero te quiziera.

(Soneto a JESUS CRUCIFICADO, attribuido a SANTA THEREZA DE JESUS — 1515 á 1582 e a S. FRANCISCO XAVIER — 1506 a 1552).

Apreciação da vida subjectiva por CAMÕES

E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
CAMÕES. *Os Lusiadas*. Canto I, estrophe II.

Nem deixarão meus versos esquecidos
.....
Um Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.
CAMÕES. *Os Lusiadas*. Canto I, estrophe XIV

Antes em vossas náos vereis cada anno
(Se é verdade o que o meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.
CAMÕES, *Os Lusiadas*, Canto V, estrophe XLIV. — 1524 a 1580 Da éra catholica.

b) *Dissolução deista* (*de* 1685 *a* 1789)

Systematização dos resultados moraes da evolução catholico-feudal, mediante o relativismo positivo de DESCARTES.

A primeira regra era obedecer ás leis e aos costumes de meu paiz, guardando constantemente a religião em que Deus me fez a graça de ser instruido desde a infancia e governando-me em tudo o mais segundo as opiniões mais moderadas e mais afastadas dos extremos que fossem commumente recebidas na pratica pelos mais sensatos daquelles entre os quaes houvesse eu de viver...

Minha segunda maxima era ser o mais firme e resoluto que pudesse em minhas acções, e não seguir nunca menos constantemente as opiniões mais duvidosas, quando uma vez me houvesse decidido por ellas, do que si fossem certissimas... (DESCARTES, *Discurso sobre o Methodo. Algumas regras morais tiradas do methodo.* — Traducção de Miguel Lemos. Publicação n. 163 da Igreja Positivista do Brasil, pags. 23 a 25) — DESCARTES, 1596 a 1650 da éra catholica.

Natureza social de toda funcção humana

So che tutto è di tutti; e che nè pure
Di nascer meritó chi d'esser nato
Crede solo per sè.
METASTAZIO — *Clemencia de Tito*, drama, acto II, scena 10ª:
METASTAZIO — 1698 a 1782.

"Sei que tudo é de todos; e que nem sequer foi digno de nascer quem acredita que nasceu só para si". Citado por AUGUSTO COMTE, Cathecismo Positivista, ibidem, pag. 325 e 328.

Constatação decisiva da supremacia do coração sobre o espirito

Os grandes pensamentos vem do coração.
VAUVENARGUES — 1715 a 1747.

Quem já se consolou, não mais ama; porém quem não mais ama é leviano e ingrato.
VAUVENARGUES

Incorporação dos animaes sociaveis á HUMANIDADE; *annunciada positivamente por* GEORGES LEROY.

Eu digo, senhor, que os animaes sentem como nós; e creio que, para pensar de outro modo, seria precizo absolutamente fechar os olhos e o coração. *Aquelle que pudesse ouvir, sem commover-se, os gritos lamentosos de um animal, não seria muito sensivel aos de um homem...*

GEORGES LEROY — *Cartas sobre os animaes*, 5ª edição, precedida de uma introducção, pelo Dr. Robinet, Paris, 1869, pag. 9.

Georges Leroy — 1723 a 1789.

GRANDE CRISE — 1789

Inaugurada a 14 *de Julho de* 1789, *com a tomada da Bastilha pela população pariziense.*

Constitue mais a estréa da regeneração final do que a conclusão da vida preparatoria.

AUGUSTO COMTE — *Appello aos conservadores*, Traducção e notas de Miguel Lemos, p. 176.

Situação irrevogavelmente republicana do OCCIDENTE, *desde a quéda da Bastilha, a* 14 *de Julho de* 1789.

Constatação final da supremacia do Amor, irrevogavelmente desprendido de preoccupações sobrenaturaes.

Ou victima serás, disseram-me, ou opprime;
Abracei a desgraça e lhes deixei o crime...
.....
E tu! do nosso amor conserva a alma memória;
Contra os imigos seus defende a minha gloria!
Servi a meu paiz, e deste-me a ternura;
Não passei, pois, a vida á mingua de ventura.
CONDORCET — Carta á sua Esposa. Dezembro de 1793.
1743 a 1794.

Pereça a minha memoria comtanto que a Patria se salve.
Maxima moral de DANTON. — 1759 a 1794.

...Através da anarchia moderna, a verdadeira moralidade acha-se espontaneamente caracterizada pelo admiravel voto do grande Danton: *Pereça a minha memoria, comtanto que a patria se salve!*

AUGUSTO COMTE — *Systema de Politica Pozitiva*, T. IV, p. 50.

Não se destróe senão o que se substitue (*Maxima politica de Danton*).

Antes cem vezes guilhotinado do que guilhotinador. (*Exclamação civica de* DANTON).

Identificação definitiva do AMOR *com a suprema realidade, no ponto de vista humano;* por MADAME DE STAEL.

Não ha nada real, no mundo, senão amar — MADAME DE STAEL — 1766 a 1817.

Apreciação decisiva da vida subjectiva puramente humana, por ELISA MERCŒUR.

O olvido é que é o nada; a gloria é a outra vida. (Pensamento de ELISA MERCŒUR, aos 17 annos de idade — 1809 a 1835)

Paraphrase positivista desse pensamento

O olvido é que é o nada — eis a fatal verdade;
E a outra vida só consiste na saudade.
Ou seja almo luar de humilima memoria,
Ou fascinante luz dos Sóes d'eterna gloria.

Effuzão de Rosalia Boyer sobre a efficacia da virtude.

A virtude faz achar consolações no meio dos maiores males — (Conselho de ROSALIA BOYER a seu filho AUGUSTO COMTE — Carta de 18 de Março de 1818 — 28 de Janeiro de 1764 a 3 de Março de 1837).

Constatação do caracter religioso, — e não simplesmente politico — da anarchia moderna, e annuncio do advento da regeneração religiosa, mediante a combinação da religião com a sciencia.

Esperae que as affinidades da sciencia e da religião as reunam na cabeça de um só homem de genio: a apparição desse homem não poderia estar longe; *e talvez mesmo já elle exista.* Esse será famoso e porá fim ao decimo oitavo seculo que continua a durar." (JOSEPH DE MAISTRE, *Soirées de Saint Petersbourg*, ultima conferencia.

Não ha religião na Terra; o genero humano não póde continuar neste estado. (*Ibidem, undecima conferencia.*)

Tudo annuncia não sei que grande unidade para a qual caminhamos a grandes passos. (JOSEPH DE MAISTRE — *Soirées de Saint-Petersbourg* — 1754 a 1821).

E, no Discurso preliminar do seu livro *Du Pape*:

Tocamos a maior das épocas religiosas, na qual todo homem é obrigado a trazer, se tem forças para isso, uma pedra para o edificio augusto, cujos planos acham-se visivelmente fixados. (JOSEPH DE MAISTRE, *Du Pape*, Discours préliminaire).

Nunca houve prophecia ou previsão scientifica mais plenamente realizada.

Informações sobre a rua Payenne

Marquis de Rochegude. — Promenades dans toutes les rues de Paris, par Arrondissements. III Arrondissement, pags. 81 e 82).

Deve seu nome á Jean Payen, escudeiro de Carlos VI, que tinha uma casa nas vizinhanças. A rua chamou-se Payelle, Parelle, et de Guyenne antes de 1636.

. ...

"N. 6. Porta da sahida do Lyceu Victor Hugo (antigo convento das Filles Bleues (Filhas azues). A rua margeia depois, a esse lado par, os fundos do museu Carnavalet.

. . ..

N. 5. Data do começo do XVIII seculo. Templo da religião da Humanidade. (Ensignia symbolizando a Humanidade. Busto de Augusto Comte, com longa inscrição.) Clotilde de Vaux, "a terna inspiradora" de Augusto Comte morreu nesta casa, no terceiro andar. A capella, que encerra lembranças do fundador da escola positivista, é no primeiro andar".

(APOSTOLADO POSITIVISTA. A propaganda do Positivismo em Paris, mediante a consagração da CASA ONDE MORREU CLOTILDE, ao CULTO DA HUMANIDADE. — A CAPELLA DA HUMANIDADE EM PARIZ — Rua Payenne n. 5 — Circular de R. Teixeira Mendes, a 19 Moisés 52|128 (19 de Janeiro 1906), pag. 17 — Inscripção em placa de bronze, sob o busto de AUGUSTO COMTE).

(*Traducção*)

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Fundada por AUGUSTO COMTE sob a inspiração de CLOTILDE.

O Amor por principio, e a Ordem por base;
o Progresso por fim.
Viver para outrem.
Ordem e Progresso. Viver ás claras.
O homem torna-se cada vez mais religioso.
A submissão é a base do aperfeiçoamento.
Familia — Patria — Humanidade.
Resumo synthetico actual: UTOPIA DA VIRGEM-MÃI.
Resumo pratico: O HOMEM DEVE SUSTENTAR A MULHER.
Pariz, é a França, o Occidente, a Terra.

AUGUSTO COMTE.

(Antigas armas de Pariz.)

CLOTILDE

Carlota-Clotilde-Josephina,
filha de Henriqueta-Josephina de FICQUELMONT e de
José Simon MARIE, antigo voluntario no 2º batalhão do
Loiret, em 9 de Agosto de 1792, morto capitão reformado.
Terna e immaculada Inspiradora de
AUGUSTO COMTE,
Fundador da Religião Universal.
Primeiro Summo Pontifice da Humanidade,
Nascida em Pariz em 3 de Abril de 1815
morreu no terceiro andar desta Casa,
em 5 de Abril de 1846
Anno II do Positivismo religioso.

Inscripção collocada em 16 de Gutenberg de 49 (115)
(28 de Agosto de 1903)
LIX Anno do Positivismo religioso.

B — ALGUMAS APRECIAÇÕES DE AUGUSTO COMTE SOBRE O CATHOLICISMO.

A admiravel cavallaria da Idade-Média, comprimida sob as crenças theologicas, nunca tinha podido elevar este culto (da Mulher), além do segundo plano. Quando a sociabilidade moderna tiver adquirido o seu verdadeiro caracter, o joelho do homem não dobrará mais senão deante da mulher.

AUGUSTO COMTE. Carta sobre a commemoração social, dirigida a CLOTILDE, por occasião da sua festa, 2 de Junho de 1845. — *Politica Positiva*, t. I. complemento da Dedicatoria, pg. XXXIX.

Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao positivismo, *com melhoramentos radicaes*, tudo o que o systema catholico da Idade Média pôde realizar, ou mesmo esboçar, de grande ou de terno. (*Testamento*, Correspondencia, Carta a CLOTILDE, de 5 de Agosto de 1845.)

E' da mulher, no fundo, que provem o homem.
AUGUSTO COMTE. *Testamento* Nona confissão, pg. 206.

Superiores pelo amor, mas bem dispostas a sempre subordinar ao sentimento a intelligencia e a actividade, as mulheres constituem espontaneamente sêres intermediarios entre a Humanidade e os homens.

AUGUSTO COMTE, *Politica Positiva*, t. II, p. 63.

Pertence sómente ao Positivismo realizar o voto, em vão formado até aqui de obter a *unidade necessaria*, a *liberdade permittida*, e a *caridade continua* que não podia comportar uma synthese absoluta e ficticia.

AUGUSTO COMTE — Carta a Henry Dix Hutton, do 1º de Homero 68 (29 de Janeiro de 1856), p. 75.

(Para o que segue-se, vide, a publicação n. 6, do anno 72/138-1926, ps. 29, fim da 1ª col., até p. 30, fim da 1ª col.)

A situação do Positivismo, por occasião da morte de nosso MESTRE

Não tendo podido até aqui achar successor, nem mesmo collega algum, declaro que, se eu desapparecer antes de o conseguir, o positivismo se desenvolveria melhor mediante os livres esforços dos meus dignos discipulos do que sob um chefe insufficiente.

AUGUSTO COMTE — *Systema de Politica Positiva* IV, pag. 542

Terminando a minha oitava circular, devo especialmente declarar que a lentidão dos progressos sociaes do positivismo é mais imputavel aos proprios positivistas, do que ao publico occidental e sobretudo do que aos governos actuaes, principalmente no povo central (o povo francez).

AUGUSTO COMTE — Oitava Circular. 1857.

Ao passo que São Paulo e Mahomet, no meio de lutas incarniçadas, obtiveram devotamentos completos posso, sem ataque exterior, ser, a cada instante, abandonado de todos os meus, em virtude dos habitos devidos ao seu negativismo primitivo.

AUGUSTO COMTE — Testamento, pag. 28.

... Não posso reconhecer por verdadeiros discipulos meus sinão os que, renunciando fundar uma synthese, consideram a que eu construi como essencialmente sufficiente e radicalmente preferivel a qualquer outra. O seu dever é então propagal-a e applical-a, sem pretender critical-a ou mesmo aperfeiçoal-a.

AUGUSTO COMTE — Cartas a Henry Dix Hutton, pag. 72-73.

Hegemonia religiosa actual de Pariz

Pariz é a França, o Occidente, a Terra. (*Cartas a G. Audiffrent*, carta de 14 de Descartes de 68 — 20 de Outubro de 1856.)

Pariz é a séde unica dos impulsos verdadeiramente efficazes... Ao lado de Pariz, Roma e Londres são cidades de provincia, sem influencia directa sobre a regeneração occidental. (*Cartas a A. Sabatier*, carta de 8 de Shakespeare de 68 — 17 de Setembro de 1856.)

Mas quando a homogeneidade positivista fôr sufficientemente completa, o *Occidente* apagar-se-ha diante da *Terra*, e Pariz não preencherá mais as diversas condições essenciaes de um verdadeiro centro universal. Então a capital definitiva será, para toda a duração da nossa especie, Constantinopla, que o Islamismo conserva em deposito para unir o Oriente e o Occidente, fundindo as theocracias na sociocracia. (*Cartas a G. Audiffrent*, carta de 6 de Bichat de 68 — 7 de Dezembro de 1856.)

Attribuindo á palavra *catholicismo* a sua accepção etymologica, que não convem senão ao positivismo, póde-se reduzir a revolução occidental a substituir o catholicismo de Roma pelo de Pariz, *quando a metropole humana fôr sómente espiritual*.

Esta santa cidade não poderia mesmo tornar-se o centro religioso do territorio francez, emquanto não se achar purificada convenientemente de sua dominação temporal, que faria então recear uma confusão oppressiva entre os dous poderes (espiritual e temporal). (*Politica positiva*, IV, pag. 463.)

O Positivismo e o Culto Catholico da VIRGEM-MÃE

Quando foi proclamado, por Pio IX, o Dogma da Immaculada Conceição, a 8 de Dezembro de 1854, já Augusto Comte havia construido sob o angelico prestigio de Clotilde de Vaux a Religião da Humanidade, e se tornado assim o Primeiro Sumo-Pontifice da Humanidade.

De facto, em Agosto desse anno de 1854, apparecera o IV Tomo do *Systema de Politica Positiva* no qual foi instituida a Utopia Positiva da Virgem-Mãe, como resumo actual da Religião da Humanidade.

.....E o advento da Religião da Humanidade realizou-se a tempo de garantir, para sempre, a efficacia regeneradora do culto da Virgem-Mãe, permittindo que as tendencias mysticas inherentes á crença na Immaculada Conceição, fossem dogmaticamente consagradas quando a situação historica tornara possivel a observancia systematica da maxima:

Conciliante de facto, inflexivel em principio,

que São Bernardo presentira, "poupando uma devoção que vinha da simplicidade do coração e do Amor da Virgem", sem que soffressem os supremos interesses da Humanidade.

Essa recordação do passado parece-nos sufficiente para demonstrar que o Positivismo nenhuma solidariedade tem com o atheismo e as demais concepções revolucionarias que assignalaram o termo da missão social do Theologismo e precederam ao advento da Religião da Humanidade. O que fica incontestavel é que hoje só resta a alternativa formulada por AUGUSTO COMTE:

"Os positivistas e os catholicos podem já concertar-se dignamente, afim de obrigar, em nome da razão e da moral, todos os que crêem em Deus a voltarem a ser catholicos, todos os que não crêm a se tornarem positivistas, o seculo da construcção não devendo comportar luta senão entre doutrinas verdadeiramente organicas, eliminando todos os puros criticos como tão atrazados quanto perturbadores. (*Carta a diversos*, I, 2ª parte, pag. 261. Carta a A. Sabatier, de 8 de Shakespeare de 68 — 17 de Setembro de 1856).

A alliança religiosa entre os Catholicos e os positivistas

(Vide a publicação n. 6 do anno 72/138 — 1926, p. 34, col. 1ª. "Tudo quanto precede, etc., até "Sobre a alliança religiosa", etc.

Vide a publicação — RELIGIÃO DA HUMANIDADE, n. 6, do anno 72|138-1926, sobre *A alliança religiosa e a Regeneração humana*,

Rio, 1° de Descartes de 72/138 (8 de Outubro de 1926).

Sahida na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo 10 de Outubro de 1926.

Ligação entre DANTE E AUGUSTO COMTE

(Vide a publicação n. 6, do anno 72/138 — 1926, ps. 27. fim da 2ª col. até p. 28, principio da 1ª col.)

Terminaremos, pois, repetindo o que não temos cessado de recordar:

"Sejam quaes forem, pois, as desgraças que parecem adiar indefinidamente a concordia humana, a previsão positivista baseada no ascendente sempre e cada vez mais crescente do Amor universal permitte d'oravante constatar segundo o Passado, a efficacia redemptora das Mulheres, no meio do nosso tempestuoso Presente.

Não se poderia pois, achar o unico allivio digno para as immensas dôres actuaes da Humanidade, nem o resgate definitivo de tantos horrores, senão inspirando-se nos votos cavalheirescos que nosso MESTRE dirigia, sem cessar, a sua terna e immaculada Inspiradora, segundo os maiores poetas occidentaes, especialmente no *santo cantico que termina o mais bello dos poemas, e que convém mais ao novo culto que ao antigo.*

(AUGUSTO COMTE. *Cathecismo positivista*. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed., p. 353).

Esboço de traducção da invocação que DANTE *atribui a* S. BERNARDO *no começo do Canto final da* DIVINA COMEDIA; *completada por invocações de* DANTE a BEATRIZ PORTINARI; *por invocação de* PETRARCA a LAURA, e de THOMAZ DE KEMPIS, na IMITAÇÃO

Como és grande, Senhora! ao gesto bello
Leis dando á graça, (1) que sem Ti querel-a
Ousar, sem azas, quer, voar um anhelo.
Tocante prece não vê só colhel-a
Imo olhar, teu benino; com anciedade
Liberal vais frequente antecedel-a.
Domina o dó em Ti; em Ti, piedade;
Em Ti magnificencia; em Ti rebrilha,
Senhora quanto em ser ha de bondade.
Oh! Virgem-Mãi, e de teu filho Filha!
Amada do amor unico! oh! Diva!
Cuja humildade todo orgulho humilha!
Fim do martyrio donde a Paz deriva!
E' de nossa affeição penuria tanta,
Que, graça á graça, de Te dar nos priva!
Porém, é voto só que nos encanta
Amor que a amar Te mais que a nós só tente.
E a nós, só pelo Amor que a Ti levanta.
Ah! quem imparadiza a nossa mente,
Em seu altar o coração alçando
Nenhum baixo pensar neste consente.

As transcripções precedentes bastam para mostrar o alcance social e moral, em uma palavra *religioso*, da Casa n. 5 da rua Payenne. Pois que collocada no bairro mais popular da cidade de cuja regeneração depende a do Occidente, e por fim a da Terra, ella vulgariza, desde o seu resgate, a 22 de Agosto de 1903, o conhecimento da Religião da Humanidade O mais humilde transeunte, póde assim constatar espontaneamente que já surgio afinal a doutrina cumprindo os votos do Amor mediante a subordinação de todas as divergencias intellectuaes e praticas á fraternidade universal. As almas catholicas especialmente podem verificar a exactidão do appello de nosso Mestre, afim de que tornem *voluntaria a alliança religiosa que naturalmente* existe entre os catholicos e os positivistas, para apressar o termo da horrenda anarchia, que desde o decimo-terceiro seculo devasta o Occidente, e, portanto, a Terra inteira.

Estamos, pois, certos que, todos os que ardentemente aspiram pelo predominio da paz universal, — sejam quaes forem as divergencias doutrinarias, — receberam com profundo pezar a noticia de haver fallecido tão prematuramente a generosa Senhora que, antes mesmo do resgate da CASA DE CLOTILDE, já a zelava, sem saber o alcance social e moral do seu serviço.

De facto, Madame Louise Bigues, então Madame Auguste Robin, era a concierge da Casa da rua Payenne n. 5, quando a inestimavel reliquia foi resgatada a 22 de Agosto de 1903, mediante uma subscripção occidental, com o fim de ser consagrada á vulgarização da Religião da Humanidade. Para essa subscripção contribuiram principalmente a Igreja Positivista do Brasil, que havia 22 annos, tinha por fundador e director Miguel Lemos, fallecido prematuramente a 10 de Agosto de 1917 e a Igreja de Liverpool, fundada por Thomas Carson já fallecido (a 10 de Março de 1890) e tendo então por Director, Albert Crompton, fallecido a 1° de Outubro de 1908, e que referio á sua ardorosa Filha, Miss Mary Crompton, o maior concurso. Miss Mary foi cruelmente arrebatada ao seu enthusiasmo religioso, por um attentado, a 7 de Outubro de 1913.

Madame Louise Bigues (então Madame Auguste Robin) aceitou continuar a zelar pela CASA DE CLOTILDE na qualidade de guardiã desse santo monumento a cuja conservação se dedicou com inexcedivel solicitude.

Em fins de Novembro de 1921, Madame Louise Bigues enviuvou, ficando com um filho, Mr. Robert Robin, nascido em Janeiro de 1911.

Madame Louise Bigues contrahio segundo casamento com Mr. Gaston Delarche, sendo a benção nupcial concedida a 26 de Fevereiro de 1925, na Igreja Notre Dame des Blancs Manteaux, que fica nas proximidades da Casa da rua Payenne n. 5.

Foi nessas condições, augurando um melhor futuro domestico para Madame Louise Delarche e seu filho adolescente, Mr. Robert Robin, que fomos dolorosamente sorprendidos pelo recebimento, a 24 de Outubro ultimo (1926), da sua tocante carta de 5 do mesmo mez de Outubro, escripta do Hospital Hôtel-Dieu, de Paris, onde ia passar por uma operação no estomago. Ansiosamente apprehensivo com semelhante communicação, receavamos um cruel desfecho, quando recebemos, a 30 de Outubro ultimo, a triste carta de 12 de Outubro ultimo do nosso amigo Mr. Emile Blanchard, gerente da Casa da rua Payenne n. 5. tambem desde o resgate dessa santissima reliquia, a 22 de Agosto de 1903. Nessa carta, Mr. Emile Blanchard nos participava que Madame Delarche acabava de fallecer no mesmo dia 12 de Outubro ultimo (1926) após uma intervenção cirurgica que lhe fora feita no Hospital Hôtel-Dieu.

Havia vinte e tres annos que Madame Delarche se entregava, com extremoso amor, á sua commovente missão de Guardiã da CASA DE CLOTILDE, quando sobreveio semelhante desgraça, cujo alcance social esses vinte e tres annos patentearam... A sua morte occorreu, portanto, sete dias depois da ultima carta, em que ella testemunhava, como sempre, a sua ternura pela CASA DE CLOTILDE e o seu generoso reconhecimento aos que contribuem filialmente pelo entretenimento religioso da inestimavel reliquia confiada a seus carinhos.

Mr. Emile Blanchard havia communicado, na mesma occasião, semelhante fatalidade aos nossos confrades, Octavio Carneiro e Silvio Vieira Souto. No domingo 31 de Outubro ultimo (1926), dia seguinte ao do recebimento da carta de Mr. Emile Blanchard, participámos, no TEMPLO DA HUMANIDADE, ao nosso confrade Ernesto Otero e a outros confrades e correligionarios, o doloroso golpe que acabava de soffrer a propaganda positivista. Ao mesmo tempo, pedimos ao nosso confrade Venancio F. Neiva, o favor de levar ao nosso confrade Luiz B. Horta Barbosa, que então fazia a predica do Catecismo, a mesma dolorosa noticia, solicitando-lhe que a transmittisse aos assistentes, annunciando-lhes que, no proximo domingo, 7 de Novembro vindouro (1926), após a predica habitual, haveria, segundo os ritos positivistas, a commemoração dos serviços de Madame Delarche á causa da regeneração humana, como devotada Guardiã da CASA DE CLOTILDE.

Essa celebração foi benevolamente annunciada na secção *Registo*, do *Jornal do Commercio* de sabbado, 6 de Novembro corrente.

TEMPLO DA HUMANIDADE

Amanhã ás 14 horas, no Templo da Humanidade, á rua Benjamin Constant n. 74, o Sr. R. Teixeira Mendes fará uma prédica publica destinada a commemorar o concurso que á propaganda do Positivismo prestou, em Pariz, a Sra. Louise Delarche, como guardiã da "Casa de Clothilde" desde 22 de Agosto de 1903, até 12 de Outubro ultimo, data em que falleceu.

Essa prédica será precedida da habitual conferencia publica que todos os domingos, ao meio dia, se verifica naquelle Templo para a exposição da Religião da Humanidade mediante a leitura do Cathecismo Positivista de Augusto Comte.

Na de amanhã, será terminada a apresentação das vistas geraes sobre o regimen publico extendendo-se até á apreciação do caracter e da marcha que o Positivismo prescreve á politica propria a inspirar e dirigir as relações internacionaes.

(Reproduzido do *Jornal do Commercio* de sabbado 6 de Novembro corrente, p. 6, columna 4.)

Na manhã de domingo, 7 de Novembro corrente (1926), recebemos a pungente carta de Mr. Delarche, de 18 de Outubro ultimo (1926), confirmando as lutuosas informações de Mr. Emile Blanchard. Nessa carta, Mr. Delarche recorda, naturalmente, a solicitude affectuosa de sua Esposa para com a CASA DE CLOTILDE, em meio das carinhosas preoccupações pelo seu pe-

(1) Para completar as leis, são necessarias vontades. — AUGUSTO COMTE.

queno Robert. "Minha cara esposa disse-me, antes de soffrer a operação, que vos havia escripto:... temeria porventura não mais poder fazel-o: Nos seus ultimos momentos pedio-me que vos avisasse em caso de desgraça."

Mr. Delarche continúa: "Peço-vos que sejaes o interprete junto aos vossos correligionarios da grande desgraça que nos feria, bem como do pedido que permitto-me expor-vos em lembrança da minha esposa, no que concerne, a guarda e o entretenimento religioso da CASA DE CLOTILDE, isso com a presença de minha mãi, que desde a nossa desgraça ficou junto de nós

"Posso assegurar-vos que, como pelo passado e em virtude dos meus sentimentos, o respeito e o entretenimento religiozo desta inalteravel reliquia serão observados rigorosamente.

"Minha cara esposa recommendou-me, nos seus ultimos momentos lucidos, o cuidado de seu filho e que vos dirigisse esse pedido".

No correr de nossa modesta cerimonia commemorativa da *Transformação* de Madame Delarche, lemos, aos assistentes, as tres fraternaes cartas, a que acabamos de alludir. Terminando ponderamos que, achando-se Madame Delarche filiada ao Catholicismo, iamos cumprir o grato e inilludivel dever de solicitar que fosse rezada uma Missa em sua memoria; e que nos apressariamos em communicar ao publico, o dia, a hora, e a igreja, em que fosse celebrada.

No encerramento da cerimonia, foram distribuidos, com as flores, aos assistentes, exemplares da publicação em francez que tem por titulo: APOSTOLADO POSITIVISTA. A propaganda do Positivismo em Paris, mediante a consagração da CASA onde morreu CLOTILDE, ao CULTO DA HUMANIDADE. — A CAPELLA DA HUMANIDADE EM PARIZ. — Rua Payenne n. 5. — Circular de R. Teixeira Mendes, a 19 de Moizés 52-118 (19 de Janeiro de 1906).

Entrando em casa, ás 8 1|2 da noite, segunda-feira, 9 de Novembro corrente (1926), encontramos a carta de Mr. Emile Blanchard de 17 de Outubro ultimo (1926) na qual elle nos transmittio a *lista dos visitantes* da CASA DE CLOTILDE, durante o mez de Setembro p. p., (1926) organizada, como habitualmente, por Madame Delarche. Nessa carta Mr. Emile Blanchard communica ter ido com sua Esposa, na vespera, sexta-feira (16 de Outubro de 1926) á inhumação de Madame Delarche, que fôra acompanhada por muitas pessoas, á sua ultima morada Madame Delarche, antes de morrer, manifestara o desejo de não haver sinão flores sobre o seu ataúde. Por isso, Mr. Emile Blanchard levou, em nome dos positivistas brasileiros, e pessoalmente no nosso, um apanhado de flores.

Mr. Blanchard nos communica que os Pais de Mr. Delarche decidiram assegurar a guarda da CASA DE CLOTILDE: e estar certo que, com o concurso de Madame Grassin (auxiliar, desde longa data, da guardiã da CASA DE CLOTILDE), a CAZA será bem guardada. Nesse intuito, Mr. Gaston Delarche, que é caixeiro viajante em uma casa de tecidos de lã, em Pariz, resolveu, se for aceita a sua proposta, pedir na mesma casa, um emprego sedentario, afim de occupar-se com o joven Roberto, que lhe foi confiado por sua Esposa. Terminando a sua carta, acima citada, Mr. Gaston Delarche já applica ao joven Roberto o carinhoso qualificativo de filho.

Graças á solicitude de nosso confrade Sylvio Vieira Souto, pudemos publicar na secção funebre do *Jornal do Commercio*, do *Paiz*, e do *Correio da Manhã* de hoje, (11 de Novembro de 1926), a seguinte communicação.

MADAME GASTON DELARCHE (N. LOUISE BIGUES)

Guardiã da Casa da rua Payenne n. 5, em Pariz, em cujo terceiro andar, Clotilde de Vaux (n. Marie) passou os ultimos annos e falleceu no domingo, 5 de abril de 1846.

Em acatamento ás crenças catholicas de Madame Gaston Delarche (n. Louise Bigues), guardiã da Casa da rua Payenne n. 5, em Pariz, fallecida prematuramente na mesma cidade, a 12 de Outubro ultimo (1926), após uma intervenção cirurgica, os membros da Egreja Pasitivista do Brasil, com profunda veneração filial e eterna gratidão ao Catholicismo, solicitaram e lhes foi concedida, a graça de ser rezada uma Missa em memoria da venerada Senhora, na Matriz do Sagrado Coração de Jesus, á rua Benjamin Constant, sexta-feira, 12 de Novembro corrente, trigesimo dia, do fallecimento, ás 9 1|2 (nove e mela), horas, em ponto.

Desde já nos confessamos fraternalmente reconhecidos ás pessoas que nos acompanharem nesse tributo religioso de inestinguivel saudade.

Pelos membros da Igreja Positivista do Brasil, fundada por Miguel Lemos.

R. TEIXEIRA MENDES

Apostolo da Humanidade

O mais antigo dos membros actuaes da Igreja Positivista do Brasil.

Nota — Para outras informações, veja-se, nos "A Pedidos", do "Jornal do Commercio", de amanhã, 12 de Novembro corrente (1926), a nossas publicação sob o titulo RELIGIÃO DA HUMANIDADE. *Em memoria de Madame Gaston Delarche (n. Louise Bigues)*.

Por motivos involuntarios, essa publicação só póde sahir hoje, domingo 14 de Novembro corrente (1926).

Hontem, 10 de Novembro de 1926, entrando em casa, ás 8 e 3|4 da noite, encontramos a seguinte carta impressa de participação do fallecimento de Madame Delarche. Por essa communicação, ficamos sabendo que Madame Delarche fallecera aos 48 annos de idade, no seu domicilio á rua Payenne n. 5, tendo recebido os ultimos sacramentos catholicos, e foi inhumada no cemiterio de Gentilly.

M

Vous êtes prié d'assister aux Convoi, Service et Inhumation de

MADAME *DELARCHE*
Née Louise BIGUES

décédée le 12 Octobre 1926, munie des Sacrements de l'Église, en son domicile, rue Payenne, n. 5 à l'âge de 48 ans;

Qui auront lieu le Vendredi 15 courant, à 9 *heures précises*, en l'Eglise Notre-Dame-des-Blancs-Manteaux, sa paroisse.

DE PROFUNDIS!

ON SE RÉUNIRA À LA MAISON MORTUAIRE

De la part de Monsieur Gaston DELARCHE, son époux;
De Monsieur Robert ROBIN, son fils;
De Monsieur et Madame DELARCHE, ses beaux-parents;
De Monsieur et Madame LIMET, de Monsieur et Madame Octave DELARCHE, de Monsieur et Madame Robert PICART, ses sœur, beaux-frères et belles-sœurs;
De Mademoiselle Thérèse LIMET, de Monsieur et Madame Jean LIMET, de Monsieur e Madame Louis LIMET, de Monsieurs Roger et Mademoiselle Geneviève DELARCHE, ses neveux et nièces;
De Mademoiselle Ginette LIMET, sa petit-nièce;
Des familles DELARCHE, LEJEUNE, LIMET, et BIGOT, ses oncles tantes, cousins et cousines.

Prière de n'apporter que des fleurs

L'Inhumation aura lieu au Cimetière de Gentilly

Moyens de Communication:

Tramway, Châtelet, 93—Autobus, République—Place du Rungis, K

Hoje, (Quinta-feira, 11 de Novembro de 1926), fomos de manhã á Matriz do Sagrado Coração de Jesus, afim de communicar ao Revmo. Vigario, Dr. Leovegildo Franca, essa carta que attesta haver Madame Delarche recebido os ultimos sacramentos catholicos. Achava-se, porém, Sua Revma. occupado com a explicação do Cathecismo. Mostramos pois, a carta ao Revmo. Padre José Maria Alves, seu Coadjutor, e lhe solicitamos que transmittisse essa informação ao Revmo. Sr. Vigario Dr. Leovegildo Franca.

Em virtude do que precede, temos fé que a influencia exercida em vida, por Madame Delarche, em pról da regeneração humana, irá crescendo sempre subjetivamente, contribuindo, cada vez mais, para a *voluntaria alliança religiosa entre os ca-*

tholicos e os positivistas, de modo a apressar o termo da anarchia, que, desde o fins do decimo terceiro seculo, devasta o Occidente e, portanto, a Terra inteira.

Essa benefica reacção do culto de CLOTILDE, alimentado mediante o religioso entretenimento da Casa da rua Payenne n. 5, acha-se para sempre revelada d'oravante no edificante gesto dos descendentes da Familia MARIE DE FICQUELMONT, confiando á sacratissima séde, a guarda da primitiva stella da sepultura de CLOTILDE, quando a fatal acção do tempo determinou a substituição desse symbolo tradicional, dest'arte erigido em eterno penhor da mais santa concordia.

Concluindo a *Imitação*, THOMAZ DE KEMPIS formulou a sentença:

"Toda razão e toda investigação natural deve seguir a fé, e não precedel-a nem infringil-a." (Livro IV, cap. XVIII).

AUGUSTO COMTE tomou essa sentença para epigraphe da *Synthese Subjectiva*, traduzindo-a no seguinte axioma:

O homem deve, cada vez mais, subordinar-se á Humanidade.

AUGUSTO COMTE já havia assignalado a origem desse axioma, transformando a maxima catholica:

"O homem se agita e Deus o conduz",

no principio positivista:

"O homem se agita e a Humanidade o conduz".

R. TEIXEIRA MENDES.

Apostolo da Humanidade

N. em Caxias (Maranhão) a 5 de Janeiro de 1855; empiricamente surgido da propaganda inaugurada em fins de 1878, por Miguel Lemos, quando este se achava em Pariz.

Rio, 7 de Frederico 72-138 — 11 de Novembro de 1926.

Sahida na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo 14 de Novembro de 1926.

Religião da Humanidade

fundada, sob a angelica inspiração de CLOTILDE DE VAUX (n. MARIE), por AUGUSTO COMTE, primeiro Sumo-Pontifice da HUMANIDADE;

Publicação n. 9 (sahida sem numero) do anno 72/138 — 1926.

O Amor por principio, e a Ordem por base; o Progresso por fim.

Viver ás claras. Viver para outrem. Ordem e Progresso

SETIMO CENTENARIO SUBJECTIVO DO GRANDE S. FRANCISCO DE ASSIS

Reproduzida na publicação n. 10 do anno 1926 (segunda edição da publicação n. 5), ps. 64 e 65.)

Religião da Humanidade

Fundada, sob a angelica inspiração de CLOTILDE DE VAUX (n. Marie) por AUGUSTO COMTE PRIMEIRO SUMO-PONTIFICE DA HUMANIDADE

Publicação n. 11 anno 72/138 — 1926

O ALCANCE MORAL E POLITICO DE SER DECRETADA AINDA NO ANNO QUE FINDA (1926) A CELEBRAÇÃO DE UM DIA EM HOMENAGEM AO SETIMO CENTENARIO SUBJECTIVO DO INCOMPARAVEL SÃO FRANCISCO DE ASSIS. POSSIBILIDADE AINDA DESSA DECRETAÇÃO

Os sentimentos benevolos, — *apego, veneração, e bondade,* — que formam, no seu conjunto, o AMOR ou ALTRUISMO, constituem o *principio unico* da existencia da *Familia*, da PATRIA e da HUMANIDADE.

O reconhecimento de semelhante verdade exigio que essa supremacia do AMOR houvesse determinado um surto assaz consideravel da actividade social, *embora guerreira,* e desprendido bastante a intelligencia das *suggestões pessoaes* ou *pendores egoistas.* Só assim o espirito tornou-se capaz de apanhar, em seu todo, as relações humanas, em vez de limitar-se principalmente a perceber os meios de satisfazer as precizões individuaes, domesticas, e nacionaes.

A intelligencia não póde attingir tal capacidade, senão após um tempo immemorial. Porém, apezar de sua difficuldade, esse passo decisivo acha-se dado, desde o Fetichismo Astrolatrico, como o demonstram os ensinos de CONFUCIO. Desde então a supremacia do AMOR foi, cada vez mais, patenteado, no inteiro desprendimento das preoccupações egoistas, quer pessoaes, quer domesticas, quer nacionaes. E' o que evidencia, cada vez melhor, a evolução greco-romana, sob o predominio do Polytheismo; e, afinal, a civilização catholico-feudal, sob o ascendente do Monotheismo, esboçando sob todos os aspectos, o programma do regimen republicano pacifico-industrial.

As demasias dos pendores egoistas, — sobretudo no sexo masculino, — e a fraqueza da intelligencia, aggravada pela impossibilidade inevitavel de fazer succeder immediatamente o *espirito positivo* ao *espirito theologico*, na Politica e na Moral, sem que essa substituição se operasse, preliminarmente, quanto á Philosophia natural, acarretaram a revolução moderna.

Dahi a profunda anarchia social que dilacera o Occidente, desde o começo do decimo-quarto seculo, conforme o proclamou DANTE. Desde o decimo-terceiro seculo, essa revolução se revelou na lamentavel ruina do Sacerdocio Catholico deploravelmente enriquecido, acarretando o renascimento das herezias, annunciadas no decimo-segundo seculo, e restabelecimento do *absolutismo regalista* antigo. Ficou assim *apparentemente anniquillado* o incomparavel esforço do regimen medieval cavalheiresco para assegurar o predominio politico da fraternidade universal, graças ao culto da Mulher, mediante a separação dos dous poderes, temporal e espiritual; isto é, para assegurar o regimen republicano pacifico-industrial.

Diante de similhante cataclisma, o sexo feminino continuou a amparar o sacerdocio Catholico. E essa attitude redemptora foi sustentada pelas melhores almas masculinas. A massa masculina se absorve, porém, na *actividade industrial*, transportando para esta os sentimentos e preconceitos militares, que deviam produzir até hoje as monstruosidades da *politica colonial*, ligando-se aos reis ou aos nobres.

Os que tinham preoccupações intellectuaes concentraram seus esforços em combater as herezias ou promovel-as; e em retomar o surto grego, esthetico, philosophico e scientifico. Foi nessa direcção intellectual que S. Domingos de Gusmão tentou a restauração do prestigio social do Sacerdocio Catholico.

Em taes condições, surgio o incomparavel S. Francisco de Assis que sentio que só ascendente moral e politico do Amor, — *desprendido completamente de preoccupações de gosos materiaes e intellectuaes;* votando inteiramente a intelligencia e a actividade pacifico-industrial ao serviço do AMOR assim purificado; só esse ascendente politico e moral do AMOR universal extendido a todos os seres, era capaz de assegurar a regeneração humana garantindo o culto cavalheiresco da MULHER graças á adoração da VIRGEM-MÃI, *tornada a Dama dos corações inoccupados*, a independencia politica do sacerdocio catholico, e a dignificação do proletariado pacifico-industrial.

S. FRANCISCO DE ASSIS encontrou em SANTA CLARA a alma feminina que viesse sustentar os seus esforços regeneradores.

Recordaremos a esse proposito as seguintes passagens do Testamento de S. FRANCISCO DE ASSIS.

O TESTAMENTO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Traduzido do livro VIE DE *S.* FRANÇOIS D'ASSISE, por Paul Sabatier — ps. 389 a 393 — Trigesima sexta edição —

Eis de que maneira Deus deu-me, a mim irmão Francisco, começar a fazer penitencia; quando eu vivia no peccado, era-me muito penoso vêr leprosos; porém Deus mesmo conduziu-me ao meio delles, e ahi fiquei um pouco de tempo. Quando os deixei, o que me tinha parecido amargo tornou-se-me doce e facil.

. . . . . .

Demais, o Senhor deu-me e dá-me uma tão grande fé nos padres que vivem segundo a fórma da santa Igreja romana, por causa do caracter sacerdotal delles, que mesmo se elles me perseguissem quero recorrer a elles. E quando mesmo tivesse toda a sabedoria de Salomão, quando eu achar pobres padres seculares, não quero pregar nas suas parochias senão com o seu assentimento. Quero respeital-os, elles como todos os outros, amal-os e honral-os como meus senhores. Não quero considerar seus peccados, pois nelles vejo o Filho de Deus, e elles são meus senhores. Faço isso porque nada vejo nada percebo aqui em baixo corporalmente do altissimo Filho de Deus, senão o seu santissimo corpo e o seu sangue que elles recebem e que só elles distribuem aos outros. Quero honrar e venerar acima de tudo esses santissimos mistérios, e guardal-os preciosamente. . . . . .

. . . . . .

Gostavamos de ficar nas igrejas pobres e abandonadas, e eramos ignorantes e submissos a todos. Eu trabalhava com as minhas mãos e quero continuar, e quero tambem que todos os outros irmãos trabalhem em algum officio honoravel. Que os que o não teem, aprendam um não com o fim de receber o preço do seu trabalho, porém para o bom exemplo e para evitar a ociosidade. E quando se não nos dá o preço do trabalho, recorramos á mesa do Senhor pedindo esmola de porta em porta. O Senhor, me revelou a saudação que devemos fazer: "*Deus vos dê a paz.*"

Que os Irmãos tenham grande cuidado de não receber as igrejas, as habitações, e tudo o que se constroe para elles senão si tudo fôr como convem, á santa pobresa de que fizemos voto na Regra, e que elles não recebam a hospitalidade sinão como extrangeiros e viajantes.

Interdigo absolutamente, por obediencia, a todos os irmãos, seja qual fôr o lugar em que se acharem, de pedirem bulla alguma á côrte de Roma, quer directamente, quer indirectamente, sob pretexto de igreja, de convento, ou sob pretexto de predicas, nem mesmo para sua protecção pessoal. Se não forem recebidos em alguma parte, que vão alhures para fazer penitencia com a benção de Deus."

A superioridade de seu genio manifesta-se nas composições poeticas, como o CANTICO DO SOL.

Foi sob esses impulsos regeneradores, sustentando o espirito cavalheiresco, já entretendo o culto da Mulher, mediante a adoração da VIRGEM-MÃI, já substituindo a actividade militar pela actividade pacifico-industrial, mediante a adoração de Deus personificado no Fundador do Catholicismo conforme a idealização de SÃO PAULO, que S. FRANCISCO DE ASSIS tornou-se precursor de DANTE.

DANTE presidio assim sob o prestigio de BEATRIZ PORTINARI, os cinco seculos da elaboração anarchica da industria da poesia, da philosophia, e das sciencias positivas, preparando os elementos indispensaveis á instituição do regimen republicano, inaugurado definitivamente com a tomada da Bastilha, a 14 de Julho de 1789.

Proclamando a divisa — LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE, — ficou caracterizado o regimen republicano, como consistindo no predominio politico do AMOR. Com effeito, dos tres termos, —LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE, — é só o termo FRATERNIDADE que tem, por si só, sem explicação alguma, um sentido claro e precizo, que serve de criterio supremo para definir a significação politica e moral, tanto da LIBERDADE, como da IGUALDADE. Essa divisa consagra desde logo, a *Separação dos dous Poderes, temporal, e espiritual*, eliminando toda e qualquer consideração sobrenatural, na POLITICA e na MORAL..

Fundada a Republica Brasileira, sob o impulso regenerador de Benjamin Constant, a 15 de Novembro de 1889, o Governo Provisorio reconheceu esse predominio politico do AMOR ou FRATERNIDADE UNIVERSAL, como o evidenciam as considerações do Decreto proposto pelo cidadão Demetrio Nunes Ribeiro, primeiro Ministro da Agricultura do Governo Provisorio, e apresentado por Benjamin Constant, na sessão do Governo Provisorio, a 9 de Dezembro de 1889, e os considerandos do Decreto de 14 de Janeiro de 1890, instituindo o Systema de Festas nacionaes.

Emfim, a Constituição Federal de 24 de Fevereiro de 1891, reconheceu esplicitamente, no art. 78 que o regimen republicano domina a mesma Constituição Federal, e, portanto, qualquer outra disposição legislativa.

Note-se, demais, que o projecto da Commissão de Constituição e Justiça da Camara, apresentado na mesma occasião que o que propõe a commemoração do septimo centenario subjectivo do incomparavel São Francisco de Assis, foi votado pelo Congresso este anno.

Essas summarias reflexões parecem-nos bastantes para evidenciar que, no regimen republicano, toda a acção de poderes publicos — como a do mais humilde cidadão, — importa em concorrer para o ascendente politico da fraternidade universal. Quer se trate, pois, de actos directamente vizando *melhoramentos materiaes ou aperfeiçoamentos intellectuaes;* tudo só deve merecer a attenção dos representantes dos poderes publicos, porque vizam entreter e desenvolver a fraternidade universal. Nada póde ser *mais capital* do que o que consiste na *cultura directa do* AMOR UNIVERSAL.

Ora, a pequena energia dos pendores altruistas, por um lado, e, por outro lado, a energia excessiva dos pendores egoistas, bem como a fraqueza da intelligencia, expõe, habitualmente, a esquecer o *alcance altruista* dos esforços praticos e intellectuaes; e expõe, mesmo, os esforços praticos e intellectuaes a favorecerem o desenvolvimento do egoismo, prejudicando o surto do altruismo. Como é vulgarmente sabido, as maiores descobertas scientificas e os maiores inventos industriaes, da mesma sorte que os maiores aperfeiçoamentos do planeta, podem ser empregados para a guerra. Tudo depende do predominio dos pendores altruistas ou dos pendores egoistas sobre a intelligencia e sobre a actividade.

Para impedir taes eventualidades do predominio do egoismo, torna-se imprescindivel o exercicio directo dos pendores altruistas mediante praticas motivadas — directa e immediatamente — pelas solicitações altruistas. Taes praticas redundam, de facto, tambem em proveito do aperfeiçoamento da actividade e da intelligencia. Porém, essa reacção activa e intellectual fica então subordinada aos motivos sympathicos.

Ora, esses exercicios dos pendores altruisticos consistem justamente no afan enthusiastico de realizar as manifestações altruistas, *nas occasiões mais opportunas:* pois que essas occasiões são as que mais estimulam taes pendores. E, como a vida humana, collectiva e individual é espontaneamente regulada pela existencia planetaria, que marca a divisão do tempo, instituiu-se o CALENDARIO para systematizar a vida humana. Nessa instituição — como em todas as outras, a *ordem natural* é completada pela *ordem artificial,* decorrente dos motivos da *ordem social,* tanto politica como moral.

Em consequencia dessa instituição do *calendario,* todos os acontecimentos ficaram ligados ás unidades chronologicas, *hora, dia, semana, mez, anno e seculo.* E, como as imagens e os signaes despertam os sentimentos ligados a essas imagens e signaes; quando vêm as *horas,* os *dias,* as *semanas,* os *mezes,* os *annos* e os *seculos* ligados a um acontecimento, os sentimentos inspirados por esse acontecimento são tanto mais energicamente estimulados, quanto maior é a *unidade chronologica* sobrevinda.

Assim, a commemoração secular dos acontecimentos é a que desperta maiores emoções, e tanto maiores quanto maior é o numero dos seculos; porque, *subjectivamente,* a geração que contempla o centenario do acontecimento sente-se irmanada com todas as gerações anteriores, cujo decurso foi realçando cada vez mais o alcance social e moral do acontecimento celebrado.

Parece-nos que as considerações precedentes bastam para patentear que os povos occidentaes, e *especialmente os republicanos que têm a inestimavel felicidade de se filiarem ao Catholicismo, sem que tal filiação haja sido perturbada pelo protestantismo,* achavam-se no gratissimo dever de celebrar o setimo Centenario do incomparavel S. Francisco de Assis.

Porque, quanto á grandeza de S. Francisco de Assis, as apreciações de Dante e de Augusto Comte demonstram, para sempre, a sublime influencia que elle exerceu, na sua rapida vida objectiva, e cuja efficacia subjectiva — como a de todos os BENEMERITOS da HUMANIDADE os seculos vão avolumando cada vez mais, pois que *os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos.*

E quanto á *opportunidade* da celebração, as considerações precedentes evidenciam que ella devia ficar realizada no anno do setimo centenario.

Si a anarchia moderna impediu até aqui que essa commemoração fosse realizada com o esplendor merecido, é isso motivo tanto mais valioso, para que, ao menos, antes de findar-se o anno corrente, fique elle assignalado pela sincera e enthusiastica tentativa de reparar tão deploravel falta, por parte dos actuaes representantes do Poder temporal no povo brasileiro, e por motivos legislativos que contrariam o regimen republicano, isto é, o ascendente politico da fraternidade universal.

O momento angustioso que atravessa o povo brasileiro contribue para patentear toda a urgencia de tal testemunho. De facto, só o ascendente politico da fraternidade pode fazer cessar tamanha desgraça, conduzindo todos — governantes e governados — a sentirem a responsabilidade que lhes cabe, por tantos e tão grandes infortunios. Portanto, os representantes do Poder temporal esforçando-se para que essa homenagem, embora tardia, seja ainda prestada no anno corrente, revelariam o proposito de attender ás exhortações do incomparavel Reformador quando nas vesperas da sua prematura transformação subjectiva, compoz a penultima estrophe do CANTICO DO SOL, que vamos transcrever mais uma vez:

Penultima estrophe — Graças pelos que perdoam

Sahido na 10ª publicação do anno 72|138 (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926); formando a *segunda edição da publicação n. 5 do mesmo anno,* sahida (esta publicação n. 5) na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo, 3 de Outubro p. p. (1926).

R. TEIXEIRA MENDES.

N. em Caxias (Estado do Maranhão), a 5 de Janeiro de 1855. Apostolo da Humanidade, empiricamente surgido da propaganda inaugurada, em fins de 1878, por Miguel Lemos, quando este se achava em Pariz. Residencia á rua Benjamin Constant n. 120.

Rio, 28 de Bichat de 72|138 (30 de Dezembro de 1926).

Sahido na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de sexta-feira, 31 de Dezembro de 1926.

Religião da Humanidade

Fundada, sob a angelica inspiração de CLOTILDE DE VAUX (n. Marie)
por AUGUSTO COMTE
primeiro Summo-Pontifice da Humanidade
synthetizando na UTOPIA POSITIVA DA VIRGEM-MÃE
resumo do *Systema de Politica Positiva*
o Culto cavalheiresco da MULHER;
tal qual, sob o angelico prestigio de BEATRIZ PORTINARI
DANTE ALIGHIERI
resumira, na adoração do MYSTERIO CATHOLICO DA VIRGEM-MÃE,
A Divina Comedia;
annunciando e presidindo a elaboração revolucionaria
da Regeneração humana
durante os cinco seculos que separam e reunem, ao mesmo tempo,
as duas principaes construcções modernas.

BEATRIZ E CLOTILDE, a vós graças infindas
Que unistes DANTE a COMTE em vossas almas lindas!

Publicação n. 1 do anno 73|139-1927

1º anno do 2º Centenario do passo inaugural de AUGUSTO COMTE para systematizar
A ALLIANÇA RELIGIOSA ENTRE OS CATHOLICOS E OS POSITIVISTAS

1º anno do 8º Centenario Subjectivo de S. FRANCISCO DE ASSIS

2º anno da inauguração do monumento a Benjamin Constant, Fundador da Republica Brasileira

O Amor por principio, e a Ordem por base;
o Progresso por fim.
Viver ás claras. *Viver para outrem.* *Ordem e Progresso*

AINDA UM ESFORÇO EM PROL DO ASCENDENTE POLITICO DA FRATERNIDADE UNIVERSAL

AS TRES GRAVES LACUNAS DO SYSTEMA DE FESTAS NACIONAES INSTITUIDO PELO GOVERNO PROVISORIO E DESENVOLVIDO PELOS QUE LHE SUCCEDERAM ATÉ HOJE.

A proposito de não haver sido decretado, no anno que findou (1926), um dia de festa nacional em commemoração do Setimo Centenario Subjectivo do grande São Francisco de Assis.

Algumas apreciações de AUGUSTO COMTE *sobre as relações entre a transição catholico-feudal e o regimen final da Humanidade.*

Além dos seus serviços immediatos, essa admiravel transição (catholico-feudal, do começo do quinto seculo aos fins do decimo terceiro seculo) fez irrevogavelmente surgir todos os germens essenciaes do regimen final. Ella esboçou mesmo, sob cada grande aspecto, a verdadeira ordem humana, ao mesmo tempo temporal e espiritual, tanto quanto o permittiam então a doutrina e a situação. *Por isso ao positivismo só resta agora retomar o conjunto do programma da idade média, para realizal-o dignamente, mediante uma fé melhor, combinada com uma actividade mais favoravel.* Porém a influencia feudal, que não tem hoje defensores especiaes, é injustamente sacrificada, nestas apreciações historicas, á participação catholica, unica estudada pela escola retrograda. Um exame aprofundado mostra entretanto a reacção cavalheiresca até nas modificações demasiado menosprezadas que então experimenta a ultima fé provisoria. *Depois de ter admiravelmente esboçado o culto da Mulher, preludio necessario da Religião da Humanidade,* o sentimento feudal determinou realmente, no seculo das cruzadas (o decimo segundo seculo), a alteração que soffreu o monotheismo occidental, *quando a Virgem tendeu a tomar o lugar de Deus.* — AUGUSTO COMTE — *Cathecismo positivista.* Traducção e notas de Miguel Lemos — 3ª edição, pas. 427 a 428. Os gryphos e parentheses são desta traducção).

Aos olhos do sacerdocio da Humanidade, todos os homens são, sobretudo hoje, positivistas espontaneos em diversos gráos de evolução, que não carecem nunca senão de ser completados. (AUGUSTO COMTE — *Politica Positiva,* IV, pag. 377.)

"...A minha religião, *ulteriormente destinada a todos, torna-se hoje a de quem quer que não póde mais ter outra;* o que constitue um caso frequentissimo, e sobretudo muitissimo importante, pois que concerne á maioria dos chefes occidentaes e principalmente francezes, embora o nosso seculo os condemne á hypocrisia, emquanto elles permanecem scepticos ou negativistas.

"Nós não differimos dos catholicos senão em que a nossa unidade se refere á Humanidade, ao passo que a delles liga-se a Deus. AUGUSTO COMTE, *Carta* de 26 de Moysés, de 69 — 26 de Janeiro de 1857, a seu Pai LUIZ COMTE.

Referindo tudo á Humanidade, a unidade torna-se mais completa e mais estavel do que se esforçando por tudo ligar a Deus. AUGUSTO COMTE, *Testamento,* Orações, pag. 90. Appello aos conservadores. Traducção e notas de Miguel Lemos, pag. 114.

Os positivistas e os catholicos podem já concertar-se dignamente, afim de obrigar, em nome da razão e da moral, todos os que crêm em Deus a voltarem a ser catholicos, todos os que não crêm a se tornarem positivistas, o seculo da construcção não devendo comportar luta senão entre doutrinas verdadeiramente organicas, eliminando todos os puros criticos como tão atrazados quanto perturbadores. AUGUSTO COMTE — *Cartas a diversos,* I, 2ª parte, pag. 261. Carta a A. Sabatier, de 8 de Shakespeare de 68 — 17 de Setembro de 1856.

Sobre a propaganda pozitivista.

... Nas relações geraes, elles (os positivistas) podem sempre dar entre si o exemplo decisivo duma fraternidade mutua e duma commum veneração para com o seu chefe (AUGUSTO COMTE). *Fóra do seu seio,* a attitude delles deve tornar-se a um tempo *benevola e protectora,* para com almas retrogradas, ou mesmo anarchicas, *que são, raras vezes, responsaveis de sua degradação, ordinariamente resultante de uma situação insupperavel.* AUGUSTO COMTE — *Politica Positiva.* IV, Conclusão total, pag. 537 (os gryphos e o parenthese são desta traducção).

Com bom senso e zelo, todo mundo póde tornar-se apostolo da Humanidade..... Quanto ao sacerdocio, o seu accesso deve ser rigorosamente interdicto aos que não preencherem as condições scientificas que este exige. Sem isto, seriamos em breve invadidos pelos litteratos, logo que o pozitivismo crescer... AUGUSTO COMTE, Carta a De Cappellen, de domingo, 11 de Shakespeare de 64 (19 de Setembro de 1852); *Correspondance inédite,* série I, pg. 92.

Terminando a minha oitava circular, devo especialmente declarar que a lentidão dos progressos sociaes do positivismo é mais imputavel aos proprios positivistas do que ao publico occidental e sobretudo do que aos governos actuaes, principalmente no povo central (o povo francez). AUGUSTO COMTE, 8ª *circulas annual,* 15 de Moysés de 69 (15 de Janeiro de 1857 — Ed. Jorge Lagarrigue, pag. 106.

Summario

Decreto de 14 de Janeiro de 1890, instituindo as Festas nacionaes na Republica Brasileira:

O Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, considerando:

que o regimen republicano baseia-se no profundo sentimento da fraternidade universal;

que esse sentimento não se póde desenvolver convenientemente sem um systema de festas publicas destinadas a commemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações humanas;

que cada patria deve instituir taes festas segundo os laços especiaes que prendem os seus destinos ao destino de todos os povos:

Decreta:

São considerados dias de festa nacional:

1º de Janeiro, consagrado á commemoração da fraternidade universal;

21 de Abril, consagrado á commemoração dos precursores da Independencia Brasileira, resumidos em Tiradentes;

3 de Maio, consagrado á commemoração da descoberta do Brasil;

13 de Maio, consagrado á commemoração da fraternidade dos Brasileiros;

14 de Julho, consagrado á commemoração da Republica, da Liberdade e da Independencia dos povos americanos;

7 de Setembro, consagrado á commemoração da Independencia do Brasil;

12 de Outubro, consagrado á commemoração da descoberta da America;

2 de Novembro, consagrado á commemoração geral dos Mortos;

15 de Novembro, consagrado á commemoração da Patria Brasileira."

E' cada vez mais sentida a urgente necessidade das festas civicas destinadas a cultivar o sentimento da fraternidade universal, dissipando, tanto as aberrações militaristas, como as illusões industrialistas, herdadas do absolutismo regalista, acerca da preponderancia dos motivos materiaes na conducta politica. A evolução do povo brasileiro, *durante os trinta e oito annos decorridos sob o regimen republicano,* tem evidenciado as tres lacunas capitaes do systema que, a este respeito, o Governo Provisorio apressou-se de instituir, logo após a *decretação da Separação da Igreja e do Estado.*

A 16 de Agosto de 1919, foi proposto, na Camara dos Deputados Federaes o projecto n. 182, *mandando incluir entre os*

feriados nacionaes, o dia 15 de Agosto, destinado á commemoração da Mulher. Esse projecto vinha reparar a incomparavelmente mais grave das referidas lacunas. Foi julgado objecto de deliberação e enviado á Commissão de Constituição e Justiça, na sessão de 18 de Agosto do mesmo anno (1919). (V. *Diario do Congresso Nacional*, de terça-feira 19 de Agosto de 1919, pagina 1.480, col. 1 e 2.)

Em 12 de Setembro seguinte (1919) é lido e vai a imprimir, sob n. 182 A, o parecer da Commissão de Constituição e Justiça, favoravel ao projecto:

CAMARA DOS DEPUTADOS

N. 182 A — 1919 — *Manda incluir entre os feriados nacionaes o dia 15 de Agosto, destinado á commemoração da Mulher, com parecer da Commissão de Justiça, favoravel ao projecto.*

Em seus termos syntheticos pretende o projecto n. 182, do corrente anno que o poder governamental da Republica inclua ou enumere a mais nos feriados nacionaes o dia 15 de Agosto, em homenagem a mulher.

Os illustres Deputados que o subscrevem, fizeram-no preceder de considerações tendentes a tornar claras e definidas as idéas que os induziram a apresentar a proposta, ora sujeita ao parecer desta Commissão. Todas são de irrecuzavel verdade demonstrada pela observação e analyse rigorosa dos factos que presidem a vida da familia e da communhão social. Bem e sufficientemente demonstram, sob o seu ponto de vista, a conveniencia e opportunidade de consagrar-se a mulher como a expressão objectiva, a imagem viva e fecunda dos mais alevantados, nobres e generosos sentimentos, os unicos capazes de approximar e ligar por laços de firme e segura solidariedade a collectividade humana.

O projecto, pois, não encerra materia, por sua natueza, circumscripta a determinada doutrina, ou credo, não colide com nenhum dispositivo constitucional e póde ser levado á resolução da Camara dos Srs. Deputados, visto o assumpto ser daquelles em que mais predomina o sentir occasional de cada um do que o consenso necessario a manter e melhorar a ordem juridica entre nós existente.

Sala das Commissões, 11 de Setembro de 1919. — *Cunha Machado*, Presidente. — *Marçal de Escobar*, Relator. — *Verissimo de Mello.* — *Turiano Campello.* — *Arlindo Leoni.* — *Josino Araujo.*

PROJECTO N 182, DE 1919, A QUE SE REFERE O PARECER

Considerando que a vida domestica é a base elementar da associação humana collectiva e que a sua organização e consolidação universaes constituem, assim, a garantia unica, permanente e normal, da ordem publica;

Considerando que a mulher, dotada de maior sentimento, resume, em cada lar, como mãi, irmã, esposa e filha, o conjunto de affeições que podem unicamente ligar todos os membros da associação elementar assim constituida;

Considerando, pois, que a felicidade e a moralidade da especie humana dependem sobretudo da mulher, cujo destino domestico se resume, então, em exercer sobre o homem os diversos generos de influencia espiritual, de fórma a lhes inspirar as disposições mais convenientes ás suas funcções publicas;

Considerando, em consequencia, que taes serviços, merecendo a gratidão collectiva, devem ser commemorados em nossa Patria, o que já acontece em outras, como nos Estados Unidos, onde ha um dia officialmente consagrado para esse fim;

Considerando que no Brasil as tradições catholicas sempre consagraram o dia 15 de Agosto para a glorificação da mulher, e que taes costumes devem ser, portanto, respeitados;

Os abaixo assignados propõe á consideração da Camara o seguinte

PROJECTO

O Congresso Nacional decreta:

Artigo unico. Fica incluido entre os feriados nacionaes o dia 15 de Agosto, destinado á commemoração da Mulher; revogadas as disposições em contrario.

Sala das sessões, 16 de Agosto de 1919. — *João Pernetta.* — *Alvaro Baptista.* — *Mauricio de Lacerda.* — *Augusto de Lima.* — *Leoncio Galrão.* — *José Augusto.* — *J. Lamartine.* — *Vicente Piragibe.*

"Em 29 de Setembro (1919) é encerrado em 1ª discussão e adiada a votação — Em 30 de Setembro é approvado em 1ª discussão. — Em 2 de Outubro é encerrado e approvado em 2ª discussão, e obtem, a requerimento do Sr. Mauricio de Lacerda, dispensa de intersticio para figurar na ordem do dia seguinte. Em 3 de Outubro é encerrado em 3ª discussão e adiada a votação. — Em 4 de Outubro é approvado em 3ª discussão e enviado á Commissão de Redacção. — Em 7 de Outubro é lida e vai a imprimir, sob n. 182 B, a redacção final. — Em 11 de Outubro é approvado em redacção final e enviado ao Senado." — (*Da Synopse dos Trabalhos da Camara dos Deputados* relativos ao anno de 1919, acompanhada de differentes documentos, organizada na Secretaria da mesma Camara — Informação obtida por Amaro da Silveira).

Entrou no Senado a Proposição n. 197 — 1919, em 15 de Outubro de 1919; foi á Commissão de Justiça e Legislação, e está sem solução até hoje.

(Informação obtida por Amaro da Silveira).

A segunda lacuna do actual systema de festas nacionaes refere-se á festa complementar da precedente, mediante a festa nacional de DANTE, celebrando o sentimento cavalheiresco, idealizado na instituição da DIVINA COMEDIA. A unanime commemoração do *sexto Centenario subjectivo de* DANTE, em 1921, demonstra a necessidade e a opportunidade incontestaveis de tal solemnidade.

Entretanto o Decreto n. 4.427 de 19 de Janeiro de 1922 declarou feriado nacional o dia 25 de Dezembro, sem mencionar, aliás, qual o acontecimento commemorado. Semelhante omissão, constata espontaneamente o feriado universal desse dia, desde épocas immemoriaes; de sorte que, cada um o festejará segundo o destino sympathico que lhe attribuir.

E o Decreto n. 4.859 de 26 de Setembro de 1924 declarou feriado nacional o dia 1º de Maio, *consagrado á confraternidade universal das classes operarias e á commemoração dos martyres do trabalho.*

Esta ultima commemoração não basta para preencher a terceira lacuna capital do systema de festas nacionaes instituido pelo Governo Provisorio; lacuna que se refere á falta de uma festa annual que popularise o alcance da influencia social do PROLETARIADO MASCULINO, afim de que este consiga satisfazer plenamente — e portanto, dignamente, — a sua missão, na *implantação* definitiva e no *progresso*, emfim imperturbavel, da *ordem republicana*.

E' incomparavel a aptidão da commemoração social de S. FRANCISCO DE ASSIS, para rezumir tal solemnidade, em virtude do inexcedivel exemplo de uma vida, — embora rapida, — de arrebatadora dedicação cavalheiresca, embelezada por sublime estro poetico.

S. FRANCISCO DE ASSIS patenteou, assim, ao mesmo tempo, ser a *pobreza voluntaria* a condição imprescindivel para garantir a dignidade e o prestigio dos orgãos da autoridade espiritual, assegurando a independencia politica de taes orgãos, tanto junto aos orgãos do Poder Temporal, como junto ao Proletariado. Pois só desse modo os orgãos da Autoridade espiritual merecem ser honrados com a confiança secular do SEXO FEMININO, que os erige em livres conselheiros sociaes, transmittindo as mais sublimes esperanças e os mais santos votos de Altruismo, segundo o PASSADO, para alcançar a bemaventurança da POSTERIDADE e o bem do PUBLICO, conforme o programma republicano resumido no advento inalteravel da PAZ UNIVERSAL. Essas consagrações devem ser harmonisadas com o cabal desempenho da actividade industrial, não favorecendo os abusos occasionados pela situação revolucionaria da sociedade moderna, que expõe os feriados a tornarem-se estimulos da ociosidade e de jogos egoistas. Similhantes aberrações não são exclusivas dos feriados. A poesia, a sciencia e a industria podem tornar-se occasião e instrumento do egoismo; desde que os pendores altruistas não as inspirão. Porém, conforme a paraphrase positiva da observação de THOMAZ DE KEMPIS, embellezada por CORNEILLE:

A santa evolução por nada se transvia;
Apezar das erroneas do Presente,
Que te punge ou sorprehende a pobre phantasia,
O homem só se agita e a Humanidade o guia,
Do mal tirando o bem frequentemente.

O surto continuo do altruismo, atravez da actividade militar,, é disso prova exuberante.

Considerações preliminares.

Na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* — do ultimo dia do anno que findou (1926), — solicitámos a benevola attenção do Publico, e especialmente dos orgãos do Poder temporal, no povo brasileiro, para algumas reflexões, segundo os ensinos de AUGUSTO COMTE, resumindo a sabedoria secular da HUMANIDADE, sobretudo a sabedoria feminina, no intuito de patentear, conforme o titulo especial dessa publicação:

"O alcance moral e politico de ser decretada, ainda no anno que finda (1926), a celebração de um dia em homenagem ao *Setimo centenario do incomparavel* S. FRANCISCO DE ASSIS."

Terminavamos recordando a decretação da expiadora lei de 13 de Maio de 1888, para mostrar a possibilidade ainda dessa decretação. Diziamos:

"O anno do Setimo Centenario de S. FRANCISCO DE ASSIS termina no dia em que as considerações precedentes são levadas ao conhecimento dos membros da Camara dos Deputados Federaes, de cuja approvação depende o projecto do Senado Fe-

deral contendo o projecto proposto pela Commissão de Constituição e Justiça da mesma Camara. Ainda é, portanto, tempo, — *respeitando as disposições legislativas*, — de ser tal projecto approvado pela referida Camara e sanccionado pelo Presidente da Republica. Caso semelhante deu-se domingo, 13 de Maio de 1888, com a incomparavel Lei que declarou extinta a escravidão no Brasil."

Assim procedemos inspirando-nos na "divisa com felicidade attribuida a Cesar, e que, convindo aos dignos theoristas como aos grandes praticos" (AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Positiva*, t. IV, Conclusão total, p. 543), por maioria de razão, não deve ser vulgarmente esquecida.

Nada reputando feito, se alguma coisa restar a fazer.

As circumstancias não consentiram que fosse attendido esse appello. Para apreciar, porém, convenientemente semelhante desfecho, cumpre não consideral-o isolado; e sim recordar a serie de occorrencias das quaes constituiu o ultimo incidente dos esforços para ser declarado no anno que findou (1926) um dia feriado em homenagem a S. FRANCISCO DE ASSIS.

Com effeito, a circumstancia capital na existencia humana consiste no sentimento que é o movel dos pensamentos e dos actos. Para julgar os phenomenos humanos, quer privados quer publicos, é, pois, indispensavel examinar qual a situação sentimental que a conducta, intellectual ou pratica, revela.

Assim, no caso presente, é claro que só as devastações da anarchia moderna, que dilacera o Occidente, desde os fins do decimo-terceiro seculo, conforme proclamou Dante, impediram que o *Setimo Centenario do incomparavel* S. FRANCISCO DE ASSIS fosse celebrado, no Brasil, com a solemnidade decorrente da situação republicana em que felizmente se acha, ha mais de uma geração, o povo brasileiro.

Para comprehender semelhante fatalidade, é necessario recordar summariamente a gestação do povo brasileiro. O ramo portuguez do elemento iberico presidio á gestação do povo brasileiro, fundindo em um todo, cada vez mais homogeneo, as tres raças humanas, branca, amarella, e preta. A raça amarella já havia sido profundamente misturada com a raça branca, durante as invasões da primeira phase (seculos V, VI, VII) da idade média. (AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Positiva*, t. III, ps. 466 e 471) De sorte que, antes dos aborigenes do Continente descoberto por COLOMBO, entrarem em contacto com a raça branca, já a raça amarella havia se combinado com a raça branca no ramo portuguez, como em todas as populações occidentaes. Entretanto, os aborigenes colombianos contribuiram, com a raça preta, na formação especial do povo brasileiro, mediante as influencias moraes e mentaes peculiares ao Fetichismo. Emfim, a raça preta *sendo, segundo* AUGUSTO COMTE, *a raça affectiva por excellencia*, tornou-se, na formação do povo brasileiro, *um elemento capital*, como o attestará para sempre, a edificante invocação ingenua, *Mãe preta*.

Semelhante expressão lembrará que, além da mestiçagem biologica, existe a mestiçagem moral e social que já affecta felizmente ao conjuncto do povo brasileiro, embora não se ache realizado ainda o voto do velho José Bnifacio, Patriarcha da Independencia politica do povo brasileiro.

E' certo que tal gestação do povo brasileiro, fatalmente empirica, realizou-se em meio de crudelissima agonia, pois que a revolução moderna já dilacerava o Occidente, havia dous seculos (decimo-quarto e decimo-quinto) quando o ramo portuguez do elemento iberico veio realizar semelhante emprehendimento. O programma republicano, que o regimen medievo esboçára sob todos os aspectos, achava-se assim desgraçadamente postergado pela restauração do antigo absolutismo regalista, mediante o restabelecimento da *confusão dos dous Poderes, temporal e espiritual*, absorvidos ambos pelos reis ou pelos nobres, apoiados pela burguezia masculina, quer industriaes quer lettrados, especialmente juristas e metaphysicos. O mais nefando resultado desse fatal delirio retrogrado foi o restabelecimento da escravidão antiga, sendo victima a raça preta.

Só a sublimidade altruista da raça martyr e a phase fetichico-militar da evolução social em que ella se achava tornaram exequivel semelhante monstruosidade. E essas circumstancias, secundando os antecedentes medievaes, attenuaram maravilhosamente nos povos catholicos preservados das aberrações protestantes as angustias desse momento historico, patenteando mais uma vez a consoladora lei: *O homem se agita, e a Humanidade o conduz*: .

A espontanea incorporação popular do Fetichismo ao Catholicismo, e a feliz ignorancia popular, em relação ás subtilezas dogmaticas — theologicas e metaphysicas, — asseguraram, desde então até hoje a efficacia moral e social, do culto catholico, privado e publico. Basta lembrar a persistencia da monogamia indissoluvel, mediante a repulsa da retrogradação protestante do divorcio, bem como a persistencia e o desenvolvimento do culto da VIRGEM MÃI, dos SANTOS, e das IMAGENS, para que se constate o inestimavel apoio que o surto do altruismo encontrou e continua a encontrar, no Sacerdocio catholico, em meio da revolução moderna. Surgido no inicio dessa revolução DANTE, sob o prestigio de BEATRIZ PORTINARI, continuou a influencia cavalheiresca e presidio ao surto poético, emparando a influencia regeneradora da MULHER. Quanto ao *espirito positivo*, o desenvolvimento da actividade industrial, continuou como sempre a vulgarisar as acquisições scientificas, em vrtude das suas applicações habitualmente utilizadas na vida privada e publica.

Graças as qualidades, affectivas, intellectuaes, e praticas, assim adquiridas pelo povo brasileiro, a influencia regeneradora de AUGUSTO COMTE, sob o angelico ascendente de CLOTILDE DE VAUX, manifestou-se nas classes dominantes do povo brasileiro, desde 1850, conforme acha-se vulgarizado pela propaganda positivista, inaugurada, em fins de 1878, por Miguel Lemos então em Pariz.

Em 1857, no anno em que expirava, AUGUSTO COMTE arroubava, para sempre o coração cavalheiresco de Benjamin Constant, alentando o enthusiasmo civico e humanitario, que devia tornal-o orgão da incomparavel revolução pacifica, que fundou a Republica no Brasil.

Chegando ao Rio de Janeiro, a 4 de Homero de 93 (1º de Fevereiro de 1881), Miguel Lemos fundou, a 19 de Cezar do mesmo anno 93 (11 de Maio de 1881), a Igreja Positivista do Brasil, mediante a transformação da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, que Antonio Carlos de Oliveira Guimarães formara a 1º de Abril de 1876.

Desde então a divulgação dos ensinos de AUGUSTO COMTE veio fortalecer e desenvolver os antecedentes catholico-feudaes, nas classes dominantes do povo brasileiro, dissipando as aberrações escravocratas, regalistas, democraticas, methaphysicas, scientificas, e medicas que perturbam o surto politico da fraternidade universal. Essa propaganda já durava, pois, *havia cerca dez annos*, quando o gesto cavalheiresco de Benjamin Constant fundou a Republica Brasileira a 15 de Novembro de 1889.

Desde os primeiros actos do Governo Provisorio, ficou evidente que o regimen republicano no Brasil correspondia aos mais sublimes ideaes, moraes e politicos, segundo o programma inaugurado pelo regimen catholico-feudal, proclamando como Lei suprema *o ascendente politico da fraternidade universal*. E todas essas aspirações foram essencialmente compendiadas na *Constituição Federal*, de 24 de Fevereiro de 1891, cuja fiel observancia, *por parte dos governantes e governados*, teria poupado ao povo brasileiro todas as desgraças que o tem affligido depois da prematura morte de Benjamin Constant, a 22 de Janeiro de 1891. Porque essa fiel observancia teria conduzido a reconhecer, ha muito que a revolução moderna não terá fim, emquanto não fôr sentido que:

"O melhor rezumo pratico de todo o programma moderno consiste neste principio incontestavel: *O homem deve sustentar a mulher*, afim de que ella possa preencher convenientemente seu santo destino social. (AUGUSTO COMTE — *Cathecismo Positivista*, traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed., pag. 28).

Esta observação mostra que a *mulher nunca exerce a mendicidade*. "Sustentada primeiro pelo seu pai ou pelos seus irmãos, cada mulher é em seguida sustentada pelo seu esposo, ou pelos seus filhos. *Na falta desses amparos especiaes, a obrigação do sexo activo para com o sexo afetivo torna-se geral, e o governo deve prover a isso*, sob a inspiração do sacerdocio. Tal é a base material da verdadeira constituição domestica." — AUGUSTO COMTE — *Catecismo positivista*. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed., pag. 346. Os gryphos são desta transcripção.

Vide, acerca da restauração da instituição cavalheiresca, no regimen final pacifico-industrial, AUGUSTO COMTE, *Cathecismo positivista*, traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª edição, paginas 376 e 492.

Ora, tal programma não será cumprido *emquanto a actividade industrial não se tiver tornado exclusivamente pacifica*, de maneira a extinguir inteiramente a actividade guerreira. E semelhante transformação só se effectuará, mediante o ascendente da fraternidade universal no Proletariado masculino. Portanto, a realização do regimen republicano exige urgentemente que se estimule esse sentimento no proletariado masculino, *em virtude da desistencia de qualquer recurso a violencia*, por parte do proletariado masculino. E, para sentir que essa aspiração não é uma chimera, basta recordar que:

"...repousando sempre a sociedade sobre um livre concurso, não existem transações duraveis e modificações legitimas senão as que resultam de um assentimento voluntario dos diversos COOPERADORES. A MAIOR DAS REVOLUÇÕES SOCIAES, *a abolição gradual da escravidão occidental, realizou-se, na idade-média, sem uma unica insurreição.*" — AUGUSTO COMTE — *Catecismo positivista*. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed., pags. 371 a 372. Os gryphos são desta citação.

Em meio das fataes perturbações da anarchia moderna, os *felizes antecedentes catholico-feudaes* e FETICHISTAS que presidiram á fusão das tres raças, branca, amarella e preta, na formação do povo brasileiro, continuam a proteger o surto da

fraternidade universal, isto é, o regimen republicano, contra os principaes obstaculos resultantes do desenvolvimento dessa anarchia. Semelhante influencia regeneradora concentra-se fundamentalmente no conjunto do SEXO FEMININO, em virtude da superioridade affectiva da MULHER e do predominio della na formação, como na vida, das gerações.

Porque essa superioridade altruista inspira e sustenta o amoroso relativismo que permitte, espontaneamente, harmonisar os sentimentos e as crenças theologicas, — recebidas e alimentadas através do culto catholico, — com os *resultados positivos* da evolução da HUMANIDADE, vulgarizados pela Poesia e a Industria. Como MÃE, a MULHER transmitte aos filhos, na phase fundamental da vida, isto é, *desde a concepção até o começo da adolescencia*, as sublimes qualidades moraes e mentaes da alma feminina, bem como, as reacções do meio social sobre ella.

Essas supremas qualidades são depois entretidas e desenvolvidas continuamente pela angelica sollicitude da MULHER, como IRMÃ, ESPOSA e FILHA, na FAMILIA: gerando o sentimento cavalheiresco que transporta essas reacções altruistas para a vida publica, primeiro na PATRIA, e, finalmente, na HUMANIDADE. Em summa, conforme a sentença de AUGUSTO COMTE:

E' da mulher, no fundo, que provem o homem. AUGUSTO COMTE. *Testamento*, Nona Confissão, pag. 206.

E, para apreciar cabalmente o alcance social do prestigio feminino, cumpre notar que a evolução da HUMANIDADE vae, incessantemente e melhor, patenteando que a *situação proletaria* é a que mais favorece o engrandecimento da alma feminina, por isso que é a que mais assegura o surto do altruismo. Referindo-se a Joanna d'Arc, AUGUSTO COMTE observa:

"Todavia, uma admiravel anomalia annuncia já a *superioridade final da mulher proletaria*, em virtude da incomparavel heroina que se devotou tão preciozamente á independencia franceza." — AUGUSTO COMTE. *Systema de Politica Positiva*, t. III, p. 538. O grifo é desta traducção.

E apreciando a *influencia feminina do Positivismo*, AUGUSTO COMTE observa:

Quanto aos proletarios, essa influencia feminina é pois, destinada sobretudo a combater a tendencia espontanea delles a abusar da energia que lhes é caracteristica, *afim de obterem pela violencia*, aquillo que deveriam esperar de *um livre assentimento*. Apezar das difficuldades de tal missão, as mulheres encontrarão nelles menos obstaculos do que para retificar nos philosophos *o abuso do raciocinio*. Ha poucos exemplos até aqui de philosophos *assim desviados de argumentar quando é preciso sentir*.

AUGUSTO COMTE — *Systema de Politica Positiva*, t. I, Discurso Preliminar. Quarta Parte. Influencia feminina do Positivismo, p. 228. (Os griphos são desta traducção).

Ora, — a não ser na Religião da Humanidade, — é no culto catholico que o conjunto do SEXO FEMININO encontra, em meio da anarchia moderna, o apoio systematico ás mais sublimes aspirações altruistas. Para evidencial-o, basta notar que só esse culto defendeu e defende até hoje a *monogomia occidental indissoluvel*, contra a retrogradação protestante do *divorcio*; é só esse culto que dissipa os sentimentos e preconceitos nacionalistas e militaristas; porque só esse culto tende a abolir o recurso á violencia, mediante a substituição da glorificação dos enthusiasmos e feitos guerreiros, pela sanctificação da humildade e do martyrio inspirados pelo *puro Amor universal*. E só assim póde a MULHER proteger a infancia masculina contra as devastações do sceptcismo e do materialismo, theorico e pratico.

Porém, no Occidente, o estado, moral e mental da generalidade do Proletariado masculino deixou ha muito, de tornar-lhe efficaz desde a adolescencia, o apoio que o culto catholico proporciona ao conjunto do SEXO FEMININO, e especialmente ao PROLETARIADO AFFECTIVO, isto é, á MULHER PROLETARIA. Urge, pois, estimular o altruismo no Proletariado masculino, mediante a celebração do alcance social tanto moral como politico, da collaboração do Proletariado masculino, na existencia da Familia, da PATRIA, e da *HUMANIDADE*.

Tiveram, por ventura, espontaneamente, essa intenção os promotores do Decreto n. 4859 de 26 de Setembro de 1924, que declarou feriado nacional o dia 1º de Maio. Eis os termos desse Decreto:

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil:

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanccciono a resolução seguinte:

Artigo unico. E' considerado feriado nacional o dia 1º de Maio consagrado á *confraternidade universal das classes operarias* e á *commemoração dos martyres do trabalho*, revogadas as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 26 de Setembro de 1924, 103 da Independencia e 36º da Republica.

Arthur da Silva Bernardes.
João Luis Alves.

Porém esse Decreto não satisfaz á necessidade de estimular, no Proletariado masculino, o sentimento da *Fraternidade universal*, como se deprehende dos seus termos. Porque, consagrando o feriado de 1º de Maio á *confraternidade universal das* CLASSES OPERARIAS, instituio-se uma solemnidade que se presta a *segregar da communhão universal*, o conjunto das classes *operarias*.

Expõe-se, assim, sem querer, a fomentar, — e mesmo a aggravar em vez de extinguir — as prevenções que o empirismo revolucionario e a metaphysica democratica incutem ao Proletariado masculino, contra os chefes industriaes e contra as autoridades quaesquer, desconhecendo o alcance social e moral da *propriedade material* e da *moeda*. Induzir-se assim a desconhecer a secular sabedoria da HUMANIDADE na organização fundamental da *actividade industrial pacifica*, que deve *succeder ao regimen fatalmente primitivo da actividade guerreira*.

Notemos, de passagem, o descabimento de substituir os qualificativos, *proletario*, *proletariado*, e seus derivados, pelos vocabulos *operario*, *operariado* e seus derivados. Porque os qualificativos *proletario*, *proletariado* e seus derivados lembram habitualmnete que o conjuncto dos *pobres*, — homens e mulheres, — constitui a quasi totalidade da especie humana, origem da *prole humana*, donde emanam todas as *classes especiaes*, tanto *patrões* ou *patricios*, como *chefes espirituaes* ou *sacerdotes*. Ao passo que as palavras *operario*, *operariado* e seus derivados designam a *funcção especial industrial do Proletariado*, isto é, do *Proletariado masculino activo*, com exclusão da *funcção moral* e da *funcção politica* que a este compete. Além disso, exclue, da concepção geral do Proletariado, o PROLETARIADO AFFECTIVO, isto é, a MULHER PROLETARIA, quando esta não é victima da anarchia moderna que a transforma em *concurrente* do homem, arrebatando-a impiedosamente da sua angelica missão insubstituivel no Lar, na Cidade, no Templo. A MULHER é então sacrificada, já nos officios industriaes, e repartições publicas, já nos *estabelecimentos oriundos da dissolução da Familia, pela revolução moderna*, como os *hospitaes*, os *asylos*, as *escolas primarias*, as *créches*, os *jardins da infancia*, etc.

Essa denominação *operariado*, leva tambem a desconhecer a funcção do *Proletariado contemplativo*, isto é, da parte do *Proletariado masculino*, constituida por proletarios que suas predileções esthetica ou scientificas arredam da actividade industrial, sem que satisfaçam, entretanto, ao conjuncto das condições moraes, intellectuaes, e praticas, para a plena autoridade espiritual.

A mesma denominação, *operariado*, impede, enfim, a apreciação do *Proletariado passivo*, isto é, da parte do *Proletariado masculino*, formada pelos proletarios que as circumstancias, transitorias ou permanentes, quer pessoais, quer sociais, houverem conduzido á mendicidade.

A data escolhida, 1º de Maio, lembra uma das mais dolorosas confirmações que os fataes incidentes da revolução moderna tem dado ao seguinte ensino, de AUGUSTO COMTE:

"Sou assim conduzido a completar esta indicação da influencia conservadora do pozitivismo, assignalando a sua *luta necessaria com o communismo, ultimo estado verdadeiramente honoravel e perigoso do conjuncto dos instinctos revolucionarios*. Após haver sobrepujado a anarchia dos ricos para com os grandes, a religião da Humanidade consagrará a maior parte da transição final em transformar ou dissipar as disposvições que até então terão cada vez mais impellido os pobres contra os ricos. Esse ultimo triumpho tornar-se-ha o indicio do proximo advento do estado normal, provando que a synthese relativa (o pozitivismo) já reconhecida superior em relação ao culto e ao dogma, convém tanto ao regimen, compromettido por todas as syntheses absolutas (theologicas)" — AUGUSTO COMTE — *Systema de Politica Pozitiva*, t. IV p. 475. Os gryphos e parenthesis são desta traducção.

Fica assim evidente que não basta glorificar o *trabalho* de *um modo abstracto*, para celebrar a *missão social republicana* do Proletariado masculino. Urge que uma festa especial caracterize annualmente a missão social do Proletariado masculino como consistindo em desenvolver directamente o ascendente politico da fraternidade universal. De sorte, que se comprehenda que essa missão, moral e politica, do Proletariado masculino persiste, quando, por qualquer circumstancia, permanente ou transitoria, a actividade industrial torna-se impossivel, como acontece com a mendicidade dignamente exercida.

A anarchia moderna contribui para realçar o fundamento das considerações precedentes. Porque os preconceitos e habitos, *herdados do regimen militar*, expõe o Proletariado masculino a crer, legitimo e imprescindivel o *emprego da violencia*, afim de obter a satisfação das suas aspirações sociaes, segundo o absolutismo da metaphysica democratica que proclama *o direito de revolução*. Dahi o uso da violencia, lançando a discordia, mesmo no seio do Proletariado masculino, desta arte dividido em grupos adversos, que chegam ao ponto de desconhecer a *liberdade de*

trabalho, transformando, *em levantes militares*, as greves industriaes que devem ser *pacificas abstenções de trabalho*.

Esse desenvolvimento da fraternidade universal, — *mediante a actividade industrial puramente pacifica e a pobreza voluntaria*, reconhecendo a *gratuidade fraternal* de todos os officios, — constitue justamente o esforço regenerador do incomparavel São Francisco de Assis. Elle offereceu o mais edificante exemplo, *para sempre inexcedivel*, da efficacia, moral e politica, do altruismo, graças á *pobreza voluntaria*, levada dignamente ao extremo da mendicidade; e, mais do que isso, levada ao martyrio.

São Francisco de Assis antecipou, assim, pela sua conducta, a seguinte apreciação de Augusto Comte:

"O Sacerdote. *Nosso principio fundamental sobre a gratuidade necessaria do trabalho humano* proporciona, minha filha, poderosos meios de desenvolver melhor os sentimentos e as convicções que convem a cada classe social. *Quando o salario não é mais concebido como pagando o valor do funccionario, mas apenas os materiaes que elle consome*, o merito pessoal de cada um sobresahe mais aos olhos de todos..." Augusto Comte, *Catecismo Positivista* — Traducção e notas de Miguel Lemos, 3.ª edição, pags. 366 a 367. Os gryphos são desta transcripção.

São Francisco de Assis patenteou, por um commovente exemplo, — *mais efficaz do que as melhores demonstrações philosophicas*, como observa Augusto Comte referindo-se a Clotilde de Vaux (Testamento, *Correspondencia*, pag. 514), — que o esgotamento da actividade guerreira, na civilização occidental, attingira ao estado em que a *submissão voluntaria altruista* a todas as fatalidades, quer na ordem natural quer na ordem humana, tanto politica como moral; recorrendo, a cada momento, para tudo e para com todos, só e só, ao Amor inteiramente desinteressado, era necessario e bastante para obter o que, a cada instante, é accessivel ao bem da Familia, da Patria e da HUMANIDADE.

O estado do espirito humano, em virtude do fatal atrazo, tanto das sciencias naturaes, como da actividade industrial, não permittia, porém, em virtude da fraqueza do altruismo e da energia do egoismo, systematizar então, sem o auxilio das crenças theologicas, o ascendente politico do Amor universal. Essa impossibilidade se patenteava nos desmandos, moraes e politicos, da generalidade do sexo masculino, desde que o enfraquecimento das crenças catholicas deixava, sem o arrimo de taes crenças, os pendores altruistas entregues á energia maior das propensões egoistas. Diante de tão deploravel espectaculo, as melhores almas masculinas, — *da mesma sorte que o conjunto do Sexo feminino*, — tinham que aguardar que o sufficiente adiantamento da evolução scientifica e da evolução industrial, amparadas pelo surto poetico emanado de Dante, entretendo o culto cavalheiresco da Mulher, só por si bastassem para realização do regimen definitivo republicano, puramente pacifico-industrial. Em tal contingencia, as melhores almas masculinas, — *da mesma sorte que o conjunto do Sexo feminimo*, — não podiam abstrahir das crenças sobrenaturaes, na concepção do Mundo, da Sociedade, e do Homem.

O pleno surto do Amor universal conduzio, pois, taes almas a manterem sinceramente as crenças sobrenaturaes; purificando, porém, o Amor para com Deus, de todas as preoccupações egoistas, quer da esperança de recompensas celestes, quer do temor de penas infernaes; amando a Deus, só pelo encanto do Amor, como sendo o Amor a suprema felicidade, no Céo e na Terra.

E' o que evidenciam os seguintes ensinos, desenvolvendo o apostolado de S. Paulo, como, por vezes, se tem lembrado:

A supremacia do Amor (*agape*) *sobre a fé e a esperança*
Proclamada por S. PAULO

29. Não ha judeu nem grego; não ha escravo nem livre; não ha macho nem femea; porque todos vós sois um em Jesus Christo.

S. Paulo. Epistola aos Galatas, Cap. III, anno 51 ou 52 da era catholica.

1. Se eu fallar as linguas dos homens e dos anjos e *não tiver amor* (*agape*), sou como o metal que sôa ou como o cymbalo que tine.

2. E se eu tiver o dom da prophecia, e conhecer todos os mysterios, e quanto se póde saber; e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montanhas, *e não tiver amor*, não sou nada.

3. E se eu distribuir todos os meus bens no sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, *se todavia não tiver amor*, nada disso me aproveita.

.. ..

8. *O amor jámais ha de acabar*; ou deixem de ter lugar as prophecias ou cessem as linguas, ou seja abolida a sciencia.

.. ..

11. Quando eu era menino, fallava como menino, pensava como menino, discorria como menino. Mas, depois que cheguei a ser homem feito, dei de mãos ás cousas que são de menino.

.. ..

13. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, e o amor; essas tres virtudes; *porém a maior dellas é o amor*. (S. Paulo, *Primeira Epistola aos Corynthios*, Cap. XIII.) — 57 éra Catholica.

Exhortação ao trabalho — Dignificação da escravidão

28. Aquelle que furtava, não furte; *porém occupe-se no trabalho*, fazendo alguma obra de mãos, que seja boa e util, *para dahi ter com que soccorra ao que padece necessidade*.

S. Paulo — Ep. aos Ephesios, Cap. IV.

7. Porque vós mesmos sabeis como deveis imitar-nos, pois não vivemos desregrados entre vós;

8. e nem comemos de graça o pão de algum, antes com trabalho e fadiga, *trabalhando de noite e dia para não sermos pesado a nenhum de vós*.

9. *Não porque não tivessemos poder para isso*, porém para offerecer-vos em nós mesmo um modelo que imitasseis.

S. Paulo — 2ª Ep. aos Tessalonicenses, Cap. III.

10. Rogo-te por meu filho Onezimo, que eu gerei nas prisões.

. .. .

15. Porque talvez elle se apartou de ti por algum tempo, para que tu o recebesses para sempre;

16. *não já como um escravo* (*doulon*); porém mais que escravo (*doulos*), um irmão amado, principalmente de mim; e quanto mais de ti, assim na carne como no Senhor.

S. Paulo — Ep. a Philemon, Cap. unico.

Continuação desses ensinos
pelos mais egregios successores de São Paulo

In necessariis, unitas; in dubiis, libertas; in omnibus charitas.

Nas cousas necessarias, a unidade; nas duvidosas, a liberdade; em todas, a caridade.

Santo Agostinho — 354 a 430 da éra Catholica.

O verdadeiro amor está plenamente satisfeito de si mesmo.

São Bernardo — Tratado do Amor de Deus, cap. VII — 1.091 a 1.153 da éra Catholica.

E', pois, verdade que o homem ama-se primeiramente por si mesmo, porque sendo carnal, elle nada póde saborear além do si mesmo...

e eu não sei se é possivel a alguem nesta vida chegar até ao quarto grão (do Amor), no qual o homem não se ama mais nada senão por Deus.

Ibidem, cap. XV.

Eis de que maneira Deus deu-me, a mim irmão Francisco, começar a fazer penitencia: quando eu vivia no peccado, era-me muito penoso vêr leprosos; porém Deus mesmo conduzio-me ao meio delles, e ahi fiquei um pouco de tempo. Quando os deixei, o que me tinha parecido amargo tornou-se-me doce e facil.

.....

Gostava de ficar nas igrejas pobres e abandonadas e eramos ignorantes e submissos a todos.

Eu trabalhara com as minhas mãos e quero continuar, e quero tambem que *todos os outros irmãos trabalhem em algum officio honoravel. Que os que não têm, aprendão um*, não com o fim de receber o preço do seu trabalho, *porém para o bom exemplo* e para evitar a ociosidade. E quando se não nos dá o preço do trabalho, recorramos a mesa do Senhor, pedindo esmola de porta em porta. O Senhor, me revelou a saudação que devemos fazer: *Deus vos dê a paz*.

Que os irmãos tenhão grande cuidado de não receber as igrejas, as habitações, e tudo o que se constroe para elles *senão se tudo fôr como convem á santa pobreza de que fizemos voto na Regra*, e que elles não recebam a hospitalidade senão como extrangeiros e viajantes.

Interdigo absolutamente, por obdiencia, a todos os irmãos, seja qual fôr o lugar em que se acharem, de *pedirem bula alguma á côrte de Roma*, quer directamente, quer indirectamente, sob pretexto de igreja, de convento, ou sob pretexto de predicas, *nem mesmo para sua proteção pessoal*. Se não forem recebidos em alguma parte, que vão alhures para fazer penitencia com a benção de Deus.

.....

Testamento de S. Francisco de Assis. Traducção do original, por Paul Sabatier. Vida de S. Francisco de Assis, pag. 389. Os griphos são desta traducção.

A superioridade de seu genio manifesta-se nas composições poeticas, como o Cantico do sol, no qual *idealiza a fraternidade*

universal, annunciando, espontaneamente *a incorporação do Fetichismo ao Positivismo*:

CANTICO DO SOL
Outomno de 1224 — Outomno de 1225

. . ..

"Um dia, elle (S. FRANCISCO DE ASSIS) se tinha sentado á mesa do mosteiro depois de uma longa conversa com Clara. Tinha se começado apenas a comer, quando de repente elle parece arroubado em extase.

Laudato sia lo signore! exclamou elle voltanda a si. Elle acabava de compor o Cantico do Sol.

(Vida de S. Francisco de Assis, por Paul Sabatier; 36ª edição, pag. 348.)

S. FRANCISCO DE ASSIS — 1182 a 3 de Outubro de 1226.

Desprendimento das preoccupações egoistas de recompensas ou castigos como necessarias á virtude; graças á sabedoria feminina inspirando o emperismo cavalheiresco.

...O amor de Deus animava todas as suas acções e elle louvava muito o dito de uma mulher que fôra achada na Terra Santa, tendo uma facho aceso em uma das mãos, e um vaso cheio de agua na outra: a qual sendo interrogada sobre o que ella queria fazer com isso, respondeu que queria pôr fogo no Paraizo e apagar o fogo do inferno, afim de que, dizia ella, de ora avante os homens sirvam a Deus sómente pelo amor.

BOSSUET — Resumo da Historia de França, Luiz IX (São Luiz).

SÃO LUIZ — 1.215 a 1.270 da era Catholica.

Surto desse esforço altruista cada vez mais desprendido de preoccupações egoistas, através da revolução moderna.

No me mueve, mi Dios, para quererte
El cielo que me tienes prometido.
Ni me mueve e infierno tan temido
Para dejar por eso de ofenderte.

Tu me mueves, mi Dios: mueveme el verte
Clavado en esa Cruz y escarnecido;
Mueveme el ver tu cuerpo tan herido;
Mueveme el ver tus afrentas y tu muerte.

Mueveme, en fin, tu amor, y en tal manera
Que, aunque no hubiera cielo yo te amara,
Y, aunque no hubiera infierno te temera.

No me tienes que dar por que te quiera
Porque, aunque lo que espero no esperara,
Lo mismo que te quiero te quiziera.

(Soneto a JESUS CRUCIFICADO, attribuido a SANTA THEREZA DE JESUS — 1515 á 1582 e a S. FRANCISCO XAVIER — 1506 a 1552).

Foi esse sublime ascendente do Amor desinteressado de preoccupações sobrenaturaes que permittiu enfim prevalecer, no decimo setimo seculo, a *crença no duplo movimento da Terra*, e accelerou a evolução positiva, de modo a tornar triumphante, desde meiados do decimo-oitavo seculo, *a crença na inatcidade dos pendores benevolos*. Succedendo a essa dupla acquisição, a Revolução Franceza annunciou o advento da RELIGIÃO DA HUMANIDADE.

Recordaremos, a esse proposito, mais uma vez, as seguintes apreciações de AUGUSTO COMTE

No IV tomo do *Systema de Politica Positiva* nosso MESTRE condensa assim a evolução scientifica que o precedera "*A inatcidade dos pendores benevolos e o movimento da Terra constituem os principaes resultados da sciencia moderna*, como pondo as duas bases essenciaes, uma subjectiva, a outra objectiva *da verdadeira relatividade*. Ambas, depois de ter preparado o positivismo, aguardavam o seu advento para reagir convenientemente sobre o conjunto da existencia humana. Entrevistas, cada uma á sua maneira, desde os nossos primeiros passos, essas duas noções não podiam assas surgir antes do esgotamento do monotheismo". AUGUSTO COMTE. (*Systema de Politica Positiva*, t. IV, pgs. 20 a 21. Os gryphos são desta traducção).

No seguinte trecho, nosso MESTRE observa que a admissão do movimento da Terra resulta, e resultou, do ascendente dos pendores sociaes. Isto é, mostra que a sciencia moderna resumio-se e resume-se no reconhecimento da *innateidade dos pendores benevolos*:

"Espontaneamente indefinida, esta sciencia (a Astronomia), não póde ser circumscripta senão a destinando a conhecer o planeta humano e os astros correspondentes; *restricção que suppõe o movimento terrestre*. Porém, em virtude de tal connexidade, esse movimento importa por tal fórma á *philosophia relativa* que, *na maturidade da razão humana, a sua existencia não exige demonstração alguma*. Foi assim que esse principio realmente prevaleceu, pois que a sua admissão, precedendo ás suas provas decisivas, realizou-se quando o advento do estado positivo tornou opportuna a transformação preparada desde o inicio do surto theorico". (*Ibidem*, pags. 211 a 212.)

Mais de cinco seculos e meio da transição revolucionaria decorrem desde S. FRANCISCO e SANTA CLARA até a Revolução Franceza inaugurando tempestuosamente com a tomada da Bastilha, a 14 de Julho de 1789, o regimen definitivo pacifico-industrial. Esse periodo, evidencia, cada vez melhor, ao mesmo tempo, o alcance regenerador desses sublimes esforços altruistas, e o irrevogavel esgotamento da aptidão moral e politica — em uma palavra, religiosa, — das crenças theologicas. Pois que, durante esse periodo, a superioridade altruista do SEXO FEMININO, fez sentir-lhe espontaneamente que *não se destróe senão o que se substitue*, como o proclamaria DANTON. O SEXO FEMININO amparou, pois, atravez dos desmandos moraes e politicos da generalidade do sexo masculino a cultura do Amor universal, sustentando os representantes do Sacerdocio Catholico, mesmo nos paizes officialmente protestantes. E, assim, foi mantido o programma medieval da *separação politica dos Poderes, temporal e espiritual*, em frente do *absolutismo regalista*, restaurado pelo protestantismo

Graças a essa superioridade altruista da MULHER, a monogamia indissoluvel pôde ser mantida, fundamentalmente, até hoje, em todo o Occidente. Pois que as devastações da retrogradação protestante do *divorcio* só attingem, na realidade, mesmo nos paizes officialmente protestantes, a uma pequena minoria da população.

Por outro lado, o predominio politico do absolutismo regalista, nos paizes nominalmente catholicos, evidenciou a impossibilidade de systematizar, doravante, o ascendente politico da fraternidade universal, mediante as crenças sobrenaturaes. Pois que o septicismo masculino impedia restaurar, em todo o Occidente a *separação entre os Poderes, temporal e espiritual*, como era na Idade Media, emquanto os orgãos do Poder espiritual se conservavam theologicos.

Fundado, porém, *na realidade*, no Occidente, o regimen republicano, sejam quaes forem as apparencias do constitucionalismo regalista ou democratico, o reconhecimento politico da fraternidade universal restaurou integralmente o regimen medieval, abstrahindo das preoccupações sobrenaturaes, garantindo a plena liberdade espiritual e industrial. Invocando esses principios que presidiram á *Declaração dos Direitos do Homem*, a Republica Franceza appoiou e generalizou, no que dependia do povo central (o povo francez), a iniciativa regeneradora de TOUSSAINT LOUVERTURE, no Haiti, abolindo nas colonias francezas, o monstruoso crime occidental da escravidão africana.

As aberrações militaristas tem tentado restaurar o *absolutismo regalista*: no interior, com as illusões dynasticas; no exterior, com o restabelecimento da escravidão africana e as execrações da politica colonial. Apezar, porém, dessas crueis perturbações, a historia da Humanidade attesta, até hoje, o completo fracasso de tão nefandas tentativas. Essa consoladora verdade teve, no Continente de Colombo, o seio final, a 15 de Novembro de 1889, com o gesto cavalheiresco de Benjamin Constant, fundando a Republica brasileira, mediante uma pacifica revolução sem exemplo. Porém, esse desfecho foi annunciado pela incomparavel lei de 13 de Maio de 1888, reconhecendo a confraternização de todos os elementos etnicos constitutivos do povo brasileiro.

Desde então ficou patente que, no povo brasileiro, a aspiração enthusiastica de S. FRANCISCO DE ASSIS, acerca do ascendente politico da fraternidade universal, encontrava o terreno adequado a sua plena realização. Porque só recorrendo, dahi em diante, exclusivamente ao Amor universal se alcançaria, tanto quanto o permittem as fatalidades da ordem natural e humana, em virtude do labor secular DO PASSADO, a paz do PRESENTE. Podia-se então continuar a preparar a bemaventurança da POSTERIDADE, ao abrigo das perturbações que o recurso aos meios egoistas, isto é violentos, gera sempre, desde que se acha installado o regimen republicano: mesmo nos casos em que a violencia, parece ter contribuido para o predominio, privado e publico, do Amor universal, como certas guerras, certas insurreições e certas greves não pacificas. E' o que evidencia a historia da Humanidade. Aliás, como ensina AUGUSTO COMTE:

"... Todos os sophismas do orgulho não poderiam impedir o espirito positivo de reconhecer que toda revolta emana dos impulsos pessoaes..." — AUGUSTO COMTE — *Synthese Subjectiva* tomo primeiro e unico escripto, p. 16.

Ora, a energia dos pendores egoistas e a fraqueza dos pendores altruistas, bem como o atrazo da intelligencia e as difficuldades da situação planetaria determinaram o primitivo predominio da actividade guerreira. Em taes condições, o recurso a violencia social era inevitavel para satisfazer ás suggestões altruistas: pois que os males fatalmente inherentes ás violencias sociaes podiam ser menores, por parte da violencia de uns, do que as desgraças resultantes da violencia por parte de outros E' o que pondera SANTO THOMAZ DE AQUINO, no texto por vezes citado:

"... o regimen tyrannico não é justo, pois que não é organizado para o bem commum, porém, em proveito de quem governa, como o evidencia o Philosopho no III, da Politica, (cap. V) e no VIII, da Moral. (cap. X). E, portanto, o derribamento desse regimen não tem caracter de sedição, senão quando, porventura, o regimen tyrannico é derribado com tal desordem que a multidão sujeita mais soffre das consequencias da revolução do que do regimen do tyranno. Mais sedicioso é, porém, o tyranno que alimenta discordias e sedições no povo que lhe está sujeito, afim de poder dominar, mais seguramente. E tyrannico, é o regimen organizado no interesse proprio de quem governa com prejuizo da multidão." (*Obras, Veneza*, 1756, tomo 22; *Summa Theologica*. Questão 42, art. 11).

(Vide a publicação da Igreja Positivista do Brasil n. 222, de 15 de Guttemberg de 116, 26 de Agosto de 1904, sob os titulos: *Contra a vaccinação obrigatoria — A proposito do parecer da Commissão de Instrucção e Saude Publica da Camara dos Deputados.*)

Desde, porém, que a HUMANIDADE conseguio assás o desenvolvimento do ALTRUISMO e a depuração do egoismo, de modo a produzir, por um lado, o radical esgotamento popular da actividade guerreira, substituida pela actividade industrial; e, por outro lado, o irrevogavel desprendimento do Theologismo substituido pelo espirito positivo; os males inherentes ás insurreições tornaram-se sempre incomparavelmente maiores do que os provenientes dos extravios e aberrações dos governantes. Essa feliz situação social foi essencialmente alcançada, no Occidente, sobretudo em França, desde o anniquilamento do despotismo napoleonico. O empirismo republicano, aggravado pela metaphysica democratica tem impedido de constatar semelhante verdade; entretanto os acontecimentos a vão fazendo cada vez mais evidente, á medida que o regimen republicano prevalece nos diversos povos. Essa verdade ficou incontestavel no povo brasileiro, desde 15 de Novembro de 1889, como o tem comprovado todos os golpes de Estado e insurreições posteriores.

Recordaremos, a este proposito, mais uma vez, os seguintes ensinos de AUGUSTO COMTE:

Até aqui as mulheres não têm feito senão olhar a revolução, e mesmo com inquietação e repugnancia antes do que com sympathia. *Ellas não tomaram verdadeiramente parte senão em uma só phase, o advento da paz geral.* As minhas primeiras emoções politicas que jámais esquecerei, quando mesmo vivesse mais do que Fontenelle, consistiram em vêr succumbir sob as lagrimas das mãis, das irmãs, das esposas, das filhas, o execravel aventureiro (Napoleão I) que haviamos deixado enthronizar-se tão deploravelmente. Depois dessa demonstração collectiva, que os arrastadores de sabre *liberaes* quizeram em vão estigmatizar sob o nome de *revolução dos lenços brancos*, as mulheres recahiram na sua triste inercia para com uma pretendida regeneração que chocava o seu coração sem satisfazer o seu espirito. Mas é certamente impossivel que essa indifferença persista, *ou a revolução não terminaria nunca...* AUGUSTO COMTE. Carta a G. Audiffrent, de 17 de São Paulo de 63 — 7 de Junho de 1851, referindo-se á quéda do primeiro Imperio.

... Todos os positivistas, *quer praticos quer theoristas*, devem agora considerar-se como auxiliares do sacerdocio regenerador, tomando uma attitude puramente consultiva, a titulo de conselheiros livres e gratuitos de um Governo que elles respeitam e consolidam, *sejam quaes forem as mãos em que resida*, certos de que as vistas de futuro não pódem ser acolhidas por um poder que não têm sufficiente securidade para o presente. Sem jámais dissimular que o conselho prepara o positivismo para o commando, devemos sempre reconhecer que o nosso advento politico exige *a elaboração prévia da opinião publica, além da digna preparação dos nossos proprios estadistas*, e que o poder deve nos ser livremente transmittido pelos seus possuidores quando estes sentirem esgotados os seus recursos contra a anarchia, *toda probabilidade de elevação violenta*, sendo, a nosso respeito, *absurda de facto*, e aliás *contraria aos nossos principios. Não anhelei de modo algum, nem mesmo approvei, os abalos de* 1830 *e* 1848, embora haja me esforçado por utilizal-os após a sua consummação; conduzindo-se assim, os positivistas deverão sempre prever as tempestades, e esforçar-se primeiramente por prevenil-as, depois moderal-as, e por fim utilizal-as: mas considerando-se como livremente associados aos Governos occidentaes sem nunca secundar opposição alguma, cujo respeito involuntario obterão todavia, além de que nenhum partido os julgará seus concorrentes ao poder.

Essa attitude collectiva deve ser dignamente completada pela conducta individual, *em virtude da qual os mais obscuros positivistas pódem tomar parte no advento da nossa fé melhor do que os seus mais brilhantes apostolos, escriptos ou verbaes*, provando que aquelles que vêm regular a vida humana regularam primeiro a sua propria, de maneira a dissipar a unica incerteza que resta aos empiricos honestos sobre a efficacia moral do Positivismo. AUGUSTO COMTE. *Correspondencia* inedita, segunda série, ps. 340 a 341: *Cartas* á Hadery: Carta de 10 São-Paulo 68 (29 Maio 1856).

Incidentes que occasionaram não haver sido decretado em 1926, *o dia de festa nacional em homenagem a S. Francisco de Assis.*

Patenteado assim o alcance social, tanto moral como politico, da solemne consagração, puramente humana, do *Setimo Centenario subjectivo do incomparavel* S. FRANCISCO DE ASSIS, sobretudo nos povos republicanos, e especialmente nos povos filiados ao regimen catholico-feudal, immunes dos dilaceramentos protestantes, como é o povo brasileiro, recordemos os incidentes que occasionaram não haver sido decretada, no anno que findou (1926), a celebração official.

Desde a fundação da Igreja Positivista do Brasil, a 19 de Cezar de 93 (11 de Maio de 1881), Miguel Lemos providenciou para que fossem celebrados os centenarios dos grandes Santos catholicos, cujos serviços sociaes, tanto moraes, como intellectuaes e politicos, motivaram que AUGUSTO COMTE os inscrevesse no *Calendario positivista historico*. Miguel Lemos inaugurou essas solemnidades, celebrando o *Terceiro Centenario Subjectivo da admiravel* SANTA THEREZA, a 8 de Descartes de 28|94 (domingo, 15 de Outubro de 1882). A tocante *"Commemoração summaria da vida e meritos* da gloriosa SANTA, segundo os ensinos de nosso MESTRE, forma a publicação n. 8 da Igreja Positivista do Brasil, sahida em primeira edição no mesmo anno (1882). A segunda edição sahio a 3 de Gutemberg de 41|107 (quinta-feira, 15 de Agosto de 1895).

A 20 de S. Paulo de 61|127 (quarta-feira, 9 de Junho de 1915), o nosso confrade Sylvio Vieira Souto lembrou que esse anno, — *Primeiro Centenario do nascimento* de CLOTILDE DE VAUX, — era o *Quarto Centenario*, do nascimento tambem, de SANTA THEREZA (mercuridia 28 de Março de 1515). Ficou, por isso, resolvida a sua celebração na Igreja Positivista do Brasil.

Para a solemnidade, Decio Villares executou, auxiliado pelo Sr. Henri Lavoie, — de 23 de S. Paulo de 61|127 (sabbado, 12 de Junho de 1915) até a manhã seguinte 24 de S. Paulo 61|127 (domingo, 13 de Junho de 1915), — a imagem de SANTA THEREZA. Essa imagem, — *ainda em barro*, — foi então collocada, no altar-mór, sobre a area da Religião, á direita da imagem da HUMANIDADE personificada em CLOTILDE DE VAUX, (quadro de Decio Villares), e sob um trophéo de bandeiras occidentaes, dominadas pela bandeira pontificia, encimada pela VIRGEM SIXTINA, de RAPHAEL, engrinaldada de rosas, para presidir á cerimonia que realizou-se a 24 de São Paulo (domingo, 13 de Junho de 1915).

Essa imagem, *depois, fundida em gesso*, e encarnada por Decio Villares, foi collocada na Capella de HELOIZA, á esquerda da imagem de JOANNA D'ARC.

Por essa occasião, foi distribuida a publicação que seria n. 389 da Igreja Positivista do Brasil, e da qual só se tiraram duzentos exemplares. Ahi, a segunda edição da *"Commemoração summaria da vida e meritos de* SANTA THEREZA", por Miguel Lemos, foi precedida dos seguintes extractos:

1. Reproducção dos mezes de S. PAULO e CARLOS MAGNO que commemoram respectivamente, o CATHOLICISMO e a CIVILISAÇÃO FEUDAL, no *Calendario positivista historico*. Observações de AUGUSTO COMTE sobre os nomes inscriptos nesse calendario.

2. Extracto da carta de AUGUSTO COMTE, de lunedia 26 de Moizes de 69 (26 de Janeiro de 1857), ao seu Pai, LUIZ COMTE, que era catholico. Esse extracto tinha como epigraphe a effuzão de CLOTILDE DE VAUX e algumas appreciações de AUGUSTO COMTE, sobre o Cathalicismo.

3. O Soneto a Jesus Crucificado, attribuido á SANTA THEREZA e a S. FRANCISCO XAVIER, transcripto da edição das Obras de Santa Theresa, por D. Vicente de la Fuente, tomo III, pag. 241, seguido do extracto do Prologo do vol. III, pags. LIII-LIV, a este respeito.

4. Extracto do *Catecismo Positivista*. Conclusão, Historia geral da Religião. Appreciação do protestantismo. Traducção e notas por Miguel Lemos, 3ª edição, pags. 435 a 437.

Esperavamos reproduzir, nessa publicação, n. 389, a *"Commemoração summaria da vida e meritos de* SANTA THEREZA", por Miguel Lemos, depois da revisão que elle tencionava fazer e que a sua morte prematura impedio effectuar.

A commemoração do *Terceiro Centenario subjectivo de* SANTA THERESA, a 8 de Descartes de 28/94 (domingo, 15 de Outubro de 1882), tendo se realizado sob o regimen imperial, no qual havia *a união official da Igreja Catholica e do Estado*, a solemnidade catholica teve a participação do Governo.

Por occasião do *Sexto Centenario subjectivo de* DANTE em 1921, o nosso confrade Amaro da Silveira encarregou Decio Villares de fazer um medalhão commemorativo, para ser collocado no tumulo de DANTE, em Ravenna. Esse medalhão, baseado no quadro de Etex representando AUGUSTO COMTE, meditando sob a inspiração dos seus TRES ANJOS, ROSALIA BOYER, CLOTILDE DE VAUX, e SOFIA BLIAUX, idealisa DANTE pondo a *Divina Come-*

dia, aos pés de BEATRIZ PORTINARI, e recorda os seguintes versos de DANTE:

Beatrice tutta nell'eterne rote
Fissa con gli occhi stava; ed io in lei
Le luci fisse, di lassu remote,
Nel suo aspetto tal dentro mi fei...
DANTE, *Paraizo*, I, vs. 64-67.

O amanza del primo amante, o diva,
.....
Non é l'affezion mia tanto profonda,
Che basti a render voi grazia per grazia
DANTE, *Paraizo*, IV, vs. 118, 121, 122.

Quella ch'imparadisa la mia mente:
DANTE, *Paraizo*, XXVIII, v. 3.

Vergine madre, figlia del tuo Figlio,
Umile ed alta piú che creatura
Termine fisso d'eterno consiglio.
.....
Donna, sei tanto grande e tanto vali,
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz'ali.
DANTE, *Paraizo*, XXXIII, vs. 13 a 15 e 1 a 3.

Ensaio de traducção

Beatriz toda nas eternas rótas
Fixa com os olhos 'stava, e nella eu
As luzes fixas, lá dos céos remótas,
Tal dentro me fiz, ao aspecto seu.....

Oh! amor do primo amante, oh! diva
.....
Não é minha affeição assás profunda
Que baste a vos render graça por graça.

Oh! Virgem madre, filha de teu Filho,
Humilde e alta qual não ha creatura
Termino fixo d'eternal consilho
.....
Quem, Senhora, é tão grande e tanto vale!
Si alguem quer graça e não a ti recorre,
Quer sem aza, o desejo ao Céo se ale.

(Vide, p. 61 a fotogravura desse medalhão).

Modelado em Setembro de 1921, esse medalhão foi fundido em bronze. Circumstancias involuntarias tem impedido, até hoje, o cumprimento do voto que o inspirou, (V. a noticia a este respeito na secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, de 14 de Setembro de1921; reproduzida na nossa publicação apostolica n. 1 do anno 71|137 — 1925, sob o titulo especial: A FESTA INAUGURAL DA REDEMPÇÃO. Ainda em commemoração do *Sexto Centenario subjectivo de* DANTE — 14 de Setembro de 1321 — 14 de Setembro de 1921. — O 127º anniversario natalicio de AUGUSTO COMTE 19 de Moysés de 71|137 (19 de Janeiro de 1925.)

Realizado o medalhão, surgio o pensamento de patentear melhor a ligação entre a missão poetica de DANTE sob o angelico prestigio de BEATRIZ PORTINARI, e a carreira religiosa de AUGUSTO COMTE, sob a angelica inspiração de CLOTILDE DE VAUX. Nesse intuito, Decio Villares esboçou, tambem por encommenda de Amaro da Silveira o quadro representando o convivio subjectivo de DANTE em adoração de BEATRIZ PORTINARI, com AUGUSTO COMTE, meditando sob a inspiração dos seus TREZ ANJOS.

Ficou, dest'arte, instituido um emblema esthetico caracterizando, ao primeiro relance, a apreciação de AUGUSTO COMTE sobre a ligação intellectual entre a DIVINA COMEDIA e o SYSTEMA DE POLITICA POSITIVA, *quando os cinco seculos que os separam e reunem tiverem sido convenientemente apreciados* — AUGUSTO COMTE — *Testamento*, SEPTIMA SANTA CLOTILDE, 10 de São Paulo de 63, — Venerdia (sexta-feira) 30 de Maio de 1851, pgs. 176 a 178.

Este quadro dominou o busto de DANTE, desde domingo 11 de Moysés de 71-137 (11 de Janeiro de 1925). Acha-se a partir de 1926 no côro do TEMPLO DA HUMANIDADE do Rio de Janeiro.

(Vide, p. 23 a fotogravura desse quadro).

Depois do medalhão commemorativo do *Sexto Centenario subjectivo de* DANTE, foi projectado, tambem por iniciativa e encommenda de Amaro da Silveira o monumento a Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Fundador da Republica Brasileira. A pedra fundamental foi lançada a 27 de Carlos Magno de 69|135 (14 de Julho de 1923). Como era natural, foi collocado, no monumento, um medalhão reproduzindo o mencionado emblema, dominando o grupo de D. Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães e seu eterno Esposo Benjamin Constant Botelho de Magalhães Fundador da Republica Brasileira. Esse emblema caracterisa, — sobretudo para as Mulheres e os proletarios, — a Fé que arroubou o coração cavalheiresco de Benjamin Constant, como o attesta a sua tocante effusão na carta dirigida á sua Esposa, e datada de Tuyuty, 6 de Junho de 1867: "A RELIGIÃO DA HUMANIDADE É A MINHA RELIGIÃO.

A FESTA INAUGURAL DA REDEMPÇÃO
BEATRIZ e CLOTILDE! a vós graças infindas!
Que unistes DANTE a COMTE em vossas almas lindas!
Fotogravura das officinas de Manoel P. Gaspar

A Republica brasileira havendo estabelecido a separação da Igreja e do Estado as outras celebrações dos centenarios dos benemeritos consagrados pelo Catholicismo, posteriores á primeira de Santa Thereza deixaram de ter a participação official no Brasil, sem que a Igreja Positivista do Brasil interviesse.

Segundo essa tradicção, a Igreja Positivista do Brasil providenciou para commemorar, com a maxima solemnidade ao seu alcance o *Sctimo Centenario subjectivo de* S. FRANCISCO DE ASSIS, escolhendo, para a celebração, o dia designado, por AUGUSTO COMTE, no decimo-terceiro e ultimo mez do *Calendario positivista abstracto*, e que corresponde nos annos communs, a 27 de Dezembro, e nos annos bissextos, a 26 de Dezembro, no Calendario julio-gregoriano, em uso entre os occidentaes. O calendario positivista sendo invariavel esse dia vem a ser o jovedia (quinta-feira) da quarta e final semana, 25 do decimo-terceiro e ultimo mez. Esse mez conserva o nome de BICHAT que tem no *Calendario positivista historico* onde commemora a SCIENCIA MODERNA. Porém, no *Calendario Positivista abstracto*, commemora o PROLETARIADO, como orgão da PROVIDENCIA GERAL da HUMANIDADE.

Nesse interim era concluido o monumento que em memoria de D. Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães e de seu eterno Esposo Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Fundador da Republica brasileira, havia Amaro da Silveira offerecido á cidade do Rio de Janeiro.

Os preparativos dos festejos da inauguração desse monumento, patentearam a Amaro da Silveira a urgente opportunidade de erigir-se, tambem nesta cidade, um testemunho publico da gratidão universal que merece S. FRANCISCO DE ASSIS pelos seus incomparaveis serviços sociaes e moraes, unanimemente reconhecidos. E, reflectindo sobre o modo de realizar tal aspiração, Amaro da Silveira decido-se pela construcção de um monumento, em lugar publico desta cidade recordando os episodios mais caracteristicos, celebrados tambem pelos catholicos, na vida do glorioso SANTO.

A este proposito, cumpre lembrar que o Catholicismo systematizando theologicamente a vida humana, privada e publica, a *existencia real terrestre* é ligada então *á existencia sobrenatural*, que os catholicos crêem consecutiva á morte individual. Semelhante ligação determina, assim, a distincção habitual entre o que é terreno e o que é sobrenatural.

Isto posto, o mais perfeito accôrdo existe, quanto á existencia terrestre entre o Catholicismo e o Regimen republicano, cujo programma foi, *na realidade*, esboçado pela civilização catholico feudal, conservando e desenvolvendo os antecedentes greco-romanos. Basta recordar, *quanto ao Dogma*, o ensino das sciencias positivas nas escolas catholicas, para evidenciar a profundeza e a plenitude do accôrdo em tudo que se refere ás questões terrenas. Quanto ás questões moraes e politicas, as divergencias só existem em relação aos partidos politicos que aceitam a retrogradação do *despotismo regalista* e a retrogadação protestante do divorcio.

Lembraremos, a este proposito, que os sacerdocios catholico e islamico salvaram os escriptos dos pensadores greco-romanos durante os seculos da profunda anarchia que devastou o Mundo greco-romano bem como os povos circumvizinhos, na tranzição da ANTIGUIDADE PARA A IDADE MEDIA. Depois do predominio do Catholicismo, esses escriptos continuaram até hoje, a ser vulgarizados pelo Sacerdocio catholico, que, para o estudo do latim e do grego, os preferiram sempre ás obras de autores catholicos existentes nesses idiomas.

Quanto ao CULTO, a adoração da VIRGEM-MÃI, dos SANTOS, e das IMAGENS, assignala justamente o desprendimento espontaneo gradual das preoccupações sobrenaturais. Pois que os SANTOS são typos puramente humanos, attingindo um ideal aperfeiçoamento humano, pelas suas virtudes, pessoais, domesticas civicas, e planetarias. As IMAGENS são instituições universalmente empregadas para entreter a memoria dos entes caros em virtude de motivos privados ou publicos; porque as imagens despertam espontaneamente os sentimentos ligados a tudo que ellas lembram. Enfim a VIRGEM-MÃI, symboliza sob fórma de mysterio theologico, a preeminencia social e moral da MULHER. E AUGUSTO COMTE demonstrou, que a evolução da HUMANIDADE transformou, doravante, esse *Mysterio theologico*, em uma *Utopia positiva*

A 27 de Carlos Magno p. p. (quarta-feira 14 de Julho de 1926), teve lugar a inauguração do monumento a Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Após o hymno cantado, junto ao glorioso Par, pelas alumnas da escola Benjamin Constant, lemos a effusão que terminavamos com a seguinte reflexão:

O monumento a Benjamin Constant, é portanto, um symbolo sagrado que recorda todos esses esforços seculares da HUMANIDADE para conseguir enfim o predominio do Amor. Elle evoca, pois no seu conjunto e nos seus detalhes, as condições do verdadeiro regimen republicano, para cuja realização votou Benjamin Constant os seus esforços cavalheirescos.

Foi assim que na sua nona *Circular annual* sobre a propaganda positivista, Miguel Lemos observou, apreciando a fundação da Republica Brasileira, que "a revolução brasileira de 1889 *foi a melhor das commemorações do centenario da Revolução Franceza*" (p. 19.)

Agora acontece que este monumento é inaugurado no *Setimo Centenario Subjectivo de* S. FRANCISCO DE ASSIS. Essa ligação chronologica veio, pois, fazer este monumento, doravante, evocar continuamente, entre todos os passos da HUMANIDADE para a implantação do Amor sobre a Terra, os esforços regeneradores que se resumem em S. FRANCISCO DE ASSIS, Elle constitue, pois, espontaneamente a melhor glorificação do sublime mendigo que revelou, sob o Theologismo, a condição fundamental do regimen definitivo, isto é, da Republica pacifico-industrial, reintegrando o culto cavalheiresco da MULHER, que a Idade-Média symbolizou na adoração da Judia excepcional, tornada a *Dama commum dos corações desoccupados;* e que a Religião da HUMANIDADE resumio na Utopia positiva da VIRGEM-MÃI; culto de que Benjamin Constant legou o mais edificante exemplo, conforme o recorda este monumento, ao primeiro relance, como depois da mais escrupulosa inspecção.

Feliz o Par egregio cuja glorificação se resume assim. Venturosa a Republica que póde apresentar a todos os seus filhos tão sublime modelo de virtude.

No sabbado 25 de Setembro p. p. (1926), sahio, na secção ineditorial do *Jornal do Commercio"*, a nossa 4ª publicação apostolica do anno p. p. (72|138—1926), sobre "*O livre exercicio da mendicidade e a regeneração social*". Nessa publicação, reproduzimos a n. 57, da Igreja Positivista do Brasil, de 8 de Carlos Magno de 100 (24 de Junho de 1888). sob o titulo "*A repressão legal da ociosidade*". Ahi Miguel Lemos recordava as reflexões apresentadas na publicação da mesma Igreja, sob o titulo: "*A liberdade espiritual e a organização do trabalho*", sahida nas vesperas de ser decretada a expiadora lei de 13 de Maio de 1888, que declarou extincta a escravidão no Brasil. E, no fim, publicamos a effusão lida por occasião da inauguração do monumento a Benjamin Constant.

Esses incidentes vieram patentear a conveniencia social de fazer-se uma manifestação de solidariedade com os catholicos, no dia 4 de Outubro do anno p. p. (1926), em que celebram S. FRANCISCO DE ASSIS. Essa solemnidade serviria de preambulo á celebração projectada para o dia 25 de Bichat do mesmo anno (27 de Dezembro de 1926). Apresentamos essas reflexões ao nosso confrade Luiz Bueno Horta Barbosa, na tarde de 21 de Shakespeare de 72|138 (quinta-feira, 30 de Setembro de 1926). O nosso confrade Montenegro Cordeiro, que ia fazer a predica no dia 25 de Bichat, (27 de Dezembro de 1926), promptificou-se a realizar a de 4 de Outubro p. p. (1926).

Nessas condições fomos, a 1º de Outubro p. p. (1926), com pesar, surprehendidos pela noticia de haver sido rejeitada, pela Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados, a proposta do Deputado, Dr. Plinio Marques, para que fosse declarada de festa nacional, a segunda-feira, 4 de Outubro p. p. (1926), em que, de accôrdo com as suas inestimaveis tradicções, o povo brasileiro celebrava, o *setimo centenario subjectivo do grande* S. FRANCISCO DE ASSIS. Semelhante rejeição foi motivada por considerar a maioria da Commissão que o projecto era inconstitucional, *pois violava a separação da Igreja e do Estado.*

A' vista dessa decisão, dirigimos ao Congresso Nacional, a 2 de Outubro p. p. (1926), uma representação, expondo as reflexões que dissipam semelhante objecção. Lembramos, ao mesmo tempo, que a conducta do Governo Provisorio, ao instituir o systema de festas nacionaes, era em apoio de taes reflexões.

Recorremos, para isso, ao nosso velho amigo, Dr. Domingos Mascarenhas, deputado federal pelo Estado do Rio Grande do Sul, que teve a civica bondade de attender ao nosso appello, e ia levar a mencionada representação a Camara de que fazia parte. O proposito não poude, porém, ser realizado porque a falta de comparecimento de deputados, impedio que houvesse sessão nesse dia (sabbado, 2 de Outubro de 1926).

No domingo seguinte (3 de Outubro de 1926), sahio, na secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, a nossa publicação apostolica n. 5 do referido anno 72|138 (1926). Reproduzimos ahi as apreciações de DANTE e de AUGUSTO COMTE, sobre S. FRANCISCO DE ASSIS, vulgarizando-as com photogravuras de quadros; alguns devidos ao nosso correligionario Eduardo de Sá. Terminamos reproduzindo a representação, que assim foi levada ao conhecimento do publico e dos membros do Congresso Nacional.

Passava, na segunda-feira immediata (4 de Outubro de 1926), o *dia* em que a gratidão occidental, especialmente do povo brasileiro como dos demais povos catholicos, celebrava enthusiasticamente o *Setimo Centenario subjectivo do incomparavel* S. FRANCISCO DE ASSIS. Porém, ainda estavam decorrendo, a *semana, o mez e o anno,* que recordavam tão edificante acontecimento. Persistia, portanto, ainda a *opportunidade* dos orgãos do Poder temporal, nos povos occidentaes, e especialmente nos povos republicanos, como o povo brasileiro, manifestarem solemnemente a comunhão de sentimentos que identificavam esses orgãos com as aspirações dos respectivos povos, pela dignificação do proletariado, a que se consagrou S. FRANCISCO DE ASSIS, segundo os mais nobres e sabios recursos do seu tempo.

A este proposito, notemos que o *Calendario,* isto é, a divisão do tempo, instituida para systematisar a vida humana, basela-se, primeiro, nos phenomenos caracteristicos do movimento da TERRA, a saber, o *dia* e o *anno.* O dia, é dividido *naturalmente,* primeiro, nas duas partes correspondentes á posição apparente do SOL, acima e abaixo do horizonte; isto é, a *luz* e as *trevas;* o *dia* propriamente dito, e a *noite.* O *dia* propriamente dito, é, depois, *naturalmente,* dividido em *manhã* e *tarde,* conforme o SOL vae do *levante* ou *nascente* á maior altura acima do horizonte (*o meio-dia*), ou desce dahi ao *poente* ou *occaso.* O bom senso vulgar distingue ainda entre a *auróra* ou *alva* e o *crepusculo.* A divisão da *noite* já não offerece espontaneamente tantas particularidades; e até o desenvolvimento da astronomia, o *canto do gallo* tornou-se o unico meio vulgar de assignalar a época dos acontecimentos realizados á *noite* propriamente dita e á *madrugada,* a *alvorada,* ao *albor* ou *alvor,* ou começo do dia seguinte; e ao *crepusculo* ou *arrebol* da *manhã* e da *tarde.* Algumas vezes, serve-se da *Lua cheia.* (Completado nesta edição).

A sciencia positiva, *sendo apenas o prolongamento do bom senso vulgar,* conforme observa AUGUSTO COMTE, essas summarias recordações já mostram a inconveniencia affectiva e a irracionalidade de substituir a *tradicional maneira universal* de indicar os *momentos diarios,* pelo modo *especial astronomico.* Só as tendencias pedantocraticas peculiares á anarchia moderna conduzio a similhante substituição, que está destinada a desapparecer, quando a propaganda positivista houver vulgarizado o *Tratato de Astronomia popular,* de AUGUSTO COMTE.

Depois do dia, a outra unidade cronologica resultou da *instituição subjectiva dos numeros,* mediante a concepção da *semana* ou *grupo de sete dias.* O numero *sete* caracteriza o maior grupo facilmente concebivel formado pela combinação dos tres numeros iniciaes, *um, dous, tres.*

Mais tarde, foi introduzida como unidade cronologica a revolução da LUA em torno da TERRA ou mez; coordenando-se os aspectos da LUA nos quatro principaes, aliás suppostos *quatro* LUAS, como indica a linguagem vulgar Procurou-se em seguida referir esses quatro aspectos ou *phases* da LUA á *semana.* Emfim o empirismo conduzio a tentar combinar, por meio dessas unidades, — *dia, semana, mez,* e *anno,* — as revoluções apparentes do SOL e da LUA.

Emfim, a consideração da existencia humana individual e collectiva, inspirou a maior das unidades cronologicas isto é, o *seculo,* como correspondendo a *tres gerações successivas.*

O *Calendario occidental ou julio-gregoriano* representa o resultado desses esforços immemoriaes.

O *Calendario Positivista Historico*, está vulgarizado, no Brasil pelas edições chromolithographicas annualmente destribuidas, mesmo no extrangeiro pelo nosso confrade Amaro da Silveira, desde 1923. Essa primeira edição foi executada por Decio Villares, em fins de 1922. A VIRGEM SIXTINA, de RAPHAEL, circundada por bandeiras occidentaes e orientaes,domina um portico, em cujos umbraes estão os bustos: de HELOIZA, reprezentando a *santificação feminina*, e dos grandes typos historicos que prezidem aos *treze mezes* do *Calendario positivista, todos de quatro semanas*, ou *vinte e oito dias*. O *ultimo dia* de cada anno commum não tem indicação hebdomadaria, e é designado unicamente pela *Festa universal dos* MORTOS, á qual é consagrado. O *dia complementar* dos annos bissextos, tambem não tem indicação hebdomadaria, e é disignado unicamente pela *Festa geral das* MULHERES SANTAS, á qual é consagrado.

Os bustos acham-se dispostos, de baixo para cima, na seguinte ordem, e representam respectivamente:

A' esquerda da VIRGEM-MÃI: 1° mez, MOYSES, a *Theocrasia inicial;* 2° mez, HOMERO, a *Poesia antiga;* 3° mez, ARISTOTELES, a *Philosophia antiga;* 4° mez, ARCHIMEDES, a *Sciencia antiga;* 5° mez, CEZAR, a *Civilização militar;* 6° mez, SÃO PAULO, o *Catholicismo;* 7° mez, CARLOS-MAGNO, a *Civilização feudal*.

A' direita da VIRGEM-MÃI: 8° mez, DANTE, a *Epopéa moderna;* 9° mez, GUTEMBERG, a *Industria moderna;* 10° mez, SHAKESPEARE, o *Drama moderno;* 11° mez, DESCARTES, a *Philosophia moderna*; 12° mez, FREDERICO, a *Politica moderna;* 13° mez, BICHAT, a *Sciencia moderna*.

O busto de HELOIZA, representando a SANTIFICAÇÃO FEMININA, encima a série á direita da VIRGEM-MÃI.

Immediatamente abaixo da VIRGEM-MÃI, está o busto de AUGUSTO COMTE.

Depois, sob a inscripção *Republica Brasileira*, está a divisa ORDEM E PROGRESSO; e, abaixo, o busto de José Bonifacio, tendo, á direita, o de Tiradentes (idealização de Decio Villares), e á esquerda o de Benjamin Constant.

Segue-se o bloco, para desfolhar, com a correspondencia do *Calendario Julio-Gregoriano* e do *Calendario Positivista Historico*.

As edições distribuidas em 1923 e 1924 foram chromolithographadas na *Lithographia Hartmann*, de Juiz de Fóra, Estado de Minas Geraes.

A edição de 1925, foi chromolithographada na *Companhia Lithographica Ypiranga*, do Estado de S. Paulo.

Em 1926, não houve distribuição.

A edição do anno corrente (1927) já não tem o portico, e é mais desenvolvida do que as precedentes, quanto ás indicações chronologicas. Os bustos são dominados pela Imagem da HUMANIDADE, como se acha no monumento a Benjamin Constant. A Imagem foi reproduzida sobre o *Globo*, onde se lêm as inscripções:

A HUMANIDADE
PERSONIFICADA EM CLOTILDE DE VAUX
SEGUNDO OS VOTOS DE AUGUSTO COMTE,
VERGINE-MADRE, FIGLIA DEL TUO FIGLIO!
AMEM TE PLUS QUAM ME, NEC ME NISI PROPTER TE!
O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE,
O PROGRESSO POR FIM.
VIVER PARA OUTREM — A FAMILIA, A PATRIA, A HUMANIDADE.
VIVER ÁS CLARAS
OS VIVOS SÃO SEMPRE, E CADA VEZ MAIS
GOVERNADOS NECESSARIAMENTE PELOS MORTOS.

A Imagem está circumdada por bandeiras occidentaes e orientaes.

O busto de AUGUSTO COMTE, domina o PANTHEON DE PARIS, que tem, sobre o frontão, á esquerda, um medalhão com a SANTA-SOPHIA de CONSTANTINOPLA.

Por baixo, está o busto de José Bonifacio, tendo á direita, Tiradentes, e, á esquerda Benjamin Constant; os tres dominam a inscripção, *Republica Brasileira* sob a qual está a divisa ORDEM E PROGRESSO.

Segue-se o bloco, para desfolhar, com a correspondencia do *Calendario Julio-Gregoriano* e o *Calendario Pasitivista Historico*. Esse bloco está coberto por um quadro representando SÃO FRANCISCO DE ASSIS ajoelhado, entoando o *Cantico do Sol*, e SANTA CLARA, de pé, ao seu lado. Antes de cada mez, está reproduzido o busto do Grande Typo historico que o preside. E depois de todos os mezes, está reproduzido o quadro de SÃO FRANCISCO DE ASSIS, ajoelhado, entoando o *Cantico do Sol*, ao lado de SANTA CLARA, de pé.

Esta nova edição do *Calendario Positivista Historico*, foi executada pelo Sr. F. Tarquino, utilizando as anteriores.

O *Calendario Positivista deve prevalecer sem a minima decretação dos Governos temporaes*, unicamente em virtude da livre aceitação do Publico.

Resolvemos, pois, dirigir uma segunda representação ao Congresso Nacional, submettendo-lhe, em rezumo, essas considerações.

Accedendo com civica benevolencia ao novo appello que lhe dirigimos, o Dr. Domingos Mascarenhas levou ao conhecimento do Congresso Nacional, em discurso, na sessão da Camara dos Deputados, na segunda-feira, 4 de Outubro ultimo (1926), ambas as representações.

No começo do seu discurso, disse o Dr. Domingos Mascarenhas, antes de ler as representações, que pediamos:

"a approvação do projecto de lei que decreta feriado o dia 4 de Outubro, data que assignala o setimo centenario daquelle Santo, de cujos extraordinarios serviços, de cujo valor theorico e pratico se tem dito bastante para dar apenas pallida idéa dos grandes resultados da sua magna obra.

"Nesta Casa do Congresso já foi formulado, pelo nobre collega Sr. Plinio Marques, projecto com o mesmo objectivo da representação que vou ler, isto é, tornar feriado o dia 4 de Outubro. Havendo na Commissão de Justiça, á qual foi enviado o projecto, illustre membro da bancada do Rio Grande do Sul, o seu brilhante *leader* e meu querido amigo Sr. Getulio Vargas, não quiz eu proceder á leitura desse memorial sem delle dar conhecimento a S. Ex. Com o seu espirito liberal, entendeu o digno collega que materia de tal relevancia podia ser novamente tratada e deu a sua approvação e solidariedade á referida leitura.

"O SR. GETULIO VARGAS: — Perfeitamente."

E concluindo:

"Sr. Presidente, deixei hoje sobre a mesa tal representação na hora de expediente, visto não se ter offerecido opportunidade para lel-a naquella occasião.

"O illustre collega que se achava inscripto não poude, por motivos varios, ceder-me a palavra. Por isso, reservei-me para proferir estas considerações a titulo de explicação pessoal, como acabo de fazel-o.

"Terminando, Sr. Presidente, dirijo daqui um pedido á digna Commissão de Justiça, no sentido de reconsiderar o seu voto.

.. ..

(*Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado.*)"

(Reproduzido do *Diario do Congresso Nacional* de sabbado, 9 de Outubro de 1926, pags. 3.870 a 3.872).

Ao mesmo tempo, o nosso confrade Amaro da Silveira communicou ao meu antigo collega, Senador Paulo de Frontin, uma cópia da nossa segunda representação. Acolhendo de pleno accôrdo esse appello, o Senador Paulo de Frontin apresentou a seguinte proposta:

"O SR. PAULO DE FRONTIN: — Sr. Presidente, a civilização occidental commemora hoje a gloriosa data que relembra o Setimo Centenario do fallecimento de S. Francisco de Assis. Esse facto não affecta sómente á religião catholica; até os positivistas reconhecem a sua acção benemerita e todos quantos fazem parte da civilização hodierna manifestam, igualmente, sua admiração por aquelle Santo.

"Sem desenvolver o assumpto de todos conhecido, requeiro a V. Ex. que consulte o Senado sobre se permitte que na acta dos nossos trabalhos de hoje seja inscripto um voto de homenagem pela commemoração do 7° Centenario da morte de São Francisco de Assis. (*Muito bem.*)

"O SR. PRESIDENTE: — O Sr. Senador Paulo de Frontin requer que na acta dos nossos trabalhos de hoje seja inscripto um voto de homenagem ao 7° Centenario da morte de São Francisco de Assis.

"Os Senhores que approvam o requerimento do Senador pelo Districto Federal queiram levantar-se. (*Pausa.*)

"Approvado."

(Reproduzido do *Diario do Congresso Nacional*, de terça-feira, 5 de Outubro de 1926, pag. 3.668, col. 1 e 2).

Estas manifestações publicas patenteavam o accôrdo geral sobre a grandeza do vulto historico merecedor das enthusiasticas homenagens de DANTE e de AUGUSTO COMTE, pelo inexcedivel esforço em pról do ascendente da fraternidade universal, no intuito de garantir, para sempre, o regimen pacifico-industrial, regenerando todas as situações humanas, especialmente o proletariado e a classe theorica.

Era, portanto, evidente que as hesitações sobre o dever civico de ser decretado o feriado nacional celebrando o *Setimo Centenario subjectivo do incomparavel* S. FRANCISCO DE ASSIS, provinham das actuaes divergencias politicas fatalmente inherentes á comprehensão do regimen republicano.

Ora, essas divergencias são facilmente dissipadas pela conducta invariavelmente republicana de AUGUSTO COMTE, e pelos seus ensinos vizando incessantemente a systematização do regimen pacifico-industrial republicano, como o attesta a vida de Benjamin Constant, fundador da Republica brasileira. Semelhante dissipação é tanto mais facil, quanto, — como no caso presente, — o accôrdo existindo sobre o assumpto fundamental,

isto é, sobre o grande merito, *puramente humano*, de S. Francisco de Assis, — as divergencias apenas podiam referir-se a motivos secundarios, sempre removiveis pelo digno relativismo republicano difinido na maxima de Augusto Comte:

Conciliante em facto, inflexivel em principio.

Assim as precedentes manifestações publicas evidenciam que, só por deplorabilissima insufficiencia pessoal nossa, não conseguiriamos desvanecer os escrupulos politicos contemporaneos, afim dos orgãos do Poder temporal, no povo brasileiro decretarem, ainda no *Setimo Centenario subjectivo do incomparavel* S. Francisco de Assis, o dia de festa nacional respectivo.

Com tal convicção, aguardamos a resolução da Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados, sobre ambas as representações submettidas ao seu civico parecer. Nesse interim, as relações pessoaes do nosso confrade Amaro da Silveira proporcionaram-lhe o ensejo de juntar, por vezes, os seus appellos aos nossos, afim de que fosse conseguido o parecer esperado com patriotica e universal anciedade.

Estava-es no fim da sessão legislativa e approximava-se a successão presidencial. O momento afastava, pois, naturalmente, as attenções parlamentares de um assumpto, fóra das preoccupações politicas habituaes contemporaneas.

Porém a celebração do *Setimo Centenario subjectivo de* São Francisco de Assis, coincidio com o *primeiro Centenario do passo inaugural de* Augusto Comte para systematisar a aliança religiosa entre os catholicos e os positivistas, afim de restabelecer a fraternidade occidental, e, portante apressar o predominio da fraternidade universal. Coincidio tambem com a inauguração do monumento a Benjamin Constant. Essas coincidencias avivavam incessantemente o alcance dos esforços de S. Francisco de Assis, em pról da concordia humana.

A luta fratricida, que, — desde Julho de 1922, — dilacera o povo brasileiro, tornava, e torna, essas reacções regeneradoras mais estimulantes do altruismo, no intuito de dissipar os preconceitos militaristas, que fazem desconhecer a efficacia superior do expediente pacifico da amnistia para pôr termo ás lutas civis.

O monumento a Benjamin Constant recordando o humanitario projecto de restituir, á nossa carissima Irmã, a Republica do Paraguay, os cruentos trophéos e de cancelar a nefanda diliva, occasionou a nossa *sexta* publicação apostolica, sob o titulo, "*A alliança religiosa e a regeneração humana*," sahida na secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, de 10 de Outubro p. p. (1926), e que acha-se tirada em folheto.

A prematura morte de Madame Delarche, devotada Guardiã, desde Agosto de 1903, da casa da rua Payenne n. 5, em Pariz, em cujo terceiro andar Clotilde de Vaux passou os ultimos annos e falleceu a 5 de Abril de 1846, foi mais um doloroso estimulo aos esforços em pról da harmonia social. Porque, filiada ao Catholicismo, a sua comovente sollicitude pelo entretenimento religioso, da inestimavel reliquia (da qual era *concierge* quando ficou Guardiã) fornecia um edificante exemplo da fraternal aliança entre o proletariado feminino e os positivistas. A nossa *setima* publicação apostolica do anno p. p. (1926), relativa a commemoração de tão precoce *Transformação, recorda as circumstancias* solemnes que assignalaram o anno que findou (1926). Sahio na secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, de 14 de Novembro p. p. (1926), e acha-se tirada em folheto.

Graças a esses estimulos sociaes, resolvemos dirigir um appelo de fraternidade republicana ao Presidente Dr. Arthur Bernardes, afim de que *suspendesse o estado de sito* e *promovesse a decretação da amnistia*. A nossa *oitava* publicação apostolica do anno p. p. (1926), explica esse esforço em pról do "*Ascendente politico da fraternidade universal, mediante a defesa republicana segundo a devisa* Ordem e Progresso." Sahio na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de 21 de Novembro p. p., (1926), e já se acha tirada em folheto.

O Senador Lauro Sodré, por iniciativa propria de que só tivemos conhecimento após a sua execução, levou essa oitava publicação nossa ao conhecimento do Senado Federal.

Infelizmente, a successão presidencial effectuou-se sem que tivesse sido tomada deliberação alguma sobre as solicitações republicanas para a decretação do dia de festa nacional em homenagem a S. Francisco de Assis, a suspensão do estado de sitio, e a decretação da amnistia.

O inicio do novo quatriennio presidencial realçava, dest'arte, o alcance, moral e politico, da decretação do dia de festa nacional em homenagem a S. Francisco de Assis. De facto, similhante decretação vinha contribuir para a pacificação do povo brasileiro, sem encontrar os obstaculos politicos que se oppunham á immediata suspensão do *estado de sitio*, e á immediata decretação da *amnistia*. A cultura assim determinada preparava, por um lado, o restabelecimento da concordia social cruelmente sacrificada pela guerra civil, desde Julho de 1922. Por outro lado, dissiparia incessantemente as suggestões egoistas promotoras do emprego da violencia para conseguimento das aspirações sociaes.

Eis porque, segundo os ensinos de Augusto Comte, concentramos os nossos esforços, civicos e humanitarios, *na obtenção, ainda no anno p. p.* (1926), da decretação do dia de festa nacional em homenagem a S. Francisco de Assis.

No sabbado, 4 de Dezembro p. p. (1926), um encontro casual, offereceu-nos ensejo de appellar, nesse sentido, para o concurso do Deputado, Dr. José Ferreira Braga, que accolheu essa idéa, com inteiro accôrdo.

Na terça-feira, 14 de Dezembro p. p. (1926), o nosso confrade Amaro da Silveira mostrou ao Prefeito, Dr. Antonio Prado Junior, o requerimento que la dirigir-lhe, offerecendo, á cidade do Rio de Janeiro, um monumento a S. Francisco de Assis, e a *maquette* do mesmo monumento esboçada pelo nosso correligionario Eduardo de Sá. Nessa occasião, Amaro da Silveira propôz o local, na praia do Flamengo, que julgava adequado a tal homenagem. O Dr. Antonio Prado Junior aceitou o offerecimento; e, no dia seguinte, quarta-feira, 15 de Dezembro p. p. (1926), foi com Amaro da Silveira, examinar o local indicado; que approvou. O requerimento foi deferido a 17 de Dezembro de 1926.

Monumento a São Francisco de Assis
São Francisco de Assis profundamente emocionado pela graça dos stigmas, então, de joelhos, o Cantico do Sol, ao lado de Santa Clara, em extase, de pé.
Maquette de Eduardo de Sá
Fotogravura da officina de Manoel Gaspar

Nesse entretanto, o Deputado, Dr. Afranio de Mello Franco, reassumira a presidencia da Commissão de Constituição e Justiça, a 25 de Novembro p. p. (1926). Porém, só cerca de um mez depois, na segunda-feira, 20 de Dezembro p. p. (1926), teve

Amaro da Silveira opportunidade de fallar com o Dr. Afranio de Mello Franco sobre a decretação do dia de festa nacional em homenagem a S. FRANCISCO DE ASSIS. Dr. Afranio de Mello Franco acolheu o projecto com enthusiasmo, e opinou que endereçassemos outra representação, a este respeito, por intermedio da Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados.

Amaro da Silveira apressou-se de communicar-nos, na tarde do mesmo dia (20 de Dezembro de 1926), essa conversa. Pelo que redigimos a representação que no dia seguinte, terça-feira 21 de Dezembro de 1926), — Amaro da Silveira encarregou-se de levar ao Dr. Afranio de Mello Franco.

A' vista, porém, do pleno accôrdo com que o Deputado, Dr. Domingos Mascarenhas aceitara o appello que lhe fizemos, desde a nossa primeira representação, pedimos a Amaro da Silveira que solicitasse, mais uma vez, o concurso do Dr. Domingos Mascarenhas, afim de encaminhar a nova representação. Foi esta assim entregue ao Dr. Afranio de Mello Franco, na referida terça-feira, 21 de Dezembro p. p. (1926). Dr. Afranio de Mello Franco designou, na mesma occasião, para relator, Dr. Francisco Valladares, a quem mandou dirigir a representação.

No dia immediato, quarta-feira, 22 de Dezembro p. p. (1926), sahio, na secção ineditorial do *Jornal do Comemrcio*, a nossa publicação, (que foi a *nona* embora não tivesse numero), levando a nova representação ao conhecimento do Publico. Nessa publicação recordamos que a esplendora lei de 13 de Maio de 1888, declarando extincta a escravidão no Brasil, *pasmara em seis dias*. Invocamos esse inestimavel antecedente parlamentar, para remover a objecção de serem insufficientes os *dez dias que restavam de sessão legislativa*, no anno p. p. (1926), para decretar-se o dia de festa nacional em homenagem ao incomparavel S. FRANCISCO DE ASSIS.

Entre os documentos que fundamentam esta terceira representação estava o discurso do Dr. Domingos Mascarenhas, de 4 de Outubro p. p. (1926), transmittindo á Camara dos Deputados, nossas duas representações anteriores.

A observação acerca da passagem da lei de 13 de Maio de 1888, *em seis dias*, reparava uma grave lacuna da nova representação; lacuna que já existia nas anteriores. Porque, era nosso dever civico e humanitario, lembrar tambem as ponderações susceptiveis de remover objecções inherentes ás preoccupações parlamentares, e, como taes, vulgarmente conhecidas. Infelizmente não nos occorreu a *allegação* do prejuizo que os feriados causam á actividade industrial e ao serviço dos estabelecimentos publicos, pela diminuição dos dias de trabalho.

O esquecimento dessa objecção é tanto mais indisculpavel de nossa parte, quanto tal objecção acha-se, de antemão, removida pela variabilidade annual na correspondencia entre os dias da semana e as datas dos mezes, no calendario julio-gregoriano, vulgarmente usado no Occidente. Em virtude dessa variavel correspondencia, um acontecimento occorre successivamente nos *diversos dias da semana*, embora a *data do mez seja fixa*. Além disso, os antecedentes catholicos, vulgarizaram, no povo brasileiro, — como no conjunto dos povos occidentaes, — a instituição das *festas moveis*. De sorte que, em virtude desse uso tradiccional das *festas moveis*, a objecção do prejuizo cauzado ao trabalho pelos feriados é facilmente removida, transportando a solemnidade social, — *nos annos em que a data mensal da festa nacional não cahir em domingo*, — para o domingo mais proximo a essa data mensal civicamente celebrada; ou para o domingo da semana a que pertencer esse dia no calendario vulgarmente adoptado, que é o julio-gregoriano. Mediante essa transferencia, ficam attendidas todas as conveniencias exigidas pela situação, — politica, moral, e mental, — dos povos modernos.

A esse proposito recordaremos a seguinte passagem da carta de AUGUSTO COMTE, de joveda 1 de S. Paulo de 69 (quinta-feira 21 de Maio de 1857) ao seu discipulo Henry Edger, acerca do *uso simultaneo actual* do calendario positivista e do calendario Julio-gregoriano catholico.

"... A nossa unica concessão concerne á vida civil, na qual, *segundo o meu costume conciliante*, combino o velho dia christão com a data nova mensal. Essa duplicidade provizoria do domingo tem tanto menos inconvenientes, quanto indica durante a transição, *a instituição normal* que o tomo terceiro da minha *Synthese subjectiva* consagrará, segundo o uso espontaneo do proletariado occidental, *para os dois dias de repouso consecutivos de* cada semana, universalmente votados, um á vida publica, outro á vida privada: uma lei de Cromwel já o havia tentado." — AUGUSTO COMTE, Lettres à Henry Edger et à John Metcalf. Edição Jorge Lagarrigue, p. 69. A morte prematura de nosso MESTRE impedio-lhe de escrever o terceiro tomo da *Synthese Subjectiva* que devia constituir o *Systema de Industria Positiva*. Os grifos são desta tradução.

Nesse dia, quarta-feira, 22 de Dezembro p. p. (1926), fomos, com Amaro da Silveira, á casa do Dr. Afranio de Mello Franco, e podemos testemunhar o civico enthusiasmo que vota á grandeza social e moral de S. FRANCISCO DE ASSIS. Procuramos tambem, com Amaro da Silveira, fallar ao Dr. João Santos, ao Dr. Manoel Villaboim, e ao Dr. Francisco Valladares. Não tivemos, porém, o felix ensejo de encontral-os.

Na quinta-feira 23 de Dezembro p. p. (1926), reunio-se a Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados e votou unanimemente o seguinte projecto que foi publicado no *Diario do Congresso Nacional* de sabbado, 25 de Dezembro de 1926.

N. 710 — 1926

Considera de festa nacional, o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis.

(Justiça, 153, de 1926)

A' commissão foi presente uma representação do Sr. doutor Raymundo Teixeira Mendes, no sentido de uma homenagem nacional a S. Francisco de Assis, em commemoração do 7º centenario da sua morte.

Considerando justo o appello contido nessa representação — a Commissão propõe o seguinte projecto de lei:

O Congresso Nacional decreta:

Artigo unico. — E' considerado de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis.

Sala das Commissões, 23 de Dezembro de 1926. — *Afranio de Mello Franco*, Presidente. — *Francisco Valladares*, Relator. — *João Elysio*. — *Manoel Villaboim*. — *Annibal B. Toledo*. — *Raul Machado*. — *Meira Junior*. — *João Santos*. — *Horacio Magalhães*.

(Reproduzido do *Diario do Congresso Nacional*, de sabbado 25 de Dezembro de 1926, p. 7042, col. 1).

Duas considerações determinaram a transferir, para o anno 1927, o dia de festa nacional em homenagem a S. FRANCISCO DE ASSIS. O primeiro motivo consistio em serem os dias restantes do anno 1926 tempo insufficiente para levar o conhecimento do decreto a todos os pontos da Republica. Essa razão justifica plenamente a transferencia. Por m não impedia que *a lei fosse promulgada ainda no setimo Centenario Subjectivo de S. Francisco* DE ASSIS.

O segundo motivo consistio em serem os ultimos dias do anno sobrecarregados de trabalho; e, portanto haver inconveniente em tornar de festa nacional um desses dias finaes. Esse motivo manifestava a gravidade moral e social da lacuna das nossas representações não haverem indicado que um dia podia ser de festa nacional sem cessarem nesse dia os serviços habituaes, *si o dia escolhido do mez não fosse domingo*. Porque poderiam impedir a decretação de festa nacional em qualquer occasião.

Não estava publicada, no *Diario do Congresso Nacional* de sabbado 25 de Dezembro de 1926, a representação com os documentos annexos. Não estava tambem determinado, no Projecto n. 710 — 1926, que as salvas habituaes seriam substituidas por festas publicas, conforme ponderamos na segunda representação.

No domingo 26 de Dezembro p. p. (1926), o *Diario do Congresso Nacional* reproduzio o Projecto n. 710 — 1926, juntando-lhe a ultima representação e os extractos dos documentos annexos a esta. (V. ps. 7.156 a 7.163).

E, na *ordem do dia* designada para segunda-feira, 27 de Dezembro p. p. (1926), foi incluida:

"2ª discussão do projecto n. 710, de 1926, considerando de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis". (V. p. 7.155, fim da 2ª col.)

Na secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, desse domingo 26 de Dezembro p. p. (1926), sahio a segunda edição da nossa *quinta* publicação apostolica desse anno (1926), com os seguintes accrescimos:

Varias gravuras; sendo algumas de quadros de Eduardo de Sá;

Discripção do baixo-relevo que, — no monumento de Benjamin Constant, fundador da Republica brazileira, — commemora a *Separação da Igrjea e do Estado*.

O Testamento de SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

Reproducção da nossa effusão, por occasião da inauguração, do monumento a Benjamin Constant;

Discurso do Dr. Domingos Mascarenhas, na sessão da Camara dos Deputados, de 4 de Outubro p. p. (1926).

A nossa publicação n. 9, do anno 1926, sahida (sem numero), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de quarta-feira, 22 de Dezembro p. p. (1926).

Parecer da Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados, sobre a nossa ultima representação; parecer propondo o Projecto n. 710—1926, que considera de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. FRANCISCO DE ASSIS.

Publicação de Amaro da Silveira, communicando que o lançamento da pedra fundamental do monumento a S. FRANCISCO DE

Assis, se effectuaria na segunda-feira seguinte, 27 de Dezembro de 1926, ás 4 horas da tarde.

E, finalmente, o *Quadro synoptico da Transição organica, começada em* 1855, segundo Augusto Comte.

Era essa a nossa *decima* publicação apostolica do anno p. p. (1926).

Na Gazetilha do *Jornal do Commercio* desse domingo 26 de Dezembro p. p. (1926) sahio o seguinte (p. 2, cols. 1° e 2°)

MONUMENTO A S. FRANCISCO DE ASSIS

Escreve-nos o Sr. Dr. Amaro da Silveira:

"Tendo offerecido a cidade do Rio de Janeiro um monumento a S. Francisco de Assis, conforme se póde verificar pelos termos do requerimento que abaixo transcrevemos, e, tendo sido o offerecimento aceito pelo Sr. Prefeito da mesma cidade, como se vê tambem pelo respectivo despacho em seguida publicado, prevenimos ao publico, em geral, que a pedra fundamental desse monumento será lançada na proxima segunda-feira, 27 de Dezembro corrente, ás 4 horas da tarde, no Campo do Russell.

Fazemos votos para que todos os cidadãos que puderem concorram com a sua presença afim de que essa solemnidade se revista, tanto quanto possivel, dum brilho, correspondente aos grandes serviços sociaes prestados por esse vulto immortal.

Passamos a reproduzir o requerimento:

"Ilmo. Sr. Prefeito do Districto Federal. — Passando-se este anno o setimo centenario da morte do egregio servidor da Humanidade, S. Francisco de Assis, que pelo seu sublime exemplo e generoso esforço, procurou elevar e dignificar as mais humildes funcções proletarias, o que em verdade, constitue o progamma republicano, cujo immediato objectivo visa a incorporação do proletariado á sociedade moderna.

E, considerando que esse grande santo, guiado pelo seu magnanimo coração, sentio, de facto, em toda a sua pureza, que, no fundo, era no predominio cada vez maior da fraternidade universal que residia a solução do problema humano, o que tambem constitue o sentimento e dos principios verdadeiramente republicanos.

E attendendo, por fim, a que, guiada por uma nobre e sabia doutrina, á Republica Brasileira coube a imperecivel gloria de proclamar justamente, desde a manhã de 15 de Novembro de 1889, o reconhecimento de taes verdades, segundo o cavalheiresco exemplo do seu fundador Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

O cidadão abaixo assignado offerece á cidade do Rio de Janeiro, no nome de um grupo de Brasileiros e patriotas, a estatua do egregio S. Francisco de Assis, como padrão das generosas e elevadas aspirações republicanas e como um merecido preito aos grandes serviços sociaes prestados pelo catholicismo.

E, na esperança de ser attendido solicita permissão para erigil-a no Campo do Russell, sob as arvores e no primeiro triangulo de relva que fica ao lado do Jardim da Gloria, a contar do centro daquelle campo.

Nestes termos, espera deferimento.

Saude e fraternidade. Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1926. — *Amaro da Silveira.*

A este requerimento foi dado em 17 de Dezembro corrente, pelo Sr. Prefeito do Districto Federal, o seguinte despacho: "Aceito. Providencie a Directoria de Jardins."

(Reproduzido da Gazetilha do *Jornal do Commercio*, de domingo 26 de Dezembro de 1926, p. 2, cols. 1° e 2°).

Na secção Registo do *Jornal do Commercio* do mesmo domingo 26 de Dezembro p. p. (1926) vinha o seguinte (p. 3, col. 4):

CENTENARIO DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Amanhã, ás 20 horas, realizar-se-ha, no templo da Humanidade, á rua Benjamin Constant, a commemoração de S. Francisco de Assis.

A celebração constará da *Invocação* á Virgem-Mãi que Dante attribuio a S. Bernardo, no começo do trigesimo terceiro canto da Divina Comedia. e que está adaptada ao *Adagio da sonata Pathetica,* de Beethoven.

E o *Cantico do Sol*, de S. Francisco de Assis, adaptado á musica do *Stabat Mater* de Pergoleso.

Ambos esses hymnos serão cantados por coros, com acompanhamento de orchestra de cordas.

Fará uma conferencia o Sr. Montenegro Cordeiro.

(Reproduzido do Registo do *Jornal do Commercio* de domingo 26 de Dezembro de 1926, p. 3, col. 4).

Resolvemos ir nesse dia (domingo 26 de Dezembro de 1926), com Amaro da Silveira, á casa do Dr. Afranio de Mello Franco ponderar-lhe a conveniencia social de especificar no Projecto sobre a homenagem a S. Francisco de Assis, a substituição das salvas regulamentares por festejos nos jardins e praças publicas. O Dr. Afranio de Mello Franco concordou immediatamente com essa substituição.

Na segunda-feira, 27 de Dezembro p. p. (1926), realizaram-se as duas solemnidades em commemoração do *Setimo Centenario subjectivo de* S. Francisco de Assis, por iniciativa positivista.

A primeira, civica, consistio no lançamento da pedra fundamental do monumento offerecido por Amaro da Silveira á cidade do Rio de Janeiro.

Para essa solemnidade, Amaro da Silveira convidara os representantes do Sacerdocio Catholico, dirigindo se a S. Emcia. Revdma. Cardeal Arcoverde e aos Superiores das Ordens Catholicas, especialmente da Ordem Franciscana. O nosso confrade Silvio Vieira Souto, a pedido de Amaro da Silveira, foi convidar o Revdmo. Reitor do Collegio de Santo Ignacio; porém, não estava na occasião. Tambem convidou o Rev. Vigario da Igreja do Coração de Jesus Dr. Leovegildo Franca. O Revd. Abbade de São Bento explicou não poder comparecer por achar-se em retiro.

Compareceram á solemnidade: Revdmos. Frei Julio Janssen, O. F. M. Superior do Convento de Santo Antonio Frei Ignacio Hinte O. F. M. e o Revmo. P. Sebastião Gastaldi, Vigario da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Jurujuba, que compareceu espontaneamente á solemnidade, por ter visto o annuncio em um jornal. (Informações de Amaro da Silveira e do Dr. Antonio Pires Salgado). A convite de Amaro da Silveira e com acquiescencia dos representantes das autoridades civis, foram esses sacerdotes os primeiros a assignarem a Acta da ceremonia.

Na Gazetilha do *Jornal do Commercio* de terça-feira 28 de Dezembro de 1926, p. 3, vem a seguinte noticia:

MONUMENTO A SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTALL NO CAMPO DO RUSSELL

Realizou-se hontem á tarde no campo do Russell a ceremonia do lançamento da pedra fundamental do monumento a São Francisco de Assis que o Sr. Dr. Amaro da Silveira offereceu á cidade do Rio de Janeiro, em nome de um grupo de brasileiros.

Assistiram a essa ceremonia representantes das altas autoridades, frades franciscanos e numerosas pessoas gradas.

O Sr. Dr. Amaro da Silveira proferio, ao lançar-se a pedra fundamental, o seguinte discurso.

"Minhas senhoras, meus senhores.

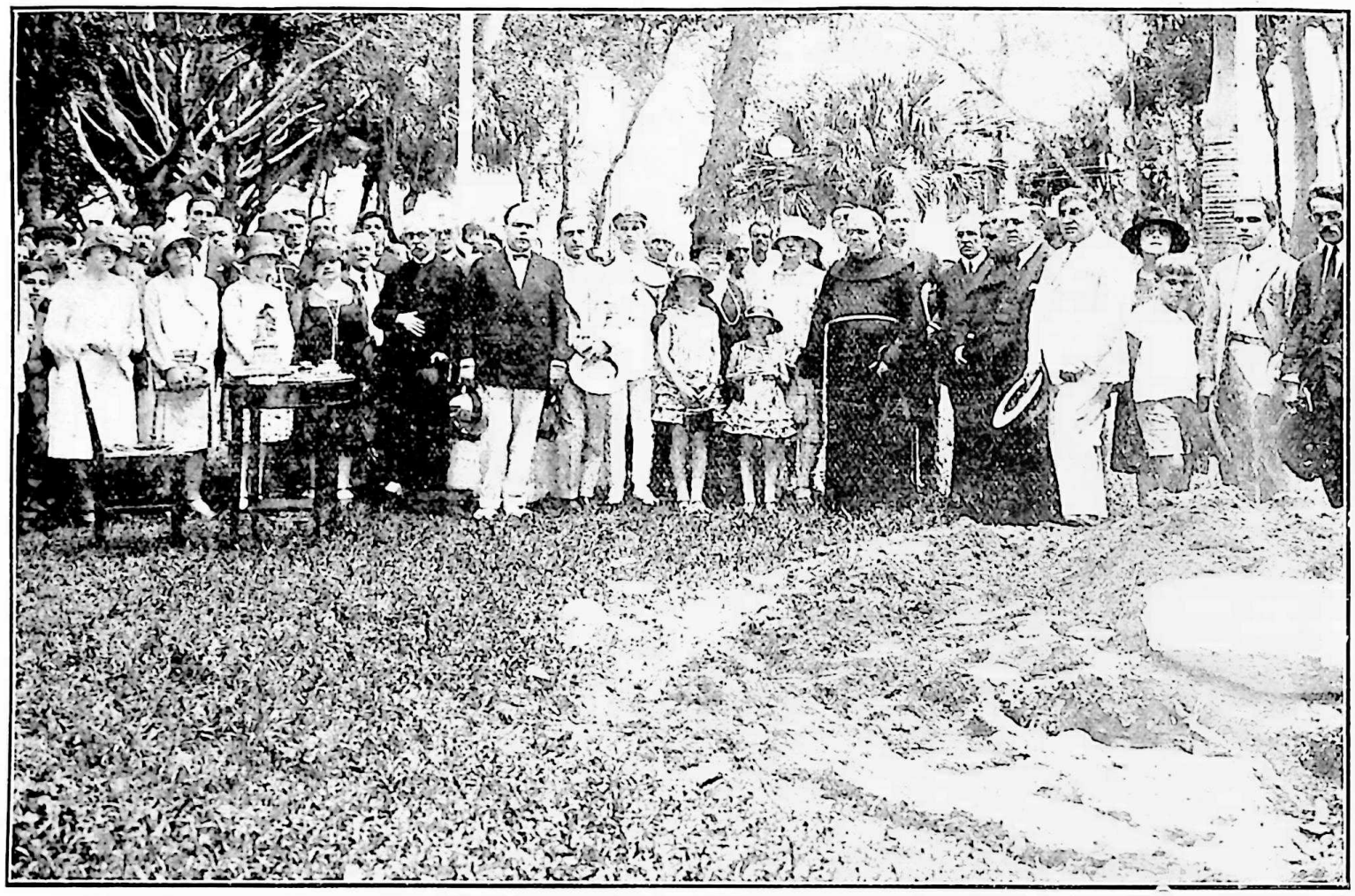
Lançando-se hoje a pedra fundamental do monumento ao grande São Francisco de Assis não podemos nos furtar ao sentimento de veneração com que somos arrebatados, contemplando a grande obra social do Catholicismo, no seio da qual já encontramos o programma do regimen republicano á cuja benefica sombra nos habituamos a viver.

E crescem em nossos corações taes sentimentos, quando se nos deparam os sublimes exemplos dos gloriosos servidores da Humanidade, dentre os quaes São Francisco de Assis destaca-se como um sol de primeira grandeza, e que vieram, aos poucos pelos rasgos do seu coração, do seu genio e do seu caracter, preparando a felicidade humana. Ao clarão dos seus feitos immortaes, illumina-se a estrada do progresso, onde cada concurso necessario á solução do grande problema fixa sob o imperio de inflexiveis leis e como um marco imperecivel, o degrão penosamente subido para uma maior generosidade de sentimento mais perfeita elevação de vistas e mais proveitosa e pacifica actividade, numa época em que, se tendo tudo, não se deseje mais nada.

E', pois, com o maior enthusiasmo civico e universal que vamos collocar neste local a primeira pedra do monumento ao grande Santo que sentio e patenteou a dignidade do Poder Espiritual, a dignidade proletaria e a doçura da fraternidade universal. Como um resumo de todas as nossas emoções, vamos lêr-vos a acta em que se synthetizam as nossas esperanças e se concentram as bellas promessas de que é uma viva expressão a tocante solemnidade a que vamos assistir.

Acta do lançamento da pedra fundamental do monumento ao grande São Francisco de Assis

No setimo centenario da morte de São Francisco de Assis, no dia 25 de Bichat, dia este especialmente consagrado por Augusto Comte á commemoração de São Francisco de Assis, do anno da era provisoria centesimo trigesimo oitavo, a contar da fundação da Republica no Occidente, inaugurada, na Grande Revolução com a tomada da Bastilha em 14 de Julho de 1789, septuagesimo segundo da era normal, centesimo setimo da independencia politica do Povo Brasileiro e trigesimo oitavo da proclamação da Republica no Brasil 27 de Dezembro de 1926 do calendario Julio-Gregoriano, ás quatro horas da tarde, foi lançada, nesta cidade do Rio de Janeiro, no Campo do Russell no primeiro canteiro da relva que fica para o lado do Jardim da Gloria, a partir do centro do mesmo Campo a pedra fundamental do monumento ao egregio servidor da Humanidade, São Francisco de Assis como um sincero preito de veneração ao Catholicismo e um penhor de eterna gratidão pelos incomparaveis ser-



MONUMENTO A SÃO FRANCISCO DE ASSIS — *Cidade do Rio de Janeiro*
Offerecido á Cidade do Rio de Janeiro por Amaro da Silveira
Lançamento da pedra fundamental, no Campo do Russell — 25 de Bichat de 72|138 — Segunda-feira, 27 de Dezembro de 1926
Fotogravura da officina de Manoel Gaspar

viços sociaes prestados por São Francisco de Assis, presentindo e exaltando pelo seu admiravel exemplo todas as condições essenciaes do regimen republicano, reconhecidas pela Republica Brasileira. Offerecido o referido monumento pelo cidadão Amaro da Silveira, será executado pelo artista brasileiro Eduardo de Sá e representará, em tamanho natural, São Francisco de Assis, de joelhos, recitando o *Cantico do Sol*, tendo ao seu lado Santa Clara em extase, e sendo o conjunto completado por quatro baixo-relevos, lembrando os principaes episodios da vida do grande Santo. A offerta foi feita em requerimento que vai abaixo reproduzido, assim como o respectivo despacho, aceitando-a, dado pelo cidadão Antonio Prado Junior, Prefeito do Districto Federal. E' este o teôr do citado requerimento:

"Illmo. Sr. Prefeito do Districto Federal. — Passando-se este anno o setimo centenario da morte do egregio servidor da Humanidade, São Francisco de Assis, que, pelo seu sublime exemplo e generoso esforço, procurou elevar e dignificar as mais humildes funcções proletarias, o que, em verdade, constitue o programma republicano, cujo immediato objectivo visa a incorporação do proletariado á sociedade moderna;

E, considerando que esse grande Santo, guiado pelo seu magnanimo coração, sentio, de facto, em toda a sua pureza, que, no fundo, era no predominio cada vez maior da fraternidade universal que residia a solução do problema humano, o que tambem constitue a base do sentimento e dos principios verdadeiramente republicanos;

E atendendo, por fim, a que, guiada por uma nobre e sabia doutrina, á Republica Brasileira coube a imperecivel gloria de proclamar justamente, desde a manhã de 15 de Novembro de 1889, o reconhecimento de taes verdades, segundo o cavalheiresco exemplo do seu fundador, Benjamin Constant Botelho de Magalhães;

O cidadão abaixo assignado offerece á Cidade do Rio de Janeiro, no nome de um grupo de Brasileiros e patriotas, a estatua do egregio São Francisco de Assis, como padrão das generosas e elevadas aspirações republicanas e como um merecido preito aos grandes serviços sociaes prestados pelo Catholicismo.

E, na esperança de ser attendido, solicita permissão para erigil-a no Campo do Russell, sob as arvores e no primeiro triangulo de relva que fica do lado do Jardim da Gloria, a contar do centro daquelle campo.

Nestes termos, espera deferimento. Saude e Fraternidade.

Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1926. — *Amaro da Silveira.*"

E' este o teôr do despacho que teve o requerimento acima, em 17 de Dezembro de 1926: "Aceito. Providencie a Directoria de Jardins". E, para eterna lembrança e perpetua memoria, foi lavrada esta acta, á qual foram annexados um numero do *Jornal do Commercio* de 24 de Bichat de 138 (26 de Dezembro de 1926), contendo a publicação numero cinco do anno de 1926, do Apostolo da Humanidade R. Teixeira Mendes, sobre o Setimo Centenario Subjectivo do Grande São Francisco de Assis, com a apreciação de Dante e a de Augusto Comte, acerca desse vulto immortal, assim como um numero do *Diario Official* da mesma data, contendo o projecto approvado pela Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados, considerando de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de São Francisco de Assis, em commemoração do setimo centenario dessa morte, sendo que a mencionada acta vai assignada pelas autoridades espirituaes e temporaes presentes e por todos os cidadãos que quizerem fazel-o."

(Sahido na *Gazetilha* do *Jornal do Commercio* de terça-feira, 28 de Dezembro de 1926, pag. 3).

A solemnidade religiosa teve lugar, á noite, no TEMPLO DA HUMANIDADE, como estava annunciada, regendo os córos o Professor Alberto Sarti. No altar-mór, foi erigido, á direita da HUMANIDADE, um Trophéo, sob a Bandeira Pontificia Catholica.

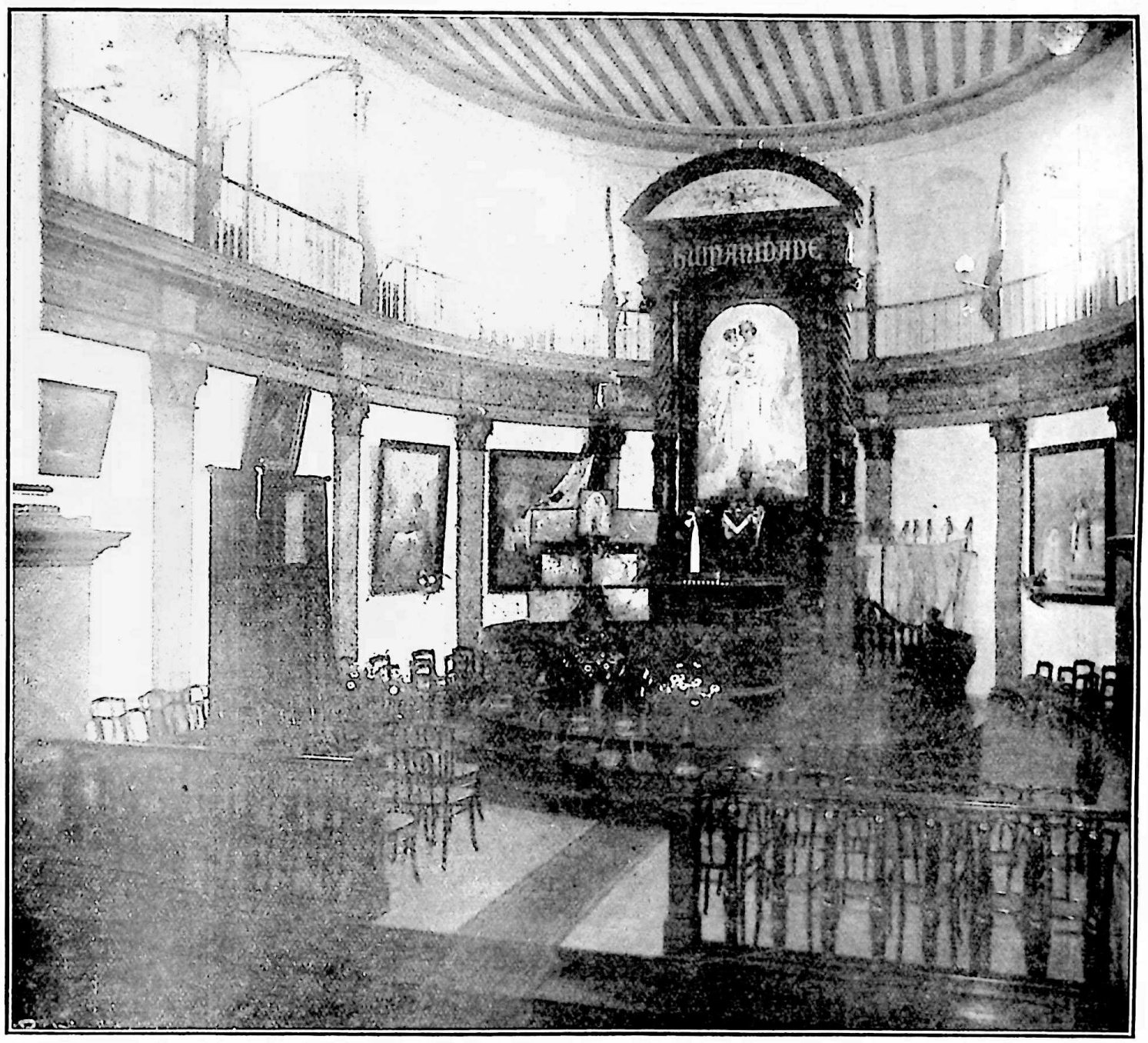
Com destino a esses córos, o Professor Alberto Sarti organizou e instrumentou para orchestra de cordas, uma paraphraze do *Adagio da sonata Pathetica* de BEETHOVEN; adaptando essa paraphrase aos seguintes versos da *Invocação* á VIRGEM-MÃE, que

Dante attribuio a São Bernardo, no começo do trigesimo-terceiro e final canto da *Divina Comedia*:

Vergine madre, figlia del tuo Figlio
Umile ed alta più che creatura,
Termine fisso d'eterno consiglio.
.....
In te, misericordia; in te, pietate
In te, magnifizenza...

Para esta solemnidade, o Professor Alberto Sarti adoptou tambem, integralmente, o *Canti'co do Sol*, de São Franqisco de Assis, á musica de *Stobat Mater*, de Pergoleso, que este já havia instrumentado para orchestra de cordas.

Por circumstancia involuntaria, não foi então, collocada como habitualmente, a VIRGEM SIXTINA, de Raphael, engrinaldada de rosas, encimando a Bandeira Pontificia Catholica.



TEMPLO DA HUMANIDADE — *Cidade do R'o de Janeiro*
O Altar-mór, por occasião da Commemoração do
Setimo Centenario Subjectivo de São Francisco de Assis
25 de Bichat de 72|138 — Segunda-feira, 27 de Dezembro de 1927
Fotografia do Sr. Malta — Fotogravura da oficina de Manoel Gaspar

No meio do Trophéo, estão os sete quadros seguintes idealizando a vida de São Francisco de Assis. Esses quadros, devidos ao nosso correligionario, Eduardo de Sá, circundam o medalhão de Dante, *em bronze*, commemorativo do *Sexto Centenario Subjectivo de* Dante, destinado por Amaro da Silveira, a ser colocado, no tumulo de Dante, em Ravenna. Este medalhão foi executado pelo nosso correligionario Decio Villares.

Os quadros commemorativos da vida de São Francisco de Assis, entremeiados de flôres, estão dispostos na seguinte ordem:

Na primeira linha, ao centro, está a *Glorificação* de S. Francisco de Assis; tem, á direita, S. Francisco de Assis *confraternizando com um Leproso;* e, á esquerda, S. Francisco de Assis, *em extase, instituindo o Cantico do Sol, ao lado de* Santa Clara. Ala'xo: *A vocação;* S. Francisco de Assis *convalescente, amparado por sua* Mãi, Dona Pica; e, á esquerda, S. Francisco de Assis *conciliando o Podestá e o Bispo Guido, de Assis,* mediante a estrophe penultima do *Cantico do Sol*, dando graças pelos que perdoam. Emfim, á direita do medalhão de Dante, está S. Francisco de Assis *moribundo, despedindo-se de Assis, tendo ao lado a irmão* Jacquelina de Settesoli; e, á esquerda, S. Francisco de Assis *então a derradeira estrophe do Cantico do Sol, dando graças pela Morte corporea*.

TEMPLO DA HUMANIDADE — *Cidade do Rio de Janeiro*
O Trofeo em homenagem a São Francisco de Assis,
por occasião da commemoração do seu *Setimo Centenario subjectivo*
25 de Bichat de 72|138 — Segunda-feira, 27 de dezembro de 1927
Fotografia do Sr. Malta — Fotogravura da officina de Manoel Gaspar

A protographia respectiva foi tirada no dia seguinte, martedia 26 de Bichat de 72|138 (terça-feira, 28 de Dezembro de 1926), pelo Sr. Malta, com o Trophéo completo.

Nesse dia 27 de Dezembro de 1926, foi encerrada a segunda discussão do Projecto n. 710-1926, proposto pela Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados, com a *emenda* da mesma Commissão, conforme consta do *Diario do Congresso Nacional*, de terça-feira 28 de Dezembro p. p. (1926).

2ª discussão do projecto n. 710, de 1926, considerando de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de São Francisco de Assis.

O SR. PRESIDENTE: — Entra em discussão o artigo unico.

Acha-se sobre a Mesa uma emenda, da Commissão de Constituição e Justiça, que vai ser lida.

E' lida e posta conjuntamente em discussão a seguinte

EMENDA AO PROJECTO N. 710, DE 1926

(2ª discussão)

Art. 2.º Ficam substituidas, nessa commemoração, as salvas regulamentares por festejos nos jardins e praças publicas.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario. — *Mello Franco*, Presidente. — *João Santos*. — *J. Meira Junior*. — *Costa Ribeiro*. — *Horacio Magalhães*. — *João Elysio*.

Encerrada a discussão do projecto e da emenda é adiada a votação.

(Reproduzido do *Diario do Congresso*, de terça-feira 28 de Dezembro de 1926, pag. 7.339, col. 1ª).

MEDALHÃO DE DANTE

Em bronze, commemorativo do *sexto centenario subjectivo de* DANTE, destinado a ser colocado no tumulo de Dante em Ravenna. Esteve no meio do troféu idealisando a vida de SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

E foi incluida na *Ordem do Dia* de terça-feira 28 de Dezembro p. p. (1926), a votação (pag. 7.341, col. 2):

"Votação do projecto n. 710, de 1926, considerando de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis; com emenda da Commissão de Constituição e Justiça (2ª discussão)."

(Reproduzido do *Diario do Congresso Nacional*, de terça-feira 28 de Dezembro de 1926, pag. 7.341, col. 2ª).

Terça-feira 28 de Dezembro p. p. (1926), diversos jornaes deram noticia da solemnidade do lançamento da pedra fundamental do monumento a S. FRANCISCO DE ASSIS. O *Correio da Manhã* e o *Imparcial* trouxeram photogravuras da solemnidade.

Transcreveremos as seguintes noticias dadas pelos jornaes catholicos, *A União*, do Rio de Janeiro, de quinta-feira, 30 de Dezembro de 1926, pag. 6ª; e *A Cruz*, do Rio de Janeiro, de 2 de Janeiro de 1927, pag. 2:

O POSITIVISMO E S. FRANCISCO DE ASSIS

Resolveu o Sr. Amaro da Silveira homenagear a Igreja Catholica erguendo na Praia do Russell um monumento a São Francisco de Assis.

Compareceram ao acto as autoridades e representantes do Convento de Santo Antonio, innumeras familias e este jornal se fez representar, accedendo a gentilissimo convite.

Para que vejam os leitores da *A União* o que animou o Sr. Amaro da Silveira a offerecer ao Rio de Janeiro esse monumento a S. Francisco de Assis, aqui transcrevemos alguns trechos do requerimento que o mesmo fez á Prefeitura:

"Illmo. Sr. Prefeito do Districto Federal — Passando-se este anno o setimo centenario da morte do egregio servidor da Humanidade, São Francisco de Assis, que, pelo seu sublime exemplo e generoso esforço, procurou elevar e dignificar as mais humildes funcções proletarias, o qué, em verdade, constitue o programma republicano, cujo immediato objectivo viza a incorporação do proletariado á sociedade moderna;

E, considerando que esse grande santo, guiado pelo seu magnanimo coração, sentio, de facto, em toda a sua pureza que no fundo, era no predominio cada vez maior da fraternidade universal que residia a solução do problema humano, o que tambem constitue a base dos sentimentos e dos principios verdadeiramente republicanos.

O cidadão abaixo assignado offerece á cidade do Rio de Janeiro, no nome de um grupo de brasileiros e patriotas, a estatua do egregio S. Francisco de Assis, como padrão das generosas e elevadas aspirações republicanas e como um merecido preito aos grandes serviços sociaes prestados pelo Catholicismo.

E, na esperança de ser attendido, solicita permissão para erigil-a no campo do Russell, sob as arvores e no primeiro triangulo de relva que fica ao lado do Jardim da Gloria, a contar do centro daquelle campo.

Nestes termos, espera deferimento. Saude e Fraternidade. Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1926. — *Amaro da Silveira.*"

(Reproduzido da *A União*, de quinta-feira 30 de Dezembro de 1926, pag. 6).

MONUMENTO A S. FRANCISCO DE ASSIS

Na segunda-feira passada, no campo do Russel lançou-se a primeira pedra de um artistico e expressivo monumento ao Seraphico Patriarcha das Ordens Franciscanas — São Francisco de Assis.

A iniciativa é do Sr. Amaro da Silveira, representando um grupo de brasileiros e patriotas, "como padrão das generosas e elevadas aspirações republicanas e como um merecido preito aos grandes serviços sociaes prestados pelo catholicismo" como em officio ao Exmo. Sr. Prefeito se exprimio o generoso doador e amigo enthusiasta de São Francisco de Assis.

Com esta estatua, a erguer-se em ponto tão a proposito, deve ficar o Brasil contente porque de tão bellas e tocantes commemorações neste setimo centenario fica um documento de bronze e granito a attestar, para todo o sempre, a affeição e o reconhecimento para quem tanto deve.

Desta sorte o Brasil é talvez o unico paiz da America do Sul que assim se manifesta para com o reformador do mundo medieval, restaurando-o em Jesus Christo.

O monumento, além de baixos relevos salientando episodios importantes da vida do Santo, amostrará São Francisco na attitude arroubada do "Cantico do Sol".

A cerimonia do lançamento da primeira pedra foi muito solemne e muito concorrida.

O grupo de brasileiros a quem se deve esta iniciativa, merece muitas felicitações.

Reproduzido da *A Cruz* de 2 de Janeiro de 1927, pag. 2.

Os seguintes periodicos trazem gravuras photographicas da solemnidade do lançamento da pedra fundamental do monumento:

Revista da Semana, de 1º de Janeiro de 1927, pag. 22: *Photogravura da maquete, photogravura no momento da leitura da acta por Amaro da Silveira, photogravura no momento que o Rev.º Frei Julio Jansen, Superior do Convento de Santo Antonio assignava a acta; photogravura de grupo de pessoas presentes á solemnidade.*

Para Todos, de 8 de Janeiro de 1927, pag. 41: *Photogravura de grupo de pessoas presentes á solemnidade.*

Careta, de 8 de Janeiro de 1927, pag. 15: *Photogravura de grupo de pessoas presentes á solemnidade.* Ha porém, engano na legenda, informando que *os catholicos vão erigir o monumento.*

O Malho, de 15 de Janeiro de 1927, pag. 32: *Photogravura, no momento da assignatura da acta pelo Rev.º Frei Julio Janssen, Superior do Convento de Santo Antonio; photogravura na occasião da leitura da acta por Amaro da Silveira; photogravura no momento da assignatura da acta*, pelo Dr. Plinio de M. Uchoa Filho, representante do Prefeito Dr. Antonio Prado Junior.

Estava na *Ordem do dia* da sessão da Camara dos Deputados a votação do Projecto n. 710—1926, declarando de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de São Francisco de Assis. Infelizmente a votação não realizou-se.

Restavão, pois *tres dias* para a votação do projecto, na Camara e no Senado. Fomos, com Amaro da Silveira, á tarde, ao escriptorio do Dr. Afranio de Mello Franco, que achou conveniente que nos dirigissemos ao Dr. Julio Prestes, *leader* da maioria, para ouvil-o acerca da votação do referido Projecto, na Camara dos Deputados.

De volta do escriptorio do Dr. Afranio de Mello Franco, encontrámos, na Avenida Rio Branco, o Dr. Julio Prestes, á quem Amaro da Silveira apresentou-nos, e com quem fallamos rapidamente sobre o alcance republicano de ser o decreto promulgado ainda no anno p. p. (1926).

Em seguida, resolvemos ir fallar com o Senador Antonio Azeredo, por occasião da sessão marcada para 8 da noite.

Fomos, de facto, ao Senado, á noite, com Amaro da Silveira, e esperamos pelo encerramento da sessão. Pouco depois do encerramento, passou o Senador Lacerda Franco, a quem tivemos assim ensejo de dizer summariamente o motivo da nossa

presença alli. O Senador Lacerda Franco manifestou-se favoravel ao projecto.

Acabava de retirar-se o Senador Lacerda Franco, quando passou o Senador Paulo de Frontin que insistio em levar-nos immediatamente ao Gabinete do Senador Antonio Azeredo. Acolhendo vivamente o Projecto, o Senador Antonio Azeredo disse-nos que, se o Projecto chegasse ao Senado antes de 2 horas da tarde do dia 30 de Dezembro p. p. (1926), se conseguiria a votação no Senado. Occorreu-lhe, ao mesmo tempo, o recurso parlamentar de annexar testualmente o Projecto da Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados, como emenda, a algum projecto que tivesse vindo da Camara dos Deputados e já estivesse em terceira discussão no Senado, o qual projecto seria assim devolvido a Camara dos Deputados, onde só teria uma votação, com a emenda.

Após essa breve conversa, o Senador Antonio Azeredo telephonou ao Dr. Julio Prestes, a respeito.

Era, sem duvida, preferivel que o projecto n. 710 de 1926, passasse como *lei distincta*. Porém, o alcance politico e moral do projecto prescrevia que fosse *este promulgado como lei, ainda no septimo Centenario Subjectivo de* S. FRANCISCO DE ASSIS. As formalidades parlamentares da lei ficavam, pois, inilludivelmente, subordinadas á urgencia da promulgação, que não comportava a minima demora.

Na quarta-feira, 29 de Dezembro p. p. (1926), o Senado aceitou o alvitre parlamentar lembrado pelo Senador Antonio Azeredo; e o projecto foi enviado immediatamente á Camara dos Deputados:

CREDITO PARA O MINISTERIO DA JUSTIÇA

3ª discussão da proposição da Camara dos Deputados numero 113, de 1926, que autoriza a abrir, pelo Ministerio da Justiça, os creditos especiaes de 1.737:701$088, 22:503$600, 809:344$243 e 29:755$350, para despezas do referido Ministerio e de repartições a elle subordinadas.

Vem á Mesa, é lida, apoiada e posta em discussão a seguinte

EMENDA

A' proposição da Camara n. 113, de 1926.

Accrescente-se, onde convier:

Artigo — E' considerado de festa nacional o dia 3 de outubro de 1927, anniversario da morte de São Francisco de Assis

Artigo — Ficam substituidas, nessa commemoração, as salvas regulamentares, por festejos nos jardins e praças publicas.

Sala das sessões, em 29 de Dezembro de 1926. — *Paulo de Frontin.* — *Lauro Sodré.*

O SR. PRESIDENTE: — Tendo sido a materia incluida em ordem do dia, em virtude de urgencia, a emenda não suspende a discussão.

Está em discussão. Não havendo quem queira usar da palavra, encerro-a.

E' approvada a emenda.

E' approvado o projecto, que vai á Commissão de Redacção.

O SR. PAULO DE FRONTIN: — Peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE: — Tem a palavra o Sr. Paulo de Frontin.

O SR. PAULO DE FRONTIN (*pela ordem*): — Sr. Presidente, estando sobre a mesa, segundo me consta, a redacção final da emenda que considera festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, requeiro a V. Ex. consulte o Senado sobre se concede dispensa de impressão para a sua immediata discussão e votação

O SR. PRESIDENTE: — Effectivamente acha-se sobre a Mesa a redacção final da emenda a que V. Ex. se refere.

Os Srs. que approvam o requerimento do Sr. Senador Paulo de Frontin, queiram levantar-se. (*Pausa*).

Approvado.

O SR. 4º SECRETARIO (*servindo de 2º*) lê e é approvado o seguinte

N. 923 — 1926

Redacção final da emenda do Senado á proposição da Camara dos Deputados n. 113 de 1926

Accrescente-se onde convier:

Artigo — E' considerado de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis.

Artigo — Ficam substituidas nessa commemoração as salvas regulamentares, por festejos nos jardins e praças publicas.

Sala da Commissão de Redacção, em de Dezembro de 1926. — *Modesto LCal*, Presidente. — *Eurípedes de Aguiar*, Relator.

O SR. PRESIDENTE: — A proposição vai ser devolvida á Camara dos Deputados.

(Reproduzido do *Diario do Congresso Nacional*, de quinta-feira, 30 de Dezembro de 1926, p. 7.442, cols. 1 e 2).

Na Camara dos Deputados continuava, na *Ordem do dia*, a votação do projecto n. 710—1926, da Commissão de Constituição e Justiça; porém não foi votado, e ficou a votação na *ordem do dia* seguinte:

Votação do projecto n. 710, de 1926, considerando de festa nacional, o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis; com emenda da Commssão de Constituição e Justiça (2ª discussão);

(Reproduzido do *Diario do Congresso Nacional*, de quinta-feira, 30 de Dezembro de 1926, p. 7.514, col. 2).

Nesse mercuridia (quarta-feira) 29 de Dezembro p. p. (1926), Amaro da Silveira esteve, á noite, com o Deputado Federal, Dr. Cardoso de Almeida, que manifestou-se favoravel á decretação de feriado nacional em homenagem ao Setimo Centenario de S. Francisco de Assis.

No jovedia (quinta-feira), 30 de Dezembro p. p. (1926), passou em segunda discussão o projecto 710—1926, com a emenda, sendo adiada a redacção e terceira discussão.

Votação do projecto n. 710, de 1926, considerando de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis; com emenda da Commissão de Constituição e Justiça (2ª discussão).

O SR. PRESIDENTE: — A este projecto a Commissão de Constituição e Justiça offereceu a seguinte

EMENDA

Art. 2º: — Ficam substituidas, nessa commemoração, as salvas regulamentares, por festejos nos jardins e praças publicas.

Art. 3º — Revogam-se as disposições em contrario.

Vou submetter a votos o projecto, salvo a emenda.

Aprovados, successivamente, os artigos 1º e 2º.

O SR. PRESIDENTE: — Vou submetter a emenda.

Approvada a referida emenda da Commissão.

O SR. PRESIDENTE: — O projecto passa á 3ª discussão, indo antes á respectiva Commissão para ser redigido.

(Reproduzido do *Diario do Congresso Nacional*, de sexta-feira, 31 de Dezembro de 1926, p. 7.551, col. 1.)

A vista disso, pensamos em uma publicação acerca da urgencia e possibilidade de ser decretado, ainda no anno p. p. (1926), o dia de festa nacional em homenagem a S. FRANCISCO DE ASSIS

Essa publicação, sob n. 9 (era, de facto n. 11) do anno 1926, sahio sexta-feira, 31 de Dezembro p. p. (1926), na secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, sob o titulo: "*O alcance moral e politico de ser decretada ainda no anno que finda* (1926), *a celebração de um dia em homenagem ao Setimo Centenario Subjectivo de incomparavel* S. FRANCISCO DE ASSIS. *Possibilidade ainda dessa decretação.*

Terminando diziamos:

"O anno do Centenario de S. Francisco de Assis termina no dia em que as considerações precedentes são levadas ao conhecimento dos membros da Camara dos Deputados Federaes, de cuja approvação depende o projecto do Senado Federal contendo o projecto proposto pela Commissão de Constituição e Justiça da mesma Camara. Ainda é, portanto, tempo — *respeitando as disposições legislativas*, — de ser tal projecto approvado pela referida Camara e sanccionado pelo Presidente da Republica. Caso semelhante deu-se, domingo, 13 de Maio de 1888, com a incomparavel Lei que declarou extincta a escravidão no Brasil.

"Oxalá essas reflexões consigam, pois, remover os deploravelissimos obstaculos que até aqui se oppuzeram a que fosse prestada no anno que finda a homenagem official do Povo Brasileiro no setimo centenario do incomparavel S. Francisco de Assis".

(Reproduzido da secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, de sexta-feira, 31 de Dezembro de 1926).

Na manhã desse dia, sexta-feira, 31 de Dezembro p. p. (1926), procurámos, novamente, com Amaro da Silveira, o Senador Antonio Azeredo, afim de conseguir a transmissão immediata dessa publicação ao Presidente da Republica, Dr. Washington Luis. O Senador Antonio Azeredo telephonou immediatamente ao Dr. Alarico Silveira, secretario do Presidente da Republica, prevenindo-o que iamos levar-lhe a publicação para que elle a fizesse chegar ao Presidente. Fomos recebidos com civica benevolencia pelo Dr. Alarico Silveira, que ficou de communicar, na mesma occasião, a publicação ao Dr. Washington Luis.

Na sessão da Camara dos Deputados foi lido e mandado imprimir para 3ª discussão, o seguinte projecto:

São successivamente lidos e vão a imprimir os seguintes

PROJECTOS

N. 710 A — 1926

Redacção para 3ª discussão do projecto n. 710, de 1926, da Camara, considerando de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis.

(Justiça 153 — de 1926)

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º E' considerado de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis.

Art. 2.º Ficam substituidas, nessa commemoração as salvas regulamentares por festejos nos jardins e praças publicas.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Commissões, de Dezembro de 1926. — *Mello Franco*, Presidente, — *João Santos*. — *J. Meira Junior*. — *Costa Ribeiro*. — *Horacio Magalhães*. — *João Elysio*.

(Reproduzido do *Diario do Congresso Nacional*, de sabbado 1º de Janeiro de 1927).

Em conclusão, o projecto declarando de festa nacional o dia 3 de Outubro de 1927, anniversario da morte de S. Francisco de Assis, teve, *na realidade*, a approvação do Congresso Nacional, ainda no *Setimo Centenario Subjectivo de* S. Francisco de Assis. Pois que esse projecto foi *effectivamente* approvado pelo Senado na sessão de quarta-feira, 29 de Dezembro de 1926, como emenda á proposição da Camara dos Deputados n. 113, de 1926, *devolvida immediatamente* á Camara dos Deputados. E o projecto n. 710—1926, proposto unanimemente pela Commissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados passou, com a emenda da mesma Commissão, em segunda discussão, na sessão da Camara dos Deputados de quinta-feira, 30 de Dezembro de 1926, tendo ficado preparada a redacção para a 3ª discussão.

As formalidades parlamentares apenas impediram, *na realidade*, que o actual Presidente da Republica manifestasse publicamente a sua opinião a tal respeito. Ora, não é crivel que o Dr. Washington Luis desconheça o alcance social e moral dos esforços inescediveis e decisivos de S. Francisco de Assis, em pról do regimen republicano, isto é, em pról da fraternidade universal, mediante a dignificação, tanto do proletariado, como dos orgãos, quer da Autoridade espiritual, quer do Poder temporal. Porém, havendo o Dr. Washington Luis se abstido de seguir, — por occasião da festa da Immaculada Conceição, a 8 de Dezembro p. p. (1926), — a abusiva pratica de varios presidentes declararem, em dias de serviço, *o ponto facultativo*, nas repartições publicas, indicou a justa preoccupação de não perturbar o trabalho, com o augmento dos feriados. E' portanto, evidente a conveniencia de afastar, desde já, essa objecção, transferindo, para um domingo, o dia de festa nacional em homenagem ao incomparavel S. Francisco de Assis, se fôr julgado preferivel essa transferencia. E, attendendo aos antecedentes catholicos do povo brasileiro, conforme o exemplo do Governo Provisorio em relação á Festa dos Mortos, celebrada no dia 2 de Novembro, — o domingo escolhido para a festa nacional em homenagem a São Francisco de Assis, deve ser o domingo *mais proximo do dia 4 de Outubro*.

Cremos que as reflexões precedentes justificam a esperança de serem preenchidas, no corrente anno, (1927) *as tres lacunas capitaes* acima indicadas no actual systema de festas annuais da Republica brasileira.

Quanto á primeira dessas festas — a que é destinada a celebrar a influencia sem par que cabe á Mulher, como MÃI, Esposa, Filha, e Irmã, — só nos cumpre recordar o modo de, nesse caso, respeitar as tradições catholicas, que determinaram o Governo Provisorio a escolher o dia 2 de Novembro para a Festa dos Mortos.

Com effeito, a Festa catholica de 15 de Agosto encerra, como é vulgarmente sabido, a celebração de uma *novena*. Portanto, — afim de que a commemoração civil da Mulher coincida com eses festejos populares, basta que se escolha *um dos dias dessa novena*, para o dia da *Festa nacional da* Mulher. Assim, a *Festa nacional da* Mulher será no dia 15 de Agosto, nos annos em que essa data mensal cahir em domingo; e será no *domingo precedente a 15 de Agosto*, nos outros annos.

As outras duas lacunas do actual systema de Festas nacionaes, ficarão reparadas instituindo as Festas de Dante e de S. Francisco de Assisi nos domingos apropriados.

Para commemoração do sentimento cavalheiresco, a tradição occidental erigio em exemplo incomparavel o culto que Beatriz Portinari, inspirou a Dante Alighieri. O dia que Dante idealiza ter passado com Beatriz, no *Paraiso*, é, assim, naturalmente indicado para essa commemoração. Porém, os commentadores divergem sobre a interpretação dos versos correspondentes de Dante. De sorte que, *na época actual*, só é incontestavel que Dante concebeu a Divina Comedia ligando-a á Semana Santa Catholica.

Isto posto, abstrahindo das divergencias a tal respeito, é natural que toda Semana Santa Catholica evocasse a Dante, — como evocarla, para sempre, ás gerações successivas, — a mais sublime das epopéas. E essa recordação torna-se mais commovente, que nunca, quando se liga á lembrança do ultimo anno em que ella encantou os arroubos do Poeta; isto é, o anno 1321, do qual data a sua immortalidade subjectiva.

Ora, a Semana Santa Catholica, no anno 1321, foi, de 12 de Abril, Domingo de Ramos, a 18 de Abril, Sabbado de Alleluia. (Vide Encyclopédie-Roret Théorie du Calendrier et Collection de tous les Calendriers des années passées et futures, par L. B. Francœur — Paris, 1842). Portanto, as considerações precedentes determinam a celebrar a Festa de Dante, a 19 de Abril, que foi Domingo de Paschoa, em 1321, anno da sua morte.

Assim, nos annos em que 19 de Abril fôr domingo, o feriado será nesse dia. E, se 19 de Abril não fôr domingo, o feriado commemorativo de Dante será o *domingo* precedente. Dest'arte, a celebração de Dante occorrerá sempre em um dos dias da Semana Santa Catholica em 1321.

Em conclusão, deve ser considerado de festa nacional o dia 19 de Abril, consagrado á commemoração do sentimento cavalheiresco, a exemplo do culto que Beatriz Portinari inspirou a Dante Alighieri.

Quanto á *Festa nacional de* S. Francisco de Assis, em commemoração da influencia moral e social do Proletariado masculino, será celebrada a 4 de Outubro, quando essa data mensal occorrer em domingo; e será no domingo mais proximo de 4 de Outubro, nos outros annos.

Nessas tres commemorações, as salvas regulamentares, devem ser substituidas por festejos nos jardins e praças publicas.

R. Teixeira Mendes

N. em Caxias (Maranhão), a 5 de Janeiro de 1855.

Apostolo da Humanidade

Empiricamente surgido da propaganda inaugurada em fins de 1878, por Miguel Lemos, quando este se achava em Pariz.

Rua Benjamin Constant, 120

Rio, 13 de Homero de 73|139 (10 de Fevereiro de 1927).

Sahido, na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo 20 de Fevereiro de 1927.

ADDITAMENTO DESTA EDIÇÃO

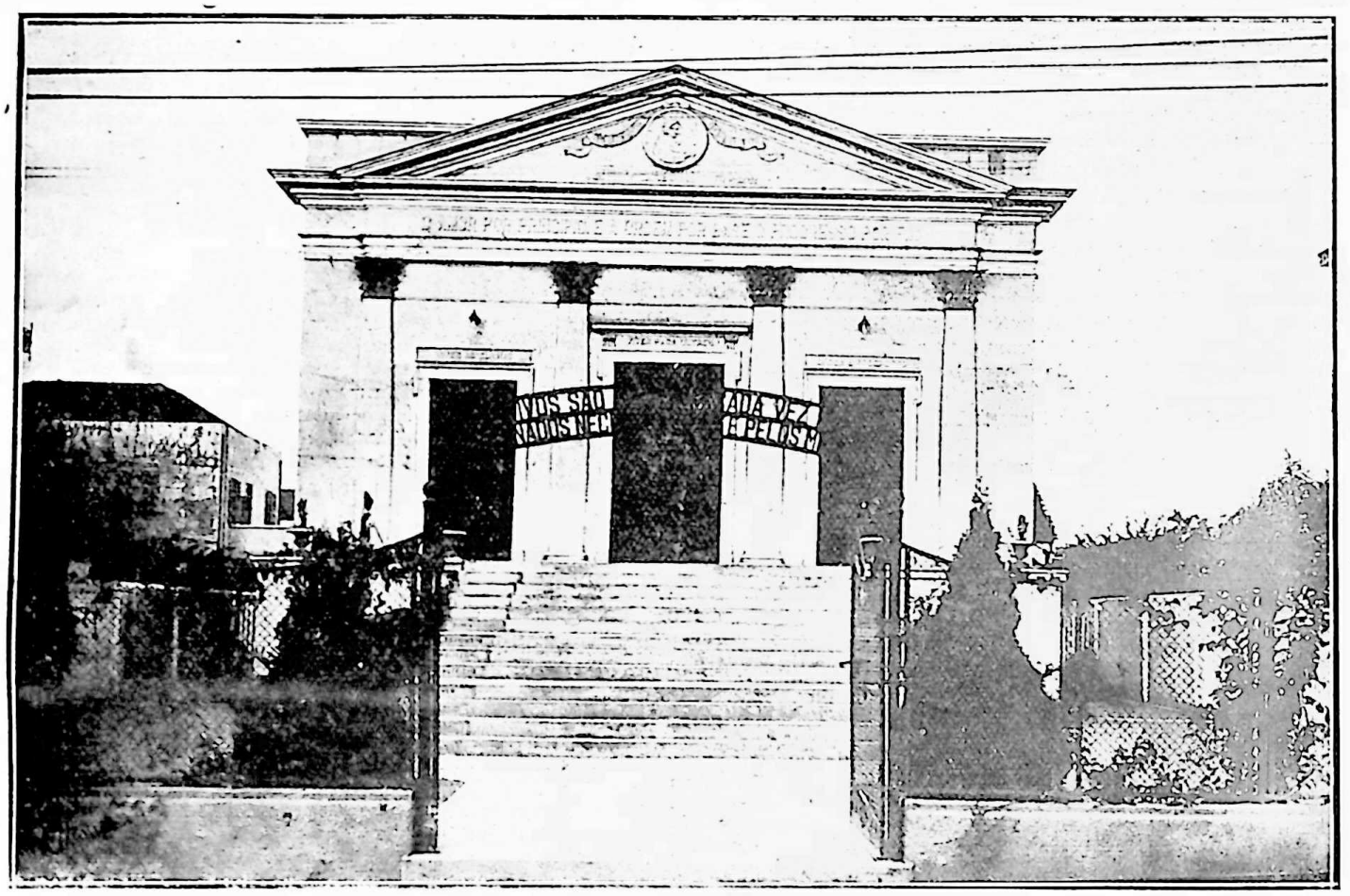
I. *Commemoração positivista do Setimo Centenario Subjectivo de* São Francisco de Assis, *nos Estados de S. Paulo e do Rio Grande do Sul*

ESTADO DE SÃO PAULO

Na cidade de São Paulo, no Salão de Conferencias da Bibliotheca Municipal, sabbado, 30 de Outubro p. p. (1926), ás 8 1|2 da noite, o nosso confrade Geonizio Curvello de Mendonça realizou uma conferencia, em commemoração do *Setimo Centenario Subjectivo de* São Francisco de Assis. (Additamento desta edição.)

(Vide publicação n. 1 do anno 72/138 — 1926, da Propaganda positivista no Rio Grande do Sul — Capella da Humanidade — Porto Alegre — Avenida da Redempção n. 6).

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



CAPELLA DA HUMANIDADE (em construcção)—Porto Alegre.
Photogravura da officina de Manoel Gaspar.

Na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, os nossos confrades celebraram, no domingo, 26 de Dezembro p. p. (1926), no Edificio da Propaganda Positivista, o *Setimo Centenario Subjectivo de* São Francisco de Assis, segundo o programma constante do seguinte avulso.

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Fundada sob a angelica inspiração
de Clotilde de Vaux (n. Marie),
por Augusto Comte
Primeiro Summo Pontifice da Humanidade

Viver ás claras — *Viver para outrem* — *Ordem e Progresso*

FESTA POSITIVISTA

Commemoração do Setimo Centenario Subjectivo de São Francisco de Assis, mediante a inauguração da Imagem da HUMANIDADE, no frontão do edificio da Propaganda Positivista, em construcção, em Porto Alegre.

Primeiro Centenario do passo inaugural de Augusto Comte em 1826, para systematizar a alliança religiosa entre os catholicos e os positivistas

A cerimonia obedecerá ao seguinte programma:

I — *Invocação á Humanidade*, seguida da *Ave, Clotilde!* (*Ave, Maria*, de Gounod, pela banda).

II — Trecho final do *Hymno ao Amor* (paraphrase do livro 3º, cap| V, da *Imitação*, de Thomaz de Kempis, por R. Teixeira Mendes).

III — Inauguração da Imagem da *Humanidade*, no frontão do edificio.

IV — Palavras explicativas: *a*) intenção dos positivistas de Porto Alegre com a modesta cerimonia que promovem da commemoração do Setimo Centenario Subjectivo do grande *São Francisco de Assis*, nas immediações da sua Festa, segundo o Calendario Abstracto positivista (25 de Bichat — (27 de Dezembro); *b*) explicação da *Utopia da Virgem-Mãi*, a *Humanidade*, prenunciada pelo culto de *Maria*, a *Deusa Medieval*; *c*) algumas palavras sobre o sublime *Mendigo* voluntario, que consagrou-se com o seu exemplo e a sua prédica á dignificação do *Proletariado*; os seus esforços pela convergencia no seio da Igreja; prenuncio pela sua alma poetica da incorporação do Fetichismo no Positivismo; a influencia feminina sobre a sua vida e a sua obra, especialmente de sua *Mãi* e *Santa Clara*, resumida no culto da *Virgem-Maria*, que se tornara cada vez mais, na Idade-Média, a *Deusa commum dos corações desoccupados*; *d*) conclusão: alliança religiosa das almas que animam preoccupações moraes, especialmente catholicos e positivistas.

V — Sonata *Ao Luar*, de Beethoven (Adagio), pela banda.

VI — Leitura do *Cantico do Sol*, de São Francisco de Assis, trad. de R. Teixeira Mendes.

VII — *Prece de Moysés*, de Rossini, pela banda.

Distribuição de publicações aos assistentes.

A cerimonia terá lugar no dia 26 de Dezembro (24 de Bichat), Domingo, ás 9 1|2 h. da manhã, no pórtico do edificio da Propaganda Positivista, em construcção á *Avenida Redempção* n. 8.

Não ha convites especiaes, mas se estima o comparecimento de quantos animam preoccupações moraes, senhoras e homens.

CAPELLA DA HUMANIDADE (em construcção)—PORTO ALEGRE.

IMAGEM DA HUMANIDADE,
inaugurada, no frontão, por occasião da celebração do *Setimo Centenario Subjectivo de* SÃO FRANCIOCO DE ASSIS, a 24 de Bichat de 72/138 (domingo, 26 de Dezembro de 1926). — Trabalho do esculptor Sanguin.

Photogravura da officina de Manoel Gaspar.

Foi então inaugurada a IMAGEM DA HUMANIDADE, no frontão do Edificio (em construcção) da Propaganda Positivista. Presidio á ceremonia um altar provisorio, constituido por troféu de bandeiras de diversas nacionalidades, dominadas pelo ESTANDARTE DA HUMANIDADE, que, em 1912, presidira igualmente ao lançamento da pedra fundamental do edificio. Sob esse troféu, achava-se o busto de AUGUSTO COMTE. O ESTANDARTE foi executado por Decio Villares.

A' direita do altar, em um cavallete, estava, sob a IMAGEM DA VIRGEM SIXTINA, de RAPHAEL, o quadro a oleo, no qual o nosso correligionario Eduardo de Sá idealizou a VOCAÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS. O nosso confrade Ernesto Otero encommendou esse quadro a oleo a Eduardo de Sá, que o offereceu, com Ernesto Otero, aos nossos confrades do Rio Grande do Sul.

O diario da Cidade de Porto-Alegre, *Correio do Povo*, em seu numero de terça-feira, 28 de Dezembro p. p. (1926) deu, dessa solemnidade, noticia circumstanciada, da qual reproduzimos o seguinte extracto: (Additamento desta edição.)

FESTA POSITIVISTA

Em commemoração do Setimo Centenario Subjectivo de São Francisco de Assis

Inauguração da imagem da HUMANIDADE, no frontão do edificio da propaganda, em construcção, nesta cidade

Os positivistas desta cidade realizaram ante-hontem, a sua festa em homenagem a São Francisco de Assis, mediante a inauguração da imagem da Humanidade no frontão do edificio da propaganda, em construcção.

. . . . . .

O local da cerimonia

A cerimonia teve logar no patamar do portico projectado do edificio em construcção, ornamentado com vasos de vegetação e flores, assim como a escadaria de accesso.

. . . . . .

A cerimonia

A's 9 1|2 horas da manhã, perante numerosa assistencia, inclusive de senhoras, teve inicio a celebração. O Dr. Carlos Torres Gonçalves, defronte ao altar, voltado para a imagem da "Humanidade", faz o signal positivista, collocando a mão direita successivamente sobre os orgãos cerebraes da bondade, da deducção e da perseverança, ao mesmo tempo que a mão esquerda collocada sobre o coração indica que é precizo sangue, proferindo as palavras: "Em nome da Humanidade. O Amor por principio e a Ordem por base; o Progresso por fim". Lê em seguida, rapida invocação á "Humanidade", consistindo essencialmente em versos do cantico final do Paraiso, postos por Dante nos labios de São Bernardo quando este intercede por elle junto á Virgem no Paraiso.

Ouve-se então a "Ave, Clotilde!" (Ave, Maria, de Gounod).

Terminada esta, o officiante procede á leitura de trechos do "Hymno ao Amor", que é uma paraphrase pelo Sr. Teixeira Mendes do livro 3º, capitulo 5º da "Imitação", de Thomaz de Kempis. Em seguida foi decerrada a cortina que encobria o medalhão da "Humanidade" do frontão do edificio, tendo cabido puxar o cordão á veneranda senhora D. Ermelinda de Almeida Felizardo, mãe do fundador da propaganda religiosa do positivismo no Rio Grande do Sul, Joaquim José Felizardo Junior. Isto posto, o officiante passa a ler algumas palavras explicativas de cerimonia: a) intenção dos positivistas de Porto Alegre com a commemoração de Setimo Centenario Subjectivo de São Francisco de Assis, realizando-a nas immediações da data da sua Festa no "Calendario Abstracto" positivista (17 de Dezembro); b) explicacção da utopia da Virgem-Mãe, a Humanidade, prenunciada pelo culto de Maria, a Deusa Medieval. c) algumas palavras sobre o sublime Mendigo voluntario, que se consagrou com seu exemplo e a sua predica á dignificação do Proletariado; os seus esforços pela convergencia no seio da igreja, prenuncio pela sua alma poetica da incorporação do Fetichismo ao Positivismo; a influencia feminina sobre a sua vida e a sua obra, especialmente de sua Mãe e Santa Clara, resumida no culto da Virgem-Maria, tornada cada vez mais, na Idade-Média, a Deusa commum dos corações desoccupados; d) conclusão: alliança religiosa das almas que animam preoccupações moraes, especialmente catholicos e positivistas.

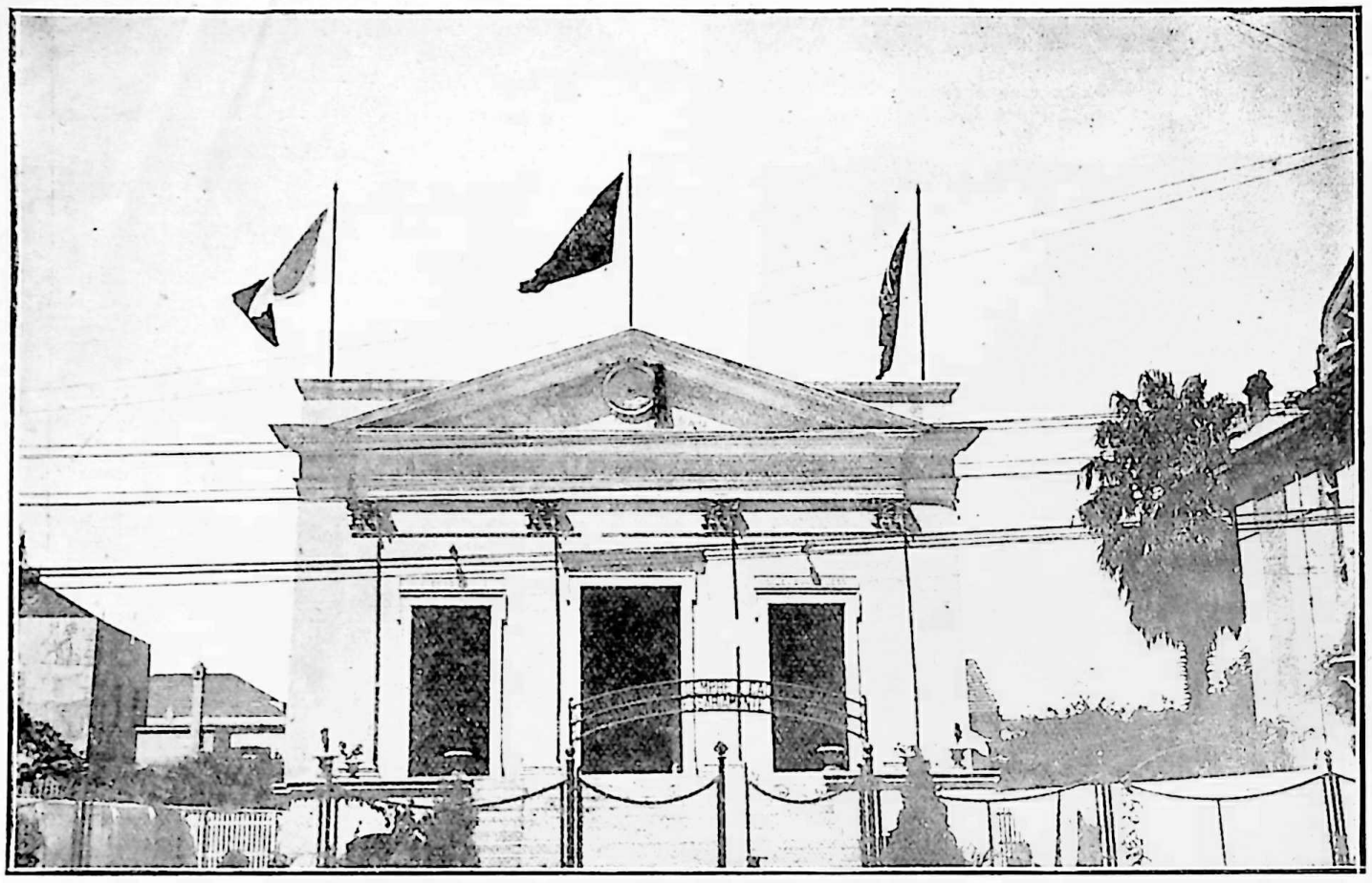
Terminada a oração foi executada pela banda musical o adagio da Sonata ao Luar, de Beethoven. Em seguida o officiante leu o "Cantico do Sol", de São Francisco de Assis, traducção de Teixeira Mendes. Terminou a cerimonia com a execução da "Prece de Moysés", de Rossini, pela banda musical da Brigada Militar do Estado, sendo que todas as partes de musica executadas na cerimonia foram ensaiadas e dirigidas pelo maestro Tenente Pedro Borges.

Aos assistentes foram distribuidos diversos folhetos positivistas.

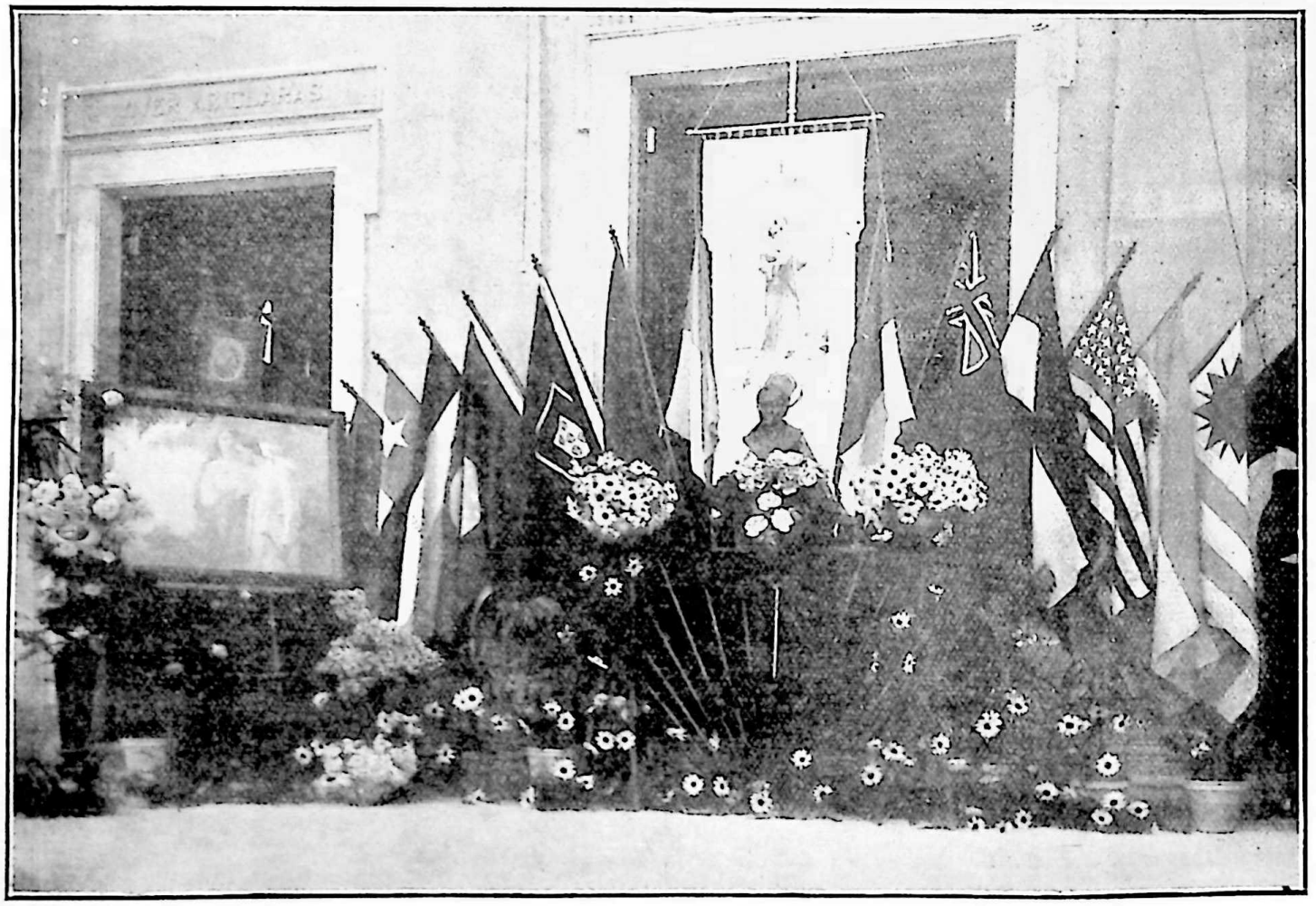
A inauguração do edificio está dependendo da sua ultimação. Por emquanto esse edificio constará de um simples salão, mas obedecendo ao plano de uma capella nas proporções da do Rio de Janeiro. E o que está construido, de modo geral, tem um caracter provisorio, como o attesta o exterior do edificio, emquanto aguardam os positivistas, conforme costumam declarar, que surjam orgãos systematicos da propaganda neste Estado.

(Extracto do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, numero de terça-feira, 28 de Dezembro de 1926.)

NOTA DESTE EXTRACTO — A data da Festa de SÃO FRANCISCO DE ASSIS, no Calendario positivista abstracto é, no jovedia 25 de Bichat, que, no *Calendario Julio-Gregoriano*, vulgarmente usado no Occidente, corresponde, nos annos communs a 27 de Dezembro, e nos annos bisextos a 28 de Dezembro.



CAPELLA DA HUMANIDADE (em construcção) — PORTO-ALEGRE
A fachada por occasião da celebração do *Setimo Centenario Subjectivo* de SÃO FRANCISCO DE ASSIS, a 24 de Bichat de 72/138
(domingo, 26 de Dezembro de 1926), logo depois da inauguração da IMAGEM da HUMANIDADE, no frontão.
Fotogravura da officina de Manoel Gaspar



CAPELLA DA HUMANIDADE (em construcção)—PORTO ALEGRE.
Altar provisorio para a celebração do *Setimo Centenario Subjectivo de* SÃO FRANCISCO DE ASSIS, a 24 de Bichat de 72/138
(domingo, 26 de Dezembro de 1926). Photogravura de Manoel Gaspar.

II. Manifestações parlamentares por occasião do *Sexto Centenario Subjectivo de* DANTE ALIGHIERI.

(Informações obtiads por Benjamin Floriano Barradas e Amaro Corrêa da Silveira).

CAMARA DOS DEPUTADOS

N. 314 — 1921

Manda considerar feriado o dia 14 de Setembro, sexto centenario de Dante

Considerando:

Que é dever do Governo concorrer tanto quanto possivel, na sua esphera, para o desenvolvimento moral dos cidadãos;

Que com esse destino nenhuma instituição é comparavel ao culto dos grandes homens;

Que entre os grandes homens do passado poucos merecerão mais a gratidão universal do que o poeta italiano Dante Alighieri;

Que os seus serviços foram universaes e não simplesmente italianos;

Que é um dever estreitar sempre que se póde os laços de fraternidade internacional;

Que consolida ainda mais a nossa amizade com a Italia a manifestação de nosso apreço pelo seu grande filho;

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º E' declarado feriado nacional o dia 14 de Setembro de 1921, em que a Humanidade commemora o sexto centenario de Dante.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 27 de Agosto de 1921. — *Alcides Maya.* — *M. de Escobar.* — *Carlos de Campos.* — *Alvaro Baptista.* — *Domingos Mascarenhas.* — *Octavio Rocha.* — *João Simplicio.* — *Carlos Garcia.* — *A. A. de Azevedo Sodré.* — *Raul Alves.* — *Dantas Barreto.* — *Joaquim Moreira.* — *Lindolpho Pessoa.* — *Bueno Brandão.* — *Luiz Cedro.* — *Antunes Maciel.* — *Carvalho Netto.* — *Raphael Cabeda.* — *Prado Lopes.* — *Bento Miranda.* — *Lyra Castro.* — *Dorval Porto.* — *Tavares Cavalcanti.* — *Joaquim Osorio.* — *Francisco Ferreira Braga.* — *Prudente de Moraes.* — *Elyseu Guilherme.* — *J. Mangabeira.* — *Arlindo Leoni.* — *Mauricio de Medeiros.* — *Graccho Cardoso.* — *Luiz Silveira.* — *João Guimarães.* — *Julião de Castro.* — *Rocha Cavalcanti.* — *J. Barbosa Gonçalves.* — *Sergio de Oliveira.* — *Nabuco de Gouvêa.* — *Gumercindo Ribas.* — *Evaristo Amaral.* — *Carlos Penafiel.* — *Olegario Pinto.* — *Americano do Brasil.* — *Figueiredo Rodrigues.* — *Octavio Mangabeira.* — *Marinho de Andrade.* — *José Bonifacio.* — *Zoroastro Alvarenga.* — *Theodomiro Santiago.* — *Aristides Rocha.* — *Joaquim Salles.* — *Raul Barroso.* — *Olyntho Magalhães.* — *Augusto Gloria.* — *Camillo Prates.* — *Alaor Prata.* — *Vicente Piragibe.* — *Salles Junior.* — *Rodrigues Machado.* — *Arthur Collares Moreira.* — *Rodrigues Alves Filho.* — *Almeida Castro.* — *Luiz Bartholomeu.* — *Adolpho Konder.* — *Pereira Leite.* — *Verissimo de Mello.* — *Mario Hermes.* — *Costa Ribeiro.* — *Austregesilo.*

CAMARA DOS DEPUTADOS

N. 314-A — 1921

Manda considerar o dia 14 de Setembro, sexto centenario de Dante (com parecer da Comdissão de Constituição e Justiça, favoravel ao projecto).

Trata-se de uma homenagem do Brasil culto a uma figura extraordinaria, eminentemente humana. Todos os povos renderão a 14 de Setembro um culto especial ao grande poeta. A Commissão de Constituição e Justiça é de parecer que seja approvado o projecto.

Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1921. — *Cunha Machado,* Presidente. — *Carlos Maximiliano,* Relator. — *Prudente de Moraes.* — *Verissimo de Mello.* — *Aristides Rocha.* — *Andrade Bezerra.*

PROJECTO A QUE SE REFERE O PARECER

N. 314 — 1921

Manda considerar feriado o dia 14 de Setembro, sexto centenario de Dante

(acima transcripto)

CAMARA DOS DEPUTADOS

N. 314-B — 1921

A Commissão abaixo assignada propõe, para o projecto numero 314-A, de 1921, da Camara dos Deputados, que manda considerar feriado o dia 14 de Setembro, sexto centenario de Dante, a seguinte redacção final:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º E' declarado feriado nacional o dia 14 de setembro de 1921, em que a Humanidade commemora o sexto centenario de Dante.

Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Commissões, 13 de Setembro de 1921. — *Leoncio Galrão,* Presidente. — *Dorval Porto.* — *José Alves.*

SENADO FEDERAL

N. 638 — 1921

PARECER

A Commissão de Legislação e Justiça tomou conhecimento da proposição da Camara dos Srs. Deuptados, pela qual foi declarado feriado o dia 14 de Setembro de 1921. Não póde esta Commissão aconselhar que seja a mesma acceita por não haver mais opportunidade na medida. Pela data (13 de Setembro de 1921) do officio n. 384, remettendo ao Senado aquella deliberação, verifica-se que seria impossivel a este ramo do legislativo deliberar sobre o assumpto. Em taes termos, é a Commissão de parecer que seja archivada a referida proposição, lamentando não lhe haver sido possivel concorrer, ainda que pallidamente e apenas com o seu applauso e apoio á iniciativa tão louvavel, qual a de se homenagear solemnemente em nosso paiz, o laureado autor de tantos primores litterarios. A exaltação do nome de Dante Alighieri e a commemoração dos seus feitos litterarios, de seus actos de civismo, não traduzem simplesmente preito de admiração ao seu grande espirito. Exprime, sem a menor duvida, um grande apreço ao civismo, ao talento, ao trabalho e, sobretudo, á independencia e tenacidade nos limites do justo e do honesto.

A vida do grande florentino é uma pagina brilhante de todos esses actos que elevam e engrandecem o ser humano, quer se o considere como fino litterato, pondo em acção o seu burilado estylo ao serviço de uma imaginação fertilissima, creadora de admiraveis enleios e assombrosos enredos; quer se observe como politico altivo, digno e operoso a defender e amparar causas justas e nobres. A prestação de homenagens á sua memoria, por pomposas que sejam, só poderá attestar o alto gráo de civilização a que vamos attingindo. Possam os posteros estudar devidamente as lições sabias e proveitosas, por Dante legadas á humanidade, escriptas mais com actos que com palavras, e seguir-lhe os exemplos para o nosso maior levantamento moral, social e scientifico. — *Adolpho Gordo,* presidente. — *Jeronymo Monteiro,* relator. — *Euzebio de Andrade.* — *Godofredo Vianna.* — *Marcilio de Lacerda.*

PROPOSIÇÃO DA CAMARA DOS DEPUTADOS N. 74, DE 1921, A QUE SE REFERE O PARECER SUPRA

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º E' declarado feriado nacional o dia 14 de Setembro de 1921, em que a Humanidade commemora o sexto centenario de Dante.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Camara dos Deputados, 13 de Setembro de 1921. — *Arnolfo Rodrigues de Azevedo,* Presidente. — *José Augusto Bezerra de Medeiros,* 1º Secretario. — *Costa Rego,* 2º Secretario.

Objecto das notas do TOMO IV DA PHILOSOPHIA POSITIVA, *sahido em* 1839.

Advertencia do autor

(1) p. VIII — Sobre o seu trabalho publicado, em 1820, no *Organisateur*.

(1) p. X — Sobre escriptores que utilizavam seus escriptos, mesmo reproduzindo-os textualmente, sem indicar a fonte.

Quadragesima sexta lição

Considerações politicas preliminares sobre a necessidade e a opportunidade da *physica social*, em virtude da analyse fundamental do estado social actual.

(1) p. 7 — Sobre as expressões *philosophica positiva* e *physica social*.

(1) p. 16 — Sobre a apreciação das tendencias retrograda e anarchica e das intenções habituaes dos partidarios respectivos das duas escolas politicas correspondentes.

(1) p. 33 — Sobre as opiniões litterarias; ellas offerecem um reflexo fiel do estado do espirito humano em cada época. *Romantismo*.

(1) p. 49 — Sobre a *liberdade de consciencia;* recorda a sua apreciação no opusculo de 1822, *Systema de Politica Positiva*.

(1) p. 54 — Recorda uma passagem das *Considerações sobre o poder espiritual*, de 1826, acerca da *destinação activa* da massa dos homens.

(1) p. 74 — Sobre a aberração revolucionaria. Exemplo: "execravel condemnação do grande Lavoisier".

(1) p. 79 — Opposição ao espirito positivo.

(1) p. 112 — Sobre a "celebre maxima de Thiers: *O rei reina, e não governa*.

1() p. 131 — Sobre uma seita ephemera,... offerecendo a extranha conciliação da mais licenciosa anarchia com o mais degradante despotismo.

(1) p. 137 — Sobre o caso de scientistas que alliam a versatilidade politica a uma perseverança philosophica, nas suas opiniões anti-theologicas.

(1) p. 146 — Sobre o machiavelismo theologico, em que cada um reconhece a religião indispensavel nos outros, embora superflua para si.

(1) p. 162 — Sobre a apreciação de Guizot: *"Em nossos dias, o homem quer fracamente, porém deseja immensamente."*

(1) p. 180 — Sobre a disposição da escola catholica a não conceber a situação moderna. Apreciação especial dessa disposição em De Maistre, no seu livro o *Papa*.

(1) p. 183 — Seu reconhecimento para com os seus antecedentes catholicos. A politica positiva póde ser plenamente equitativa para com a politica retrogrado e a politica revolucionaria.

(1) p. 213 — Sobre a opposição dos scientistas contemporaneos á *Philosophia Positiva*. *Lei eleitoral* admittindo a qualidade de academico *ser contada em cem francos no censo eleitoral*.

(1) p. 214 — Sobre a anarchia entre os scientistas; a repugnancia delles contra toda sorte de generalidades e a predilecção delles pelas especialidades. Instincto de egoismo. Accesso das posições scientificas a intelligencias vulgares. Opposição desses scientistas mediocres á *Philosophia Positiva*.

(1) p. 221 — Sobre a separação, na politica, entre a theoria e a pratica. Separação entre ogoverno espiritual e o governo temporal.

Quadragesima-setima lição

Apreciação summaria das principaes tentativas philosophicas emprehendidas até então para constituir a sciencia social.

(1) p. 232 — Sobre a noção de *progresso*, devida essencialmente ao catholicismo. Apreciações do protestantismo e do mahometismo, a este respeito.

(1) p.249 — Sobre a apreciação das *modificações* depois da apreciação da *acção fundamental*, já lembrada, em 1822, no fim do opusculo *"Systema de politica positiva"*.

(1) p. 252 — Sobre a introducção do termo *sociologia*.

(1) p. 275 — Sobre a *economia politica*.

Quadragesima-oitava lição

Caracteres fundamentaes do methodo positivo no estudo racional dos phenomenos sociaes.

(1) p. 384 — Sobre as experiencias para ver si os jovens selvagens podiam adaptar-se á vida occidental. Irracionalidades com que têm sido feitas essas experiencias.

(1) p. 415 — Sobre a certeza das observações sociologicas.

(1) p. 421 — Sobre a difficuldade das observações sociologicas.

(1) p. 440 — Irracionalidade de comparar a humanidade a um polipo.

(1) p. 443 — Possibilidade de comparar os diversas phases da civilização, considerando o estado social das differentes classes muito desigualmente contemporaneas, sem sahir de uma mesma nação.

(1) ps. 453 e 454 — Irracionalidade de isolar a historia dos diversos povos, das diversas sciencias, etc. Referencia a um trabalho sobre a historia das ciencias mathematicas, na Italia, durante o decimo-setimo seculo.

Quadragesima-nona lição

Relações necessarias da physica social com os outros ramos fundamentaes da philosophia positiva.

(1) ps. 473 e 474 — Sobre a opinião de Guizot acerca da influencia crescente social e moral que este attribue á *hereditariedade*.

(1) ps. 411 a 492 — Sobre um diccionario dos *equivocos*, como já se faz dos *synonimos*.

(1) ps. 515 a 516 — Irracionalidade do *calculo das probabilidades*.

(1) p. 530 — Importancia do methodo de *filiação historica*. Reacção da sociologia sobre as outras sciencias.

Quinquagesima lição

Considerações preliminares sobre a statica social ou theoria geral da ordem espontanea das sociedades humanas.

(1) p. 553 — Sobre a preferencia de Tracy, pela formula de São João: *Amai-vos uns aos outros*, em relação á formula: *"Amar aos outros como a si mesmo."*

(1) ps. 558 a 559 — Influencia dos instinctos sociaes sobre o espirito de aperfeiçoamento.

(1) ps. 596 e 597 — Sobre os sophismas atacando a divisão dos trabalhos e a especialização correspondente dos officios. O espirito geral da philosophia politica leva a prestar alguma attenção a tudo que possa obter certo credito social.

Quinquagesima-primeira lição

Leis fundamentaes da dynamica social, ou theoria geral do progresso natural da humanidade.

(1) p. 627 — Sobre a energia dos pendores egoistas, manifestada na vida selvagem.

(1) p. 629 — Sobre a tendencia das considerações puramente pessoaes a se extinguirem, ante as considerações directamente sociaes.

(1) p. 713 — Sobre a adopção dos termos *temporal* e *espiritual*, segundo o uso catholico.

III. A Commemoração do *Sexto Centenario Subjectivo* de DANTE ALIGHIERI, na cidade de São Paulo

Informações de Luciano Gódofredo de Souza Pinto

... foi a 13 de Setembro de 1921 que se realisou a festa de Dante, na qual as Senhoras positivistas de São Paulo offertaram ás suas irmãs italianas um ramo de flores naturaes entrelaçadas por fitas das cores nacionaes brasileira e italiana, ligadas entre si por uma fita tricolor franceza. O "Jornal do Commercio", de S. Paulo, de 16 de Setembro 1921, noticiou, especialmente essa dadiva, na solemnidade promovida, no Theatro Municipal de São Paulo, pela "Sociedade Nacional Dante Alighieri". Nessa occasião expliquei a razão desse offerecimento, começando por dizer que não ha quem possa concorrer com os discipulos de Augusto Comte na justa veneração pelo Par immortal — Beatrice Portiniari e Dante Alighieri; que a Divina Comedia encerrou o estado theologico da especie humana; que a Idade Media, que expirava, quando surgiu para o seu grande amor o apaixonado de Beatriz, legára aos tempos modernos a solução do grandioso e duplo problema posto durante o seculo 13°, precursor a todos os respeitos da revolução occidental: — a renovação do coração humano, pelo culto systematico da Mulher, preambulo necessario do culto da Humanidade, e a renovação do entendimento humano pela irrevogavel substituição do relativo ao absoluto; que essa expressão d'uma aspiração secular unica levaria á constituição, em 1856, da Synthese Subjectiva, que, collocando a Poesia acima da Sciencia, emprestaria á Religião final da especie humana, sobre bases reaes, demonstraveis, ao Positivismo, n'uma palavra, todos os encantos das grandes construcções estheticas; dahi a faculdade de poder essa Religião final endereçar consciente e commovidamente á sua Deusa — a Humanidade, as proprias palavras do maior poeta de todos os tempos:

"Donna, sè tanto grande e tanto vale,
.....
Quantunque in creature è di bondate".

E, completando esse sonoroso cantico divino, podiam os labaros dessa Religião repetir ainda, de joelhos, abençoando a sua Inspiradora:

"O amanza del primo amore, o diva!
Non è l'affezion mia tanto profonda
Che basti a render voi grazia per grazia!

que a elaboração de Dante, encerrando o estado theologico da especie humana, inspirou-se no Catholicismo, e resumindo-o poeticamente, lnaçou os germens do monotheismo metaphisico que sob fórmas diversas, deveria alimentar os cinco seculos que separam a Divina Comedia, em 1322, da construcção definitiva de Augusto Comte, em 1845, da fundação do Positivismo religioso. De sorte que, a epopéa dantesca terá de ser fatalmente ligada á obra do maior philosopho de todos os tempos, devendo considerar-se os cinco seculos que separam as duas majestosas construcções como excepional transição revolucionaria do estado theologico ao positivo; Dante e Comte, por conseguinte, estarão sempre ligados no culto supremo das gerações futuras, e urge, por isso, que o Occidente se familiarise desde já com essa approximação esthetica entre o Poema Sacro e a Sciencia Sagrada; Dante annunciou ás intelligencias occidentaes o culto sistematico da Mulher, symbolisando-o na sua suave Inspiradora; Augusto Comte instituiu, graças á sublime inspiração de Clotilde de Vaux, esse culto definitivamente, renovando ao mesmo tempo o cerebro e o coração do homem. Beatrice Portinari e Clotilde de Vaux são as duas irmãs immortaes que o Occidente regenerado ha de em breve adorar! Era dever nosso, portanto, trazer ao conhecimento dos corações italianos e brasileiros que palpitavam fraternalmente de enthusiasmo naquelle recinto, os nossos titulos de adoradores conscientes, sinceros, de Beatriz e Dante, como verdadeiro Par precursor de Clotilde e Augusto Comte, que Dante jamais desornou Beatriz dos encantos superiores da Mulher; que o culto de Beatriz é da maior importancia, porque resume em si o culto á Mulher que progressivamente se vae elevando, cada dia mais, á altura das grandes instituições humanas; que sob esse aspecto Dante é, sem duvida, o principal precursor de Augusto Comte e Beatriz o anjo que annunciou Clotilde. Irmãs immortaes, inspiraram Ellas as duas principaes construcções modernas. Beatriz e Clotilde deverão, pois, achar-se para todo o sempre ligadas ao nosso culto de amôr e reconhecimento á verdadeira Deusa da Religião do Amôr — a Deusa humilde de um Planeta humilde, a Humanidade, *Vergine madre, figlia del suo figlio.* Eis porque, as Senhoras positivistas de São Paulo, no intuito generoso de esboçarem nobremente a realidade da união moral das duas Inspiradoras, nos mandaram entregar estas flôres, ás suas gentis irmãs italianas presentes a esta solemnidade a que preside a imagem de Dante Alighieri, pedindo-nos que vos recordemos este annuncio de Augusto Comte: "quando a sociedade moderna houver adquirido o seu verdadeiro caracter, o joelho do homem não dobrará mais sinão diante da Mulher". Oxalá pudesse esse acto de sincero enthusiasmo e a expressão do culto cavalheiresco que os positivistas alimentam pelo Par immortal, despertar a attenção do grande povo italiano e especialmente das delicadas patricias de Beatriz para a Religião da Humanidade, sonhada pelas grandes almas de Israel e do Catholicismo atravez do tempo e do espaço, Religião que se resume nesta formula sagrada: O Amor por principio, e a Ordem por base; o Progresso por fim.

Na noite de 14 de Setembro de 1921 realisou o professor Joaquim da Silveira Santos uma conferencia no salão da Sociedade Nacional Dante Alighieri, com a qual os positivistas de São Paulo commemoraram o sexto centenario da morte de Dante. A essa solemnidade compareceu grande auditorio. Os jornaes se referiram a ella com muita sympathia.

No Seminario Provincial de São Paulo houve tambem uma solemnidade no dia 14 de Setembro de 1921, conforme noticiaram os jornaes. Entre os oradores figurou o padre P. Gaston R. da Veiga, que dissertou sobre "Dante e a Poesia". O "Jornal do Commercio", de São Paulo, de 16 de Setembro de 1921, referindo-se a essa festa, disse que aquelle sacerdote demonstrou que "se o Divino Poeta alcançou gloria universal, foi por ter escripto o mais bello Poema da Humanidade, segundo Augusto Comte; e se escreveu o mais bello Poema da Humanidade, foi por ter composto a epopéa catholica ,por excellencia, no dizer de Scherer".

25 de Aristoteles de 139 (22 de Março de1927).